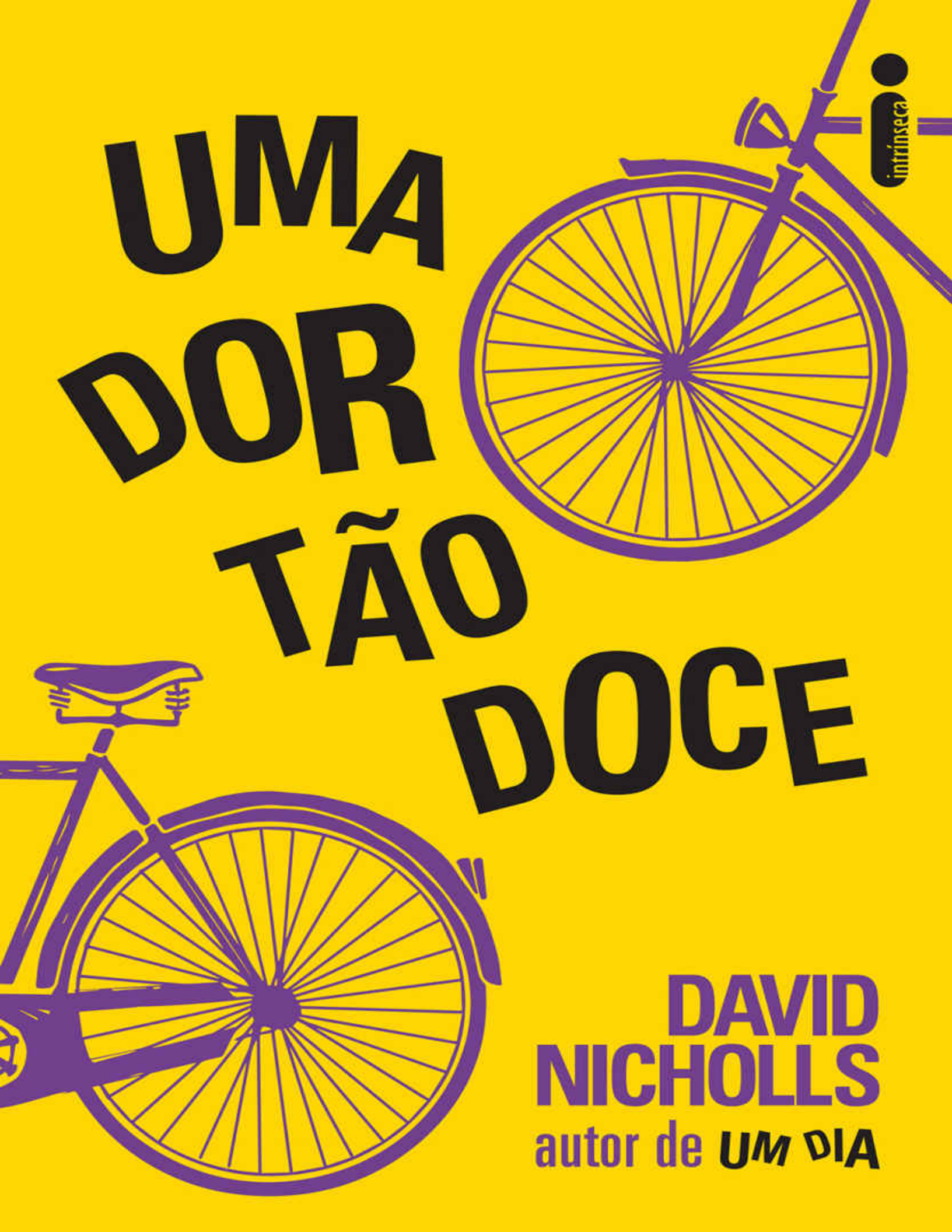


# UMA DOR TÃO DOCE



intrínseca

**DAVID  
NICHOLLS**  
autor de **UM DIA**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



Uma dor tão doce

David Nicholls

Tradução de Carolina Selvatici





<https://t.me/SBDLivros>

Copyright © 2019 by Maxromy Productions Ltd.

TÍTULO ORIGINAL

Sweet Sorrow

PREPARAÇÃO

Nina Lopes

REVISÃO

Guilherme Bernardo

Carolina Rodrigues

REVISÃO DE E-BOOK

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-510-0575-0

Edição digital: 2020

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

# SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Parte Um: Junho

O fim do mundo

Serragem

Baladas

Infinito

O campo

Cooperativa de Teatro A Trinta Pés

Primeira vista

Minha mãe

É para se comportar

Esquinas

O jogo dos nomes

Romeu

A volta para casa

Parte Dois: Julho

Casamento

Cegonha

Canela

Pai

Sansão

Nervosismo  
Inícios  
Hobbies e Interesses: Socializar  
Espadas  
Pigmaleão  
Curtindo  
Frascos marrons  
Cultura  
A Seção de Jazz  
Risadas falsas  
Improvisação  
Possibilidades  
Exames  
Máscaras  
Angler's  
Os Pinheiros  
A Rainha Mab

#### Parte Três: Agosto

Amor  
Ensaando  
Rio  
Starry, Starry Night  
Imprensa e propaganda  
Trabalhando  
“Comprei uma mansão de amor”  
Sr. Howard  
Cicatrizes  
Fórceps  
Vergonha  
Festa  
Casa  
Resultado  
Balanços e escorregadores  
Canadá, Málaga, Rimini, Brindisi

Pequenas estrelas  
Última noite

Parte Quatro: Inverno

1998

2x 4x 8x 16x

Escavando

A última história de amor

Prazer

A cortina se fecha

Agradecimentos

Sobre o autor

Leia também



*Para Hannah, Max e Romy*

O que nós, ou pelo menos eu, considero diretamente como memória — ou seja, um momento, uma cena, um fato que foi sujeitado a um fixativo e, assim, resgatado do esquecimento —, na verdade é um tipo de contação de histórias que acontece de modo contínuo na mente e muitas vezes muda ao ser contado. Existem vários interesses emocionais conflitantes envolvidos para que a vida se torne totalmente aceitável, e talvez seja o trabalho do contador de histórias reorganizar as coisas para que se adaptem a esse fim. Seja como for, ao falar sobre o passado, mentimos sempre que inspiramos.

William Maxwell, *Adeus, até amanhã*

## Parte Um

# JUNHO

Foi no verão em que, por muito tempo, ela não havia sido membro de nada. Não pertencera a nenhum clube e não tinha integrado nada no mundo. Frankie se tornara uma pessoa isolada, que ficava parada perto das portas e com medo.

Carson McCullers, *A convidada do casamento*

## O fim do mundo

•••

O mundo terminaria em uma quinta-feira, às cinco para as quatro, imediatamente após a festa.

Até lá, o mais próximo que chegaríamos de um cataclismo desse tipo em Merton Grange seria com os boatos sobre o apocalipse que reinavam sobre a escola uma ou duas vezes por semestre, as circunstâncias basicamente sempre as mesmas. Nada tão banal quanto uma erupção solar ou um asteroide. Em vez disso, um tabloide mencionava alguma profecia maia, algum comentário aleatório de Nostradamus ou uma simetria estranha do calendário, e se espalhava o boato de que nossos rostos iam derreter no meio dos dois tempos da aula de física. Resignado à histeria, o professor suspirava e parava a aula enquanto discutíamos quem tinha o relógio mais preciso e a contagem regressiva começava, as meninas agarradas umas às outras, os olhos fechados e os ombros curvados como se prestes a serem banhadas com água gelada, os meninos enfrentando tudo com coragem, todos nós contemplando no íntimo o beijo perdido, a aposta não resolvida, nossa virgindade, o rosto dos nossos amigos, nossos pais. Quatro, três, dois...

Prendíamos a respiração.

Então alguém gritava “bang” e nós ríamos, aliviados e um pouco decepcionados ao perceber que estávamos vivos, mas vivos com dois tempos de aula de física.

— Satisfeitos agora? Vamos voltar ao trabalho, então?

E voltávamos ao que acontecia a um corpo quando a força de um Newton o fazia se mover um metro.

Mas, na quinta-feira, às três e cinquenta e cinco, logo depois da festa, as coisas seriam diferentes. O tempo havia se arrastado por cinco longos anos, e, naquelas semanas finais, depois naqueles dias, um clima de alegria

e pânico, felicidade e medo começou a tomar conta de todos, junto de um niilismo enlouquecido. Bilhetes para casa e castigos não nos afetavam mais — então, do que poderíamos nos livrar naquele mundo sem consequências? Nos corredores e salas comuns, os extintores de incêndio ganharam um terrível potencial. Será que Scott Parker diria mesmo aquelas coisas à Sra. Ellis? Será que Tony Stevens incendiaria a sala de humanas de novo?

E, inacreditavelmente, o último dia chegou, brilhante, iluminado, começando com conflitos já nos portões. As gravatas da escola foram usadas como bandanas e torniquetes, em nós tão compactos quanto um amendoim ou gordos feito punhos, e havia batons, bijuterias e cabelos azuis suficientes para que a escola se equiparasse a uma boate futurista. O que os professores iam fazer, nos mandar para casa? Eles suspiraram e acenaram para que entrássemos. Sem motivo plausível para definir o que é o braço morto de um rio, a última semana havia sido recheada de aulas incoerentes e desanimadas sobre algo chamado “vida adulta”, que, aparentemente, consistia apenas em preencher formulários e criar currículos (“Hobbies e interesses: socializar, ver TV”). Aprendemos a usar um talão de cheques. Olhamos pela janela para o dia lindo lá fora e pensamos: *Falta pouco agora*. Quatro, três, dois...

De volta à sala de aula no intervalo, começamos a rabiscar as camisas brancas do uniforme com canetinhas e marcadores, crianças curvadas sobre as costas umas das outras feito tatuadores em uma prisão russa, marcando todo espaço disponível com xingamentos sentimentais. *Se cuida, idiota*, escreveu Paul Fox. *Esta camisa fede*, escreveu Chris Lloyd. Com um humor lírico, meu melhor amigo Martin Harper escreveu *Amigos para sempre* abaixo do desenho detalhado de um pau.

Harper, Fox e Lloyd. Esses eram meus melhores amigos na época, não só meninos, mas *os meninos*. E mesmo que algumas meninas o orbitassem — Debbie Warwick, Becky Boyne e Sharon Findlay —, o grupo era autossuficiente e impenetrável. Apesar de nenhum de nós tocar um instrumento, nós nos imaginávamos como uma banda. Harper, todos sabíamos, era o guitarrista principal e vocalista. Fox era o baixista, um tum-tum-tum baixo e básico. Lloyd, que se autoproclamava “maluco”, era o baterista, o que me deixava com...

— As maracas — tinha dito Lloyd.

Nós rimos, e “maracas” foi adicionado a uma longa lista de apelidos. Fox as desenhou no meu uniforme, maracas cruzadas sob uma caveira, como uma insígnia militar. Debbie Warwick, cuja mãe era aeromoça, tinha contrabandeado uma mala cheia de minigarrafas nos sabores doces que preferíamos — café e creme, menta e coco — e nós as escondemos nos punhos fechados, bebemos, nos arrepiamos e as cuspiamos enquanto o Sr. Ambrose, com os pés em cima da mesa, mantinha os olhos fixos nas imagens de *Free Willy 2* que passavam ao fundo, um presente especial ignorado por todos.

As garrafinhas serviram de aperitivo para nossa última refeição na escola. Ainda nos lembrávamos da lendária guerra de comida de 1994: os sachês de ketchup explodindo sob nossos pés, peixe empanado voando pelo ar feito estrelas ninjas, batatas assadas lançadas como se fossem granadas.

— Vai. Duvido que você faça isso — disse Harper para Fox, quando o viu medindo o peso da salsicha velha que segurava pela ponta.

Mas os professores patrulhavam os corredores feito guardas penitenciários e, com a promessa do bolo e do creme de chocolate que viriam depois, o instante de perigo passou.

Na palestra para os formandos, o Sr. Pascoe fez o discurso que todos esperávamos, nos incentivando a olhar para o futuro, mas lembrar o passado, sonhar alto, mas suportar os momentos de baixa, acreditar em nós mesmos, mas pensar nos outros. O que importava não era apenas que havíamos aprendido — e ele esperava que fosse muito! —, mas também o tipo de adulto que nos tornamos. E nós ouvimos, jovens adultos, presos entre o cinismo e o sentimentalismo, impetuosos por fora, mas no fundo tristes e assustados. Rimos e reviramos os olhos, mas por todo o salão mãos agarravam outras mãos e fungadas eram ouvidas enquanto nos incentivavam a valorizar as amizades que havíamos feito, que durariam a vida toda.

— A vida toda? Nossa, tomara que não — disse Fox, prendendo minha cabeça com o braço e esfregando-a de forma carinhosa com os nós dos dedos.

Era hora da entrega dos prêmios, e nós afundamos nas cadeiras. Prêmios eram entregues às pessoas que sempre ganhavam prêmios, e os aplausos acabavam muito antes de elas deixarem o palco e pararem diante

do fotógrafo da imprensa local, posicionando debaixo do queixo os livros que haviam ganhado, como se estivessem em um desfile. Depois, conduzidos pelo Sr. Solomon, o professor de música, a banda escolar de Merton Grange se formou para satisfazer nosso vício pelo som das *big bands* americanas com uma apresentação cacofônica e lenta de “In The Mood”, de Glenn Miller.

— Por quê? Tipo, *por quê?* — perguntou Lloyd.

— Para nos deixar no *clima* — respondeu Fox.

— Que clima? — falei.

— Um clima péssimo — disse Lloyd.

— “Foda-se”, de Glenn Miller e sua orquestra — afirmou Fox.

— Não foi à toa que ele caiu de avião — lembrou Harper.

E, quando o bombardeio chegou ao fim, Fox, Lloyd e Harper se levantaram num pulo e aplaudiram: *Bravo, Bravo*. No palco, Gordon Gilbert, que parecia enlouquecido, ergueu o bocal do trombone com as duas mãos e o jogou para o alto, bem alto no ar, onde o instrumento ficou por um instante, até cair no chão e amassar como se fosse uma latinha. Então, enquanto o Sr. Solomon gritava na cara de Gordon, nós fomos para a festa.

• • •

Mas percebo como estou ausente de tudo que aconteceu acima. Eu me lembro bem o bastante daquele dia, mas, quando tento descrever meu papel, me pego falando sobre o que vi e ouvi e não sobre algo que disse ou fiz. Como aluno, minha característica mais distinta era a falta de distinção. “Charlie trabalha tanto para alcançar um nível mediano e é o que consegue na maior parte do tempo.” Isso era o meu melhor, e mesmo aquela reputaçãozinha havia sido apagada por determinados eventos na época das provas. Eu não era admirado nem desprezado, não era adorado nem temido, não praticava *bullying*, apesar de conhecer alguns que o faziam, mas não intervinha nem me colocava entre a matilha e a vítima, afinal também não era corajoso. Nosso ano na escola foi marcado por atos criminosos prevaletentes, roubos de bicicleta e de lojas e incêndios, e, apesar de me manter longe dos moleques mais ameaçadores, também não era próximo dos inteligentes e obedientes, premiados com

livros. Não me conformava nem me rebelava, não colaborava nem resistia. Ficava longe de problemas sem me envolver com mais nada. A comédia era nossa grande moeda e, apesar de não ser o palhaço da turma, também não era um bobão. Às vezes arrancava uma gargalhada surpreendente da multidão, mas minhas melhores piadas eram abafadas pela voz mais alta de alguém ou eram ditas tarde demais, tanto que, mesmo hoje, mais de vinte anos depois, penso em coisas que deveria ter dito em 1996 ou 1997. Eu sabia que não era feio — alguém teria me dito — e tinha uma vaga noção dos sussurros e risadinhas de grupos de meninas, mas de que isso adiantava para alguém que não fazia ideia do que dizer? Eu havia herdado a altura, e apenas a altura, do meu pai e os olhos, nariz, dentes e boca da minha mãe — do jeito certo, segundo meu pai —, mas também herdara a mania dele de ficar encolhido e curvado para ocupar menos espaço no mundo. Uma alteração fortuita em minhas glândulas e hormônios me poupou das enormes espinhas e cravos que literalmente deixavam cicatrizes em tantos adolescentes, e eu não era magro de ansiedade nem gordo dos salgadinhos e refrigerantes com que nos alimentavam, mas não era confiante em relação à minha aparência. Não era confiante em relação a nada.

À minha volta, os adolescentes ajustavam as personalidades com a mesma deliberação que dedicavam a mudanças de roupas e penteados. Éramos plásticos, mutáveis, e ainda havia tempo para experimentar e alterar nossas caligrafias, visões políticas, risadas, nossa maneira de andar ou de nos sentar, antes de endurecermos e nos firmarmos. Os últimos cinco anos tinham sido como um grande ensaio caótico, com roupas e atitudes descartadas, amizades e opiniões espalhadas por todo o chão — assustadores e emocionantes para quem havia feito parte deles, enlouquecedores e absurdos para pais e professores sujeitos às frágeis improvisações e obrigados a arrumar a bagunça.

Logo seria hora de nos acomodarmos em um papel em que talvez nos encaixássemos de modo plausível, mas, quando eu tentava me ver como os outros me viam (às vezes de forma literal, tarde da noite, encarando profundamente o espelho de barbear do meu pai, o cabelo penteado para trás), eu não via... nada de especial. Ao observar minhas fotos daquela época, me lembro das primeiras encarnações de um personagem de



desenho animado, dos protótipos que se parecem com a versão final, mas são, de algum modo, desproporcionais, não muito bons.

Nada disso ajuda muito. Imagine, então, aquela foto da turma que todos têm, com rostos pequenos demais para identificar alguém sem observar de perto. Tenha ela sido tirada cinco ou cinquenta anos antes, há sempre uma figura familiar na fileira do meio, alguém sem histórias nem associações, sem escândalos nem vitórias. Você se pergunta: *quem* era esse mesmo?

Esse era Charlie Lewis.

# Serragem



A festa dos formandos era famosa por atingir níveis de depravação só vistos na Roma Antiga e perdia apenas para o passeio organizado pelo professor de biologia. Nossa arena era o ginásio, um espaço grande o bastante para conter, de maneira confortável, um avião comercial. Para criar uma ilusão de intimidade, faixas antigas haviam sido penduradas entre as colunas, e um globo espelhado pendia de uma corrente feito um malho medieval, mas ainda assim o espaço parecia exposto e árido. Durante as três primeiras músicas, ficamos alinhados em bancos, olhando uns para os outros por cima do piso cheio de arranhões e poeira, feito guerreiros em lados opostos de um campo de batalha, passando e tomando goles das últimas garrafinhas de Debbie Warwick para ganhar coragem, até só restar o Cointreau; o Cointreau era um limite que ninguém se atrevia a ultrapassar. O Sr. Hepburn, professor de geografia, no comando do som, trocou desesperadamente de “I Will Survive” para “Baggy Trousers” e depois “Relax”, até que o Sr. Pascoe pediu que ele parasse com aquilo. Faltavam uma hora e quinze minutos. Estávamos perdendo tempo...

Mas então “Girls & Boys”, do Blur, começou a tocar e, como se tivessem dado um sinal, uma multidão invadiu a pista, todos dançando animados. Todos continuaram por ali para contar os hits de pop-house que vieram em seguida. O Sr. Hepburn havia alugado uma luz estroboscópica e decidiu apertar o interruptor, em um absurdo desrespeito à saúde e à segurança. Encaramos nossos dedos flexionados, surpresos, sugando as bochechas e mordendo os lábios como as pessoas nas raves que tínhamos visto na TV, os braços para o alto e os pés batendo no chão até o suor encharcar nossas camisetas. Eu vi a tinta do *Amigos para sempre* começar a escorrer e, subitamente sentimental em

relação àquela relíquia, abri caminho de volta até o banco onde havia deixado a mochila, peguei uma roupa velha de ginástica, pressionei-a contra o rosto para conferir se estava ao menos no nível mais baixo dos padrões e fui para o vestiário masculino.

Se, como os filmes de terror haviam me ensinado, as paredes e os alicerces de um lugar absorvessem as emoções de quem havia passado por ali, então aquele vestiário teria que ser exorcizado. Coisas horríveis tinham acontecido ali. Havia uma pilha fétida de objetos perdidos, toalhas mofadas e meias inimagináveis, tão densas e antigas quanto turfa, sob as quais tínhamos enterrado Colin Smart. E, ali, ali tinha sido onde a cueca de Paul Bunce fora puxada para cima com tanta violência que ele acabara na emergência. Aquele cômodo era uma arena fechada na qual nenhum golpe físico ou mental era proibido e, sentado no banco pela última vez, apoiando a cabeça com cuidado entre ganchos para casacos que haviam feito tantas vítimas, de repente me senti imensamente triste. Talvez fosse nostalgia, mas eu duvidava. Nostalgia pelos estojos cheios de sabão líquido e pelas toalhas molhadas nos atingindo? O mais provável era que fosse arrependimento pelas coisas que não haviam acontecido, mudanças que não se concretizaram. Uma lagarta forma um casulo, e, dentro daquela concha rígida, as paredes de células se dissolvem, moléculas se agitam e se reorganizam e o casulo se rompe para revelar outra lagarta, mais comprida e peluda e menos certa do seu futuro.

Pouco tempo antes, eu havia percebido que era suscetível a crises de análise profunda, por isso afastei a introspecção literalmente balançando a cabeça. O verão estava chegando e, naquele intervalo entre o arrependimento passado e o medo futuro, será que não daria para me divertir, viver a vida e fazer alguma coisa acontecer? Naquele momento, meus amigos estavam ali perto, dançando como robôs. Puxei depressa a camiseta velha pela cabeça, olhei para os rabiscos do uniforme e vi, perto da barra, em tinta azul e letras nítidas e claras, as seguintes palavras:

*vc me fez chorar.*

Eu a dobrei com cuidado e a guardei na mochila.

De volta ao salão, o Sr. Hepburn tocava “Jump Around”, e a dança tinha se tornado mais selvagem, mais agressiva, com meninos se empurrando como se tentassem arrombar uma porta.

— Ai, Charlie — disse a Srta. Butcher, professora de teatro. — É tudo tão *triste!*

Durante o dia inteiro, paixões, malícias e sentimentos familiares, amor e desejo haviam sido alçados a um nível insustentável. O ar zumbia com eles e, buscando uma saída, subi no trepa-trepa, me encolhi entre as barras e pensei naquelas quatro palavras claras, escritas com cuidado e propósito. Tentei lembrar um rosto, encontrá-lo entre os rostos no corredor, mas era como um daqueles mistérios em que todos têm um motivo para cometer o assassinato.

Uma nova onda de energia se espalhou: os meninos subiam nas costas um dos outros e se chocavam a toda velocidade, como em um combate. Mesmo com a música, dava para ouvir colunas batendo no piso. Uma briga de verdade havia começado. Vi um molho de chaves na mão de alguém e, para manter a ordem, o Sr. Hepburn tocou Spice Girls, tipo um banho de água fria musical para os meninos, que se dispersaram para os cantos do ginásio, abrindo espaço para as meninas, que saltitavam e balançavam os dedos umas para as outras. A Srta. Butcher também substituiu o Sr. Hepburn na mesa de som. Eu o vi erguer a mão para mim e correr pela pista de dança, olhando para a esquerda e para a direita como se atravessasse uma rua agitada.

— O que você achou, Charlie?

— O senhor não seguiu sua verdadeira vocação, professor.

— A perda das boates foi a vitória da geografia — respondeu ele, encaixando-se entre as barras ao meu lado. — Você pode me chamar de Adam agora. Nós dois somos civis, ou vamos ser em, o quê, trinta minutos? Em trinta minutos, você vai poder me chamar do que quiser!

Eu gostava do Sr. Hepburn e admirava a perseverança dele diante da indiferença declarada. *Não me leve a mal, professor, mas qual é o objetivo disso?* De todos os professores que haviam tentado, ele fora o melhor em mostrar que era uma pessoa decente sem querer bancar o jovem, soltando pistas provocadoras sobre “grandes finais de semana” e intrigas da sala dos professores, dando pequenos sinais de rebelião — gravata solta, barba por fazer, cabelo desgrenhado — para sugerir que éramos amigos. De vez em quando até falava palavrão, palavras chulas jogadas como se fossem doces para uma multidão.

Ainda assim, eu não o chamaria de Adam nem que o mundo acabasse.

— E aí? Está animado para a faculdade?

Reconheci o começo de um discurso motivacional.

— Acho que não vou para a faculdade, professor.

— Você ainda não sabe. Fez o vestibular, não fez?

Assenti.

— Para arte, ciência da computação e design gráfico.

— Maravilha.

— Mas não fui bem nas provas.

— Bom, você ainda não sabe.

— Sei mais ou menos, professor. Eu nem vinha à aula metade do tempo.

Ele bateu uma vez o punho cerrado no meu joelho, depois pareceu pensar melhor.

— Bom, mesmo que não tenha ido bem, existem algumas coisas que você pode fazer, como outra prova ou um curso menos convencional. Um menino como você, um menino talentoso...

Eu ainda guardava com carinho o elogio que ele havia feito ao meu projeto de vulcão: o melhor, mais elaborado modelo de vulcão, como se eu tivesse descoberto uma verdade fundamental que escapara aos vulcanologistas durante séculos. Mas era um gancho pequeno demais para sustentar a palavra “talento”.

— Não, vou arranjar um emprego, professor. Eu me dei até setembro, depois...

— Ainda me lembro daqueles vulcões. O modelo ficou maravilhoso.

— Aqueles vulcões foram há muito tempo.

Dei de ombros e, de maneira inesperada e embaraçosa, percebi que um interruptor havia sido ligado e que talvez eu fosse chorar. Fiquei na dúvida se devia subir mais alto no trepa-trepa.

— Mas talvez você possa fazer alguma coisa com isso.

— Com vulcões?

— Com desenho, design gráfico. Se quiser conversar comigo sobre esse assunto, quando o resultado sair...

Talvez eu não precisasse subir, talvez bastasse apenas empurrá-lo. Não era uma queda muito grande.

— É sério. Vou ficar bem.

— Está bem, Chaz, está bem, mas vou contar um segredo para você...  
— Ele se aproximou e senti cheiro de cerveja em seu hálito. — É o seguinte. Não importa. As coisas que acontecem agora não importam. Quer dizer, *importam*, mas não tanto quanto você imagina, e você é jovem, *muito* jovem. Poderia ir para a faculdade ou voltar quando estiver pronto, mas você tem. Tanto. Tempo. Ah, cara... — Ele pressionou a bochecha na barra de madeira. — Se eu acordasse e tivesse dezesseis anos de novo, ah, cara...

E, por sorte, quando eu já estava preparado para pular, a Srta. Butcher encontrou a luz estroboscópica e a apertou por muito, muito tempo. Então houve um grito e uma movimentação repentina tomou a multidão, formando um círculo apavorado. Sob a luz piscante e ao som de “MMMBop”, Debbie Warwick tossia e cuspiu um vômito branco feito magnésio, manchando sapatos e pernas nuas em uma série de imagens rápidas, dignas de uma animação infernal em *stop-motion*, a mão ampliando o arco do jato de vômito como se um dedo pressionasse a ponta de uma mangueira, até ficar encolhida e sozinha no meio de uma roda de adolescentes que riam e gritavam ao mesmo tempo. Só então a Srta. Butcher apagou a luz e entrou com cuidado no círculo para esfregar as costas de Debbie com a ponta dos dedos de um braço estendido.

— Studio 54 — disse o Sr. Hepburn, descendo do trepa-trepa às pressas. — Luz estroboscópica demais, viu?

A música parou enquanto os alunos esfregavam as pernas com toalhas de papel abrasivas e Parky, o zelador, ia buscar a serragem e o desinfetante que estavam sempre por perto nas festas.

— Faltam vinte minutos, senhoras e senhores — disse o Sr. Hepburn, voltando à mesa de som. — Vinte minutos, o que significa que está na hora de diminuir um pouco o ritmo das coisas...

Músicas lentas ofereciam uma oportunidade sancionada pela escola para os alunos se deitarem uns sobre os outros ainda de pé. Os primeiros acordes de “2 Become 1” haviam esvaziado a pista, mas uma série de negociações tensas acontecia nos arredores dela enquanto, por cortesia dos técnicos do laboratório, uma pequena quantidade de gelo seco era liberada, uma camuflagem que se estendia até a altura da cintura. Sally Taylor e Tim Morris foram os primeiros a atravessar a névoa. Depois Sharon Findlay e Patrick Rogers, os pioneiros sexuais da escola, mãos

permanentemente enfiadas no cós da calça um do outro, como se sorteiassem cupons em um concurso. Então, Lisa “Corpão” Boden e Mark Solomon, Stephen “Chefão” Shanks e “Rainha” Alison Quinn pularam, alegres, a serragem.

Mas aos nossos olhos aqueles eram casais batidos. A multidão exigia novidades. Do fundo do ginásio, ouviram-se gritos e aplausos quando o Pequeno Colin Smart pegou a mão de Patricia Gibson, e um corredor se abriu enquanto ela era empurrada e puxada para a luz, a mão livre cobrindo o máximo possível do rosto, feito um réu chegando ao julgamento. Por todo o salão, meninos e meninas começaram seus ataques camicases e os pretendentes às vezes eram aceitos, outras, recusados e mandados embora, dando um sorriso amarelo ao som de aplausos lentos.

— Eu odeio essa parte, e você?

Helen Beavis tinha se juntado a mim no trepa-trepa, uma menina metida a artista e campeã de hóquei, alta, forte e por vezes chamada de Tijolão, mas sempre pelas costas.

— Olhe — disse ela. — Lisa está tentando enfiar a cabeça inteira na boca do Mark Solomon.

— E aposto que ele ainda está com o chiclete lá dentro...

— Ficam passando um para o outro. Tipo pingue-pongue. Poc-poc-poc.

Helen e eu tínhamos feito algumas tentativas constrangedoras de amizade, mas nada havia adiantado. No prédio de artes plásticas, ela era uma das alunas descoladas que pintava grandes telas abstratas com nomes como *Divisão* e sempre deixava algo secando no forno de cerâmica. Se arte tinha a ver com emoção e expressão, então eu era apenas “um bom desenhista”: imagens muito detalhadas e cheias de textura de zumbis, piratas espaciais e caveiras, sempre com um olho ainda vivo, copiadas de jogos de computador e histórias em quadrinhos, filmes de ficção científica e terror, o tipo de imagem violenta elaborada que chama a atenção da orientadora pedagógica.

— Vou dizer uma coisa para você, Lewis — falou Helen, a voz arrastada, o braço estendido segurando um mercenário intergaláctico. — Você sabe desenhar um torso masculino muito bem. Capas também. Imagine o que conseguiria fazer se desenhasse uma coisa *real*.

Eu não respondi. Helen Beavis era inteligente demais para mim, de um jeito especial, não ostentatório, que não exigia a validação de prêmios. Ela também era engraçada e contava as melhores piadas sussurrando, para satisfação própria. Suas frases continham mais palavras do que o necessário, e muitas delas ganhavam um tom de ironia, o que me impedia de saber se ela queria dizer uma coisa ou o contrário. Palavras já eram difíceis para mim quando tinham um único significado, e, se nossa amizade havia naufragado por algum motivo, fora pela minha incapacidade de acompanhar o raciocínio dela.

— Sabe do que este ginásio precisa? De cinzeiros. Encaixados bem ao lado das barras paralelas. Ei, será que a gente já pode fumar?

— Só daqui a... vinte minutos.

Como todos os melhores atletas, Helen Beavis era uma fumante dedicada e acendia cigarros já perto dos portões, o Marlboro Menthol balançando para cima e para baixo quando ela ria, feito o cachimbo do Popeye. Uma vez, eu a vi tapar uma narina com um dedo e lançar a meleca uns quatro metros adiante, por cima de uma cerca. A menina tinha, na minha opinião, o pior corte de cabelo que eu já vi, espetado em cima, comprido e liso atrás, com duas costeletas pontudas, como se rabiscado à caneta em uma foto. Na misteriosa álgebra do segundo ano do ensino médio, o cabelo feio, somado ao lado artístico, ao hóquei e às pernas peludas davam uma lésbica, uma palavra forte para meninos daquela época, capaz de formar uma garota muito interessante ou totalmente desinteressante. Havia dois — e apenas dois — tipos de lésbicas, e Helen não era do tipo que víamos nas revistas de Martin Harper, por isso os meninos prestavam pouca atenção nela, o que era ótimo para Helen, tenho certeza. Mas eu gostava dela e queria impressioná-la, mesmo que minhas tentativas normalmente a fizessem apenas balançar a cabeça devagar.

Por fim, o globo espelhado foi usado e começou a girar, pendurado na corrente.

— Ah. Isso é incrível — disse Helen, indicando os dançarinos que giravam lentamente. — Sempre no sentido horário, já notou?

— Na Austrália, eles giram para o outro lado.

— No Equador, ficam parados. Muito envergonhados.



“2 Become 1” se mesclou à voz melosa e sensual de Whitney Houston em “Greatest Love of All”.

— Credo! — exclamou Helen, e sacudiu os ombros. — Eu espero, para o bem de todos, que as crianças *não sejam* nosso futuro.

— Acho que Whitney Houston não estava pensando nesta escola especificamente.

— Não, é provável que não.

— Outra coisa que nunca entendi nessa música: aprender a amar a si mesmo. Por que esse é o maior amor de todos?

— Faz mais sentido se você escutar como “odiar” — disse ela.

Paramos para ouvir.

— Aprender a odiar a si mesmo...

— É o maior ódio de todos. É por isso que é fácil. E o melhor é que isso funciona em quase todas as músicas de amor.

— Ela odeia você...

— Isso mesmo.

— Obrigado, Helen. Faz mais sentido agora.

— Meu presente para você. — Nós nos voltamos para a pista de dança. — Trish parece feliz.

Ficamos observando enquanto Patricia Gibson, a mão ainda tapando os olhos, tentava simultaneamente dançar e se afastar do parceiro.

— A calça do Colin Smart se ajeitou de um jeito interessante. Que lugar estranho para guardar o kit de geometria. Boing! — Helen deu um soco no ar. — Eu passei por isso uma vez. Na festa de Natal da Igreja Metodista, com uma pessoa cujo nome não tenho permissão para repetir. Não foi legal. Tipo levar uma pancada no quadril com a ponta de uma caixa de sapato.

— Acho que os meninos aproveitam mais que as meninas.

— Então vão se esfregar em uma árvore ou alguma coisa assim. É muita grosseria, ou seja, falta de educação. Não inclua essa arma no seu arsenal, Charles.

Em outras partes do ginásio, mãos procuravam bundas e paravam sobre elas, frouxas e assustadas, ou amaciavam a pele como se fosse massa de pizza.

— É mesmo um espetáculo nojento. E não só por causa do meu bem apregoado lesbianismo.

Eu me reajustei na barra. Não estávamos acostumados a discussões francas e abertas. Era melhor ignorar aquilo e, depois de alguns segundos...

— E aí? Quer dançar? — perguntou ela.

Franzi a testa.

— Não. Estou bem.

— É, eu também — respondeu ela. Certo tempo se passou. — Se você quiser chamar outra pessoa...

— É sério. Estou bem.

— Não tem nenhuma paixonite, Charlie Lewis? Nada para declarar do fundo do seu coraçãozinho nesses últimos momentos?

— Não sou muito chegado nessas... coisas. E você?

— Eu? Não, basicamente estou morta por dentro. E, no fim das contas, o amor é uma invenção burguesa. Tudo isso... — Ela indicou a pista de dança com a cabeça. — Não foi o gelo seco, foi uma névoa de feromônios que se assentou. Sinta o cheiro. O amor é... — Cheiramos o ar. — Cointreau e desinfetante.

Microfonia e a voz do Sr. Hepburn soaram altas, perto demais do microfone.

— Última música, senhoras e senhores, é a última música! Quero ver todo mundo dançando com alguém. Coragem, pessoal!

“Careless Whisper” começou, e Helen indicou com a cabeça um grupo que liberava uma única menina. Emily Joyce veio em nossa direção e começou a falar quando ainda estava longe demais para ser ouvida.

— ...

— Oi?

— ...

— Não estou...

— Oi! Eu só falei “oi”, só isso.

— Oi, Emily.

— Helen.

— Ah, oi, Emily.

— O que vocês estão fazendo?

— Estamos bancando os voyeurs — respondeu Helen.

— O quê?

— Estamos observando — falei.

— Vocês viram Mark pôr a mão embaixo da saia da Lisa?

— Não, infelizmente a gente perdeu isso — disse Helen. — Mas a gente viu os dois se beijando. Foi impressionante. Já viu uma píton reticulada engolir um pequeno javali, Emily? Aparentemente, elas deslocam a mandíbula, bem aqui atrás...

Emily olhou irritada para Helen.

— *O quê?*

— Perguntei se você já viu uma píton reticulada engolir um...

— Olha, você quer dançar ou o quê? — retrucou Emily, impaciente, cutucando meu joelho.

— Não se preocupe comigo — respondeu Helen.

Acho que enchi as bochechas e bufei.

— Tudo bem, então — falei, saltando das barras.

— Não escorreguem no vômito, pombinhos — disse Helen, enquanto seguíamos para a pista de dança.

## Baladas



Abri os braços e, por um instante, estávamos parados, com as mãos agarradas na lateral do corpo, feito aposentados em um chá dançante. Emily me corrigiu, colocando minha mão em sua lombar, e, quando começamos o primeiro giro, fechei os olhos e tentei identificar uma emoção. A luz artificial sugeria que eu deveria me sentir romântico, e o saxofone grave me deixava consciente de que a pélvis e o fecho do sutiã dela deveriam ser suficientes para despertar desejo. No entanto, vergonha era a emoção que eu reconhecia, e a única vontade que tinha era de que a música acabasse. Amor e desejo se misturavam demais ao ridículo e, claro, na extremidade do salão, Lloyd balançava a língua de forma indecente enquanto Fox se virava de costas, cruzava os braços e acariciava os próprios ombros. Ajustei a mão direita para que apenas o dedo do meio aparecesse, o que achei muito inteligente, e nós giramos para longe enquanto o saxofone continuava tocando. *Diga alguma coisa, qualquer coisa...*

Emily falou primeiro:

— Você tem cheiro de menino.

— Ah. É, é uma roupa antiga de ginástica. Era tudo que eu tinha.

Desculpe.

— Não, eu gosto — respondeu ela, antes de cheirar meu pescoço.

Senti algo úmido ali que podia ter sido um beijo ou o toque de uma flanela molhada. Sem contar a minha avó, eu já havia beijado, ou sido beijado, duas vezes, mas talvez fosse mais correto descrever aqueles acontecimentos como colisões faciais. A primeira ocasião tinha sido em uma exposição escura durante um passeio por ruínas romanas. Não tem como alguém saber beijar de maneira instintiva — o mesmo vale para snowboard ou sapateado, coisas que não podem ser aprendidas por observação —, mas Becky Boyne havia obtido instruções em desenhos da

Disney e pressionado os lábios, formando um bico rígido e seco, que ela batera em meu rosto feito um passarinho enlouquecido ao ver comida. Os filmes também nos haviam ensinado que um beijo não era beijo se não fizesse barulho, por isso cada contato tinha sido acompanhado de um estalar de lábios tão artificial quanto o som dos cascos representando um cavalo. Olhos fechados ou abertos? Eu os havia mantido abertos, para o caso de sermos descobertos ou atacados, e lido o texto na parede atrás dela. Ficara sabendo que os romanos tinham criado o aquecimento central, e aquilo continuara, o tap-tap-tap cada vez mais insistente e forçado, como se alguém estivesse tentando destravar um grampeador.

O beijo em Sharon Findlay, por outro lado, tinha sido um ataque de tubarão irritado, frenético, a boca aberta, os dois atrás de um sofá. Harper tinha um porão, um bunker de concreto embaixo de casa, que detinha certa notoriedade e, nas noites de sexta, parecia o abrigo nuclear da mansão da Playboy. Ali Harper chefiava “festas de DVD” exclusivas e extravagantes, distribuindo cervejas especiais misturadas com aspirinas solúveis — a azeitona do nosso martíni —, que deviam ser bebidas de canudinho e eram fortes o bastante para nos mandar para trás do sofá, beijando em meio a bolas de poeira e moscas mortas. Eu nunca havia tido tanta consciência de que a língua era um músculo, um músculo poderoso e sem pele como o braço de uma estrela do mar, e quando minha língua tentara lutar contra a de Sharon, as duas haviam se digladiado feito bêbados tentando passar ao mesmo tempo por um corredor estreito. Sempre que eu tentava erguer a cabeça, ela era empurrada de volta para o chão empoeirado com a mesma força e movimento exigido para extrair o suco de uma laranja. Eu me lembro vagamente de que um arrote de Sharon Findlay estufou minhas bochechas, e, quando finalmente nos afastamos, ela enxugou a boca com o braço inteiro. A experiência me deixou abalado e com dor no maxilar, dois pequenos cortes nos cantos da boca e um terceiro na base da língua, além de enjoado com o que deviam ser, em uma estimativa bastante conservadora, duzentos mililitros da saliva de outra pessoa. Mas eu também fiquei estranhamente empolgado, como se tivesse saído de um brinquedo assustador no parque de diversões, e não sabia se queria voltar a beijá-la no mesmo instante ou nunca mais na vida.

A questão se resolveu quando ela ficou com Patrick Rogers mais tarde naquela mesma noite no bunker. Ali no baile, passamos por eles enquanto dançávamos, devorando um ao outro sob o globo espelhado institucional. Senti o pescoço molhado de novo, depois uma frase murmurada que não consegui ouvir com a música.

— Oi?

— Falei... — Mas ela murmurou em meu pescoço outra vez e eu só entendi uma palavra: — Banho.

— Não estou ouvindo...

Mais uma vez, blá-blá banho. Fiquei na dúvida se ela disse que eu precisava de um banho. Se pelo menos diminuíssem o volume...

— Desculpe?

Emily murmurou.

— Tudo bem — falei. — Última vez.

Emily afastou o rosto do meu pescoço e me olhou com raiva.

— Pelo amor de Deus, *falei* que *penso* em você no *banho*!

— Ah, é? Muito obrigado! — respondi, mas aquilo pareceu insuficiente, então... — Também penso em você!

— *O quê?*

— Também penso em você?

— Não pensa nada! Só... Ah, deixa para lá. Ai, caramba!

Ela grunhiu e apoiou a cabeça em meu pescoço outra vez. Mas havia raiva na nossa dança agora, por isso ficamos aliviados quando a música terminou. Envergonhados com o silêncio repentino, os casais se afastaram, sorrindo, os rostos brilhando.

— Para onde você vai agora? — perguntou Emily.

— Não sei. Era para eu ir para a casa do Harper.

— Para o porão? Ah. Entendi. — Ela deu de ombros, fez biquinho e soprou a franja. — Nunca fui ao porão.

Eu podia tê-la convidado, mas a política de entrada de Harper era impiedosa e inflexível. O momento passou, então ela me deu um empurrão no peito.

— Até mais.

Eu tinha sido dispensado.

— Certo, senhoras e senhores! — exclamou o Sr. Hepburn, voltando ao microfone. — Parece que temos tempo para uma última música no

fim das contas! Quero ver todos vocês na pista, todos mesmo! Estão prontos? Não estou ouvindo! Lembrem-se de dançar em volta da serragem, por favor. Vamos lá!

A música era “Heart of Glass”, do Blondie, quase tão remota para nós quanto “In The Mood”, mas obviamente incrível porque todos tinham ido para a pista de dança: os garotos do teatro, os temperamentais da aula de cerâmica, até Debbie Warwick, abalada, pálida e cambaleante. Os técnicos do laboratório lançaram o resto do gelo seco, o Sr. Hepburn aumentou o volume e, ao som de gritos e aplausos, Patrick Rogers tirou a camisa e a girou no ar esperando que outros o imitassem, e depois, quando isso não deu certo, voltou a vesti-la. A nova atração era Lloyd com a mão na boca de Fox, fingindo dar um beijo de língua nele. O Pequeno Colin Smart, único garoto do Clube de Teatro, tinha organizado um jogo de confiança em que as pessoas se revezavam para cair nos braços umas das outras no ritmo da música, e Gordon Gilbert, o destruidor de trombones, estava nos ombros de Tony Stevens, abraçando o globo espelhado feito um homem ao mar agarrado a uma boia. Então Tony Stevens se afastou e o deixou pendurado, enquanto Parky, o zelador, o cutucava com o cabo do esfregão.

— Olhem! Olhem! — gritou alguém enquanto Tim Morris começava a dançar break, jogando-se no chão, girando rápido na direção da serragem e do desinfetante, para em seguida se levantar num pulo e limpar a calça freneticamente.

Senti mãos nos meus quadris, e era Harper gritando algo que podia ser “adoro você, cara!”, antes de me dar beijos estalados, smack, smack, em cada orelha. De repente alguém pulou nos meus ombros e estávamos todos em um montinho, os meninos, Fox e Lloyd, Harper e eu e então outros alunos com quem eu mal falava, rindo de uma piada que ninguém conseguia ouvir. A noção de que aqueles haviam sido os melhores anos da nossa vida de repente pareceu tão plausível quanto trágica, e eu quis que a escola tivesse sido sempre daquele jeito, todos abraçados, sentindo um amor violento, e que eu tivesse falado mais com aquelas pessoas e com uma voz diferente. Por que tínhamos deixado só para aquele momento? Tarde demais, a música estava quase acabando: *ooh-ooh oah-oh, ooh-ooh oah-oh*. O suor colava as roupas na pele, fazia nossos olhos arderem e pingava de nossos narizes. Quando me levantei do montinho,

vi por apenas um segundo Helen Beavis dançando sozinha, curvada como um boxeador, os olhos fechados com força, cantando *ooh-ooh oah-oh*. Então, atrás dela, um movimento e a abertura repentina das saídas de incêndio. A claridade atômica foi derramada sobre o salão como as luzes da espaçonave no fim de *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*. Ofuscado, Gordon Gilbert caiu do globo espelhado. A música parou do nada e tudo acabou.

Eram três e cinquenta e cinco da tarde.

Tínhamos perdido a contagem regressiva e estávamos parados, as silhuetas delineadas pela luz, zonzos, piscando enquanto os funcionários nos empurravam em direção às portas com os braços estendidos. Vozes roucas, suor resfriando a pele, nós agarramos nossos pertences — tacos de hóquei e peças de cerâmica, lancheiras nojentas e maquetes amassadas, roupas de ginástica em trapos — e tropeçamos até o pátio feito refugiados. Meninas se agarravam às amigas, aos prantos, e, do bicicletário, veio a notícia de que todos os pneus haviam sido furados em uma última vingança louca e inútil.

Nos portões da escola, crianças se reuniam em torno da van que vendia sorvete. A liberdade que estávamos comemorando de repente pareceu um exílio — paralisante e incompreensível —, e nós enrolamos e hesitamos diante dos portões, animais soltos cedo demais na selva assustadora, olhando para a jaula. Vi minha irmã, Billie, do outro lado da rua. Mal nos falávamos, mas ergui a mão. Ela sorriu de volta e se afastou.

Nós quatro começamos a andar para casa pela última vez, transformando o dia em anedota antes mesmo de ele ter terminado. Perto da ferrovia, em meio às bétulas claras, vimos uma fumaça, um brilho alaranjado da pira cerimonial que Gordon Gilbert e Tony Stevens tinham montado com fichários e uniformes velhos, plástico e nylon. Eles gritavam e uivavam feito animais selvagens, mas nós continuamos até o cruzamento onde sempre nos separávamos. Paramos ali. Talvez devêssemos dar a devida importância à ocasião, dizer algumas palavras. Abraço? Mas hesitamos ao pensar em gestos sentimentais. Era uma cidade pequena, e seria preciso muito mais esforço para perder contato do que para nos vermos com frequência.

— Então a gente se vê.

— Ligo mais tarde.



— Sexta, né?

— Até mais.

— Tchau.

E fui até a casa em que agora morava sozinho com meu pai.

# Infinito



Eu costumava ter um sonho recorrente — inspirado, acho, por ter visto *2001: Uma Odisseia no Espaço* cedo demais —, em que estava flutuando, sozinho, no espaço sideral. O sonho me aterrorizava na época e me aterroriza até hoje, não por causa do sufocamento ou da fome, mas da sensação de impotência; não ter o que segurar ou empurrar, apenas vazio e pânico, a convicção de que aquilo nunca acabaria.

O verão parecia aquele sonho. Como eu poderia preencher os dias infinitos, cada dia infinitamente longo? No último semestre da escola, tínhamos feito planos: viagens a Londres para andar pela Oxford Street (e só na Oxford Street) e expedições aventurescas até New Forest ou a Ilha de Wight, com mochilas cheias de cerveja. Tínhamos chamado isso de “farra no acampamento”, mas tanto Harper quanto Fox começaram a trabalhar em tempo integral, sem carteira assinada, com o pai de Harper, um empreiteiro, e o plano morreu. Sem Harper por perto, Lloyd e eu só brigávamos. Além disso, eu também tinha um trabalho informal de meio período como caixa de um posto de gasolina.

Mas isso ocupava apenas doze horas por semana. O resto do tempo era meu para... quê? O luxo de não ter nada para fazer logo perdeu a graça, deixando só a tristeza irrequieta da luz do sol atravessando as cortinas, dias longos, preguiçosos e torpes à frente, seguidos de outros e outros, feito um longo feriado cretino. Eu sabia por causa da ficção científica, e não das aulas de ciência, que o tempo se comportava de maneira diferente dependendo da sua localização e, da cama de baixo do beliche de um garoto de dezesseis anos, no fim de junho de 1997, passava mais devagar do que em qualquer outro lugar do cosmos.

A casa que ocupávamos era nova. Tínhamos saído da “casa grande”, a da família, logo depois do Natal, e eu sentia muita falta dela: geminada,

quadrados e triângulos como em um desenho de criança, com um corrimão onde dava para escorregar, um quarto para cada um, garagem e balanços no jardim. Meu pai tinha comprado uma casa grande em uma onda de otimismo equivocado, e eu me lembrava de quando ele a mostrou para nós pela primeira vez, dando batidinhas na parede para confirmar a qualidade dos tijolos, abrindo bem as mãos em cima dos aquecedores para sentir a glória do aquecimento central. Havia uma *bay window*, onde eu podia me sentar e observar o trânsito feito um jovem lorde e, o mais impressionante de tudo, um pequeno quadrado de vitral na porta da frente, um nascer do sol amarelo, dourado e vermelho.

Mas a casa grande tinha sido vendida. Meu pai e eu havíamos nos mudado para um condomínio construído nos anos 1980, A Biblioteca, onde cada rua tinha o nome de um autor renomado para fortalecer a cultura. A estrada Woolf levava à praça Tennyson, a avenida Mary Shelley cruzava a travessa Coleridge. Nós morávamos no largo Thackeray e, apesar de nunca ter lido Thackeray, eu sabia que a influência dele seria difícil de identificar. As casas eram modernas, com tijolos claros e telhado plano, com uma característica distinta: paredes curvas dentro e fora da casa para que, quando fossem vistas dos aviões que circundavam o aeroporto, as fileiras de imóveis parecessem lagartas amarelas gordas. “Uma Tatooine de quinta”, como dizia Lloyd. Quando nos mudamos — éramos quatro na época —, meu pai tinha dito que amava as curvas, uma expressão mais livre e arrojada dos nossos valores familiares do que os quartos abafados da nossa velha casa geminada. Seria como morar em um farol! Mesmo que A Biblioteca não parecesse mais o futuro, que os jardins minúsculos não fossem mais tão arrumadinhos quanto costumavam ser, que às vezes carrinhos de compras descessem pelas avenidas largas e silenciosas, aquele ainda seria um novo capítulo na história da nossa família, com a tranquilidade que teríamos por viver dentro das nossas possibilidades. Sim, minha irmã e eu íamos dividir um quarto, mas beliches eram divertidos e não seriam usados para sempre.

Seis meses depois, ainda havia caixas fechadas, empurradas para as paredes curvas ou empilhadas na cama vazia da minha irmã. Meus amigos quase nunca vinham me visitar, preferindo se encontrar na casa de Harper, que parecia o palácio de um ditador romeno, uma casa com duas jukeboxes, aparelhos de ginástica, quadriciclos e TVs imensas, uma espada

samurai, pistolas, rifles de ar comprimido e canivetes suficientes para acabar com uma invasão zumbi. Minha casa tinha um pai maluco e muito jazz raro em vinis. Nem eu queria ir para lá.

Ou ficar lá. O grande projeto daquele verão seria evitar meu pai. Eu tinha aprendido a avaliar o estado mental dele pelos barulhos que fazia — a rastreá-lo como um caçador. As paredes eram de uma finura japonesa e, enquanto ele estivesse em silêncio, era seguro me enterrar ainda mais no calor do edredom, o ar do quarto parecendo a água de um aquário abandonado. Se não houvesse movimento até as dez, então meu pai teria um de seus dias no quarto e eu podia descer. Em nossos anos prósperos, repletos de empréstimos do banco, meu pai havia comprado um computador por meio de um anúncio no jornal, uma caixa do tamanho de um arquivo feito, sem dúvida, de baquelite. Se meu pai continuasse na cama, eu podia desperdiçar alegremente a manhã nos corredores e armadilhas de *Doom* e *Quake*, contanto que estivesse pronto para desligar o botão do monitor assim que o ouvisse na escada. Jogos de computador durante o dia deixavam meu pai com uma raiva quase irracional, como se eu o tivesse baleado.

Mas, na maior parte dos dias, eu o via se levantar perto das nove e ir até o banheiro, que ficava do outro lado da parede do meu beliche. Nenhum despertador era tão eficiente quanto o som do meu pai fazendo xixi perto da minha cabeça, e eu me levantava num pulo, vestia rapidamente as roupas do dia anterior e descia a escada com uma agilidade ninja para ver se ele tinha deixado os cigarros ali. Se houvesse dez ou mais, era seguro pegar um e guardá-lo depressa em um dos bolsos da mochila. Eu comia torrada de pé diante do balcão da cozinha — outra característica da casa que havia perdido o encanto, comer em banquinhos — e saía antes que ele descesse.

Mas, se não conseguisse fazer isso, então ele aparecia, os olhos pegajosos, as marcas do travesseiro ainda visíveis no rosto, e nós nos revezávamos de forma incômoda entre a chaleira e a torradeira, assumindo nossos papéis.

- Isso é seu café ou é o almoço?
- Acho que é um brunch.
- Sofisticado. Já são quase dez...
- Olha quem fala!

- Só consegui dormir às... Pode usar um prato?
- Estou usando um prato.
- Então por que tem migalhas em todo...?
- Porque não tive tempo de...
- Só use a droga do prato!
- Aqui está o prato, aqui, na minha mão, um prato, meu prato...
- E guarde suas coisas.
- Vou guardar, quando acabar.
- Não deixe na pia.
- Eu não ia deixar na pia.
- Ótimo. Não deixe.

E isso continuava, sarcasmo e provocação banal e pouco inteligente, menos uma conversa e mais um tapa na orelha. Eu odiava o modo como falávamos um com o outro, mas tentar mudar aquilo exigia uma voz que nenhum dos dois tinha, então acabávamos em silêncio e meu pai ligava a TV. Talvez um dia eu tivesse sentido um prazer delinquente naquilo, mas a vadiagem exige um lugar para estar, e nenhum dos dois tinha isso. Tudo que eu sabia era que meu pai não gostava de ficar sozinho, por isso eu saía.

Na maior parte dos dias, eu andava de bicicleta, mas não no estilo arrojado e moderno. Eu usava calça jeans, não lycra, em uma bicicleta velha de corrida com o guidão voltado para trás, uma corrente enferrujada e barulhenta e um quadro tão pesado e impiedoso quanto um andaime de aço. Apoiado no guidão, eu patrulhava A Biblioteca e circundava preguiçosamente as ruas sem saída, Tennyson e Mary Shelley, Forster e Kipling, subia a Woolf e dava a volta na Hardy. Conferia os balanços e os escorregadores no parquinho, à procura de alguém que eu conhecesse. Descia passagens de pedestres, andava de um lado para outro nas ruas largas e vazias no caminho para as lojas.

O que eu procurava? Apesar de não saber, estava procurando uma grande mudança; uma missão, talvez, uma aventura que me desafiasse e me ensinasse lições. Mas é estranho embarcar em uma aventura sozinho, difícil descobrir esse tipo de jornada na rua principal. A nossa cidade era pequena, no sudeste da Inglaterra, longe demais de Londres para ser um distrito, grande demais para ser um vilarejo, desenvolvida demais para ser considerada rural. Faltava a estação de trem que podia nos transformar em

cidade-dormitório e também a lendária prosperidade associada à região. Em vez disso, a economia se baseava no aeroporto e nos parques industriais leves: fotocopiadoras, vidro duplo, componentes de computador, acessórios, o que quer que eles fossem. A rua comercial — chamada High Street — tinha alguns prédios que poderiam ser considerados pitorescos: um salão de chá com paredes de madeira chamado Cottage Loaf, um jornaleiro georgiano, uma farmácia da era Tudor, uma feira medieval para bebedores de sidra, mas todos eram arruinados pela poeira e pela fumaça da rua agitada que corria junto às calçadas estreitas, fazendo os clientes andarem colados às vidraças feitas com chumbo. “Ver as vitrines” era o grande passatempo da cidade, e qualquer pessoa que quisesse doar um sobretudo para a caridade ficaria animada. Mas o cinema tinha se tornado um depósito de carpetes, preso no loop temporal de uma promoção interminável de encerramento das atividades. Áreas de uma beleza natural impressionante ficavam a vinte minutos de carro dali, a costa de Sussex a outros trinta, toda a cidade contida por um anel rodoviário que nos circundava feito uma cerca.

Anos depois, quando ouvia amigos falarem de maneira sentimental e poética sobre onde nasceram, sobre como tinham sido formados por Northumberland ou Glasgow, os lagos ou a península de Wirral, eu sentia inveja até das expressões mais banais e estereotipadas de “pertencimento”. Não tínhamos noção de identidade, um sotaque autêntico, apenas um tipo adquirido por causa da TV, aplicado sobre leves trejeitos do interior. Eu não odiava nossa cidade, mas era difícil me sentir poético e sentimental em relação ao reservatório, à delegacia e às florestas ralas, onde pornografia amarelava sob os arbustos. Nosso parquinho era universalmente conhecido como Parque do Cocô de Cachorro, e a plantação de pinheiros, como Bosque do Assassinato. Pelo que eu sabia, eles tinham os mesmos nomes no mapa geral do censo, e ninguém ia escrever um soneto sobre aquilo.

Então eu caminhava pela rua comercial, olhando as vitrines, torcendo para encontrar alguém conhecido. Comprava chiclete nas bancas de jornal e lia as revistas sobre computadores até que a cara feia do jornaleiro me fazia voltar para a bicicleta. Eu devia parecer solitário, mas teria odiado se alguém pensasse isso. Tédio era nosso estado natural, mas a solidão era um tabu, por isso eu me esforçava para passar uma impressão

de autossuficiente, rebelde, contido e impossível de ser decifrado, sempre correndo riscos. Mas é preciso se esforçar muito para não parecer solitário quando se está sozinho, feliz quando não se é. É como segurar uma cadeira de longe e, quando eu não conseguia mais manter a ilusão de tranquilidade, saía da cidade.

Para chegar a qualquer coisa que pudesse passar por campo, era necessário cruzar a passarela, a rodovia rugindo de forma alarmante abaixo, feito uma cachoeira poderosa, depois seguir de bicicleta por grandes pradarias de trigo amarelo e colza, passando por planícies corrugadas de estufas que abrigavam as colheitas de morangos dos supermercados, depois subir as colinas que nos cercavam. Eu não era um grande amante da natureza, observador de pássaros, pescador nem poeta, não conseguiria reconhecer uma árvore nem que ela caísse em cima de mim e não tinha uma vista nem clareira favorita, mas a solidão era menos vergonhosa ali, quase agradável, e todos os dias eu apostava que chegaria mais longe de casa e expandia a circunferência dos lugares que conhecia.

A primeira semana, a segunda e depois a terceira passaram dessa maneira, até que, em uma manhã de quinta-feira, fui parar em meio à grama alta de um campo selvagem com vista para nossa cidade.

## O campo



Nunca tinha estado ali. Cansado da subida, desci da bicicleta e notei uma trilha à direita, sombreada e, por sorte, plana. Empurrei a bicicleta pelo bosque, que logo se abriu para uma pradaria em declive, a grama na altura da cintura, tons marrons e verdes manchados com o vermelho de papoulas e o azul de... alguma outra coisa. Epilóbios? Centáureas? Eu não fazia ideia, mas o campo era irresistível, e eu ergui a bicicleta por cima da porteira e segui em meio à grama alta. Uma mansão de madeira apareceu à frente, uma casa que eu vira do anel rodoviário, com um jardim margeando o limite mais baixo do campo. Tive a sensação repentina de estar invadindo e larguei a bicicleta, depois andei até achar uma clareira natural para tomar sol, fumar e ler alguma coisa violenta.

A grande quantidade de horas livres significava que, pela primeira vez na vida, eu estava lendo. Tinha começado com thrillers e livros de terror da coleção do meu pai, páginas com pontas dobradas, enrugadas de banho ou de praia, nos quais o sexo se alternava com a violência em um ritmo acelerado. De início, os livros pareceram substitutos ruins — ler sobre sexo e violência era como ouvir futebol no rádio —, mas logo eu devorava um livro por dia e me esquecia deles quase que instantaneamente, a não ser por *O silêncio dos inocentes* e Stephen King. Em pouco tempo, eu havia passado para a sessão menor e menos intimidante de ficção científica da biblioteca do meu pai: cópias gastas de Asimov, Ballard e Philip K. Dick. Apesar de não saber como, eu tinha noção de que aqueles livros haviam sido escritos em um registro diferente dos outros sobre ratos gigantes, e o romance que eu levava na bolsa diariamente começou a parecer uma proteção contra o tédio, um alibi contra a solidão. Ainda havia algo de furtivo naquilo — ler na frente dos meus amigos teria sido como começar a tocar flauta ou ter aulas de



danças típicas —, mas ninguém me veria ali, por isso, naquele dia, peguei minha cópia de *Matadouro-cinco*, de Kurt Vonnegut, escolhido por ter “matadouro” no título.

Se rolasse um pouco de um lado para outro, eu podia criar uma trincheira militar, invisível da casa acima ou da cidade abaixo. Esforçando-me para encontrar plenitude de alma, observei a vista, um tipo de paisagem de ferromodelismo com tudo próximo demais: plantações e não florestas, reservatórios e não lagos, estábulos, gatis e canis e não fazendas de laticínios e ovelhas pastando. Cantos de aves competindo com o grunhido da rodovia e o zumbido grave das torres elétricas acima de mim, mas dali de longe não parecia um lugar tão ruim. Dali de longe.

Tirei a camiseta e me deitei de costas, tentei fumar o cigarro do dia; depois, com o livro na frente dos olhos para protegê-los do sol, comecei a ler, parando aqui e ali para limpar as cinzas do peito. Muito acima de mim, aviões de turistas vindos da Espanha e da Itália, da Turquia e da Grécia traçavam círculos em um padrão regular, impacientes atrás de uma pista. Fechei os olhos e observei as fibras pela tela das minhas pálpebras, tentando segui-las até a beira da visão, quando disparavam para longe feito peixes em um riacho.

Quando acordei, o sol estava no auge e me senti tonto. Por um instante, em pânico com o barulho de gritos, berros e chamados de caça vindos da colina acima: um bando. Será que queriam me pegar? Não; ouvi a grama balançando e a presa assustada arquejando, descendo a colina às pressas na minha direção. Olhei pela grama alta. A menina usava uma camiseta amarela e uma saia jeans azul curta que atrapalhava sua corrida. Eu a vi erguê-la com ambas as mãos, depois olhar para trás e se agachar para recuperar o fôlego, a testa encostada nos joelhos ralados. Não consegui ver sua expressão, mas tive uma ideia repentina e animada de que a casa era uma instituição sinistra, um manicômio ou um laboratório secreto, e que eu poderia ajudá-la a fugir. Mais gritos e vaias e ela olhou para trás, depois se levantou, torceu a saia ainda mais sobre as pernas pálidas e começou a correr diretamente para mim. Voltei a me agachar, mas não antes de vê-la olhar para trás mais uma vez e de repente tropeçar e cair de cara no chão.

Fico envergonhado por dizer que ri, tapando a boca com a mão. Um instante de silêncio e então a ouvi grunhir e rir ao mesmo tempo.

— Ai! Ai, ai, ai, sua *idiota!* Aaaaaaaaai!

Ela estava a três ou quatro metros, a respiração ofegante interrompida pelas próprias risadas doloridas, e de repente percebi que meu peito magro e nu estava rosado feito um salmão enlatado, e o suor grosso e as cinzas do cigarro tinham se acumulado em meu esterno. Comecei as contorções necessárias para me vestir ainda deitado no chão.

Da casa na colina, uma voz zombeteira:

— Ei! A gente desiste! Você ganhou! Volte aqui para ficar com a gente!

E eu pensei: *É uma armadilha, não acredite neles.*

A menina grunhiu para si mesma.

— Esperem!

Outra voz feminina:

— Você foi muito bem! Está na hora do almoço! Volte!

— Não posso! — gritou ela, já sentada. — Ai! Puta que pariu!

Aproximei-me ainda mais do chão enquanto ela tentava se levantar, testando o tornozelo e gritando de dor. Eu teria que me revelar, mas não parecia haver um jeito casual de pular em alguém em um campo. Passei a língua pelos lábios e, com uma voz estranha, gritei:

— Olááá!

Ela levou um susto, girou apoiada na perna boa e caiu para trás, tudo ao mesmo tempo, desaparecendo na grama.

— Olhe, não tenha medo, mas...

— Quem disse isso?

— Só para você saber que estou aqui...

— Quem? Onde?

— Aqui. Na grama alta.

— Mas *quem* é você, caramba? *Cadê* você?

Vesti depressa a camiseta, me levantei, e, me arrastando como se fugisse de tiros, fui até onde ela estava.

— Eu estava tentando não assustar você.

— Bom, você *não* conseguiu, seu *bizarro!*

— Ei, eu já estava aqui!

— E o que você estava fazendo aqui?

— Nada! Lendo! Por que eles estavam atrás de você?

Ela olhou para mim de canto de olho.

— Quem?

— Aquelas pessoas. Por que estavam correndo atrás de você?

— Você não é da companhia?

— Que companhia?

— *A Companhia*. Você não faz parte dela?

A Companhia era uma expressão que soava sinistra, e eu me perguntei se ia mesmo ajudá-la no fim das contas. *Venha comigo se quiser continuar viva.*

— Não, eu...

— Então o que você está fazendo aqui?

— Nada. Eu só... eu só vim andar de bicicleta e...

— Cadê sua bicicleta?

— Ali. Eu estava lendo e dormi, e queria que você soubesse que eu estava aqui sem assustar você.

Ela voltou a examinar o tornozelo.

— Bom, funcionou.

— Na verdade, é uma trilha pública. Eu tenho tanto direito de estar aqui quanto...

— Tudo bem, mas eu pelo menos tenho um *motivo*.

— Mas por que estavam atrás de você?

— O quê? Ah. Uma brincadeira bobá. Nada de mais. — Ela apertou os ossos do tornozelo com os polegares. — Ai!

— Está doendo?

— Está doendo *para caralho!* Correr pelo campo é uma armadilha da porra. Enfiei o pé em uma toca de coelho e caí de cara.

— É, eu vi.

— Viu? Bom, obrigada por não ter rido.

— Eu ri.

Ela me encarou com os olhos entreabertos.

— Bom, posso ajudar? — perguntei, para me desculpar.

Ela me olhou de cima a baixo, e de novo, uma análise, tanto que me flagrei tentando enfiar as pontas dos dedos nos bolsos.

— Me diga de novo: por que você está aqui, bancando o pervertido?

— Eu só estava... Olhe, estou lendo! Olhe!

Corri de volta para minha toca para pegar o livro e o mostrei. Ela examinou a capa e a comparou com meu rosto, como se fosse um passaporte. Satisfeita, ela tentou se levantar, se encolheu e caiu de novo. Considerei oferecer a mão, como em um cumprimento, mas o gesto pareceu absurdo, por isso me ajoelhei e, de modo quase tão absurdo, peguei o pé dela como se fosse calçar um sapato de cristal nele: tênis Adidas com faixas azuis, sem meias, uma canela clara, manchada. Senti pelos curtos e pretos como limalha de ferro roçando de leve.

— Tudo bem aí embaixo? — perguntou ela, os olhos fixos no céu.

— Tudo, só estava me perguntando...

Eu havia assumido uma postura de cirurgião e cutucava a perna com polegares habilidosos.

— Ai!

— Desculpe!

— Me diga, doutor, o que está procurando exatamente?

— Estou tentando achar a parte que está doendo e depois apertando a região. Basicamente, quero ver se tem algum osso espetando a pele.

— E tem?

— Não, você está bem. Foi só uma torção.

— E eu vou voltar a dançar?

— Vai — falei —, mas só se você quiser *muito*.

Ela riu para o céu, e eu me senti tão encantador e satisfeito comigo mesmo que também ri.

— Bem feito por ter usado — afirmou ela, puxando a saia jeans até os joelhos. — Vaidade. Que idiota. É melhor eu voltar. Pode soltar meu pé agora.

De maneira abrupta demais, larguei o pé dela e fiquei parado, estupidamente, enquanto ela tentava se levantar.

— Será que você poderia...?

Eu a puxei para que se levantasse e segurei sua mão enquanto ela testava o tornozelo, apoiando o pé no chão, se contorcendo de dor outra vez e voltando a testar. Tentei observá-la enquanto olhava para o outro lado. Ela era um pouco mais baixa do que eu, mas não muito, a pele clara, o cabelo preto e curto, porém com uma franja mais comprida que ela pôs atrás da orelha, cuidadosamente raspado na nuca, deixando a curva do crânio mais exagerada, tornando o corte, de alguma forma,

austero e glamoroso ao mesmo tempo, uma Joana d’Arc recém-saída do salão. Acho que nunca havia notado a parte de trás da cabeça de alguém. Brincos pequenos e pretos, com dois buracos extras em cada orelha para ocasiões especiais. Como eu tinha dezesseis anos, deixei os olhos desfocarem para disfarçar o fato de estar olhando para os seios dela, confiante de que nenhuma menina tinha notado aquele truque antes. Adidas, diziam eles, em uma camiseta amarela com mangas muito curtas, pela qual dava para ver, na pele macia do alto do braço da garota, a cicatriz da BCG, uma covinha entalhada como as marcas de uma moeda romana.

— Ei? Vou precisar de ajuda.

— Você consegue andar?

— Consigo pular, mas não vai dar certo.

— Quer que leve você de cavalinho? — perguntei, me arrependendo do “cavalinho”. Devia haver um termo mais durão. — Ou, sei lá, posso levar você no ombro.

Ela olhou para mim, e eu me empertiguei um pouco.

— Tipo um *bombeiro*?

— Sou mais alto que você!

— Mas eu sou... — Ela puxou a saia para baixo — mais densa. Você consegue levantar o próprio peso?

— Claro! — falei, antes de me virar e oferecer as costas suadas, fazendo com o polegar um gesto de carona.

— Não. Não, isso seria muito estranho. Mas se você não se importar de eu me apoiar em você...

Em um gesto arrojado que eu nunca havia feito e nunca mais fiz, ergui o cotovelo para o lado e o indiquei com a cabeça, a mão no quadril feito um participante de uma dança tradicional.

— Ah, muito agradecida — disse ela, antes de começarmos a andar.

O barulho da grama alta parecia estranhamente amplificado, e procurar uma trilha mais aberta me dava menos oportunidades de me virar e olhar para ela, apesar de isso já parecer uma compulsão. Ela andava com a franja escondendo o rosto, encarando o chão, mas, em alguns momentos, vi que seus olhos eram azuis, de um tom de azul ridículo — será que eu já havia notado a cor dos olhos de alguém com tanta precisão? —, e a pele em torno deles também tinha um toque azulado,

parecido com o resto da maquiagem da noite anterior, marcada por risadas ou dores enquanto...

— Ai! Ai, ai, ai.

— Tem certeza de que não posso carregar você?

— Você está *muito* a fim de carregar alguém.

Havia algumas espinhas na testa e no queixo dela, espremidas ou muito mexidas, e sua boca parecia muito larga e vermelha em contraste com a pele clara, com o relevo de uma cicatriz pequena no lábio inferior, uma dobra, como se alguém o tivesse consertado, a boca sempre rígida como se ela fosse começar a rir, ou xingar, ou ambas as coisas, como estava fazendo naquele instante, o tornozelo virado para o lado feito uma dobradiça.

— Eu posso mesmo carregar você.

— Acredito.

Logo vimos o portão que dava para o jardim, a casa absurda ainda maior e mais intimidante. Eu perguntei:

— Você mora aqui?

— Aqui?

Ela riu com o rosto todo, despreocupada. Um dos meus menores preconceitos era uma desconfiança e um ressentimento em relação a pessoas com dentes muito bonitos: todo aquele vigor e saúde pareciam um tipo de exibição. Os dentes daquela menina, notei, eram salvos da perfeição por uma pequena falha no incisivo da esquerda, feito o canto dobrado de uma página.

— Não, eu não *moro* aqui.

— Achei que talvez elas fossem da sua família, as pessoas que estavam atrás de você.

— É, elas fazem muito isso, eu, meu pai e minha mãe, sempre que vemos um campo...

— Bom, eu não conheço...

— Era uma brincadeira boba. É uma longa história. — E mudando de assunto: — O que você estava fazendo aqui mesmo?

— Lendo. É só um lugar legal para ler.

Ela assentiu, cética.

— Garoto da natureza.

Dei de ombros.

— É bom para variar.

— E como é o *Matadouro-cinco*?

— É legal. Não tem matança suficiente.

Ela riu, apesar de eu só estar parcialmente brincando.

— Já ouvi falar, mas nunca li. Não quero generalizar, mas sempre achei que era um livro para meninos. É?

Dei de ombros de novo...

— Quero dizer, comparado com os da Atwood ou da Le Guin.

... porque se ela ia falar sobre literatura, então era melhor eu empurrá-la para um arbusto e sair correndo.

— E aí. Sobre o que é?

*Charlie, você pode explicar para a turma algo sobre a intenção do autor neste trecho? Com suas próprias palavras, por favor.*

— É sobre um cara, um veterano de guerra, que foi sequestrado por alienígenas e está em um zoológico alienígena, mas ele não para de se lembrar de situações da guerra, de quando ele foi preso...

*É, é isso que acontece, mas qual é o tema? Continue, Charlie, por favor.*

— Mas também é sobre a guerra, sobre o bombardeio de Dresden e um tipo de fatalidade... Fatalidade, não... fatalismo? Sobre se a vida importa ou se a liberdade de escolha é um delírio, uma ilusão, um delírio, então é meio que horrível, sobre morte e guerra, mas também é engraçado.

— Entendi. Parece *mesmo* um livro para meninos.

*Use palavras melhores.*

— Surreal! É isso que é. Muito bom.

*Obrigado, Charlie. Pode se sentar.*

— Entendi — disse ela. — Bom. Em geral, quando as pessoas dizem “zoológico alienígena”, eu paro de prestar atenção, mas talvez eu leia. Você já leu...?

— Não, mas vi o filme. — Ela olhou para mim de soslaio. — Estou brincando, só queria dizer que não li muito ainda. Não sou um grande leitor.

— Bom — respondeu ela —, tudo bem. — E depois, como se houvesse alguma ligação entre as duas coisas: — Em que escola você estudava?

Era uma pergunta boba, mas decretada por lei, e achei melhor confessar:

— Acabei de me formar na Merton Grange — falei e fiquei observando, esperando as emoções de sempre, a expressão que costumam reservar para quando alguém diz que acabou de sair da cadeia. Apesar de sinceramente não ter encontrado vestígios disso, ainda assim senti uma pontada de irritação. — Você é da Chatsborne, não é?

Ela pôs a franja atrás da orelha e riu.

— Como você adivinhou?

Porque os alunos da Chatsborne eram ricos, maconheiros artísticos, hippies. Alunos da Chatsborne usavam roupas normais na escola, o que significava vestidos florais vintage e camisetas irônicas que eles mesmos haviam serigrafado *em casa*. Alunos da Chatsborne eram inteligentes, covardes, covardes por serem inteligentes, uma escola inteira composta de líderes que comiam tajine vegetariano em tigelas esculpidas por eles mesmos, sobre móveis que haviam montado com madeira de demolição. Corretores imobiliários vangloriavam a inclusão das propriedades na área da escola antes mesmo de mencionar o número de quartos, as áreas de influência, confiança e elegância marcadas no mapa como uma zona radioativa. Bastava andar por aquelas ruas em uma noite de verão para ouvir o violino, o violoncelo e o violão clássico conversando em uma turma do sétimo ano. De todos os nossos instintos tribais, acima de times, marcas ou partidos políticos, a lealdade à escola era o mais forte, e, mesmo que a odiássemos, o elo se mantinha, indelével feito uma tatuagem. Mesmo assim, eu já sentia falta dos breves momentos antes de termos assumido nossos papéis de menino da Merton Grange e menina da Chatsborne.

Seguimos mais um pouco em silêncio.

— Não se preocupe, não vou roubar seu dinheiro da merenda — falei.

Ela sorriu, mas também fechou a cara.

— Não falei nada parecido com isso, falei?

— Não. — Soei amargo. Tentei outra vez: — Nunca vi você por aqui — expliquei, como se andasse pelas ruas procurando garotas.

— Ah, eu moro...

Ela apontou de maneira vaga para as árvores.



Andamos mais um pouco.

— A sua escola costumava armar aquelas brigas com a nossa — disse ela.

— Depois da delegacia, na frente do chinês. Eu sei. Eu costumava ir.

— Para brigar?

— Não, só para assistir. Nunca era uma *briga* de verdade. Todo mundo falava das *facas*, que iam levar *facas*, mas só se você considerar um canivete como *faca*. Normalmente eram só adolescentes jogando água e salgadinhos.

— Nunca leve um canivete para uma guerra com água.

— Mas a Merton Grange sempre ganhava.

— É — concordou ela —, mas será que alguém *ganha* de verdade?

— Guerra é um inferno.

— Essas brigas perto da delegacia... Parecem coisa de gangue, não acha? Eu odeio essas coisas. Ainda bem que acabou, não vou sentir falta delas. Além disso, olhe só para a gente agora, totalmente à vontade...

— Só conversando...

— Estamos nos dando bem, quebrando barreiras...

— É muito emocionante.

— E como você acha que se saiu no vestibular?

Por sorte, chegamos ao terreno da casa grande, ao portão de metal enferrujado que se abria para um gramado irregular, a mansão de madeira logo atrás, imponente o bastante para ser uma distração.

— Eu posso entrar aí?

— Na casa da *sinhá*? Ora, claro que *vosmecê* pode, *minino*.

Mantive o portão aberto para ela, depois hesitei.

— Não consigo subir a ladeira sem você — disse ela. — Você é *literalmente* minha muleta.

Continuamos andando, tropeçando nos pontos mais baixos da terraplanagem, chamados de *ha-ha*, tanto uma fonte quanto a resposta para piadas bobas desde o século XVIII. De perto, o jardim ornamental parecia bagunçado e esturricado: canteiros de rosas secos, um pedaço de alfeneiro frágil com as pontas amarronzadas.

— Está vendo aquilo? É o famoso labirinto.

— Por que não se escondeu nele?

— Não sou uma *amadora*!

— Que tipo de casa tem um labirinto?

— Uma casa chique. Venha, vou apresentar você para os outros.

— Eu preciso voltar. Minha bicicleta ainda está lá...

— Ninguém vai roubar sua bicicleta. Venha, eles são bem legais.

Além disso, tem gente da sua escola aqui. Você pode dar um oi para eles.

Estávamos atravessando o gramado em direção ao pátio. Ouvi vozes.

— Eu preciso mesmo ir para casa.

— Só um oi. Não vai demorar.

Notei que ela havia me dado o braço, para se apoiar ou talvez para me impedir de fugir e, em um instante, chegamos a um pátio central, com duas mesas de armar cheias de comida e um grupo de mais ou menos dez estranhos, de costas para nós: os rituais particulares e sinistros da Companhia.

— Aqui está ela! — gritou um rapaz todo rosado, de camisa de gola para fora da calça, afastando uma grande mecha de cabelo dos olhos. — A campeã voltou!

Tive a impressão de conhecê-lo de algum lugar, mas, antes que eu conseguisse colocar meu cérebro para trabalhar, todo o resto do clã já havia se virado e gritava e aplaudia enquanto a garota mancava até eles.

— Meu Deus, o que aconteceu? — perguntou o jovem, pegando o braço dela.

Uma mulher mais velha de cabelo branco e curto franziu a testa e estalou a língua, como se o machucado fosse culpa minha.

— Eu cáí — explicou ela. — Esse cara me ajudou a voltar. Desculpe, eu não sei seu nome.

— É Charlie Lewis — disse Lucy Tran, a vietnamita da Merton Grange, a boca rígida evidenciando sua antipatia.

— Meu Deus do Céu, é o Lewis! — gritou outra voz. Helen Beavis gargalhou e enfiou folhas de alface na boca com as costas da mão. — Não acredito nisso, seu maluco!

— Eu só estava andando de bicicleta, no campo, e...

— Oi, Charlie, seja bem-vindo! — cumprimentou o Pequeno Colin Smart, único integrante homem do Clube de Teatro da escola.

O rapaz de franja marchou em minha direção, marcas escuras de suor nas axilas, braços estendidos, com uma força tão determinada que dei um passo para trás, de encontro à parede.

— Oi, Charlie. Você é um recruta novo? Espero que sim! *Precisamos* de você, Charlie! — Ele envolveu a minha mão com a dele e balançou meu braço para cima e para baixo. — Pegue um pouco de salada e vamos ver como podemos encaixar você.

Então me dei conta de onde já tinha visto aquele cara, o que ele representava e que eu devia fugir.

## Cooperativa de Teatro A Trinta Pés

•••

Nas últimas semanas do nosso último ano, todos tínhamos sido levados até o salão para uma assembleia muito importante com convidados muito especiais. Normalmente isso significava algo escabroso, talvez uma palestra sobre segurança nas estradas com demonstrações sangrentas. No ano anterior, um policial havia esmagado uma couve-flor com uma marreta para ilustrar o efeito do ecstasy no cérebro e, logo depois, uma moça legal e nervosa tinha ido falar conosco sobre sexo no contexto de uma relação saudável e amorosa. As portas haviam sido solenemente fechadas, e as luzes, enfraquecidas.

— Podem ficar em silêncio, por favor? — tinha implorado ela, passando os slides de tons fortes de rosa e roxo ao som de risadas, gritos e berros horrorizados.

Eu vinha pensando muito sobre trabalho e me perguntei que caminho profissional estranho e sinuoso havia levado aquela mulher até ali, a visitas ansiosas de escola em escola, com uma caixa de slides exibindo algumas variedades de pênis.

— São as piores fotos de férias possíveis — disse Harper.

Nós rimos como se nada daquilo fosse da nossa conta. *Clique, clique*, soavam os slides passando.

— Assim como flocos de neve — disse a moça legal —, nenhum pênis é exatamente igual ao outro.

E eu me perguntei: como é que eles *sabem*?

— Como é que vocês sabem?

— Usando um microscópio — respondeu Lloyd, antes de me dar um soco no meio das pernas.

Por isso, uma sensação palpável de decepção surgiu quando nos sentamos diante de um rapaz rosado e sorridente, com uma franja

comprida sobre os olhos, e uma mulher ossuda da mesma idade, o cabelo preto bem esticado para trás. Diante deles havia uma caixa de som que tocava fitas cassete, como uma forma escura ameaçadora.

O Sr. Pascoe havia batido palmas duas vezes.

— Sentem-se. Lloyd, o plural inclui você ou será que você tem qualidades singulares que até hoje não foram descobertas? Não? Então sente-se. Certo. Eu gostaria de apresentar a vocês nossos convidados especiais de hoje. São especiais por suas conquistas, por suas ambições...

— Por suas necessidades — disse Harper, me fazendo rir.

— Lewis! Charles Lewis, qual é o seu problema?

— Desculpe, senhor! — falei, depois olhei para o chão e, quando me volvei para a frente, notei que o rapaz no palco estava sorrindo para mim.

Ele deu uma piscadela solidária. Odiei aquilo.

— Nossos convidados são formandos da Universidade de Oxford! Eles vieram aqui contar sobre um projeto muito empolgante, então, por favor, vamos dar as boas-vindas de Merton Grange a... esperem um pouco... — Ele consultou suas anotações. — Ivor e Alina da... — Outra consulta. — Cooperativa de Teatro A Trinta Pés!

Ivor e Alina se curvaram para a frente com tanto ímpeto que as cadeiras em que estavam escorregaram para trás.

— Como vocês estão, gente, tudo bem? — gritou Ivor, gordinho, de olhos arregalados como um King Charles Spaniel mimado.

Bem, murmuramos, mas Ivor tinha a atitude convencida e persuasiva que conhecíamos de programas de TV infantis. Ele pôs a mão em concha em torno da orelha.

— Não estou ouvindo!

— Claro que ele está ouvindo — disse Fox. — É uma armadilha.

— Uma artimanha — afirmou Lloyd. — Uma artimanha muito esperta.

— Vamos tentar de novo! Como vocês estão?

Ficamos quietos.

— Ah, vocês parecem muito tristes! — disse Alina, curvando os cantos da boca para baixo e inclinando a cabeça para o lado.

— Ai, meu Deus, são dois! — exclamou Lloyd.

Mas Alina tinha um sotaque europeu, tcheco ou talvez húngaro, o que a tornava sensual e intrigante para nós.

— Estamos aqui para falar de uma oportunidade fantástica — disse Ivor — que vocês vão ter neste verão. É um grande projeto, para o qual estamos muito animados. Me digam: quem aqui já ouviu falar de um tal de Sr. William Shakespeare? Só vocês? Nossa, como vocês são tímidos. Está bem, vamos tentar assim: quem aqui *nunca* ouviu falar de um tal de Sr. William Shakespeare? O Cisne de Avon! O Bardo! O Corvo Próspero! Viram? Todos vocês já ouviram falar dele!

— E quem aqui pode citar uma frase de Shakespeare para nós? — perguntou Alina.

Uma mão disparou para o alto. Suki Jewell, a representante da turma.

— Ser ou não ser — sussurrou Harper.

— Ser ou não ser! — gritou Suki.

— Eis a questão! Muito bem! *Hamlet!* Mais alguém?

Das primeiras fileiras do salão, os alunos premiados gritavam:

— Pobre Yorick!

— É um punhal que vejo diante de mim?

— Eis o inverno da nossa desesperança!

— É melhor ter amado e perdido — gritou Suki Jewell — do que nunca ter amado.

Ivor franziu a testa, consolador.

— Na verdade, isso é de Tennyson.

— É, é de Tennyson, sua burra — disse Lloyd.

Alina tomou a fala:

— Mas pensem no seguinte: vocês sabiam que todos nós usamos a linguagem de Shakespeare, mesmo sem perceber? — De olhos escuros, traços marcantes, o cabelo bem puxado para trás, Alina parecia menos confortável com calça de ginástica e moletom, uma bailarina fugindo da prisão. — Estão me ouvindo? Porque não vou falar se não estiverem ouvindo. Muito bem, me digam: alguém aqui já escutou a expressão “admirável mundo novo”? Alguns de vocês. Certo, e “quebrar o gelo”, por exemplo, em “vamos quebrar o gelo nesta festa”?

— Que tal “fracos de coração”? — quis saber Ivor. — Ou “conclusão previsível”?

— Vocês sabiam... — começou Alina.

— Não — respondeu Fox.

— ... que quando usam a expressão “há um método na minha loucura”, estão citando Will?

— Quem é que diz “há um método na minha loucura”? — falou Lloyd.

— E quando contam uma piada que começa com “toc, toc” estão citando... a peça escocesa!

Ivor piscou e sussurrou, cobrindo a boca com a mão:

— Ela está falando de *Macbeth*!

O Pequeno Colin Smart, do Clube de Teatro, riu.

— Ei! Smart — sibilou Lloyd para a ponta da fileira. — Não ria disso, idiota.

— Agir de maneira leviana! — continuou Alina.

— Com os olhos da mente! — exclamou Ivor.

— Motivo de chacota!

— O amor é cego!

— O leite da bondade humana!

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou Harper. — Já deu para entender.

Mas eles ainda não haviam acabado, porque Ivor cruzou os braços e fez uma pose enquanto Alina dava play no som.

Eles se agacharam, as mãos nos joelhos, os rostos próximos. Uma pausa, desconfortavelmente longa, e então uma leve batida de hip-hop começou. Como temíamos, era mais uma tentativa de nos convencer de que Shakespeare tinha sido o primeiro rapper.

— Descanso eterno!

— Às vésperas do julgamento final!

— Me espremeu até a última gota!

— Era um prato digno dos deuses!

— A gente nem gosta de rap — disse Lloyd, suspirando. — O que faz esses dois acharem que a gente gosta de rap?

— Agir de maneira leviana!

— Já falaram isso — avisou Harper.

— Você me deixa com os nervos à flor da pele!

— Não, *vocês* me deixam com os nervos à flor da pele — retrucou Lloyd.

— Você já viu dias melhores!

— Vou sufocar você com meu carinho!  
— Me sufoquem com alguma coisa — pediu Fox. — Por favor!  
— Você é o Diabo encarnado!  
— Rá! O ciúme é o monstro dos olhos verdes!  
— Esses dois são literalmente as piores pessoas do mundo...  
E de repente o Sr. Pascoe ficou de pé.  
— Harper! Fox! Lloyd! O que estão fazendo?  
— Citando Shakespeare, professor — explicou Fox.  
— Tem um método na nossa loucura, senhor — disse Lloyd.  
— Para fora. Agora!  
— Uma conclusão previsível — murmurou Harper.  
— Somos motivo de chacota — lembrou Lloyd.  
— De uma só vez — disse Fox, enquanto os três se espremiavam para passar por mim, arrastando as cadeiras.

Depois que a porta vaivém se fechou, Alina parou a fita e Ivor deu mais um passo à frente.

— Bom. A questão é a seguinte...

— Tem uma peça...

— É sobre *gangues*, *violência*, sobre pertencimento, preconceito, amor e... — Ivor fez uma pausa antes de dar a tacada final: — Sobre sexo! — Ele esperou, a cabeça inclinada para o lado, enquanto murmúrios percorriam o salão. — É uma peça de William Shakespeare. E se chama...

— *Romeu. E. Julieta*. Se vocês acham que sabem tudo sobre ela, podem acreditar, não sabem. A CTATP vai montar essa peça durante as férias em um teatro novo, muito impressionante.

— E vocês... — Ivor estendeu as mãos, dois dedos de cada mão apontando para os lados, feito um membro de gangue — ... vão ser as estrelas! Cinco semanas de ensaio, quatro apresentações. Vamos aprender a *dançar*, vamos aprender a *lutar*...

— Vamos aprender a *ser* — disse Alina, analisando as fileiras com os olhos escuros. Pela primeira vez, ficamos totalmente parados e em silêncio. — A *ser*, tanto no palco quanto fora dele. Todos vamos aprender um pouco sobre como andar por este mundo, sempre presentes e vivos.

— Lembrem-se — avisou Ivor. — A Trinta Pés não é nossa, é de *vocês*. — Ele pressionou uma palma da mão contra a outra, entrelaçou os



dedos e sacudiu as mãos como se fossem um sino. — *Precisamos* de vocês. Não temos como fazer isso sem vocês.

— Por favor — pediu Alina. — Venham. Juntem-se à gente.

•••

— Não vim participar — fiz questão de explicar no mesmo instante. Talvez até tenha gritado.

— Está bem — disse Ivor. — Mas você não sabe o que...

— Seja o que for, não quero fazer parte. Só estava ajudando a menina. — Procurei por ela, que estava de pé perto da mesa, servindo comida em um prato de papel. — Tenho que ir agora.

— Está bem. Tem certeza? Porque precisamos muito de meninos.

— É, não de mim. Tenho que ir. Desculpe. Tchou, Lucy, Colin. Tchou, Helen.

E, antes que eles pudessem responder, eu já estava em passo rápido pelo pátio, atravessando o gramado e passando pelo labirinto...

— Espere!

... pulando atrás da cerca para me esconder desabalado...

— Com licença! Não pode esperar um pouco? Ah, pelo amor de Deus...

... e eu me virei a tempo de vê-la mancando na minha direção, o prato de papel amassado deixando uma trilha de comida. Esperei perto do portão.

— Olhe — disse ela, rindo —, você me fez derrubar o cuscuz. — Ela sacudiu o resto da substância arenosa na grama. — Cuscuz no *ha-ha*. Meu Deus do Céu, deve ser a coisa mais burguesa... Bom, eu só queria agradecer. Por ter me ajudado.

— Tudo bem.

— Tem certeza de que não quer ficar?

— Não sou ator.

— acredite em mim. Estou aqui há uma semana e ninguém aqui é ator, nem eu. É que é... divertido, sabe? Para começar, são só brincadeiras teatrais e improvisações. Eu sei que isso não é muito convincente...

— Eu não posso mesmo...

— Quer dizer, “brincadeiras” e “teatro” são duas palavras que a gente não gosta de ver juntas.

— Desculpe, eu tenho que...

— Mas vamos começar a peça na semana que vem. É *Romeu e Julieta*.

— Não faz meu estilo.

— Porque é Shakespeare?

— Tudo isso não faz meu...

*Não diga “estilo” de novo.*

...

...

— Estilo.

— Tudo bem. Bom. É uma pena. Foi um prazer.

— O prazer foi meu. Vejo você por aí?

— Vai me ver se vier amanhã! Não? Está bem. — Ela começou a limpar a perna nua. — Droga de cuscuz. Eu nem gosto de cuscuz. Nove e meia, caso mude de ideia. Você não vai se arrepender. Ou talvez sim. O que quero dizer é que provavelmente vai se arrepender, mas, pelo menos...

— Bom, é melhor eu...

— Não sei seu nome.

— Charlie. Lewis. Charlie Lewis.

— Foi um prazer, Charlie Lewis.

— O prazer foi meu. Então.

...

...

— Você não vai perguntar meu nome?

— Desculpe, você é a...?

— Fran. É Frances, com “e”, então é Fran Fisher. O que posso fazer? Meus pais são idiotas. Bom, não são, mas... Bom. Mas, enfim. Obrigada. Tchau.

Ela se virou e se afastou, e eu a vi dobrar o prato em quatro e enfiá-lo no bolso da saia jeans. Depois ela se virou e confirmou o que já devia saber, que eu a estava observando.

— Tchau, Charlie Lewis!

Ergui a mão e ela fez o mesmo, mas nunca mais voltei, e aquela foi a última vez que vi Fran Fisher.

Onde será que ela está agora?

## Primeira vista



Sei onde ela está agora. Eu voltei porque era inconcebível que nunca mais visse aquele rosto e, se fazer isso significava participar de brincadeiras teatrais por metade do dia, então esse era o preço que eu ia pagar.

Mas talvez isso também não seja realmente verdade. Talvez eu logo a tivesse esquecido. Quando essas histórias — histórias de amor — são contadas, é difícil não atribuir significado e inevitabilidade a acontecimentos aleatórios e absolutamente inócuos. Romantizamos as coisas; um olhar e algo muda, uma chama é acesa, engrenagens se movimentam em algum grande aparelho celestial. Mas o “amor” do “amor à primeira vista” é, pelo que eu suspeito, apenas aplicado em retrospecto, sobreposto como uma trilha sonora orquestral quando o fim da história é conhecido e os olhares, sorrisos e mãos se tocando podem ganhar uma importância que quase nunca têm no instante em que acontecem.

É verdade que achei Fran bonita, mas eu achava isso sobre alguém entre cinco e dez vezes por dia e, mesmo sozinho, pensava enquanto via TV. É verdade que, durante nosso primeiro encontro, uma voz clara e insistente em minha cabeça exigia *concentre-se, isso vai ser importante, concentre-se*, e também é verdade que parte daquilo devia ser apenas sexo, esse ruído era o pano de fundo de qualquer conversa que tivesse com uma menina na época, feito um alarme de carro que ninguém consegue desligar. Parte daquilo era uma visão romântica mais convencional e menos tórrida, uma montagem momentânea do futuro — mãos dadas, andando por uma loja de departamentos ou nos balanços do Parque do Cocô de Cachorro —, e me perguntei como aquilo seria visto de fora e como me sentiria, com toda aquela *companhia*.

Nunca na vida eu havia estado mais preparado para me apaixonar, nem antes, nem depois daquela época. Tinha certeza de que pegar aquela febre me inocularia contra todos os outros medos e preocupações. Eu queria mudar, queria que algo *acontecesse*, alguma aventura, e me apaixonar parecia mais possível do que, por exemplo, solucionar um assassinato. Mas, apesar de achá-la bonita, eu não fui tocado por uma varinha de condão, não ouvi um dedilhar de harpa nem vi uma mudança na luz. Se estivesse mais ocupado naquelas férias de verão, ou mais feliz em casa, talvez não tivesse pensado tanto nela. Mas não estava nem ocupado, nem feliz, então me apaixonei.

• • •

Lembro-me de ter sentido medo de não conseguir lembrar o rosto dela. A toda velocidade pela luz estroboscópica da pista arborizada, sentado com as costas retas no banco da bicicleta, o vento chicoteando meu peito, tentei combinar as características de que me lembrava com alguém familiar, alguém da televisão cujo rosto eu pudesse usar como modelo. Mas ninguém se encaixava direito, e, antes de chegar ao cruzamento e virar na direção da cidade, o rosto dela começou a se apagar como uma fotografia sem fixador: formato do nariz, tom de azul, dente quebrado, a grande curva do crânio, a constelação precisa de manchas e sardas... Como eu ia me lembrar? Tive a ideia brega de desenhá-la assim que chegasse em casa, alguns traços, um gesto, o modo como ela havia puxado a parte de trás da saia jeans ou colocado a franja atrás da orelha. Até então, eu havia basicamente focado em zumbis e insetos alienígenas. Talvez Fran Fisher fosse meu primeiro tema de valor, a “coisa *real*” que Helen havia me dito para desenhar, e continuei evocando os traços dela da mesma forma que tentamos decorar um número de telefone: *formato do nariz, tom de azul, dente quebrado, a grande curva do crânio, a constelação precisa de...*

Telefone. Por que eu simplesmente não havia pedido o telefone dela? Era disso que eu precisava. Ia pegar da próxima vez que a visse.

Da próxima vez.

Eu me lembro de sentir uma grande onda de ciúmes do namorado dela, sem saber quem era nem se existia. Com certeza tinha um, porque

todas as meninas de Chatsborne vinham com um namorado de beleza e status iguais aos delas, com quem sempre transavam na piscina dos pais ou em noites insones e cheias de drogas. Alguns alunos da Merton Grange tinham “relacionamentos”, mas eles logo estabeleciam um tipo de paródia de domesticidade — chás no colo diante da TV, passeios pelas lojas — como se tivessem ficado presos em uma brincadeira de casinha muito exigente. Por outro lado, alunos da Chatsborne eram decadentes, rebeldes e livres como os jovens encantados de *Fuga do Século XXIII* ou alunos de intercâmbio. De todos os marcos do caminho para a idade adulta — votar, dirigir um carro, beber legalmente —, o mais elusivo para um menino da Merton Grange era ver uma alça de sutiã sem puxá-la. Não para ser um idiota: era um grande rito de passagem que ainda tínhamos que enfrentar. Mesmo se ela fosse solteira, por que Fran Fisher se interessaria por um garoto assim, que nem eu?

Por fim, percebi que qualquer emoção que pudesse ter sentido experimentalmente como “amor” era tão irrelevante e obsoleta quanto uma caixa de brinquedos de criança. Becky Boyne, Sharon Findlay, Emily Joyce... no que eu estava pensando? Aquela era uma emoção totalmente nova e, mesmo que fosse cedo demais para chamar de amor, eu estava disposto a chamá-la de esperança.

Nada daquilo podia ser dito em voz alta — para quem? —, e eu também não tive muito tempo para pensar no assunto, já que, quando entrei no largo Thackeray, vi o vermelho do novo Mini e, na janela de trás, o rosto da minha irmã Billie, que desviara os olhos do livro.

Minha mãe tinha vindo me visitar.

## Minha mãe



Quando eu era pequeno — quando a história ainda parecia crível —, meus pais costumavam me contar como tinham se apaixonado. Eles eram estudantes: minha mãe queria ser enfermeira, e meu pai estava no meio do curso de contabilidade que meio que tinha abandonado para tocar saxofone em bandas universitárias de qualidade variável — naquele caso, a Goitre, uma banda de cinco pessoas no estilo punk-funk, ou funk-punk, que fez o primeiro e único show no centro acadêmico da Politécnica de Portsmouth. Punk e funk, ao que parece, não eram compatíveis, mas, nos momentos em que não tinha ficado olhando para o chão, minha mãe vira o único membro da banda que tivera o bom senso de se envergonhar: o saxofonista. Ela rira das expressões cômicas que ele fazia pelas costas do cantor e também notara que ele era capaz de tocar o instrumento que tinha nas mãos, então fizera questão de parar ao lado dele no bar, onde ele estava encolhido, tirando depressa o rímel com a ponta de uma toalhinha, como alguém tirando um disfarce às pressas. Ela o segurara pelo braço.

— Aquilo — dissera — foi simplesmente... *horrível*.

E ele olhara para ela de perto por um instante e rira.

— E foi assim — costumava dizer meu pai. — Amor à primeira vista.

Minha mãe grunhia, revirava os olhos e jogava uma almofada, mas, ainda assim, eu adorava a história: minha mãe ao lado do meu pai no bar e assim eu tinha surgido.

Há uma foto deles, tirada logo depois do primeiro encontro, com cigarros e jaquetas de couro idênticas na saída de incêndio da única parte de Gosport que parece com o East Village. Baixa, os olhos pretos atrás de uma franja preta, minha mãe parece feroz e imbatível, e meu pai está a seu lado, o cigarro erguido, como se escrevesse o nome dela no ar, rindo

com os dentes tortos; *meu Deus, olhe para esta mulher incrível*. Todos os casais deviam ter uma foto como aquela, a capa do seu álbum imaginário. Eles pareciam invencíveis, cheios de energia e esperança para o futuro que compartilhariam.

Minha mãe deixou meu pai na primavera de 1997, apesar de eu suspeitar que ela vinha planejando a partida havia muito tempo. O negócio do meu pai — uma pequena cadeia de lojas de discos — tinha finalmente sucumbido, e, no inverno triste que se seguira à falência, acabamos cada vez mais dependentes da determinação, da resiliência e do poder de persuasão dela. Como íamos viver sem ela? Pensar em ir embora deve ter sido como escolher o momento de pular de um trem em movimento: não adiantava ficar a bordo nem havia como saltar sem se ferir.

Por isso, ela havia ficado. Lembro a energia ríspida, impassível, que ela tivera para recolher os restos aproveitáveis da última loja do meu pai, encaixotando o estoque, puxando o carpete, como nas imagens de famílias inspecionando os danos depois de uma enchente desastrosa. Lembro-me também do sorriso que ela dera na apresentação cuidadosamente elaborada, criada para nos dizer que teríamos que sair de casa. Vendê-la nos daria certo capital, seja qual fosse, para pagar algumas dívidas. A casa nova, menor, diferente, mas muito boa, daria a nós todos uma chance de recomeçar. Recuperar o fôlego, nos reerguer: era a linguagem do ringue de boxe, e minha mãe era a treinadora, dedicada e inabalável, enquanto meu pai desabava, ferido e abatido, na banquetta do canto.

Tarde naquela noite, incapaz de dormir, desci e a encontrei na cozinha, analisando a papelada. Querendo me tranquilizar, me forcei a dizer a palavra:

— Então a gente está... falido?

Vi os ombros dela enrijecerem.

— Onde você ouviu isso?

— Você e o papai conversando.

— Preferia que você não bisbilhotasse a gente.

— Vocês estavam gritando, então...

Ela havia estendido a mão sobre as costas da cadeira, me chamando.



— Bom, sim, tecnicamente. Não a gente e com certeza não você, mas o papai, porque o negócio estava no nome dele, sendo que, na verdade, não é um desastre! — Deixei a confiança dela me contagiar. — Falência é só um termo legal. É um jeito de acertar as dívidas quando alguma coisa não dá certo. Não é que não *deu certo*, só parou de vender. É um acerto de contas. Significa que não vai ter gente batendo na nossa porta. Nós só... liquidamos tudo e pagamos a parte de cada um.

— A parte do quê?

— Dos bens, do que quer que a gente ainda tenha para vender.

Pensei no carpete arrancado, nas prateleiras, nas caixas de CDs marcadas como “World Music”. Eu não tinha muita esperança pelos credores, mas sabia que meu pai era patologicamente honrado em relação a dinheiro. Ele tinha pedido um grande empréstimo para salvar o negócio, e, à medida que cada loja foi fechando, a necessidade de pagar a dívida havia exigido outras dívidas em cartões de crédito secretos, poupanças pessoais transferidas para contas empresariais até não ter mais como se esconder. Quando criança, eu costumava tirar os legumes do prato às escondidas, jogando-os no chão. A estratégia do meu pai não fora muito mais sofisticada do que isso. Ele tinha sido o arquiteto de um esquema de pirâmide no qual era tanto o golpista quanto a vítima e, quando tudo desabou de forma inevitável, meu pai ficou lá, imobilizado pelas contas devidas, pelo aluguel devido, pelos salários devidos. Não conseguir pagar uma rodada de drinques no bar já era uma agonia para ele, imagine então não pagar os funcionários... Apesar do acerto de contas oferecido pela falência, o fracasso o havia transformado em criminoso, ladrão. Ainda assim minha mãe se agarrava àquilo.

— Na verdade, é uma oportunidade disfarçada. Considerando tudo, é mesmo uma coisa boa.

Aquilo me fez pensar: como íamos nos virar se algo ruim acontecesse?

Por isso, o largo Thackeray era um tipo de penitência e era mesmo o que parecia. Na primeira tempestade, grandes manchas cinza de umidade apareceram no teto dos nossos quartos. Os aquecedores que economizavam energia faziam com que nós nos debatêssemos e suássemos às três da manhã, tremêssemos e ficássemos de nariz vermelho às quatro da tarde. Quando tínhamos visto a casa pela primeira vez, meu pai explicara como marinheiros de submarinos, amontoados durante os

longos períodos de trabalho, superavam a claustrofobia levando com eles apenas alguns pertences, que eram guardados logo após o uso e sempre no lugar certo. Mas, em vez de levarmos uma vida de minimalismo eficiente, estávamos perpetuamente nos esforçando para encontrar lugares onde guardar as coisas. Tínhamos visto a casa sem móveis e, depois, as paredes curvas haviam feito os móveis, a máquina de lavar e a TV invadirem nossos quartos como se nos atacassem. Nada se encaixava e nada parecia certo. Centenas de pequenas irritações: portas de armários que não se fechavam, uma pia rasa demais para encher a chaleira, uma banheira pequena demais para minha mãe esticar até mesmo suas pernas curtas.

— Eu só quero uma parede reta para pendurar um quadro! Um canto, um canto para colocar uma cadeira!

Ela sempre tivera a capacidade de rir das adversidades, encolhida em uma tenda em meio à ventania do parque nacional Exmoor ou esperando por um mecânico em uma curva fechada na estrada, mas esse dom estava desaparecendo e ela começara a bater portas, chutar paredes, jogar sapatos.

— Por que isso está aqui? Não é aqui que colocamos os sapatos!

*Das Boot*, era como minha mãe chamava a casa. Não era à toa que os marinheiros que trabalhavam em submarinos enlouqueciam. Não era culpa da casa, mas, mesmo assim, eu me perguntava quantas famílias estáveis desmoronavam por conta do vidro duplo vagabundo, do trauma do reforço das fundações, da pontada de raiva que dá a cada dia.

Nossos pais se tornaram estranhos para nós, abduzidos e reprogramados como adversários. Dos, imagino, vinte e um aos sessenta e cinco anos, quando oficialmente se tornaram velhos, eu sempre tinha suposto que adultos se mantinham mais ou menos iguais, sobretudo os pais. Essa não era a definição da idade adulta, o fim das mudanças? Não era o dever deles se manterem constantes? Mas meu pai, conhecido pela mansidão divertida e abismada, se tornou cada vez mais irritado, uma emoção que mal tínhamos testemunhado antes. Com tempo demais nas mãos, ele ficou obcecado em “melhorar a casa” e se esforçava para substituir o espelho embaçado do banheiro, as claraboias que vazavam, a cortina do banheiro que despencava. Ele havia prendido prateleiras nas paredes de gesso com a ponta de uma colher de chá, consertado as

rachaduras resultantes com argamassa misturada em uma tigela de cereal, aplicado com uma faca de manteiga e depois entupido a pia com o resto da massa, e mais portas haviam batido, mais gritos soados pelas paredes frágeis.

A resposta da minha mãe a toda aquela restrição tinha sido erguer a cabeça e ampliar os horizontes. Aparentemente sem qualquer esforço, ela havia conseguido um emprego no clube de golfe local, ajudando a coordenar eventos, casamentos, aniversários, festas de setenta anos. Era o tipo de instituição que antes ela havia considerado provinciana e antiquada, mas minha mãe sempre tinha sido eficiente, persuasiva e capaz de encantar a todos e o salário era muito melhor do que qualquer coisa que ela poderia ganhar no hospital. Se você já coordenou o turno noturno de uma unidade geriátrica lotada, ela dissera a eles, então coordenação de eventos no Rotary Club não seria problema. Na verdade, eram basicamente a mesma coisa! Esse fora o argumento dela e tinha funcionado, por isso havíamos nos acostumado a vê-la calçar saltos altos no sábado de manhã cedo e ouvir o carro voltar na madrugada de domingo. Ela passou a fazer as unhas e passar blusas finas na frente da TV. Blusas finas! A ideia de minha mãe ter algo assim, além de uma saia-lápis, um fichário, o próprio e-mail — a primeira vez que ouvira falar em algo parecido —, era estranha, mas algo com que podíamos conviver se significasse menos ansiedade em relação à conta de luz. Talvez até nos acostumássemos com a presença alarmante do meu pai em casa, a alegria forçada e maníaca que ele trazia ao servir o café da manhã, conferir nosso dever de casa, fazer compras. Estávamos recuperando o fôlego, nos reerguendo.

Mas, ainda assim, uma inquietação profunda se mantinha, e Billie e eu ficávamos deitados nos beliches, nos revirando de ansiedade enquanto ouvíamos vozes se alternando para retrucar, gritar, acalmar.

— Acho que o papai está enlouquecendo — disse Billie certa noite.  
— Papai pirado.

E esse se tornou nosso código secreto para os momentos em que o flagrávamos parado, de pé, encarando e encarando.

Minha mãe aguentou firme. Fez novos amigos, trabalhou mais horas. Recebeu elogios e horas extras, mudou as roupas e o cabelo. Meu pai via aquilo e reagia de modo estranhamente maldoso e sarcástico. Ela sempre

havia sido de esquerda, firme e nada sentimental. Mas havia passado a se perguntar: será que o helicóptero da noiva podia pousar no décimo oitavo buraco do campo de golfe? Eles tinham passado a evitar o olhar um do outro, a não ser nos momentos em que minha mãe atendia o celular — um celular! — fora do horário de trabalho, quando os dois se olhavam de cara feia, com uma raiva mal contida, enquanto ela falava com uma voz que ele não reconhecia mais. O respeito e a compreensão também se esvaíam, e nós não podíamos fazer nada para impedir o fluxo, e o medo de onde aquilo terminaria passara a envolver e sufocar todos os momentos que eu passava acordado.

Pouco antes da Páscoa do meu último ano na escola, voltei de outro dia comum para uma casa silenciosa. Supus que a casa estava vazia, então levei um susto e gritei quando fui para o sofá e encontrei meu pai deitado, o rosto muito vermelho, as mãos enfiadas nas mangas do casaco.

— A mamãe foi embora, Charlie — disse ele.

— Como assim, para o trabalho?

— Ela conheceu outra pessoa. Desculpe.

— Do que você está falando, pai?

— Por favor, meu amor, não me obrigue a falar. Ela foi embora. Foi embora com outra pessoa.

— Mas ela vai voltar, não é? Ela vai voltar?

Eu já tinha visto meu pai chorar algumas vezes, mas só em uma festa ou um casamento, um avermelhado sentimental nos olhos, e nunca aquela careta horrível. Tenho certeza de que havia acontecido, mas atrás de portas fechadas. Só que ali estava ele, encolhido como se estivesse se protegendo de golpes, e eu queria poder dizer que o abracei de forma instintiva ou tentei oferecer algum carinho. No entanto, mantive certa distância, um observador não qualificado para agir e pouco disposto a me envolver, assustado demais para fazer qualquer coisa a não ser sair correndo, subir depressa na bicicleta e fugir.

Billie estava entrando no largo, voltando da escola.

— O que houve, Charlie?

— Vá falar com o papai.

Os olhos dela se arregalaram.

— Por quê? O que aconteceu? O que aconteceu?!

— Anda logo! — gritei, me virando para vê-la saindo às pressas.

Minha irmã, aos doze anos, sabia o que fazer. Saí em disparada do condomínio e entrei no anel rodoviário, para descobrir se ela tinha mesmo nos deixado.

## É para se comportar



O clube de golfe era uma construção absurda, tão pedante e pomposa quanto seus membros. Pintado de branco com detalhes em gesso, teria sido um ótimo cenário para qualquer mistério de Agatha Christie, não fosse a estufa dos anos 1980 grudada na lateral. Nas visitas que tinha feito com minha mãe, eu acabara odiando o lugar, o cheiro de loção pós-barba e gim-tônica, as risadas no bar, as roupas chiques, o “Danúbio azul” que tocava sem parar e nos acompanhava até nos banheiros, onde havia desenhos incompreensíveis de golfe na altura dos olhos. Odiava como minha mãe se comportava lá, a voz que ela usava, o terninho ridículo.

— É para se comportar — dizia ela.

Eu não costumava me comportar mal, mas aquelas palavras me davam vontade de pegar o taco pesado de um dos idiotas no saguão e destruir as tigelas de pot-pourri, os pacotinhos de biscoito, os retrovisores dos BMWs e Range Rovers no estacionamento, que arranho com cascalho ao pular da bicicleta e largá-la no chão, as rodas ainda girando, enquanto corro pelo saguão.

*Com licença, posso ajudar? Está procurando alguém? Com licença, meu jovem! Meu jovem, pare!* A recepcionista bateu na campainha do balcão, ding-ding-ding, enquanto eu olhava para a esquerda e para a direita e avistava minha mãe vindo do bar, clac-clac-clac, caminhando depressa com sua saia-lápis, sorrindo — sorrindo! — como se eu tivesse chegado para conversar sobre os gastos com o jantar de Natal da firma.

— Obrigada, Janet, eu cuido disso. Oi, Charlie...

— Papai disse que você saiu de casa.

— Podemos entrar aqui?

Ela havia me pegado pelo cotovelo e me arrastado do saguão...

— É verdade?

... feito alguém da segurança, como se tivessem me flagrado roubando, e abria portas de salas de conferência e escritórios, procurando um lugar para me esconder...

— Deixei uma carta para você, Charlie. Você leu a carta, Charlie?

— Não, vim direito para cá.

— Bom, eu pedi que ele entregasse para você.

... e a cada sala ocupada que encontrava, ela dava aquele sorriso profissional e fechava bem a porta.

— Mãe, é verdade? — Puxei meu cotovelo da mão dela. — Fala logo!

Seu sorriso falhou. Ela pegou minha mão e, segurando-a com força, encostou a testa na minha por um instante, depois olhou depressa para a esquerda e para a direita, e então para uma porta atrás de nós, abrindo-a com o ombro e me virando para entrar em um armário quente e abafado, isolado acusticamente por rolos de papel higiênico e toalhas de mão. Ficamos ali, no meio de esfregões e baldes.

— Charlie, você não pode vir aqui...

— Mas é verdade que você está saindo de casa?

— Por enquanto, é.

— Para onde você vai? Não estou entendendo.

— Estava tudo na carta. — Ela estalou a língua. — Eu falei para ele entregar para...

— Só me diga! Por favor!

Ela suspirou e, como se desinchasse, se deixou deslizar pela porta, agachando.

— Não tem sido fácil viver com seu pai nos últimos anos...

— É mesmo? Porque eu não notei isso...

— Não foi fácil para nenhum de nós. Fiz o melhor que pude, eu acho, para segurar as pontas, e eu ainda amo seu pai, amo todos vocês. Mas... — Ela fez uma pausa, franziu a testa, lambeu os lábios, depois escolheu cada palavra. — Fiz outro amigo. Aqui. No trabalho.

— Quem?

— Pus isso na carta, não sei por que ele não entregou para você...

— Tudo bem. Vou pegar essa tal carta...

E comecei a escalar o corpo da minha mãe, chutando os baldes, derrubando esfregões no chão.

— Não faça isso, Charlie. Sente-se. Sente-se! Vou contar para você! Aqui!

Ela agarrou minha mão e me puxou para baixo, emaranhando nossas pernas, presas nos rolos de papel higiênico.

— O nome dele é Jonathan.

— Ele trabalha aqui?

— É, ele cuida dos eventos corporativos.

— Eu conheço?

— Não. Billie já, quando veio para o trabalho comigo. E não, ele não está aqui, então nem me venha com ideias.

— E há quanto tempo...?

— Dois meses.

— Você só trabalha aqui desde janeiro!

— É, e desde então nos tornamos bons amigos.

Dei minha risada mais amarga.

— Você não está sendo muito maduro, Charlie.

— *Bons amigos*. Você parece ter nove anos...

— Está bem, *amantes* então. Melhor assim?

— Pelo amor de Deus, mãe...

— Porque posso tratar você como criança, se quiser, se preferir assim.

— Não, eu só quero...

— ... que eu explique o que está acontecendo e é isso que estou tentando fazer. Não me importo de você ficar irritado, eu espero que fique, mas também espero que me respeite e escute. Está bem? — Ela chutou um balde com o dedão. — Caramba, como eu queria um cigarro!

Apalpei os bolsos.

— E isso também não é engraçado. *Você* está fumando?

— Não!

— Porque, se estiver, vou matar você...

— Não fumo. Me conte logo.

— Conheci Jonathan aqui. Ele é viúvo, tem duas meninas, gêmeas. É um cara legal, muito legal, e a gente conversava um pouco. Eu contava a ele sobre seu pai e ele era muito compreensivo porque tinha ficado mal por um tempo, então sabia como era, e nós ficamos amigos e depois nos tornamos... mais do que amigos. Não me olhe assim. Essas coisas



acontecem, Charlie, você vai entender um dia. Ser casado... não é tão simples quanto amar alguém a vida toda...

— Mas é exatamente isso que é! É isso que um casamento deveria ser. Olhe...

Agarrei a mão dela, puxando seu dedo para trás para mostrar que a aliança ainda estava ali. Ela pegou minhas mãos e as apertou com força.

— É, é, é o que deveria ser, é, mas é complicado, Charlie, é uma bagunça, é doloroso e a gente pode ter sentimentos fortes por outras pessoas, sinceros e fortes de verdade. Você vai entender quando for mais velho...

Enquanto a frase saía de sua boca, eu a vi tentar sugá-la de volta, mas já era tarde. Isso me irritou ainda mais do que “é para se comportar”, e eu chutei a porta. Minha mãe apertou meu joelho, tentando me acalmar.

— Pare com isso! Pare! Charlie? Escute, eu não tenho dúvida de que seu pai é o amor da minha vida, e nem você deveria duvidar disso. Mas eu me tornei a enfermeira dele, não a mulher ou a parceira, e sim a enfermeira, e às vezes... Às vezes, a gente acaba odiando as pessoas de quem deveria cuidar, odiando justamente *porque* você tem que cuidar delas...

— Você odeia o papai?

— Não! Não *odeio* seu pai, eu o amo. Você não me ouviu? Expliquei isso tudo de um jeito melhor na carta...

— Me fale logo!

— Ai, meu Deus! Me desc...

Mas a voz dela ficou presa em alguma coisa. Um brilho oleoso invadiu seus olhos e ela os fechou, pressionando as pontas dos dedos com força nas pálpebras fechadas.

— Estou cansada, Charlie. Só estou muito, muito cansada. Minha presença lá não faz bem ao seu pai e eu não posso passar a vida cuidando dele. Para você, eu sei que sou uma velha, mas me sinto jovem demais para passar os dias... parada.

— Então você vai embora.

— É, vou me mudar por um tempo.

— Você está fugindo.

— Ele também não me quer lá! Ele sabe do Jonathan, falamos algumas coisas um para o outro, é impossível... — Ela grunhiu, exasperada. — Eu

fiz tudo que podia! Tudo, você sabe disso, a não ser que queira continuar vendo seu pai e eu, anos e anos de gritos, berros e sussurros irritados um para o outro no meio da noite...

— Quando cheguei em casa, ele estava encolhido...

— Ai, meu Deus... Não tomei essa decisão sem pensar, Charlie. Não fiz de brincadeira. Estou fazendo isso porque acho que é melhor!

— Melhor para você, talvez.

— Não, para todo mundo!

— Está sendo cruel para ser bondosa?

— Tem um lado de...

— Porque com certeza é cruel para caralho...

— Pare com isso! — disse ela, ríspida, antes de grunhir, enfiar os dedos no cabelo e puxá-lo, como se tentasse se levantar pelo cabelo. — Meu Deus, Charlie, você está dificultando tudo.

— Você queria que eu facilitasse?

— Bom, é, para ser sincera, queria. Não ia achar tão ruim — rosnou ela. Depois exalou, parando um instante para se corrigir. — Não. Pode dizer exatamente o que quiser. — Ela pôs as mãos sobre os olhos, como uma viseira. — O que você quer saber?

— Você vai morar com o...

— Jonathan. Por enquanto, vou.

— Por quanto tempo?

— Não sei. Vamos ver.

— E eu e Billie vamos ficar com o papai.

— Bom... — Ela mordeu o lábio, olhou para a parede e, com certa precisão e cuidado, falou: — A ideia é Billie morar comigo e você ficar com seu pai.

Um momento se passou, uma respiração presa, antes que eu conseguisse falar.

— Posso ir?

— O quê?

— Posso ir com vocês?

— Eu não...

— Com você e Billie?

— Ai, Charlie...

— É sério! Me leve com vocês.

- Não posso!
- Porque eu vou enlouquecer se ficar lá.
- Jonathan tem uma família, ele tem gêmeas.
- Não tem problema.
- Não tem outro quarto.
- Posso ficar no sofá.
- Charlie, eu preciso que você fique com seu pai!
- Por que eu?
- Porque... você é o mais velho...
- Não, *voce* é a mais velha!
- Você sempre foi mais ligado ao seu pai...
- Não, a gente não é ligado. Você quer achar que a gente é porque é mais fácil para você.
- Quando você era pequeno, vocês eram próximos...
- Eu não sou mais pequeno!
- Não, mas vocês podem recuperar isso, voltar a se aproximar.
- Sou mais próximo de você. Quero ir com você e Billie!

Eu havia me esforçado muito para não entrar em pânico, para não deixar o medo transparecer na voz, mas, para minha vergonha, acabei chorando...

— Charlie, eu não vou emigrar. Só vou para um pouco mais longe. Vou estar por perto! Você vai ver Billie na escola todo dia!

... chorando como se tivesse quatro ou cinco anos, arfando, sem fôlego.

— Você não vai estar lá quando eu acordar, não vai estar lá à noite...

— Vocês dois vão ficar bem. Seu pai adora ficar com você...

— Vai ser horrível! Quero ir com você!

Ela também havia começado a chorar e tentava me abraçar, enquanto eu tentava afastá-la.

— Mas o que eu posso fazer, Charlie? Amo você, mas estou muito infeliz, você não tem ideia. Você acha que, porque a gente é adulto... Eu sei que estou sendo egoísta e sei que vai me odiar agora, mas tenho que tentar fazer *alguma coisa*. Tenho que fazer isso e ver no que dá...

De repente, ela foi jogada em cima de mim, impulsionada por alguém que empurrava a porta do depósito.

— Quem está aí? — gritou uma voz masculina.

— Vá embora, Greg! — pediu minha mãe, se esforçando para manter a porta fechada.

— Amy? Preciso de papel-toalha!

— Vá. Embora!

— Tem alguém aí com você? Mas que safada...

Ela deu um tapa forte na porta com a palma da mão.

— Greg, estou implorando, por favor, só... suma daqui! — Depois balbuciou para mim: — Desculpe!

Nós esperamos por um instante, abraçados no chão, como se o pequeno depósito fosse um elevador que havia caído no porão. Eu não sabia quais membros eram meus, quais eram da minha mãe, mas, em algum lugar da bagunça, ela encontrou minha mão, apertou as pontas dos meus dedos e tentou sorrir. Nós nos levantamos desajeitados. Bolas de poeira, feito grandes lagartas gordas, pendiam da saia-lápis, e ela começou a tirá-las com as costas da mão.

— Meu Deus, olhe só para mim. Como estão meus...?

Ela indicou os próprios olhos.

— Panda — respondi.

Ela pegou um rolo de papel higiênico do pacote e enxugou um dos olhos, depois o outro.

— Vou mandar dinheiro e você pode me ligar quando quiser. Vou ligar uma vez por semana, mais ou menos, para ver se você está sobrevivendo. Não só sobrevivendo, ver se você está feliz, se está comendo. — Ela jogou o rolo como se fosse uma bola de basquete na prateleira de metal mais alta. — Eu realmente não acho que vai ser tão diferente assim. Talvez seja até melhor para você. Vão ser só os garotos! Você pode fazer os deveres de casa, estudar em paz. Ou posso ajudar você! O momento é péssimo, eu sei, mas pelo menos você não vai mais viver em um campo de batalha.

— Vou viver em um hospí...

— Pare com isso! — retrucou ela. — Pare agora!

E, virando-se de costas para mim, ela estendeu a mão para uma prateleira alta e pegou um rolo de papel-toalha e, agora ríspida, como se eu não tivesse passado na entrevista, o enfiou embaixo do braço.

— Você já tem idade suficiente para tudo isso, Charlie. — Ela deixou a porta aberta. — E, se não tem... Bom. Está na hora de crescer.

# Esquinas



Nos dias logo após a partida delas, tive uma visão, clara e inevitável, do nosso futuro doméstico: a casa parecendo uma caverna, ossos de animais espalhados pelo chão (como no início de *2001*), meu pai e eu nos comunicando por grunhidos e uivos. Eu teria que me esforçar para evitar aquela queda para a degradação total e fui tomado por um desejo inesperado de organização. Não demorei a aprender a função do armário acima do aquecedor de água, ou como um termostato funcionava, ou como religar a chama-piloto de um aquecedor. A primeira leva de camisetas rosa do uniforme me ensinou a importância de separar as roupas coloridas das brancas. A pilha crescente de cartas fechadas, em sua maioria ainda no nome da minha mãe, me ensinou a forjar a assinatura dela.

Gostaria de poder dizer que aprendi a cozinhar. Na verdade, aprendi a pedir comida. Uma dieta variada e balanceada significava garantir um revezamento rígido entre comida indiana, chinesa e italiana — ou seja, pizza —, que pedíamos a cada três dias, e o quarto era um “dia de sobras”, um tipo de bufê internacional requentado. Eu sabia os números de cor, mas mesmo os prazeres da comida barata e ruim logo se tornaram caros demais para nós, por isso as grandes culinárias do mundo eram suplementadas com uma coisa chamada Tigela de Macarrão do Meu Pai, uma grande panela de espaguete malcozido, grudado como os grandes cabos de uma ponte suspensa, misturado com um cubo de caldo de carne e metade de uma lata de extrato de tomate ou, às vezes, muito tarde da noite, com uma colher de chá de pasta de curry, o que o transformava no Madras de Macarrão do Meu Pai. Com certeza havia marinheiros elisabetanos com dietas mais saudáveis e equilibradas e, apesar de nunca termos passado fome — nós enfiávamos a comida na boca antes mesmo

de os pratos encostarem em nosso colo, como se estivéssemos em uma competição —, logo desenvolvemos a língua gosmenta e a pele gordurosa e pálida daqueles que consideram pesto um legume. Estávamos nos acostumando a uma vida insalubre em todos os aspectos, mas não posso negar que também havia um prazer esquálido naquilo.

— Use um prato — dizia meu pai quando me via comendo curry frio da embalagem de alumínio. — Não somos homens das cavernas.

Não tínhamos chegado àquele ponto, mas estávamos perto.

Às vezes, nos rebelávamos contra aquela vida, andávamos um quilômetro a mais até o supermercado e jogávamos lentilhas, maçãs, cebolas e aipo entre o pão branco fatiado e a carne de segunda. Caminhávamos de volta para casa cheios de planos para sopas saudáveis, ensopados com cevada e pratos que tínhamos visto sendo preparados na TV: tajines, paellas e risotos. Meu pai colocava alguma música maluca de Gene Krupa ou Buddy Rich para tocar.

— Vamos deixar este lugar um brinco — dizia ele, igual a quando eu era pequeno e minha mãe estava prestes a chegar em casa.

Então sentíamos a mesma necessidade de colaboração e rebeldia enquanto limpávamos a fruteira e a enchíamos de peras, pêssegos, kiwis e abacaxis. Os últimos cigarros iam para a lixeira — eu os pegava de volta depois — e os cinzeiros eram lavados e postos na prateleira mais alta.

— A gente se vira, não é? — dizia meu pai. — Os homens da casa. A gente dá um jeito.

Então ele colocava outra coisa para tocar. A música era uma indicação clara e confiável do humor do meu pai, assim como a temperatura de um termômetro. Eu era obrigado a ouvir — a ouvir *de verdade*, sentado com as costas retas, sem jornal ou qualquer distração — *A Love Supreme* ou *The Amazing Bud Powell*, ambos os lados, porque:

— A gente não assiste só à metade de um filme bom.

Ele ficava de pé ao lado do som, balançando a cabeça, erguendo o dedo.

— Olhe só, lá vem!

E observava meu rosto para ver se eu também tinha ouvido. E, às vezes, muito poucas vezes, como se sentisse a força de uma corrente, eu era quase, quase levado com ela. No entanto, na maioria das vezes, era

um exercício de indulgência: eu me esforçava para gostar de algo que ele também gostava.

— É muito bom! — respondia.

Mas eu não sabia diferenciar o bom do ruim, só ouvia o címbalo genérico que chamava, em segredo, de música de *A Pantera Cor-de-Rosa*.

Entretanto, o otimismo do meu pai era um mero estado precário, e logo percebi que aqueles altos eram temporários e recompensados com uma tristeza equivalente. A depressão voltava como uma névoa, a música substituída por grandes períodos de TV assistida sem comprometimento nem alegria. As peras ficavam duras como pedras e os pêssegos viravam polpa mole. Os kiwis fervilhavam e explodiam e os abacaxis murchavam, acumulando um líquido preto grudento inimaginável no fundo da tigela. Meu pai jogava tudo na lixeira, mais uma vez com vergonha de outra iniciativa fracassada de restaurar alguma decência no modo como vivíamos e nos movíamos pelo mundo. Então saía para comprar cigarros.

Quanto a minha mãe, eu ainda a odiava por ter nos deixado, mas já havia qualquer coisa de teórica naquele ódio, como se fosse algo que, como um casamento, tivesse que ser cuidado e mantido. Era mais instintiva a pontada de traição sempre que eu a via, e cada vez mais afiada; a humilhação de não ter sido escolhido para a equipe dela.

Mas acho que também sentia certo orgulho por ser o representante dela na casa. Eu nunca havia sido representante de turma, mas talvez pudesse cumprir esse papel em casa, e era por isso que eu gostava de saber que ela estava indo até lá, para poder passar a impressão de uma ordem saudável, afogar as almofadas, tirar as embalagens de alumínio da geladeira, garantir que meu pai estivesse apresentável e vestido ou, se isso não fosse possível no dia, então ausente. Se soubesse delas com antecedência, as visitas da minha mãe eram como uma inspeção. Eu observava seus olhos analisando tudo. Nada de louça na pia, bom; panos de prato limpos, roupas lavadas no varal, bom saber. A culpa dela era essencial para mim; eu queria cultivá-la como a uma árvore porque queria que ela voltasse. Mas não que ela voltasse porque éramos incapazes. Mesmo enquanto me esforçava para odiá-la, parecia importante que ela tivesse orgulho de mim.

No dia em que conheci Fran Fisher, minha mãe já estava na cozinha, enchendo as prateleiras com compras. Parado à porta, eu a observei usar as unhas para tirar uma crosta de mofo da cesta de pão e jogá-la em um saco de lixo. Em algum lugar da casa, uma mosca gorda batia o corpo contra uma janela à luz da tarde e minha mãe murmurou algo para si mesma enquanto arrumava as compras, um comentário particular cheio de pequenas críticas e reclamações.

— Oi — falei.

Ela olhou por cima do ombro.

— Onde você estava?

*Não é da sua conta.* Nossas conversas vinham acompanhadas de comentários em off, lidos com tanta facilidade quanto as legendas de um filme estrangeiro.

— Saí. Fui andar de bicicleta.

— Seu pai saiu também?

— É o que parece.

*Graças a Deus ele não está aqui.*

— Tem ideia de para onde ele foi?

— Não.

*Deve ter ido dar uma caminhada maluca.*

— Ele tem dormido muito?

— Acho que sim.

*Não à noite. No sofá, à tarde. E a culpa é sua.*

— Tem visto os amigos?

— Só eu.

*E isso também é culpa sua.*

— Está se cuidando?

— Do mesmo jeito de sempre.

*Ele não faz a barba e bebe demais. Usa as mesmas roupas todo dia. E a culpa é sua.*

— Ele já falou se vai procurar emprego?

— É, já.

Aquilo era apenas parcialmente verdade. Nos dias em que nossa presença conjunta na casa se tornava insuportável, meu pai pegava canetas e papel e desligava a TV para ler os classificados que mostrava as vagas na região. Será que algum de nós podia ser instalador de encanamentos de



gás? Vendedor de seguros? Mergulhador em uma plataforma de petróleo? Contemplávamos novas profissões do mesmo modo que crianças: maquinista, caubói, astronauta. Será que podíamos encaixar nossos rostos nesses papéis? A resposta, invariavelmente, era não, e o exercício era tão desanimador quanto profundamente desconfortável. Procurar emprego não era algo que pai e filho deviam fazer juntos, e o incômodo era maior do que quando assistíamos a cenas de sexo. Logo voltávamos à programação, mudávamos de assunto, não mencionávamos mais aquilo. Por isso, mudei o rumo da conversa:

— Como está o *Jonathan*?

Jonathan é um nome muito correto, difícil de dizer com desprezo.

— Muito bem. Obrigada por perguntar — respondeu minha mãe de forma direta, batendo na porta do armário com a palma da mão e voltando a fazer isso algumas vezes até ela ficar fechada. *Pá-pá-pá*. Ela descansou por um instante, com as mãos no balcão. — Sabe qual é a melhor coisa de morar lá? Não tem jazz e tem todas aquelas *esquinas* maravilhosas!

— Bom, contanto que você esteja feliz, mãe.

Mas eu sabia que, se ela dissesse as palavras certas, eu subiria correndo e faria as malas em um piscar de olhos. Talvez ela também soubesse disso, porque mudou de assunto.

— O que você tem feito nessas férias? No geral.

— Andado de bicicleta. Lido.

— Está lendo? Você nunca foi um grande leitor.

— Bom. Agora sou.

— Ficamos tantos anos insistindo para você ler...

— Bom, talvez fosse esse o problema: vocês insistindo.

— Hum. É, agora eu vejo que foi culpa minha. Pelo menos você está saindo. Está vendo outras pessoas?

*Acabei de conhecer uma menina incrível*. Será que eu poderia ter dito isso? Eu já ouvira que algumas pessoas conseguiam falar de maneira aberta e franca com os pais, em conversas que não eram apenas longas trocas de sarcasmo e arrogância. Mas, sinceramente, quem eram essas pessoas bizarras? Mesmo se encontrasse as palavras, seria impossível. Ouvimos a voz do meu pai do lado de fora, artificialmente alta e animada.

— Oi, Billie! O que está fazendo aqui?!

Preparando-se, minha mãe se virou de volta para o armário.

— Não briguem — sussurrei.

Mas meu pai se apoiava no batente, o rosto assumindo uma expressão de rebeldia orgulhosa que ele não conseguia bancar direito.

— Você ainda está aqui? — perguntou meu pai.

— Não, Brian, saí há quinze minutos.

— Só voltei porque achei que você já teria ido.

— Não viu meu carro na frente da casa? Não é grande, mas ainda assim eu achei que você fosse notar.

— O que você vai levar desta vez?

— Na verdade, eu estava *trazendo* umas coisas. Comida, alguma coisa que não venha em uma bandeja de alumínio. Mas posso levar de volta.

— Por favor, faça isso.

— É basicamente para Charlie...

— Charlie está bem. Nós dois estamos, obrigado.

Sem tirar os olhos do armário, ela ergueu um vidro aberto de geleia de framboesa, tufo de mofo branco saindo feito algodão-doce. Então o jogou na pia, fazendo barulho.

Eu já sabia qual seria o fim daquilo — o volume aumentaria e acabaria com uma porta batendo —, por isso saí e fui até o carro da minha mãe, onde Billie estava sentada, a cabeça baixa, lendo e tapando a boca com a mão feito uma mordança. O dia ainda estava quente, mas a janela estava fechada, então tive que bater duas vezes com o nó do dedo. Aquilo me entristeceu mais do que qualquer outra coisa que havia acontecido naquele dia. Será que éramos próximos? Quando morávamos juntos, tínhamos irritado e provocado um ao outro de maneiras esperadas, mas, nos dias sombrios da transformação dos nossos pais, as brigas foram trocadas por uma solidariedade cansada, sussurros entre camas de beliche, feito soldados sob o comando de oficiais bêbados e incompetentes. Aquela aliança havia sido rompida e mesmo a conversa mais trivial e boba parecia pesada. A felicidade na casa nova seria uma traição; a infelicidade, apenas mais uma coisa da qual podia sentir raiva.

Billie esperou até que a janela se abrisse inteira.

— Tudo bem?

— Tudo.

— Eles estão brigando?

— Acabaram de começar — falei, antes de olhar para o relógio como se fosse um evento programado.

— Como estão as coisas por aqui?

— Igual a antes. Como estão as coisas lá?

— Estranho.

— Como estão “as gêmeas”?

Pôr Billie no papel de Cinderela era a única coisa que achávamos divertida na nova situação dela.

— As gêmeas? Elas são muito *esportivas*. A gente abre um armário e leva uma avalanche de bolas de futebol, tacos de hóquei e redes de badminton. Elas não param de tentar me fazer *participar*, como se eu fosse uma órfã doente e elas se esforçassem para me fazer sentir em casa, para a gente ser *amiguinha* ou coisa parecida, ficar amiga jogando lacrosse. Elas falam: “Billie, venha jogar *lacrosse* com a gente!” E eu respondo: “Vocês acham que estão na *escola*? Não jogo nada que não esteja na grade horária.” Sempre que olho, elas estão de top de *ginástica*, se aquecendo ou sei lá o quê. O pai delas é igual, não para de jogar coisas. “Pegue, Billie!” “Não, só *me passe* isso.” Quando não estão jogando coisas nas pessoas, eles ficam sentados vendo partidas de críquete, por dias e dias.

— Sério? A mamãe também?

— É, mas dá para ver que ela dorme depois de três minutos. Ela chama isso de *fazer um esforço*, eu chamo de *colaboração*. Ela até jogou golfe. Isso é que é passar para o lado negro da força. “Já que somos hóspedes aqui, é importante a gente *fazer um esforço*.” Quero dizer, puta que pariu... Golfe!

Billie falando palavrão é novidade, toda envergonhada e furtiva. Como um bebê fingindo fumar, aquilo me pareceu errado e, incomodados, nós dois olhamos para a casa.

— Quer entrar?

— Não. Deixe os dois brigarem. Papai continua pirado?

Abrindo a porta do carro, me sentei escondido no banco de trás feito um informante.

— Ele fica bem na maior parte do tempo, depois vira meio maníaco, fica acordado até tarde e bebe, o que ele não devia fazer por causa dos remédios. Tem dias em que nem o vejo. — De dentro da casa, ouvimos

a voz alta da minha mãe, portas de armários batendo. — Odeio esse lugar. Quer dizer, eu já odiava antes, mas agora odeio *de verdade*.

Billie estendeu o braço e deu alguns tapinhas na minha mão.

— Seja *forte*, meu irmão — disse com uma voz agourenta, no estilo *Star Wars*.

Nós rimos e eu tentei uma coisa pela primeira vez:

— Sinto sua falta.

— Ai, pelo amor de Deus — respondeu ela. E depois: — Eu também.

Mas minha mãe saiu da casa batendo a porta e meu pai logo voltou a abri-la, só para batê-la em seguida. Por enquanto, ele ficaria ali, os braços cruzados, um rancheiro protegendo sua terra. Saí do carro num pulo, bati a porta também — será que voltaríamos a fechar portas com cuidado algum dia? —, e na mesma hora minha mãe assumiu o papel de dublê de piloto de corridas, virando as rodas, acelerando demais ao dar a ré e partindo.

Vi Billie erguendo o queixo, apoiando a ponta do indicador na têmpora e girando o dedo. Ergui a mão em um cumprimento e voltei para dentro de casa, para o meu time.

## O jogo dos nomes

•••

Pela primeira vez em semanas, coloquei o despertador para tocar.

Mas, por algum motivo, o sono me escapava (*formato do nariz, tom de azul, grande curva do, constelação precisa*) e, durante as horas sem descanso, elaborei um plano: eu apareceria às nove e meia, participaria do que quer que eles fizessem lá, me aproximaria de Fran de modo casual no intervalo do lanche, no máximo na hora do almoço, pediria o telefone dela e, quando o tivesse, sairia correndo como Indiana Jones tinha corrido daquela pedra.

Ensaiei o que podia dizer: *Foi ótimo falar com você ontem, como está o tornozelo, olhe, ei, eu queria saber...* Talvez até tenha murmurado as palavras em voz alta, testando: *Podemos tomar um café?*, tentando usar o sotaque americano. *Tomar café? Pegar um café? Ir atrás de um café? Uma xícara de café?* Se “café” ia causar tanta angústia, talvez eu devesse chamá-la para tomar só um chá, mas *venha tomar um chá* era algo que apenas pessoas que usam gorros diziam. Chá era algo insípido e nada sexual e café era uma bebida mais escura e embriagante. Havia cafeteiras no salão de chá do Cottage Loaf e eu imaginei Fran com o queixo apoiado na mão, brincando com um torrão de açúcar enquanto eu contava alguma história, depois jogando a cabeça para trás com uma risada repentina enquanto eu empurrava o êmbolo da cafeteira como se fosse um detonador. *Ei, vamos para algum outro lugar, tomar uma bebida de verdade?*

Mas para onde iríamos? Com certeza não poderíamos vir para cá, por causa destes beliches infantis e do surto nervoso permanente no nosso sofá. E Fran Fisher não era o tipo de menina que levavam para os balanços do Parque do Cocô de Cachorro, com ou sem sidra. Será que era pouco cavalheiresco oferecer sidra a ela? Talvez uma cerveja importada, algo chique, sem ser de lata? Será que deveria pôr vodca em

uma garrafinha com tampa de rosca? Chá ou café, cerveja ou vodca, garrafa ou lata? Dormi às seis e acordei com o despertador às oito, saí da cama e tomei banho, me esforçando para não acordar meu pai, torcendo para a água cair em silêncio. Depois me barbeei com o cuidado de um cirurgião. Peguei o desodorante, de um tipo chamado “Asteca” (“Ah, então foi isso que acabou com eles”, diria meu pai, sentindo o cheiro) e quase joguei uma lata inteira no corpo, o suficiente para deixar cada axila com uma camada tão espessa quanto a cobertura de um bolo de casamento. Craquelou tudo quando baixei o braço.

Enfiando os pés embaixo da ponta do beliche, como em uma prisão, decidi fazer cinquenta abdominais, torcendo por um resultado instantâneo. Consegui fazer vinte, mas bati a cabeça no rodapé da parede todas as vezes. Enfiei duas fatias de torrada na boca e escrevi um bilhete curto, dizendo que ia ficar fora o dia todo, mas sem nenhuma explicação extra... Como podia justificar? Então subi na bicicleta e refiz a jornada a partir do largo Thackeray, passando pelas estradas Forster e Kipling, descendo a Woolf, depois Gaskell, Brontë e a avenida Thomas Hardy, passando pelo anel rodoviário e por cima do rugido da rodovia na hora do rush. Nos arredores, uma placa municipal branca demarcava os limites da cidade, junto do lema sincero: “Uma boa cidade” (em latim, *Bonum Oppidum*), o máximo que eles podiam dizer de maneira plausível.

Percorri de bicicleta as estradas silenciosas, passando pelas estufas e pelos campos de trigo, a direção já menos certa. Virei cedo demais, refiz a rota, parei diante de um ponto de ônibus de concreto, uma trilha protegida por galhos baixos. Cruzei a estrada e comecei a subir.

O dia já estava quente, o sol penetrava pela copa das árvores. Subindo a rua, arquejando sem fôlego, vi a trilha, mas quis fazer uma entrada mais oficial e continuei subindo até ver uma pequena guarita ao estilo Tudor. Atrás de dois portões com cinco barras de ferro, um caminho discreto fazia uma curva em meio às árvores, protegendo a casa da rua. “Mansão Fawley”, dizia a placa. Fiquei de pé nos pedais, mas o cascalho escorregava sob as rodas, por isso desisti e prossegui a pé. O caminho seguia os limites de um bosque, depois se alargava, abrindo-se para um gramado cercado por pinheiros antigos.

Era uma mansão típica da região, um medley de maiores sucessos dos mil anos de arquitetura anteriores: colunas e pórticos, vidro duplo com

desenho de losangos, chapisco dos anos 1930 entre vigas Tudor, uma antena parabólica saindo da hera. Se eu não fosse tão mal-informado, talvez tivesse ficado menos impressionado, mas vi apenas o tamanho, o isolamento e a idade aparente da casa. Nunca tinha me sentido tanto como um invasor e já esperava que o barulho do cascalho alertasse os cachorros. Procurando um lugar para deixar a bicicleta, observei o lago ornamental, tacos de croqué abandonados, um pombal, toda sua grandiosidade abalada por uma van decrépita com duas máscaras sobre uma fita enrolada pintadas na lateral, ambas as máscaras rindo acima das palavras “Cooperativa de Teatro A Trinta Pés”. Das portas traseiras, saiu alguém tropeçando, arrastando dois grandes sacos de estopa. Fiquei paralisado, mas Ivor me viu e imediatamente correu até mim, um saco em cada ombro.

— Oieeeee. É o nosso homem misterioso de ontem! Eu sabia, eu sabia que você se sentiria *obrigado* a voltar. Largue a bicicleta ali, é muito seguro, e pegue um desses sacos, está bem? — O saco de estopa estava cheio de bolas de espuma, pufes, claves de malabarismo e, bem preocupante, vários chapéus. — Odeio ser um idiota, mas esqueci seu nome.

— Charlie.

— Eu sabia que era algo assim. Charlie ou Charles? Não é Chuck, é? Você não tem cara de Chuck.

— Charlie.

— Está bem, Charlie, vamos lá! — Ele indicou o caminho com uma jogada de cabelo. — Já fez teatro?

— Não, é a... Eu só... É novidade para mim. Só vim experimentar.

— Carne fresca! Bom, você vai *adorar*, eu sei que vai. Venha, venha se juntar a nós.

Seguimos em direção a um barulho, um ruído lento e ritmado de tapas e palmas, cruzando o pátio e saindo na larga extensão verde, demarcada pelo que imaginei que deviam ser as alas leste e oeste.

— O Grande Gramado, onde vamos criar nossa linda Verona. É difícil de acreditar, eu sei, mas espere só para ver. E lá estão eles!

A companhia estava sentada em um grande círculo, as pernas cruzadas, dando tapas nas coxas e batendo palmas em um sólido compasso 4/4, mas perdeu um pouco do ritmo quando me aproximei. Em uma sucessão

rápida, vi Lucy Tran fazer careta e sussurrar para Colin Smart — a essência do estranho Clube de Teatro de Merton Grange —, o qual continuou sentado, boquiaberto de surpresa. Vi Helen Beavis sorrir e balançar a cabeça e ali, de perfil, rindo com um menino, estava Frances Fisher. Ela deu um sorriso alegre, balbuciou “Você veio!” ou talvez “Viva!”, mas eu desviei o olhar. Aquela seria minha política: indiferente, blasé, apenas um cara que queria participar de brincadeiras teatrais, só isso.

— Está bem, silêncio, pessoal, silêncio. Todo mundo olhando para mim! Olhando! Quero ver todos esses olhos, pessoal! — Com os dedos em V, Ivor apontou para os próprios olhos. — Certo, estou muito feliz em dizer que temos um novo integrante na companhia. Digam oooooi para Charlie, Charlie...

— Lewis.

— Olá, Charlie Lewis! — disseram eles em coro.

Com a cabeça baixa, ergui uma das mãos e me sentei espremido entre estranhos no círculo.

— Ainda não sabemos quem Charlie vai interpretar. Vamos falar disso depois. Por enquanto, vamos fazer uns exercícios, está bem? Está bem?

— Está bem!

— Então, hoje à tarde, Alina vai conversar conosco sobre movimento!

Alina apoiou as mãos nos joelhos e deixou os cotovelos a noventa graus.

— Vamos conversar sobre como andamos, como nos portamos, de forma independente e em relação aos outros, como reagimos, como andamos por este mundo, presentes e vivos, respondendo de modo natural e espontâneo aos demais. Porque não falamos uns com os outros apenas com palavras, não é? Podemos nos comunicar com o corpo, o rosto, e mesmo quando não nos movimentamos... — Ela ficou parada e, em um sussurro: — Ainda. Nos. Movemos.

Sob circunstâncias normais, eu teria encontrado alguém para rir comigo daquilo, mas, ao analisar o círculo, vi os rostos empolgados, encantados. Apenas Lucy Tran me encarou, fazendo uma careta para mim com uma força telecinética, falando sem palavras. Você não se encaixa aqui, ela parecia dizer, você é do time inimigo, veio com um uniforme roubado e vai ser descoberto. Se eu corresse de volta para a



bicicleta, podia sair dali em trinta, talvez vinte segundos, mas, ao me virar de novo, vi o olhar de Fran. Ela sorriu e, por um instante, pensei tê-la visto ficar vesga. Eu ri e, de repente, quando me dei conta estávamos todos de pé, sacudindo a tensão das mãos — sacuda, sacuda, sacuda tudo — e então os pufes começaram a ser realmente usados.

Brincamos de Pique-Alto e de Imitação. Brincamos de O Mestre Mandou, Mímica e Salada Mista. Brincamos de Quem Nunca?, de Equilibrista, Adedanha e Pique-Bandeira, depois de Cabo de Guerra e Pânico, Quem Sou eu? e Personagens. E, enquanto os outros riam, brincavam e se jogavam, eu me esforçava para manter um ar de despreendimento cansado do mundo, como um irmão mais velho em uma festa de aniversário infantil. Um número de telefone era tudo que eu queria. Até estava com uma caneta no bolso que, de vez em quando, me cutucava na virilha para me lembrar. Um número de telefone e eu não incomodaria mais aquelas pessoas.

Mas é difícil ser descolado em um jogo de Vivo ou Morto e logo estávamos sacudindo tudo de novo, sacode, sacode, sacode, e depois nos separando em pares e fingindo ser espelhos. Vi Fran fazendo par com Colin Smart, as palmas das mãos encostadas, enquanto, em meu espelho, eu encontrava um homem grandalhão de meia-idade, de nariz vermelho e bochechas rosadas, como o Jolly Butcher em tamanho real da loja do bairro.

— Oi, me chamo Keith. Você é o espelho. — Ele ergueu e sacudiu a calça de ginástica para assentar seu conteúdo quando o exercício começou. — Vou fazer o Frei Laurence — sussurrou ele de um lado da boca, antes de colocar um dedo e depois outro no nariz. Fiz a mesma coisa. — Por causa disso, provavelmente... — Ele pôs uma das mãos na cabeça, que era careca, mas tinha um círculo de cabelo, o penteado de um monge de filme. Eu o copiei. — Fui trazido do Lakeside Players. Já viu alguma peça do Lakeside? *Um violinista no telhado? Testemunha de acusação?* — Ele deixou a mandíbula pender e deu batidinhas ritmadas nas bochechas, e eu fiz o mesmo. — Não sei o que acho de todas essas brincadeiras. Na Lakeside, a gente já teria acertado os três primeiros atos. Mas a gente tem que seguir o fluxo. — Nossos narizes se tocaram e senti cheiro de café em seu hálito. — Tem que manter a cabeça aberta, não é?

— Sem falação, por favor! Se você falar, seu espelho tem que falar também!

Keith deu tapas nas bochechas, puxou as orelhas, enfiou os dedos no nariz e eu pensei: *Por que meu reflexo não pode simplesmente ficar parado? E se ela me vir?*

— Está bem. Troquem de par, por favor!

Mas ela não me viu, nem mesmo deu uma olhada rápida na minha direção, e fui forçado a entrar no próximo ato de intimidade forçada, desta vez com um menino chamado Alex: negro, muito alto, magro, com a sofisticação e a maturidade cansadas de um aluno do terceiro ano. O exercício era de escultor e modelo. Alex me olhou de cima a baixo.

— Eu acho, Charlie, que vamos conseguir um resultado melhor se eu montar uma pose para você — sugeriu.

— Tudo bem.

— Não resista.

— Desculpe.

— Você está resistindo. Tem que se curvar e ficar.

— Estou tentando!

— Está me enfrentando.

— Não é de propósito. Estou tentando não...

— Meu Deus, a tensão no seu pescoço...

— Desculpe.

— ... parece uma corda cheia de nós.

Ele me cutucou com os polegares.

— Ai!

— Estou deixando você nervoso?

— Não.

— Então relaxe!

— É que eu quase nunca faço essas coisas.

— Não, isso eu percebi — disse ele, beliscando minhas panturrilhas.

— Talvez eu pudesse ser um daqueles manequins que só... fica deitado no chão.

— E qual é a graça disso? Além do mais, eu sou o escultor aqui. Pode se soltar! Faça o que eu pedi!

— Está bem! — gritou Ivor, batendo palmas. — Escultores, quero ver seu trabalho! Alex e Charlie primeiro.

Eles se reuniram. Eu era Eros, tentando me equilibrar em uma perna, arco e flecha nas mãos e capaz de ver, pelo canto do olho, Fran e Helen Beavis segurando o queixo, assentindo, avaliando.

•••

— Dez minutos, pessoal! Dez minutos, por favor!

No pátio, a companhia se reuniu em torno da chaleira, rindo e brincando. Na minha versão imaginada do dia, talvez tivesse andado até eles, falado oi e me misturado ao grupo, mas a confiança não era um interruptor que podia ser ligado, e, na realidade, a jornada parecia ameaçadora e pesada demais; a distância, imensa. Talvez eu fosse admitido, talvez me pegasse ricocheteando nas laterais, girando para o vazio. Era melhor ficar ali parado, os olhos fixos no copo plástico de água em minha mão.

Mas ficar parado também atrai o perigo, por isso comecei a caminhar pela beira do pátio com meu copo, admirando a arquitetura feito um turista circundando uma catedral. Pela visão periférica, vi alguém se afastar do grupo e se aproximar de mim depressa: era a mulher mais velha que havia estalado a língua para mim no dia anterior. Ela encostou a mão no meu antebraço enquanto abria um sorriso largo e alarmante, com dentes retos e brancos que pareciam mais novos que a boca que ocupavam, olhos vivos e arregalados e rugas semelhantes às rachaduras de uma pintura a óleo, a destruição causada por bronzeados intensos e excursões de iate.

— Olá, homem misterioso — sussurrou ela, a voz baixa e rouca. Ela devia ter setenta anos e era muito baixa, o cabelo branco e curto era penteado para a frente e usava um collant branco de manga comprida sob uma bata esvoaçante de musselina branca, feito o fantasma de uma instrutora de ioga. — Quando o assunto são os biscoitos da manhã, é cada um por si, infelizmente. Você tem que ser rápido.

— Estou satisfeito, obrigado.

— Bom, você parece muito taciturno e carismático parado aqui sozinho, feito um personagem de Tchekhov. Tenho certeza de que essa é sua intenção, mas não prefere ficar com a gente?

— Não, eu só estava olhando...

Indiquei uma janela, uma calha.

— A casa. É, é meio um monstro do Dr. Frankenstein. A maior parte é jacobina, mas tem um monte de outras coisas... coladas nela.

— Eu via a construção de lá da cidade. Sempre achei que fosse um hospício ou algo assim.

Ela riu.

— Bom, acho que é, de certa forma. Sabe, nós moramos aqui.

— Ah. Sinto muito.

— Não tem problema. Você não tinha como saber. Eu me chamo Polly e aquele ali é meu marido, Bernard. — Um homem alto, de postura militar, enchia a chaleira com a água de um balde de plástico. — Quer fazer um tour? — Ninguém nunca recusava um tour, por isso ela entrelaçou o braço no meu. — Nós moramos aqui a vida toda, mas agora somos só nós dois. Sem nossos filhos, a casa começou a ficar *grande* demais, por isso é *muito* bom ver todos vocês, jovens, aqui. Ivor é nosso sobrinho. Este é nosso segundo ano. Fizemos o *Sonho* no ano passado, você viu? Quando soubemos que ele estava montando uma pequena companhia, pensamos: “Por que não?” Falei que tinha só uma condição: eu queria um papel! Costumava atuar quando era mais nova, sabe? Ivor ficou muito pálido. Acho que ele pensou que eu fosse pedir o papel de Titânia, mas, não, fui Hipólita, muito chata, mas este ano sou Ama. *Nasci* para interpretar esse papel. Vou fazer um sotaque do leste de Londres. — Ela citou: — “*Por mais ô menos, neste mesmo ano, na noite do dia primeiro, faz quatorze.*” Pensei em fazer um sotaque de Glasgow, mas é absurdamente difícil. Nem quem é de Glasgow consegue. Então, por enquanto, estou fazendo assim. Claro que Ivor e Alina têm um projeto bem diferente para a produção. “Conceitos”... Esse é o termo? Tenho certeza de que vai se passar no espaço sideral ou em uma garagem de ônibus venezuelanos ou algo assim, e tenho medo de que haja um excesso de *movimentos*. Não só andar normalmente, mas o outro tipo. Fico um pouco irritada com a mímica, afinal não há por que fazer a mímica de uma jarra se tenho um armário cheio de coisas. Minha maior esperança é que a gente não corte o texto, porque o que é Shakespeare senão *a linguagem*?

Nós concordamos, Shakespeare *era* a linguagem. Ela era, afirmou, “louca por Shakespeare”. Além de sugerir que ele havia sido o primeiro rapper, eu tinha pouco a acrescentar, e não foi necessário, pois Polly mal

parou para respirar enquanto visitávamos o salão de chá, o roseiral, o jardim chinês e algo chamado de gruta, um castelo de areia concreto e oco do tamanho de um carro, decorado em alguns pontos com conchas.

Com a voz baixa e falha, ela perguntou:

— Você tem um papel shakespeariano dos sonhos? Onde você estudou?

Nenhuma das respostas me favorecia, mas notei que minha voz tinha se tornado a de um jovem cortês, educado e loquaz, sem nenhum toque de irritação, enquanto minha chance de conseguir o número de telefone se esvaía. Quando a visita terminou, Fran conversava com um menino bonito, de cabelo desgrenhado, a cabeça dos dois próximas demais, a mão dele no ombro dela...

— Romeu e Julieta — disse Polly, suspirando. — Eles não parecem um quadro? Você acha que vão se apaixonar na vida real? Acho que essa é a tradição, pelo menos enquanto durar a peça. Aquela história de método e tal.

— Certo, pessoal! — gritou Ivor, fazendo malabarismos. — De volta ao trabalho!

Jogos com bolas, jogos com bambus, jogos com vendas, lenços e chapéus. Subimos um penhasco no chão e nos encolhemos como folhas secas em uma fogueira, montamos nas costas suadas uns dos outros e moldamos o rosto dos nossos parceiros como se fosse argila com nossos dedos sujos, e, durante todo aquele tempo, lutei contra o paradoxo de como fazer e não fazer ao mesmo tempo aquelas coisas. E depois jogos de linguagem, histórias construídas com uma palavra por vez...

Era...

Uma...

Vez...

O...

Mar...

Havia...

Balançado...

Doze...

Laranjas!

E era enlouquecedor o fato de que toda vez que nos aproximávamos de algo sensato e coerente alguém lançava uma palavra doida e ridícula e

dava início à estupidez...

Eu...

Faço...

Cócegas...

Em...

Todos...

Que...

Têm...

Cheiro...

Soporífero...

De...

Vombates!

E eles caíam na gargalhada outra vez. Alcachofra, Telefone, Xampu! Dromedário, Escada, Lixo! Meu Deus, aquelas pessoas adoravam essas coisas e confirmavam algo de que eu suspeitava havia muito tempo: no ambiente do teatro, as pessoas realmente riem de qualquer asneira.

— Está bem, pessoal, sacudam tudo! Sacudam, sacudam, sacudam! Hora do almoço!

Daquela vez, eu não ia falhar. Marquei o tempo da minha caminhada com cuidado, mão na caneta em meu bolso. No pátio, Fran estava sozinha ao lado da mesa, mas...

— Charles Lewis, *por que* você está aqui? — Helen Beavis me segurou pelo cotovelo. — Como se eu não soubesse. Deus do Céu, como você é previsível.

— Não sei do que você está falando.

— Está atrás daquela menina superlegal.

— Na verdade, não tem nada a ver com ela, Helen.

— Rá! É, você está aqui por causa do seu interesse por *brincadeiras teatrais!*

— E o que *você* está fazendo aqui?

— Vou fazer o cenário! O *design* da produção. Fiz no ano passado e foi divertido. Não tenho vergonha, estou interessada nisso, aprimorando meu talento. O que não estou fazendo, Lewis, é desperdiçando o tempo de todo mundo.

— Bom, talvez você tenha entendido errado.

— Não entendo nada errado.

— Por que não posso estar interessado?

— Em Shakespeare? Rá!

— Por que não? É melhor do que ficar sentado em casa o dia inteiro.

Vamos... Vamos ver o que acontece.

— Está bem — disse ela, pondo as mãos nos meus ombros. — Mas, se você for fazer isso, Lewis, tem que fazer direito. Não adianta não se envolver e fazer cara feia, você não está com os meninos agora. Tem que se *comprometer!*

## Romeu

•••

Em algum lugar entre o pátio e o Grande Gramado, Fran havia desaparecido. A não ser que me escondesse no bosque, eu não tinha opção além de me juntar ao elenco, deitado ao sol enquanto Romeu negava os pedidos para que ele fizesse o papel epônimo, a cabeça bonita apoiada no braço forte. O papel epônimo, afirmou ele, nem sempre era o *melhor*, no entanto o papel epônimo era sempre dado a ele, e essa era sua maldição, sempre ser epônimo. Ele dizia a palavra com tanta frequência e ênfase que comecei a me perguntar se havia alguém na peça chamado Epônimo. *Vejam, lá vem o duque Epônimo...*

— Quer dizer, vejam só *Otelo!* — disse ele.

Alex, o menino negro e magro que havia me esculpido, riu.

— Miles, eu *adoraria* ver o seu Otelo.

— Ei, é um grande papel. Como um ator branco, eu me recusaria a interpretá-lo...

— É muita gentileza sua...

— ... mas Iago é um papel melhor. Como nesta peça, que tem meu nome no título, mas fico na dúvida se não seria mais natural eu ser Mercúcio.

Alex riu outra vez.

— Ah, você quer dizer o meu papel? O papel que me foi dado?

— E, Alex, meu amigo, você vai ser incrível. Mas, no papel epônimo, o peso da expectativa é enorme, como se tudo dependesse de mim.

Eu o observei, ressentido. Ele era bonito, imagino, com o tipo de beleza calorosa e tradicional que encontramos em um antigo filme B, lutando contra um dinossauro de *stop-motion*. “É bonito e sabe disso” era a expressão que minha mãe usaria e, como se a ouvisse, o menino se virou para mim, apontando em vez de dizer meu nome.



— Qual é o melhor papel: Romeu ou Mercúcio?

Quis dar de ombros, mas estremeceu.

— Quem você vai interpretar? — perguntou ele.

— Eu? Ainda não sei.

— Em que escola você estudava?

— Merton Grange — respondi.

Romeu assentiu, como se aquilo, de alguma forma, fosse uma resposta.

— Na mesma escola que nós — disse Colin Smart, abraçado aos joelhos e observando o menino aquele tempo todo.

— É a primeira vez do Charlie — explicou Lucy Tran, maldosa. — Ele não era muito conhecido por *atuar* na Merton Grange.

— Eu sou Miles — disse Romeu. — Sou da Hadley Heath, assim como o George ali.

Miles indicou um menino curvado, sentado um pouco mais afastado, que comia uma banana e lia uma edição antiga da Penguin de *Madame Bovary* sob a piedosa sombra de um muro.

— Hã?

O garoto olhou pelos óculos com armação de avião, as lentes tão grossas quanto um vidro de aquário. Ele usava o que parecia ser uma camisa de uniforme sob um moletom desnecessário, e seu cabelo era um gorro preto brilhante, feito uma peruca dos Beatles; sua pele parecia inflamada, da cor de suco de framboesa em torno da boca e do nariz.

— George faz parte da minha equipe, não faz, Georgie? — disparou Miles.

O menino cheio de espinhas balançou a cabeça.

— Não, Miles, não faço parte da sua *equipe*. — Depois, voltando a ler o romance, acrescentou: — Seu retardado.

Miles soltou uma gargalhada no melhor estilo Monty Python, depois pulou no garoto, segurando o peito de George com uma das mãos e amassando a banana no punho dele com a outra. A oito quilômetros da cidade, em uma propriedade privada cercada por muros altos, Hadley Heath era o tipo de escola particular cujo nome sempre acompanhava a palavra “minoría”. Com razão, os alunos costumavam evitar o centro da cidade e, feito leopardos-das-neves, quase nunca conseguíamos observar

o comportamento deles de perto. Ficamos sentados, olhando, em um silêncio incômodo, até que...

— Ei, Miles — disse Alex, manifestando-se. — Miles, que tal você parar com isso?

Miles rolou para longe, limpando as mãos na grama.

— Temos um departamento de teatro muito forte em Hadley Heath.

— Por que você é tão babaca, Parish? — murmurou George.

— Um estúdio incrível, muito versátil. Fazemos muita coisa no palco, o ator fica basicamente no *colo* da plateia. Fiz Pal Joey em *Meus dois carinhos* lá, Arturo Ui em *A resistível ascensão de Arturo Ui*, Cyrano em *Cyrano...*

— E a manchete do jornal da escola foi: “Cyrano Canastrão.”

— Não me provoque, George! Fizemos *Assassinato na catedral*.

— E Miles fez a catedral — disse George.

— *Na verdade*, eu fiz Thomas Becket, o que foi uma grande maratona. Tudo bem, não é o dinamarquês, o papel que eu realmente queria, mas é bem considerável.

— Que dinamarquês é esse, Parish? — perguntou George, ainda tirando banana do cabelo. — O dinamarquês *epônimo*?

— Não me faça voltar aí, George, seu ridículo.

— Você sabe que não precisa ficar falando “epônimo”, pode dizer “principal”. “Fiz o papel *principal*”...

— É que é uma responsabilidade enorme, sabe, carregar a peça nas costas...

— Só que tem outra personagem, chamada Julieta — lembrou Alex.

— Ela também é bem importante.

— Hum — resmungou Miles, cético.

— Qual é seu monólogo shakespeariano favorito, Miles? — perguntou Lucy, com reverência.

Vi Helen e Alex revirarem os olhos.

— Sabe o que é engraçado? — retrucou Miles, esfregando o queixo, esfregando de verdade. — Você não vai encontrar minha citação favorita de Shakespeare em uma peça. Porque... — surpresa —... na verdade, é um soneto!

— Puta que pariu — murmurou Helen.

— Lucy — começou George —, você tem *noção* de que acabou de ativar o monstro?

— “Não tem olhos solares, meu amor!” — disse Miles virando o rosto para o céu.

Eu me deitei no gramado e fechei os olhos com força, os lábios já grudados pelo silêncio e pela ignorância. Se essa história de criatividade servia para nos deixar mais livres e confiantes, então por que eu nunca havia me sentido tão constrangido e envergonhado? Alina tinha dito alguma coisa sobre aprender a se movimentar pelo mundo, respondendo naturalmente às outras pessoas, e aquilo me chamara a atenção. Para um menino que não conseguia atravessar um espaço lotado, dividir um sofá com o pai ou ficar do lado da menina de quem gostava sem perder o poder da fala, aquele era um talento que valia a pena adquirir. Mas eu não o aprenderia moldando o rosto de um estranho, nem fingindo que meus ossos estavam desaparecendo um por um, nem ouvindo um idiota confiante e artístico que sabia recitar Shakespeare de cor. Eu só queria saber o que fazer com minhas mãos, só isso. Onde devia colocá-las?

Apesar de minha missão estar condenada ao fracasso, também havia algo de desonesto e desonrado nela. Eu estava participando do rito de iniciação de uma organização na qual não queria entrar e que não precisava de mim como membro. Helen estava certa: não era justo fazê-los perder tempo. Eu esperaria até o fim do dia por educação, depois iria embora sem o número de telefone. A imagem de Fran desapareceria, o sentimento também; seria como se recuperar de uma gripe leve. Ou talvez eu enlouquecesse. Logo descobriria.

De pernas cruzadas no chão, Miles tinha começado a contar histórias tristes de mortes de reis, e eu ouvia com o sol no rosto. Já que não sabia citar Shakespeare, podia pelo menos me bronzear.

Senti o frescor de uma sombra no rosto.

— Charlie, podemos conversar?

Eu havia dormido. Os outros já tinham saído havia muito tempo, e Alina e Ivor estavam agachados sobre mim, feito detetives diante de um corpo em uma praia.

— Claro — respondi e, zozzo, fiquei de pé entre os dois, o suor refrescando minhas costas enquanto eles me escoltavam de volta para a casa.

Tinham visto meus documentos e sabiam que eram falsos, por isso eu seria levado ao jardim chinês e fuzilado.

— Ei, bom trabalho hoje — disse Ivor.

Eu me perguntei que parte havia sido boa. Quando eu fora uma folha, secando ao sol? Quando tentara ser o menor que podia?

— Queremos que você dê uma olhada nisto — explicou Alina, segurando um documento encadernado com espiral. — É o texto que vamos usar. Você conhece a peça, claro.

Eu fiz que não e que sim com a cabeça ao mesmo tempo.

— Bom, na segunda vamos começar o ensaio. Não precisa se preocupar. Não queremos uma performance supercorreta...

— Mas a gente adoraria que você desse uma olhada em um cara chamado Sansão — disse Ivor. — Ele faz parte da gangue dos Capuleto.

— Ele é meio bad boy — afirmou Alina.

— Mas é muito divertido.

— Conta várias piadas *indecentes*.

— E ele praticamente abre a peça.

— Vale a pena tentar.

— Sem pressão.

Ali estava minha chance: *Obrigado, mas não vou voltar, não é para mim*. Mas Ivor parecia tão esperançoso e Alina me olhava com tanta intensidade que — não pela última vez — perdi a deixa. Assenti — Claro, tudo bem — e passei o resto da tarde fingindo ser um motor a vapor.

No fim do dia, eu estava exausto, cheio de dores inesperadas, sujo de tanto me arrastar e engatinhar e ainda muito distante do número de telefone mágico ou mesmo da mais breve conversa. Fran provavelmente estava me evitando, e, enquanto o resto do elenco conversava e se abraçava, juntei minhas coisas e o resto do meu orgulho.

— Bom fim de semana, pessoal! — gritou Ivor. — Mas lembrem: segunda é dia de Shakespeare. Vamos mergulhar no texto e vamos mergulhar fundo. Às nove em ponto no salão de chá. Mas lembrem: é proibido atuar. Vamos ler a peça, só ler...

Minha bicicleta estava onde eu a havia deixado, abandonada sob um dos velhos pinheiros que margeavam o caminho até a casa. Escondi o roteiro da peça do outro lado da árvore, meu pedido de demissão, e subi

na bicicleta para ir embora, mas o cascalho escorregou sob as rodas e eu caí no chão, em um último ato de degradação. De trás de mim, ouvi risadas e palmas.

— Idiotas teatrais — murmurei para mim mesmo, antes de me virar e ver Fran andando depressa até mim.

— Oi.

— Ah, olá.

— Você esqueceu isto.

O roteiro abandonado.

— É verdade. Obrigado.

— Espero que tenha sido sem querer.

Ela o estendeu para mim, como se fosse um contrato que eu devia assinar.

— É, eu devo ter...

Olhei para a esquerda e para a direita, sem querer pegá-lo.

— Meu pai me busca no fim da rua toda noite. Tipo, se não tiver problema. Se não estiver com pressa...

Eu não estava com pressa.

## A volta para casa

•••

Nós nos afastamos da porta da mansão em silêncio, e era um longo caminho. Então pegamos a rua cercada por árvores que levava à estrada principal, e, ainda assim, uma única voz soava apenas na minha cabeça, uma voz que exigia: *concentre-se, isso vai ser importante, concentre-se.*

— Desculpe por não termos conversado hoje — disse ela.

— É, ficamos ocupados.

Andamos mais um pouco.

— Achei que talvez você estivesse me evitando — falei.

— Claro que não! Eu tentei, mas, toda vez que olhava, você fingia não me ver, então...

Ela riu, demais para mim, e pôs o cabelo atrás da orelha.

— É, desculpe por isso.

— Na verdade, achei que *voce* estivesse *me* evitando.

— Nossa, não! — Não pensei que parecer indiferente poderia ser interpretado como indiferença. — É que não estou acostumado com esse tipo de coisa.

— Acho que ninguém nunca se acostuma.

Continuamos. O calor do dia era mantido pela copa das árvores, o ar parado enevoava em alguns lugares como nuvens de mosquitos, feito digitais em uma foto. Ao longe, ouvíamos o zumbido baixo da rodovia e eu tinha consciência da conversa dos outros integrantes da companhia atrás de nós, a certa distância, nos seguindo.

— Então, seja sincero — pediu ela. — Você odiou cada segundo *mesmo*?

— Foi o que pareceu?

— Às vezes. Quando você era a estátua, eu achei que fosse, tipo, explodir do nada.

— Não sou bom nessas coisas.

— Mas você foi! Achei incrível seu motor a vapor humano e eu não digo essas coisas por dizer. Até nessa hora você parecia... furioso!

Ela voltou a rir, pondo a mão na boca.

— Bom, como eu disse, não faz meu estilo...

— Então por que você veio?

Mantive os olhos fixos à frente.

— Quis experimentar uma coisa diferente. Para me manter ocupado.

— Longe da cidade.

— Longe de problemas.

— *Você* está com problemas?

— Na verdade, não. Só entediado em casa.

— E ficou entediado hoje?

— *Entediado*, não...

— Bom, então tudo bem.

— Envergonhado.

— Bom, todo mundo fica assim no começo. É como se a gente entrasse para a Legião Estrangeira ou a Força Aérea e tivesse que carregar uma geladeira nas costas, beber o próprio xixi ou algo do tipo. Aqui você tem que participar do jogo do chapéu. É para a gente se sentir *próximo* e *desinibido*. Está se sentindo próximo da gente?

— Não muito.

— Desinibido?

— Inibido.

— Bom, talvez quando a gente começar a trabalhar na peça... Qual é o seu papel?

— Não sei, San-alguma coisa.

— Sansão. Bom, pronto. Muitos xingamentos, muitas piadas indecentes. Ele é um carinha muuuuuito cretino.

— Ai, meu Deus.

— Só não fique dando aquelas estocadas com o quadril. Deixe isso para Julieta.

— Ou seja, você?

— É. — Ela fez uma careta. — É.

— O papel epônimo.

Ela riu.

- Apesar de o papel epônimo nem sempre ser o *melhor*.
- Em um mundo ideal, você estaria fazendo o Sansão.
- É o meu *sonho*.

Nós sorrimos um para o outro e continuamos caminhando sob os leves feixes de luz esverdeada, brilhantes como a água de um lago de pedra. Observações como essa me vinham de vez em quando, coisas que podiam ser consideradas poesia, e pensei em mencionar isso, a história do lago de pedra, mas não sabia se me faria parecer poético ou meio idiota. Havia uma intercessão entre os dois, por isso decidi guardar minhas observações para mim. Fran falou no meu lugar:

— O verão é um horror, não é? O sol sai, o céu fica azul se a gente tiver sorte e, de repente, a gente tem uma série de ideias preconcebidas sobre o que *deveria* estar fazendo, tipo deitar em uma praia, se balançar em uma corda para pular no rio ou fazer um piquenique com todos os nossos amigos *incríveis*, sentado em uma manta na grama, comendo morangos e rindo de um jeito maluco, como nas propagandas. *Nunca* é assim. São só seis semanas achando que você está no lugar errado com as pessoas erradas, deixando oportunidades passarem. É por isso que o verão é tão triste: porque a gente deveria estar muito feliz. Mal posso esperar para voltar a vestir meia-calça e ligar o aquecimento central. Pelo menos no inverno a gente *pode* ficar deprimido, não precisa sair passeando por um campo de girassóis. E isso não para, não é? É infinito e nunca é o que a gente quer.

— Acho que você tem toda razão — falei.

De repente ela agarrou meu braço.

— E é por isso que você devia participar da peça! Experiências novas, pessoas novas... — Ela olhou para trás e baixou a voz: — Eu sei que elas parecem um pouco... — Fran fez uma careta. — Mas na verdade são legais, quando se acalmam.

— Não posso.

— Por que não?

— Eu trabalho.

— Legal. Onde?

— Sou caixa em um posto de gasolina.

— Ah, e o que atraiu você para esse mundo?

— O cheiro. Gosto do jeito que ele gruda nas roupas e no cabelo.



— Isso e os produtos da lojinha.

— Exatamente: os salgadinhos, os doces, a pornografia...

— Você pode pegar? Não a pornografia, os doces.

— Bom, eles deixam as revistas de mulher pelada no plástico...

— Como um lindo presente.

— Mas os doces, não. Um Twix de vez em quando, mas não.

— Bom, você é profissional. Paga bem?

Olhei para minhas unhas.

— Três e vinte por hora.

Ela assobiou.

— E quantas horas?

— Dez, doze.

— Bom, então pronto, tem como dar um *jeito*. Não é uma desculpa, no fim das contas. Na verdade, você não *tem* nenhuma desculpa.

Tínhamos chegado ao pé da colina, ao cruzamento com a estrada principal, e o ponto de ônibus de concreto surgiu ao nosso lado.

— É aqui que meu pai me busca. A gente mora para lá — disse ela, mencionando um vilarejo, um agrupamento de vinte e poucas casas brancas e invejáveis de telhado de palha.

*É, pensei, faz sentido, combina.*

— Você quer esperar aqui comigo? Ele ainda vai demorar um pouco.

Mas eu vi o resto dos integrantes da companhia passar pela gente, assentindo e sorrindo, e me senti dissimulado, desajeitado e louco para ir embora.

— Não, é melhor eu ir. Vou trabalhar hoje à noite.

Subi na bicicleta, beliscando a lateral da coxa no banco, de repente incapaz.

— Tudo bem? Está com alguma dificuldade?

— Não, tudo bem, tudo tranquilo.

— Enfim, que bom que a gente conversou.

— Também gostei.

— E tome... — Ela me entregou o texto da peça com as duas mãos.  
— Pelo menos eu tentei.

Olhei para o ponto de ônibus, onde os membros da companhia sorriam e davam risadinhas, depois me volvei para Fran e falei em uma voz baixa, urgente, como um espião:

— Olhe, vou ser sincero: não vou voltar na segunda.

— Por que não?

Dei de ombros e olhei para o fim da estrada.

— Não sou do tipo que participa das coisas.

— É, todo mundo gosta de pensar assim. Ninguém diz: “Se quer saber, adoro *participar*, eu participo de qualquer merda.”

— Não, mas no meu caso...

— Essa história de não participar é porque você é rebelde ou solitário?

— Gosto de pensar que sou um pouco dos dois.

— Aposto que sim. Bom, isso não é legal — disse ela, estendendo o texto mais uma vez. — Não tem nada de errado em participar se você participar da coisa certa.

— E isto aqui não é a coisa certa! Eu só vim hoje... bom, será que eu... Não sei, podia convidar você para tomar um café, um chá ou alguma coisa assim? Qualquer um dos dois, eu não me importo. Ou a gente pode tentar ir a um bar, eu conheço um lugar em que servem quase *todo mundo*... Não quero dizer que... É só... Contanto que a gente não chame atenção e se sente no pátio, o que quer que você queira fazer, eu só não posso fazer essa coisa de Shakespeare. Vou fazer papel de idiota. Mais do que já estou fazendo.

Durante todo meu discurso, eu a vi erguer as sobrancelhas, juntá-las, apertar os olhos, pôr o cabelo na boca, mordê-lo e colocá-lo atrás da orelha. Cada expressão dela me abalou, me levou a dizer mais uma frase pela metade, algumas palavras saíram apenas sons, até todas escoarem como as últimas gotas de água de uma mangueira.

— Bom. É isso. O que você acha?

E, quando minhas palavras haviam finalmente secado, ela disse, de forma muito clara:

— Não.

— Não?

— Não.

— Tudo bem. Bom, tudo certo.

Ela deu de ombros.

— Desculpe.

— Você tem namorado?

— Não.

— É o Miles?  
— O quê? *O quê?* Não!  
— Está bem. Eu só achei...  
— Por que seria o *Miles*?  
— Não sei, eu só... Talvez você não tenha gostado da ideia, tudo bem.  
— Também não é isso.  
— Bom, então me diga, porque estou passando vergonha tentando adivinhar.  
— Não tenho tempo! Estou fazendo isso aqui, tenho que decorar as falas...  
Ela folheou as páginas da peça.  
— Bom, *afinal* é o papel epônimo.  
— Isso mesmo! Eu quero fazer direito.  
— Mas com certeza no fim de semana...  
— Não, aí eu encontro meus amigos. O único jeito de você me ver...  
— Pode falar.  
— É voltando na segunda.  
Olhei para a esquerda e para a direita, notei os rostos observando do ponto de ônibus.  
— Só na segunda?  
— Não, vamos combinar a semana toda. Você tem que ficar até sexta.  
Ela segurou o texto com o braço estendido e, como um poeta, falei:  
— Porra. Porra, porra, porra.  
Ela riu.  
— Desculpe, esse é o acordo.  
— Mas a gente pode sair na sexta?  
— Não, na sexta eu vou pensar bem sobre isso.  
— E tomar uma decisão?  
— É.  
— Dependendo do quê?  
— Das coisas normais. De como a gente se dá...  
— Se sou bom ou não?  
— Não, claro que não. Não é um teste.  
— Bom, talvez *nesse* sentido, não.  
— Não esse tipo de teste.

— Mas não está certo? O café?

— Nesse estágio da negociação, é tudo o que posso oferecer.

— Você tem noção de que isso é chantagem?

— Só é chantagem se você fizer uma coisa de que tem vergonha.

— Tipo o quê? Brincadeiras teatrais?

— Na verdade, está mais para um suborno. Ou um incentivo.

Mais uma vez, ela tentou me entregar o texto. Eu peguei e enfiei depressa na mochila.

— Vou pensar — falei, e apoiei o pé no pedal mais alto para ir embora. — Tchau.

— Tchau!

Então ela pôs rapidamente a mão no meu ombro e, quando me virei, ela se aproximou, pressionou a bochecha na minha para que pudesse sentir o suor na pele — dela ou minha, eu não sabia — e sussurrou em meu ouvido:

— É uma dor tão doce e tal.

Então ela foi até os amigos, parando para se virar.

— Segunda! — exclamou.

Fui de bicicleta até o trabalho, pensando que “uma dor tão doce” estava absolutamente certo. “Uma dor tão doce.” E foi só na segunda de manhã que descobri que ela havia tirado aquilo da peça.

Parte Dois

**JULHO**

Eu já vi *peças* mais animadas do que isso. Juro por Deus...  
peças!

Homer Simpson, *The Simpsons*

## Casamento

•••

Tínhamos decidido fazer o casamento no inverno e aproveitar tudo o que isso incluía.

— Pequeno e exclusivo, mas não porque ninguém gosta da gente. — Niamh era minha prometida, mas eu havia aprendido a não usar essa palavra. — Parece muito *chique* — dissera ela —, como se fosse uma coisa do século passado.

— É a sua cara.

— Ah, você acha?

— Até quando a gente já estiver casado, vou chamar você de “minha prometida”.

— Aham, vamos ver.

Fazia dez anos que estávamos juntos, e tínhamos ido a muitos casamentos: em uma fazenda de oliveiras na Itália ao pôr do sol, em uma igreja típica de cartão-postal no interior da Inglaterra, no último andar de um arranha-céu em Nova York. Niamh era de Dublin e certa vez ficamos na ventania de uma praia irlandesa imensa esperando a noiva chegar em um cavalo branco lá de longe, feito Omar Sharif em *Lawrence da Arábia*. Ela viera de muito longe, por isso Niamh teve que recuar até as dunas para esconder a gargalhada. Eu achava impossível nos imaginar em qualquer um daqueles cenários, e Niamh concordava:

— Quando olho nos seus olhos e penso no que você significa para mim — disse ela —, não consigo deixar de pensar em “cartório”.

— Talvez nem isso. Será que dá para se casar pela internet?

— Ou a gente poderia fugir, só nós dois. Mas a gente teria que levar meus pais. Nós quatro.

— Ainda conta como uma fuga se a gente levar seus pais?

Tínhamos nos conhecido no restaurante da moda do momento do leste de Londres, durante a parte difícil e insalubre dos meus vinte e muitos anos. Eu era o bartender, Niamh, a gerente, e logo ela havia se juntado à lista de duas, ou talvez três, pessoas que, posso dizer, salvaram minha vida. Nossa existência na época era basicamente noturna e encharcada de vodca, e nossos amigos viviam cansados, mas alguns acabaram gerenciando restaurantes de sucesso, e foi assim que encontramos o salão para nossa festa de casamento, nossa pequena festa de casamento, no segundo andar de um pub. A escala do evento seria um sinal da nossa segurança e confiança. Só os inseguros andavam em cavalos brancos. Nós apenas balbuciaríamos “sim” pelo canto da boca, depois iríamos encontrar nossos amigos. Convidaríamos apenas dez pessoas, depois vinte, então trinta. Se dispuséssemos as mesas em um quadrado, poderiam ser quarenta e com certeza isso seria suficiente.

Analizamos a lista naquela noite na cama. O número estava em trinta e oito.

— Mas são todos amigos meus — disse Niamh.

— São meus amigos também.

— Mas não tem nenhum amigo antigo da escola que você queira chamar?

— Não, por mim está bom.

— Ou alguma ex-namorada?

— Por que eu ia querer fazer isso? Por que você ia querer que eu fizesse?

— Quero conhecer a fulana de tal.

— Quem?

— Você sabe...

— Não.

— A menina do Shakespeare.

— O nome dela era Fran Fisher.

— Ainda não consigo acreditar que você participou de uma peça.

— *Vários criados de seus adversários...*

— Não faça isso.

— *... quase brigavam ao passo que me aproximei...*

— Pare, por favor. Não gosto.

— *Eu tentava separá-los quando, então, o bravo Teobaldo...*

- Espero que você não tenha atuado assim.
- Mais ou menos. Nunca mais atuei.
- Uma perda para o teatro.
- Eu sei. Essa é a *verdadeira* tragédia.
- E, quando você a conheceu, foi como na peça? Amor à primeira vista?
- Não. Foi no máximo uma paixonite à primeira vista.
- Paixonite à primeira vista. Isso vem de Shakespeare também?
- Só quero dizer que amor é uma palavra grandiosa demais para isso. A gente era outra pessoa, não era? Naquela época. É... outra coisa.
- Então chame a menina!
- Não vou chamar Fran Fisher para o nosso casamento.
- Por que não? Se ela era *tão* incrível...
- Eu nem sei onde ela está! — falei. O que, na época, era verdade.
- Não falo com ela há... vinte anos!
- Mas eu quero conhecer essa mulher!
- Você não tem medo de eu ir embora durante os votos?
- É exatamente por isso que eu quero que ela vá. Vai dar um pouco daquela energia de *Quatro Casamentos e um Funeral*, um pouco de tensão, um pouco de emoção.
- Ela deve estar casada. Já deve ter filhos.
- E daí? Procure essa menina na internet, não deve ser difícil.
- Como eu disse, por mim já está bom. Eu nunca penso nela. E eu nunca pensava nela, a não ser de vez em quando.

Com o passar dos anos, eu havia observado o crescimento de um culto à nostalgia, facilitado pela tecnologia, e também notara que a própria noção de “passado” tinha se sujeitado a uma inflação louca, deixando os amigos com os olhos cheios de lágrimas ao contarem os acontecimentos do Natal passado. Eu tentava não ficar lembrando muito da minha história, não por achar que fosse nada além de medianamente infeliz ou traumática, mas por não sentir mais necessidade disso. Em épocas menos felizes da minha vida, eu havia feito do passado uma religião e o usado como em geral usamos bebidas alcoólicas; não à toa os dois costumavam andar juntos. Ainda tenho espasmos quando me lembro da ligação bêbada que fiz para a mãe de Fran na véspera da virada do milênio. “Como vai? Será que pode me passar o telefone dela?”



“Vamos fazer o seguinte, Charlie”, dissera ela, gentil e calma. “Me ligue de manhã e, se você ainda quiser o número, fico feliz em passar.”

Eu não havia ligado de volta nem falado com Claire Fisher desde então, e que motivo podia ter para ligar agora... agora que a vida finalmente estava ganhando alguma forma, alguma estabilidade? Eu não tinha álbuns de fotos, diários, antigos cadernos de telefone e também resistia às redes sociais. Não precisava usar o passado para preencher lacunas do presente. Trinta e oito convidados seriam suficientes.

Então, um mês antes do casamento, recebi um e-mail, um *print* de uma página do Facebook anunciando uma reunião em Londres da Cooperativa de Teatro A Trinta Pés, de 1996 a 2001. Logo acima, um convite do meu padrinho:

*Temos que ir, não acha? Vêjo você lá.*

## Cegonha

•••

Foi também naquele verão que comecei minha vida de crimes.

O posto de gasolina ficava no limite da cidade, a última parada antes da rodovia, em uma rua comprida e reta que atravessava a plantação de pinheiros. Eu tinha conseguido o emprego graças a Mike, um empresário local de peito largo que flertava com minha mãe na recepção do clube de golfe. Mike tinha uma franquia — ele adorava essa palavra — com três postos de gasolina pequenos.

— O bom da franquia — contara ele durante nossa primeira reunião em seu escritório minúsculo e bagunçado — é que é como uma família. Um grande negócio, mas com um rosto humano.

O rosto humano de Mike era dominado por um bigode caído, cujo peso parecia puxar seus traços para baixo, e, quando falava, ele o acariciava com as costas do indicador, como se tentasse colocá-lo para dormir. Eu sabia que o emprego fazia parte do flerte dele com minha mãe e, como ainda não tinha dezessete anos, estava sendo incentivado a tratar aquilo como um “estágio”. Eu seria pago em dinheiro, e não haveria nada daquelas baboseiras de seguro-saúde, férias ou licença médica. Podia até pedir seguro-desemprego se quisesse, assim que a escola acabasse. Era, disse Mike, bom para todo mundo, por isso comecei a trabalhar no dia da minha última prova, doze horas por semana, a três libras e vinte centavos por hora.

Mas, assim como todo trabalho tem tarefas, responsabilidades e um uniforme, todo emprego vem com uma armação, e não demorei muito para encontrar um jeito de melhorar meu vergonhoso salário. Como parte da franquia, Mike estava envolvido em um famoso jogo de raspadinhas, com prêmios instantâneos em dinheiro ou, o que era mais comum, taças que imitavam cristal como consolação. Trabalhando como

caixa, eu entregava uma raspadinha a cada compra no valor exigido, esperava até que fossem raspadas com uma moeda, depois, com certa cerimônia, entregava seis lindas taças de champanhe ao motorista. Um em cada vinte cartões também dava um prêmio em dinheiro, mas eu não me imaginava sentado ali, raspando tudo. Todos os prêmios eram registrados, e a câmera acima do meu ombro garantia isso.

Mas, em meu primeiro dia sozinho, abalado e confuso com o enorme tráfego repentino de clientes, eu havia deixado de entregar um ou dois cartões para pessoas impacientes, depois três, quatro ou cinco. Se anotasse isso e usasse o corpo como escudo, podia ficar com as raspadinhas e colocá-las no bolso.

Já em casa, com a porta do quarto trancada e o coração disparado, raspei o alumínio. Logo um conjunto de quatro copos de uísque decorados era meu, depois quatro copos de cerveja, depois nada e então... dez libras, mais que três horas de trabalho. Seria imprudente pegar o dinheiro, mas eu conseguia não entregar, de maneira plausível, mais ou menos um em cada quatro cartões. Contanto que mantivesse um registro cuidadoso dos que havia guardado, contanto que pegasse os cartões de costas para a câmera, não havia nada que me impedisse de dá-los a um cúmplice. Por ser meu melhor amigo, Martin Harper era a escolha óbvia.

Depois de algumas semanas, eu só entregava raspadinhas quando o cliente lembrava, e então eu batia na testa, fingindo ter esquecido. Eu escondia os cartões direto no bolso, feito um mágico amador, e depois, com um floreio extra de paranoia esquálida, enfiava-os na cueca, enquanto prendia a respiração no banheiro fedido dos clientes. Uma vez por semana, eu levava a pilha de cartões para a casa de Martin Harper, onde fechávamos a porta do porão, colocávamos música no último volume e raspávamos tudo feito velhos gângsteres, contando nossa carga, que, na semana mais audaciosa, chegou a setenta libras, trinta e seis taças de champanhe e vinte e quatro copos de uísque.

Não havia, claro, justificativa para nada daquilo, além de uma noção vaga e não analisada de que alguém precisava ensinar uma lição às empresas de petróleo. Sim, eu estava sendo pago por fora, mas Mike era sempre perfeitamente gentil e educado comigo. Por outro lado, ele não ia perder nem um centavo, nem um cliente, já que a maioria deixava o

posto sem saber de nada. Quem era a vítima? Era um jogo de azar, e quem podia dizer que tinha mais direito à sorte ou aos copos do que eu? Filosoficamente falando, o dinheiro nem *existia* até o alumínio ser raspado, por isso os clientes não estavam perdendo nada, a não ser a *possibilidade* de ganhar, não o prêmio em si. Como a árvore que cai na floresta ou o gato na caixa fechada, aquela ginástica mental me deixava zozinho, mas era necessária se quisesse me convencer de que o crime não tinha vítimas. E assim eu passava muitas horas com culpa entre três, quatro e cinco da manhã.

Talvez me sentisse melhor se estivesse usando o dinheiro para ajudar a sustentar a família, um filho nobre e obediente, mas eu só fazia isso em parte. Meu pai recebia seguro-desemprego desde a falência, e a chegada de uma conta ou o pedido de um novo par de sapatos facilmente o fazia mergulhar no pânico e na tristeza. Eu às vezes me imaginava entregando a ele um rolo de notas — *aqui está, pai, só queria ajudar* —, mas não conseguia chegar ao fim da cena sem pensar na humilhação e na vergonha de ambas as partes. Minha contribuição tinha que ser secreta. Quando meu pai me dava dinheiro para fazer compras ou pedir comida, eu pagava e devolvia a quantia para a carteira dele, e isso me dava uma sensação incrível e autocomplacente de piedade, como se fosse um Jesus Cristo ardiloso.

Mas o prazer era passageiro, e, na maior parte do tempo, eu gastava o dinheiro em bebidas, jogos de computador e tênis; proteções contra a humilhação do “não tenho dinheiro para isso”. Roubar me impedia de me sentir pobre e, apesar de toda a culpa e preocupação, também havia certa arrogância naquilo. Eu podia pagar a minha rodada e todo o dinheiro que sobrava era enrolado e guardado na armação oca do beliche, como ferramentas para fugir da prisão.

• • •

Naquela noite de sexta, deixei Fran e percorri o anel rodoviário, vesti o colete verde neon, conversei com minha colega de trabalho, Marjorie, e assumi o posto dela no caixa. Das seis às sete e meia foi o período mais agitado, depois veio uma calma, interrompida apenas por uma gangue de moleques da escola do fim da rua, que entrou correndo para pegar

doces nas prateleiras: não roubar, mas amassar e arrancar com pressa. Comecei meu discurso — *por favor, não façam isso. Devolvam, por favor. Vão ter que pagar* — e eles saíram juntos e ficaram à janela do pátio, enfiando chocolate e salgadinhos na boca e rindo, enquanto eu fingia chamar a polícia.

Depois outra calmaria. Tirei o texto da mochila e encarei a capa por algum tempo. Virar a página me deu a sensação de abrir uma prova em uma língua que eu não falava, uma língua estranha e pesada, de gramática esquisita. Olhei para a lista de personagens, encontrei Sansão um pouco abaixo, depois abri no Ato Um, Cena Um. *Duas famílias, iguais em seu valor.*

Fechei o texto, fui até a seção de doces, parei no ponto cego da câmera e engoli um Twix depressa.

Li a *FHM*.

Dez minutos antes das nove, um Volkswagen velho parou no posto. Harper saiu do carro do irmão e olhou para ambos os lados. Escondi a peça sob o balcão e entrei no personagem. A performance a seguir ocorreu com uma sobriedade inexpressiva, como se estivéssemos à sombra do Portão de Brandemburgo.

— Oi.

— Oi.

— Tudo bem?

— Tudo.

— Meu irmão ganhou dinheiro nas raspadinhas. Posso trocar aqui, por favor?

— Claro! Posso ver as raspadinhas?

— Pode. Estão aqui.

Eu as inspecionei com um cuidado profissional e tirei o dinheiro do caixa. Um sorriso irônico surgiu nos lábios de Harper, e, com uma piscadela, ele dobrou o dinheiro, voltou para o carro do irmão e foi embora. Um período de tempo ansioso e nauseado se seguiu, enquanto eu esperava, tentando ouvir o barulho de sirenes, imaginando um pelotão de viaturas da polícia entrando depressa no pátio, o clique das algemas, a mão grande de alguém protegendo minha cabeça enquanto me enfiava no banco de trás.

Mas nada aconteceu, e às vezes eu me perguntava: será que era o crime perfeito? Pelo que eu sabia, a armação só tinha uma falha: cada

prêmio de dez libras em dinheiro gerava copos suficientes para estocar um barzinho. No início, eu carregava o excesso para casa na mochila, até que todo o espaço disponível nos armários ficou entulhado com mais copos do que seria possível usar na vida. Não era algo que pudesse ser passado de uma geração para outra. Moldados como uma granada de mão, o “cristal” era de qualidade tão ruim que estourava com um *pop* alarmante quando usado para algo tão pouco convencional quanto, por exemplo, uma bebida gelada, o que transformava a alegria de tomar uma cerveja em um dia quente em uma roleta-russa. Ainda assim, eu os levei para casa até o dia em que encontrei meu pai de quatro, varrendo os estilhaços com uma vassourinha e uma pá.

— Eu juro, da próxima vez isso vai arrebentar minha cara. Não traga mais nenhum para casa, Charlie, por favor.

Outro plano se fazia necessário. Ao desligar as bombas e as luzes do posto às nove, dei uma palmadinha na pilha de raspadinhas na minha cueca e, no escuro da sala de estoque, enfiei uma quantidade de copos suficiente para formar um pequeno candelabro na mochila, junto das páginas de *Romeu e Julieta*, depois subi com cuidado na bicicleta e fui embora, evitando vibrações e buracos com medo de a explosão de um copo iniciar uma reação em cadeia. Imaginei meu cadáver com estilhaços de copos de uísque e taças de champanhe enfiados nas costas, feito as placas ósseas de um estegossauro. Imaginei a pilha de provas sangrentas sendo entregues aos meus pais, que ficariam divididos entre tristeza e vergonha.

— Achamos estas raspadinhas na cueca dele.

Continuei pedalando, e, depois de um quilômetro e meio de plantação, a rua passava por um pequeno bosque aberto, o Bosque do Assassinato. Eu virei ali, cambaleei por uma trilha de cavaco, guardei a bicicleta e, me agachando como um soldado, segui outra trilha até as margens do Lago Baldio, um reservatório semi-industrial, fétido e parado. Uma truta tinha menos probabilidade de irromper na superfície escura e brilhante como estanho do que uma mão humana morta. Nas férias de verão anteriores, em um desafio de fim das aulas, tínhamos visto o irmão mais velho de Harper tentar nadar pela água viscosa e sair, tropeçando, quase no mesmo instante, os olhos vermelhos, lacrimejando, a pele tão brilhante quanto a de uma lontra, coberto por uma substância parecida

com piche, que nenhuma quantidade de sabão conseguiria remover. Ali, à luz noturna do verão, uma única cegonha estava de guarda, o corpo curvado feito o de um gângster de desenho animado, uma perna enfiada na lama. Eu me agachei na margem, em meio a uma nuvem de mosquitos, aguçando os ouvidos para algum ruído humano, depois me levantei e abri a mochila. Quando o primeiro copo bateu na água, a cegonha tirou a perna da lama com dificuldade e voou para longe. Outro caiu em seguida, depois mais um. Minha mira era regular, e imaginei uma pirâmide de taças e copos de uísque, licor e água se formando, sendo lentamente coberta pela polpa preta de madeira podre e, abaixo dela, esqueletos de mamutes e tigres-de-dente-de-sabre. Imaginei arqueólogos do futuro se perguntando sobre a descoberta — *tantos copos idênticos, como eles chegaram aqui?* — e não conseguindo considerar a hipótese de um adolescente aflito, parado sozinho, com uma pilha de raspadinhas na cueca.

Sobraram quatro copos de cerveja. Eu os daria de presente. Harper ia receber amigos no porão, e nós ficaríamos completamente bêbados.

## Canela

•••

Dei a volta no anel rodoviário e passei pelo centro comercial da zona norte da cidade, onde ficava a casa dos Harper, no meio de uma terra revirada, repleta de materiais e veículos de construção. Deitei a bicicleta no pátio, em meio a 4x4s, quadriciclos, madeira, tijolos, vans e o pequeno Mazda popular da Sra. Harper.

— E aí?! — disse Martin, abrindo a porta, uma cerveja na mão. — O grande criminoso. — Ele me puxou para um abraço, depois me manteve a um braço de distância. — Tem certeza de que não seguiram você? Tome... — Notas de dinheiro enroladas bem apertado foram enfiadas na minha mão. — Deixei cinquenta aqui porque te amo. — Ele segurou minha cabeça entre as mãos como se fosse uma bola e, apertando-a, beijou o topo. — Gasolina. Você precisa lavar o cabelo. Venha, os meninos estão no porão.

Potes de massa corrida e sacos de gesso margeavam o corredor e, na grande sala de estar à nossa esquerda, uma TV, miraculosamente plana, pendia como a obra de um grande mestre da pintura ao lado de um aquário de parede, com peixes tropicais. Uma Sra. Harper cansada e chique estava deitada em um arquipélago de couro branco modular, feito Michelle Pfeiffer em *Scarface*. Em nossas votações regulares sobre a mãe mais sexy da escola, a Sra. Harper sempre vencia, uma fonte de orgulho e confusão para o filho dela.

— Boa noite, Sra. Harper — cumprimentei com minha voz de jovem educado.

— Já falei, Charlie, me chame de Alison!

— Não chame minha mãe de Alison — disse Harper. — É estranho.

— Trouxe estes copos para você, Alison! — respondi, pegando os copos de cerveja que não joguei no mangue.



Harper grunhiu e revirou os olhos.

— Obrigada, Charlie. São lindos.

— É uma porcaria do posto — explicou Harper. — Explodem quando a gente põe gelo neles.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — disse Alison.

— É verdade — falei. — Mas é bem raro de acontecer. Só não deixe o copo perto do rosto por mais tempo do que o necessário.

Alison riu e eu me senti sofisticado e mundano.

— Pode colocar tudo ali do lado, seu menino charmoso — pediu Alison.

— É, a gente vai jogar fora depois — disse Harper, me cutucando nas costelas para me empurrar até o fim do corredor. — Guarde logo isso, seu pervertido.

— Mas ela gosta mesmo de mim.

— Ela me deu à luz, seu bizarro.

— Eu te amo, Alison! — sussurrei de volta para o corredor.

Nós pulamos por cima dos tijolos vazados para a extensão da extensão que estava sendo construída. O Sr. Harper tinha construído a casa com as próprias mãos, ou com as mãos dos seus funcionários, alterando e expandindo a planta de forma tão despreocupada quanto se fosse de Lego, e nós passamos por plásticos pendurados, a nova garagem dupla e descemos rumo a um verdadeiro paraíso terrestre.

O conceito por trás do “porão” de Harper tinha saído de filmes americanos, e o cômodo fora mobiliado com base nesta ideia: um grande espaço baixo, com uma mesa de sinuca, uma bateria, guitarras, pesos e uma máquina de remo, outra TV de tela plana enorme, uma biblioteca impressionante de fitas VHS e DVDs, jogos de PlayStation, vinis e CDs, um ano inteiro de revistas *Maxim* e uma geladeira, a famosa geladeira estocada automaticamente com Cup Noodles e Mars ilimitados. Nenhuma luz nem ar natural entravam no porão. Em vez disso, testosterona era bombeada por tubos de ventilação, ou era o que parecia às vezes, porque ali estava Lloyd, dando uma risada histérica enquanto sufocava Fox com um pufe e uma lata de cerveja derramava-se no tapete velho que cobria o concreto.

— Ei, podem parar!

Harper era, de certa forma, o membro da classe média mais próspero que conhecíamos — seu pai era o Rei da Reforma, o que tornava Harper o Príncipe da Reforma —, mas ainda mantinha o sotaque de quem morava nas áreas mais pobres com a disciplina daquele ator mais comprometido com a técnica. Todos nós mantínhamos, aumentando-o ou reduzindo-o dependendo das circunstâncias. No porão, virávamos verdadeiros moleques de rua.

— Ei, ei! Parem de tentar se chupar e digam oi. O Ninguém chegou.

Ninguém era outro apelido. Sobrenomes eram aceitáveis, mas apelidos eram muito mais usados; um sistema tão complexo, ritualizado e intrincado quanto uma tradição da corte do Rei Sol. Harper tinha sorte: por causa da linhagem nobre, do comportamento e da beleza, ele era O Príncipe, e o cabelo preto, brilhoso e macio que ele vivia tirando dos olhos o tornavam Head and Shoulders ou Tim, uma abreviação de Timotei. Às vezes ele usava um colar feito de coral branco, rosa e laranja, e com isso se tornava Doce ou Rato de Praia. Fox, inevitavelmente, era Foda, mas, certa vez, ele ficara bêbado e contara que tinha invadido o campo de golfe e enfiado o pênis em um dos buracos “para ver como era”, e essa confissão o havia transformado em Tiger Woods, *Hole in One*, Royal Troon, Comedor de Grama ou Jardineiro Pinto. Um famoso incidente de mau hálito durante um almoço havia popularizado Lloyd como Bafo de Lixo ou apenas Lixo, o nariz proeminente o fizera ser Abridor de Latas, Macaco de Carro ou Macaco, o cabelo curto e encaracolado o transformara no Borbulhas, mas todos esses apelidos eram apenas o ponto de partida para grandes trocas de xingamentos que podiam durar muitas horas.

— Pare com isso, Macaco! — gritou Harper.

— Ele começou! — disse Lloyd. — Ficou me olhando como se eu fosse um dos campos de golfe chiques dele...

— Que cheiro é esse? — berrou Fox de baixo do pufe.

— Como se eu fosse o Royal St. Andrews... — explicou Lloyd.

— É dia do lixeiro? Alguém tirou o lixo?

— Não sou seu carregador de tacos, Fox — disse Lloyd, cutucando-o com o joelho.

— Parem com isso! — exigiu O Príncipe.

— Seu cabelo está lindo hoje — afirmou Lloyd. — Quem faz seu cabelo, Príncipezinho?

— A mesma moça que faz o seu permanente, Borbulhas, então saia de cima dele!

— Deixe o cara em paz! — gritei.

— Quem disse isso? — perguntou Lloyd. — Estou ouvindo vozes?

— Eu estou ouvindo maracas — respondeu Fox. — Quem está tocando maracas?

— Ninguém está tocando maracas — disse o Príncipe.

Ninguém, Sr. Ninguém, Homem Invisível e outros. Eu já mencionei uma vez que meu nome veio de um dos jazzistas favoritos do meu pai, Charles Mingus, e isso havia se corrompido para Charlie Lingus, depois Cunilingus, depois só Cuni. Concílio era outro apelido, porque eu morava no condomínio Biblioteca, assim como Beliche ou O Prisioneiro, porque eu ainda dormia em um beliche, apesar de isso não poder ser usado nos estágios iniciais das batalhas. “Concílio” também era algo para se usar com cautela.

— O Concílio está aqui — disse Lloyd. — Está muito animado para ver uma casa com segundo andar.

— Minha casa tem dois andares, Lloyd.

— O beliche de cima não conta — respondeu ele, o que fez os outros dois inspirarem fundo.

Lloyd tinha a tendência de ir longe demais. Eu tinha uma foto de nós dois na noite da fogueira, tirada com uma exposição longa durante minha fase de fotógrafo, e, enquanto Harper usara uma vela sparkle para desenhar um coração e Fox havia escrito o próprio nome, Lloyd tinha rabiscado um “foda-se” no ar noturno. Era assim que eu sempre pensava nele, como o tipo de adolescente que usa fogos de artifício para escrever “foda-se”, que esconde uma pedra dentro da bola de neve.

Por isso, eu não tinha escolha a não ser me jogar em cima deles, tomando cuidado para esfregar a ponta do cotovelo no ombro de Lloyd. Então O Príncipe pulou em cima de mim, usando a mesa de sinuca para maximizar o impacto. Nós grunhimos e enfiámos os dedos nas axilas uns dos outros, gritamos e rimos até não conseguirmos mais respirar. Todos nós conhecíamos a teoria de que meninos amadurecem depois das garotas e a contestávamos com veemência, mas ali estávamos: primeira evidência.

Tudo sempre começava com cerveja, que bebíamos de canudinho porque “o oxigênio a deixa mais forte”. Se destilados estivessem disponíveis, então podiam ser complementados com vodca ou gim e aspirina, que supostamente os tornava mais fortes e prevenia ressacas. Alguns anos antes, um engenheiro de alimentos jovem e ambicioso conseguira combinar o barato do álcool com a doçura exagerada dos refrigerantes em um enxaguante bucal azul, vermelho-farol ou verde-sapo, mas isso era para ocasiões especiais. Drogas eram uma fonte de discussão: Lloyd e Fox queriam usar, mas eu só pensava no martelo e na couve-flor dos tempos da escola. Só Deus para dizer se a química do cérebro dos Lewis já não era precária o bastante. O Príncipe, assim como o pai dele, era puritano em relação a drogas e as considerava coisa de hippies e fracos. A embriaguez, por outro lado, era divertida, tipicamente adolescente, e qualquer coisa que não precisasse de hospitalização era sancionada.

Mas nós também nos esforçávamos muito para superar os limites do que o álcool podia fazer, e, às vezes, o porão de Harper ganhava o clima diligente de um laboratório químico. Nós cheirávamos as bebidas ou virávamos as doses, misturando-as ou batendo-as na velocidade máxima do liquidificador para ter baratos associados a drogas. E, quando isso não funcionava, vasculhávamos os armários da cozinha em busca de drogas que não fossem drogas. A noz-moscada, o tempero que servia de porta de entrada, quando amassada e fumada em quantidades industriais, supostamente tinha um efeito xamânico. Ou era canela, ou orégano? Ou o caule seco de uma banana-verde? Nós nos forçamos a comer vários, densos e pastosos. Deixávamos as cascas no aquecedor por uma noite, depois nos reuníamos na noite seguinte para fumá-las em silêncio, com empolgação, enquanto assistíamos a *Matrix* em meio a uma névoa doce e baixa. Talvez as bananas estivessem maduras ou verdes demais, porque nada nunca acontecia, e hoje me pergunto por que simplesmente não usávamos drogas. Teria sido muito mais fácil e barato do que comprar todos aqueles caules e aquela canela.

Em vez disso, nos atínhamos a cerveja e canudos e jogávamos PlayStation, rindo e atacando uns aos outros feito cães no parque... e era divertido, eu acho. Mas às vezes eu me pegava tentando imaginar um mundo em que a amizade fosse expressa de outra maneira que não por

meio de arrotos na cara uns dos outros. Sem dúvida nos gostávamos, e até nos amávamos, e eu tinha motivos pessoais para me sentir leal e grato a Harper, que, durante alguns dos desastres recentes, tinha feito de tudo para cuidar de mim sem dar pinta de estar fazendo isso.

Mas sempre sucumbíamos à tirania da provocação, e uma tensão maior surgia do que imagino que possa ser chamado de “dinâmica de grupo”. Desde o nono ano, eu considerava Harper meu melhor amigo e pensava nos outros dois como comparsas, assim como os outros dois consideravam Harper o melhor amigo deles e os demais como comparsas. Mas aquela briga pelo favorecimento dava um toque de frieza a cada discussão, especialmente com Lloyd, meu amigo apesar de não nos gostarmos. Será que eu podia contar a eles sobre Fran? A história do Shakespeare complicava essa possibilidade, eu teria que mentir ou apresentar tudo como uma brincadeira, uma armação da minha parte. Eu poderia contar a Harper, se estivesse sozinho com ele, mas talvez a pergunta mais difícil fosse: será que conseguia imaginar Fran naquele cômodo com meus amigos? Parecia improvável, sobretudo naquele momento, com Harper parado à porta segurando uma garrafa de vodca, uma caixa de suco e um objeto estranho com formato de roda: vinte e quatro potinhos de tempero da marca Schwartz pendendo de uma plataforma giratória de madeira lascada. Harper a girou.

— Senhores, está na hora.

Hora de jogar Roleta de Temperos, Caçador de Ervas. Solenes, assumimos nossos postos no círculo, cada um com uma colher de chá na mão. Fox foi o primeiro a girar a roda, fechando os olhos e murmurando uma oração enquanto a velocidade diminuía até parar. Ele pegou o frasco mais próximo de sua mão e leu a etiqueta.

— Manjerona!

Um dos italianos, bem fácil para começar; só salsinha era mais suave. Ele encheu a colher com os flocos velhos e acinzentados e nós batemos no chão e aplaudimos enquanto ele engolia tudo, fazendo careta, mastigando e depois enxaguando a boca com vodca e suco de laranja.

— Gosto de pizza — disse ele, dando de ombros.

Eu fui o próximo e observei a roda passar pelo estragão, manjericão, coentro, tomilho, endro, cebolinha até parar em...

— Pimenta branca!

— Nããããão!

E não havia como escapar enquanto Harper arrumava os grãosinhos, tomando cuidado para empilhá-los bem na colher. As batidas no chão começaram, os aplausos, e então tudo estava na minha boca, duro, mas não desagradável. Comecei a mastigar e disse:

— Não tem nada de mais.

Até que uma, duas, três, cada semente mastigada soltou um vapor pungente que esaldou o interior das minhas narinas e fez meus olhos soltarem lágrimas quentes e viscosas, me cegando por certo tempo, a boca tão retorcida que mal consegui engolir a vodca com laranja, que já não tinha mais gosto, a boca anestesiada, sangue pulsando em meus ouvidos, e a música mais alta...

... e então eu ri e engasguei ao mesmo tempo, a garganta queimando enquanto a gosma empelotada seguia seu caminho, parte dela encontrando abrigo nos cantinhos do meu esôfago. Eu não conseguia engolir, respirar nem sentir a língua, e Lloyd apontava e ria mais do que os outros, por isso percebi que precisaria me vingar daquilo depois.

Outro giro e foi a vez do Príncipe.

— Cebolinha, cebolinha, cebolinha — murmurou ele. — Que seja cebolinha.

E talvez fosse a vodca, mas a palavra “cebolinha” me pareceu histericamente engraçada.

— Cebolinha, cebolinha, cebolinha...

Mas, em vez disso, ele ficou com... noz-moscada, um tempero suave, majestoso, que Harper bateu na própria mão, jogou para cima e pegou com a boca como se fosse um amendoim, mastigando sem parar, todo sorridente até fazer uma careta repentina e mostrar a língua, já coberta de casca amassada. Por isso ele também tomou vários goles de vodca até os pedaços sumirem.

Era a vez de Lloyd.

— Vamos lá, vamos lá, vamos lá... — murmurou ele, torcendo pela salsinha, rezando pela hortelã...

— Açafão! Issoooo!

Nós vamos e rimos, porque havia algo de muito insípido no açafão.

— Açafão é gay — disse Fox enquanto Lloyd colocava dois ou três fios vermelhos na língua e dava de ombros.

Jogamos outra rodada, bebendo o tempo todo. Fox pegou outro tempero fácil, o cominho.

— Tem cheiro de cecê — disse ele, antes de engolir.

Eu peguei hortelã, que tinha sabor de almoço gorduroso de domingo e sugou toda a umidade da minha boca, por isso virei outro copo de vodca com laranja, composto sobretudo de vodca graças a Harper, que, por sua vez, ficou com cardamomo, um tempero estranho, não desagradável, com sabor de restaurante indiano. Eu seria capaz de devorar um curry naquele momento. Chegou a vez de Lloyd. Eu estava muito bêbado e até olhar a roda girando me deixava zozinho. Ela diminuiu de velocidade, a tensão aumentou, nós batemos no chão...

— Aaaaaaah...

Então, histeria, todos deitados de costas, rindo, porque...

— Canela. A droga da *canela*.

Canela era o monstro, o assassino, o antraz do porta-temperos, por isso Harper tomou o cuidado de encher a colher até o talo e entregá-la solenemente a Lloyd, que olhou para o tempero com a concentração de um lutador de artes marciais prestes a quebrar um tijolo com um soco. Ele se concentrou, inspirou pelo nariz e expirou com uma série de pequenos sopros. A colher estava em sua mão...

... e então em sua boca. Ele a virou para baixo e a tirou sem abrir a boca, os olhos arregalados, ambas as mãos no topo da cabeça, os lábios formando um bico. Os segundos se estenderam e, por um instante, pareceu que ele fosse conseguir. Então sua boca se abriu como se tivesse explodido, uma grande nuvem de poeira vermelha se formou e nós rimos mais do que nunca, segurando a barriga, rolando no chão e apontando, enquanto o pó cor de tijolo tomava a sala. Ele tossiu, engasgou e pediu água, por isso pegamos todos os copos e garrafas, fugindo dele enquanto se curvava, cuspidando. Eu tinha uma garrafa de água na mão e ele arquejou:

— Me dê isso!

Segurei a água acima da cabeça.

— Me dê!

Lloyd se jogou em mim, agarrando-me pela cintura, empurrando-me para a mesa de sinuca para que eu sentisse as bolas raspando minha coluna. Ficou mais difícil rir porque eu também estava tossindo, mas

continuei rindo, mesmo enquanto o pó cobria meu rosto e ardia meus olhos. Consegui manter a garrafa erguida, fora de alcance, e Lloyd, já com o rosto vermelho, soltando fumaça por ambas as narinas feito um touro de desenho animado, atacou minhas costelas com pequenos socos rápidos, enquanto eu tentava afastar suas mãos.

— Au! Tudo bem, tome aqui!

Ofereci a garrafa para que ele pudesse limpar a garganta.

Mas o momento para ofertas de paz havia passado. Deixei a garrafa cair e usei a mão que a segurava para empurrar o rosto de Lloyd para longe, mas ele continuou me socando. Fiquei assustado com sua expressão, parecida com a do meu pai quando se irritava. De repente uma bola de sinuca estava em minha mão, pesada, suave e satisfatória, e meu joelho se apoiou de alguma forma no peito de Lloyd. Eu o ergui e o empurrei para o outro lado da sala e, ao mesmo tempo, me sentei, pus o braço para trás, dobrei o pulso e joguei a bola de sinuca na cabeça dele.

•••

Várias noites terminavam daquele jeito. Parecia que só conseguíamos parar quando chegávamos longe demais.

Naquele dia, a bola atingiu a placa de gesso da parede com um grande baque surdo e, apenas por um instante, ficou encravada no buraco novo, antes de cair no chão sem fazer muito barulho. Pó de canela pairava no ar feito fumaça de revólver. Olhei em volta, sorrindo, e encontrei meus três melhores amigos agachados, cobrindo a cabeça em silêncio até Lloyd falar:

— Puta que pariu, Lewis, seu psicopata...

— Eu não mirei em você!

— Mirou, sim! Você podia ter me matado!

— Caramba! — Fox estava perto da parede, testando a profundidade do buraco com o dedo. — Olhe só para isso! Meu Deus do Céu, Lewis!

— Tudo bem — disse Harper. — É só gesso. Você está bem?

A mão dele estava em meu ombro, consoladora e sincera. Eu amei O Príncipe naquele momento e me perguntei se devia dizer isso a ele.

— Estou, estou. Só perdi um pouco a cabeça.



— Deu para ver — continuou Lloyd. — Que bom que você tem uma mira de merda.

— Lloyd...

— Se soubesse jogar *direito*, eu estaria morto.

— LLOYD!

— Vou pagar pela parede — falei. — É óbvio.

— Deixe para lá.

— Você não tem dinheiro para pagar por uma *parede*, seu babaca.

— Lloyd, pare.

— Você é *maluco*, Lewis!

— Vou para casa — disse Fox.

— É, eu também devia ir — respondi, como se nada daquilo tivesse a ver comigo.

Mas, quando fiquei de pé, percebi que precisava me sentar, depois me deitar no sofá, a cabeça para trás. Foi então que percebi que o porão tinha começado a girar e balançar, as paredes de borracha. Fechar os olhos me transportava para uma daquelas máquinas usadas para testar a força da gravidade em astronautas e, quando os abri para me despedir de Fox, o tempo também tinha adquirido uma característica abstrata, porque Fox havia desaparecido, então voltei a fechar os olhos. Ouvi vozes, mas o sangue rugia tão alto em meus ouvidos que eu não conseguia identificar as palavras e, quando os abri de novo e tentei ficar de pé, as almofadas do sofá pareceram areia movediça, me sugando tanto que Harper teve que me puxar dali.

— Meu Deus, Lewis, você está completamente bêbado.

— Vou para casa.

— É, devia ir mesmo.

Ergui uma das mãos para Lloyd.

— Tchau, cara.

Mas Lloyd não olhou para mim.

— É, tchau.

A casa estava quieta, as luzes baixas enquanto Harper me guiava de volta pelo corredor.

— Ei. Ei! Agora que estamos só nós dois, eu queria contar...

— Shhhh!

— Eu queria contar que conheci uma menina...

— O quê? Agora não, tudo bem?

— Certo. Eu ligo para você. Boa noite, Sr. e Sra. Har... — gritei para o escuro, depois tropecei em uma escada portátil, arrastando-a por parte do corredor, presa em meu pé.

— Shhh! Eles estão dormindo! — sibilou Harper.

— Eu queria me despedir da sua mãe...

— Shhhh.

Então, em outra armadilha do tempo, eu tinha sido teletransportado para a porta, a mão de Harper em meu ombro mais uma vez, mantendo-me de pé.

— Você está bem, Charlie?

— O quê? *O quê?* Estou.

— Tem certeza de que vai conseguir chegar em casa?

Falei que ia ficar bem, só estava meio bêbado.

— Meio o quê?

— Meio bêbado.

— Você disse “perdido”. “Meio perdido.”

— O quê? Não, meio bêbado.

— Está bem. Está bem. Sua mochila está aqui.

— Eu te amo, cara — falei, murmurando a palavra ofensiva para que ele ouvisse e não ouvisse ao mesmo tempo, então fiquei sozinho.

Minha bicicleta estava no pátio, mas alguém havia ajustado o banco para que eu não conseguisse levantar a perna o bastante para me sentar. Soltei um palavrão e cáí, então xinguei outra vez e percebi que, se ficasse com uma perna de cada lado da bicicleta e depois a puxasse para me sentar, eu poderia começar a pedalar. Minha casa ficava a dez minutos dali, e eu queria cama, um antídoto para o veneno em minhas veias, ou uma transfusão; eu seria todo sugado, esvaziado e preenchido outra vez com algo melhor, algo puro. Se fosse para casa naquele momento, mesmo que conseguisse enfiar a chave na fechadura, eu não dormiria, em vez disso fecharia os olhos e voltaria para aquela centrífuga. E se meu pai estivesse acordado ou tirando uma soneca no sofá e eu tivesse que falar? Tive medo dessa ideia e jurei para mim mesmo que nunca mais, não ia mais viver daquela maneira, ia começar de novo no dia seguinte e seria direto, sincero, bondoso, novo e melhor, melhor, melhor, como Alina

tinha dito, eu ia *achar um jeito de me movimentar pelo mundo, presente e vivo, achar um jeito de ser.*

Mas, naquele instante, parecia não haver nada que eu pudesse fazer para impedir que a rua à minha frente sacudisse e retorcesse feito uma ponte de corda. Pedalar de olhos fechados não ajudava tanto quanto achei que ajudaria, por isso fixei o olhar nas faixas amarelas, usando-as como corrimões. Só que percebi que não tinha mais fé nas leis da física nem acreditava que continuar pedalando bastaria para me manter de pé, então, ao passar pelo parquinho, diminuí a velocidade até a bicicleta pender para o lado e me permiti cair e rastejar para longe dela a fim de descansar.

A grama estava fria em minhas costas, as estrelas circundavam o céu e deixavam rastros de luz como um salto para o hiperespaço, e eu abri os braços e tentei enfiar os dedos na terra quente para evitar que meu corpo voasse para o vazio. Fechando os olhos, busquei outra coisa à qual pudesse me agarrar e encontrei Fran Fisher, o modo como havíamos nos despedido, o sorriso que parecera surgir no canto de sua boca quando eu tentara e não conseguira falar, como se ela realmente me entendesse. De uma forma que ainda não estava clara, ela parecia ser a solução para um problema que também não estava claro. Mas, naquele instante, nada estava claro para mim. Era melhor só descansar. Abri as mãos, rolei para o lado e desmaiei.

Em algum momento no meio da noite, tive a estranha sensação de que meu pai estava ali, de casaco por cima do pijama, falando baixinho comigo. De que o carro estava atrás dele, a porta aberta, o motor ligado, os faróis iluminando o parquinho. De que ele me erguia feito um bombeiro e cambaleava até o banco de trás. Depois me levava para casa, com Chet Baker cantando no rádio. Também vi uma imagem rápida minha vomitando na privada, outra sentado em nossa pequena banheira, os joelhos no peito, a água quente do chuveiro nas costas. Tudo tinha características de sonho, mas sei que, quando acordei na manhã seguinte, cheio de hematomas e com álcool ainda correndo nas veias, de alguma forma estava na cama, com lençóis limpos, vestindo um pijama que não usava desde que era criança.

# Pai



Durante os primeiros onze anos da minha vida, meu pai me criou, apesar de isso fazer o processo parecer mais carinhoso e saudável do que foi.

Ele era músico na época, um saxofonista, pelo menos em teoria. Com o incentivo da minha mãe, e para o ódio dos meus avós, havia largado o curso de contabilidade e tocava três ou quatro noites por semana em várias bandas, às vezes jazz, às vezes em bandas cover, aproveitando os dias livres para “trabalhar nas músicas”. Nós três morávamos em um apartamento alugado em cima de um açougue, em um centro comercial de Portsmouth. Minha mãe trabalhava no hospital, por isso minhas primeiras lembranças são de horas infinitas à toa, tentando fazer soldados de plástico ficarem de pé no carpete enquanto meu pai acompanhava discos no saxofone ou em um pequeno teclado ao qual se sentava como se fosse uma criança em uma minúscula carteira. Era um tipo de karaokê aprimorado: meu pai deixava a agulha no solo que não conseguia tocar ou no acorde que não encontrava e voltava a erguê-la várias vezes, ouvindo de novo, assentindo, o saxofone junto ao peito, depois tentando outra vez. Dizem que bebês expostos a Bach e Mozart se desenvolvem mais rápido, têm mentes analíticas aceleradas, mas ninguém sabe o que cinco ou seis horas de *bebop* podem causar. Aquilo com certeza não fez de mim um cara descolado nem tranquilo — na verdade, foi o contrário —, mas ainda existem discos que são tão familiares para mim quanto canções de ninar. *Blue Train*, *The Sidewinder*, *Go!* e *Straight, No Chaser* foram a trilha sonora do tempo que passamos, felizes com a companhia um do outro, naqueles três pequenos cômodos. Meu pai não gostava muito de ficar ao ar livre, mas, como concessão às regras parentais, às vezes caminhávamos até o parquinho local, tão lúgubre e desolador quanto um aeroporto militar. Mas a piscininha estava sempre vazia, o escorregador não era

escorregadio e meninos ameaçadores monopolizavam os balanços, por isso, com meu incentivo, logo voltávamos para o apartamento, para o brilho soporífico do aquecedor a querosene, a TV ligada no mudo, *Button Moon* com trilha sonora de Cannonball Adderley, *The Flumps* com Dexter Gordon.

E às vezes eu apenas assistia ao meu pai tocar: um homem alto, mas não bonito, levemente curvado, o pescoço esticado e um pomo de adão proeminente que subia e descia, elástico, sempre que ele ria ou tocava, feito uma gaivota engolindo um peixe. Jovem apenas em teoria, ele parecia alheio ao tempo, um produto do pós-guerra, de cafeterias e do Serviço Nacional, e não dos anos 1960 e 1970 de sua juventude. Mesmo aos vinte anos, o rosto dele era enrugado como algo esquecido por muito tempo no bolso, sua pele tinha uma elasticidade desconcertante — se o pegasse pelas bochechas e as puxasse, seu rosto se estendia de maneira alarmante, feito o de um camaleão. Imagino que fosse o preço de todos aqueles ensaios. Mas ele tinha olhos maravilhosos, suaves e castanhos, que se fixavam em nós durante seus ataques frequentes de sentimentalismo, e era querido, popular e gentil, falava com desconhecidos, ajudava velhinhas e eu o amava muito, amava nossa vida juntos naquele apartamento.

Pouco antes de minha mãe voltar do trabalho, ele se juntava a mim no carpete sujo para encenar uma diligência diante do forte apache, ou fazendo perguntas com a voz conscientemente animada de um assistente social, ou então repassando o alfabeto comigo, perdendo interesse antes do “M”. Meu pai gostava de se considerar um autodidata, e o uso frequente do termo “autodidata” é a marca de um autodidata, mas, se ele havia aprendido sozinho, dizia minha mãe, tinha sido com um professor substituto. Ainda assim, ele acreditava muito no valor educativo da curiosidade natural, por isso aprendi sobre eletricidade ao enfiar um garfo na torradeira, sobre o sistema digestivo ao engolir um Lego, sobre deslocamento da água ao preparar meu banho. Ele não era o tipo de pai que fazia pipas, mas, se fosse, eu teria brincado no meio de torres elétricas. Às vezes, ele descambava para as palhaçadas plagiadas: polegares desaparecidos, objetos retirados de trás da minha orelha, narizes cortados e recolocados no lugar — eu ficava satisfeito com facilidade —, mas

depois ele voltava à música. Não era displicente, mas... relaxado, distraído.

Mais tarde, na escola, eu descobriria que a maioria dos pais eram gerais aterrorizantes, distantes e ameaçadores, que entravam de maneira explosiva para inspecionar roupas e quartos no fim do dia; presenças perturbadoras. Desde que me lembro, meu pai sempre esteve por perto e, durante a maior parte do tempo, convivíamos com nossos pequenos projetos individuais lado a lado, alimentados por chás e sucos, biscoitos baratos e sobremesas doces de um tom de rosa químico, feitas com água da chaleira. Minha primeira infância foi pobre, suja e desorganizada, mas também bastante feliz.

Eles se casaram em 1984. Eu estou na foto do casamento, com três anos, vestindo um terno cômico de veludo cotelê. Meu pai está com uma gravata fina e uma postura estranhamente reta. Minha mãe, em um branco irônico, está de perfil para enfatizar a barriga imensa que continha minha irmã e sacode o punho fechado para meu pai em uma raiva fingida. Nós pelo menos considerávamos aquilo fingimento. Meus amigos hoje tomam o cuidado de preparar tudo antes de começar uma família: carreira estabelecida, hipoteca, quartos extras. Ainda aos vinte e poucos anos, meus pais preferiram improvisar. Eu me lembro das festas descontroladas, do apartamento lotado de músicos e enfermeiras, do nitrogênio se misturando à glicerina. Eu me lembro de acender cigarros de desconhecidos.

Billie — por causa da Holiday — chegou e, por um tempo, fomos nós quatro, pisando em brinquedos, acordando uns aos outros a qualquer hora. Um tipo confortável de caos de repente se tornou carregado e turbulento, por isso foi quase um alívio entrar para a escola. Quase. Meu pai chorou no portão do colégio como se eu estivesse sendo evacuado na guerra.

— O que eu queria fazer... — disse ele, segurando minha cabeça entre os dedos compridos como se fosse um prêmio. — O que eu queria fazer, se você não se importasse, era pegar sua cabeça agora e carregar sempre comigo. Posso?

• • •

Foram essas lembranças que minha mãe havia usado ao afirmar que meu pai e eu éramos próximos, que ficaríamos bem morando juntos, e, para ser sincero, esse elo às vezes podia ser visto em dias como aquele sábado específico. Em uma bandeja ao lado da minha cama, havia um chá quente, uma lata gelada de Coca-Cola e uma aspirina sobre um pedaço de papel. A janela tinha sido aberta e uma tela de céu azul sugeria um dia bonito, mas eu só conseguiria enfrentar o desafio da escada à tarde. Meu pai estava agachado ao lado do som, a cabeça próxima do alto-falante, como sempre, mexendo com os dedos sobre um saxofone invisível, enquanto Ornette Coleman tocava uma versão em jazz da bagunça violenta que eu sentia em minha cabeça.

— Pode baixar um pouquinho, por favor?

Ele se virou com um meio sorriso indulgente.

— Foi para a farra, não foi?

— Fui, obrigado, pai.

— Sei lá, Charlie. Você ficou acordado a noite toda, depois voltou para casa *fedendo* a canela...

O mistério da minha volta não foi discutido nem nunca seria, e fiquei grato por isso. Em algum momento eu teria que ligar para Harper. A violência era legal enquanto parecia diversão, mas perder o controle daquele jeito... Eu teria que pedir desculpas. Apesar da tontura, a imagem do buraco no gesso voltou e me lembrei também da leve euforia que havia sentido quando a bola de sinuca deixou minha mão. Eu teria que ligar para Lloyd também, só para garantir, para ele e para mim mesmo, que não pretendia acertá-lo. Mas, naquele instante, eu só conseguia me encolher no canto do sofá e tentar não mexer a cabeça. Adolescentes não deviam ser imunes a ressaca? Mesmo o contato com as almofadas do sofá, com o ar, me machucava.

— É possível beber com moderação, sabia? Você não precisa fazer mal a si mesmo.

— Eu sei!

Eu nunca mais ia beber, ou beberia apenas da maneira urbana e sofisticada como as pessoas que bebiam vinho, pessoas como Fran; vinho sem tampa de rosca, em taças decentes. Outra pontada de culpa: eu havia planejado passar o dia lendo *Romeu e Julieta*. Não tinha chance nenhuma

de impressioná-la, mas não queria bancar o idiota, e a simples ideia de abrir aquele texto...

Em um golpe de sorte perfeito, o dia havia nublado, o que significava que meu pai podia perguntar:

— Quer ver um filme?

Ficávamos à vontade diante dos filmes. Com meus amigos, era raro assistir a um filme que não se passasse no espaço, na selva, no futuro ou em alguma combinação dessas opções. Mas, em dias como aquele, eu queria o que chamava de “filmes do meu pai”: longos, grandiosos e familiares. Nós assistíamos à mesma seleção desde que eu era criança: filmes britânicos com Julie Christie e Alec Guinness, John Mills e Richard Burton, *Spaghetti Western* e filmes *noir*, *Spartacus*, *Vikings*, *Os Conquistadores* e *O Terceiro Homem*. Não tínhamos dinheiro para comprá-los, mas na biblioteca havia alguns, e vasculhar as prateleiras de lá era um dos projetos paralelos do meu pai.

— Trouxe *Era uma Vez no Oeste*, *O Desafio das Águias* e *O Poderoso Chefão II*.

Eram pelo menos nove horas, o bastante para que o resto do álcool deixasse meu corpo e nos levasse até a noite com xícaras de chá no colo. Ele se juntou a mim no sofá, o controle remoto a seu alcance.

— Vamos começar — disse ele.

Ficamos sentados em um silêncio confortável, embalados pelos confrontos já conhecidos, pelos tiros e explosões, enquanto o álcool era expelido e se dissipava aos poucos. Aquele foi um dia bom com meu pai.



## Sansão



Na segunda, o tempo bom passou e fiquei deitado na cama ouvindo o clamor de uma tempestade de verão. O primeiro ensaio de *Romeu e Julieta* era às nove e meia e, uma hora antes, o mundo continuava caindo, a luz tão fraca quanto em uma tarde de inverno. Talvez fosse um sinal. Quando eu tinha dezesseis anos, o único propósito do clima era me mandar mensagens diretas e a chuva batendo na janela era como uma mão no meu peito dizendo: *Nada de bom pode vir dali. Você vai bancar o idiota. Esqueça essa menina. Fique na cama.*

Eu havia passado a tarde anterior tentando entender a peça, estudando para um teste, o teste da aprovação de Fran. No retângulo de cimento que chamávamos de jardim, sentei com uma postura tão reta e concentrada quanto a espreguiçadeira permitia, tirei o roteiro da mochila e comecei a ler o prólogo.

*Duas famílias, iguais em seu valor, na bela Verona, que esta cena desvela...*

Eu tinha decidido que leria tudo com calma, entenderia cada frase antes de passar para a seguinte. A princípio, aquilo estava em um inglês tranquilo, fácil, quase normal, as palavras seguindo umas às outras como apoios, até eu sentir que perdia o controle.

*... onde sangue civil suja mãos civis...*

Porque como o sangue podia ser “civil”, e o que eram mãos civis? Mãos de quem? Civil de “cidadão” ou de “civilizado”, ou como em “guerra civil”? Havia dois “civis” na mesma frase e talvez ambos os “civis” tivessem os três significados; talvez esse fosse o objetivo, talvez fosse um “jogo de palavras”. Recordei a Srta. Rice, nossa antiga professora de inglês, dizendo para não pensarmos em Shakespeare, em qualquer poesia, como se fosse algo que precisasse de tradução:

— Não é uma língua estrangeira, é *esta* língua, a sua língua.

Mas algo teria que ser feito para tornar aquilo compreensível: não uma tradução exatamente, mas a montagem de um quebra-cabeça. Analisando uma palavra de cada vez, eu cheguei a: “O sangue dos civis suja as mãos que deveriam ser amigas durante aquela guerra civil.”

Pronto, aquilo fazia sentido.

Mas aquela era *a quarta frase da peça* e eu me lembrei da longa tarde sonolenta que passara encarando *O amanhã, o amanhã, outro amanhã*, do prazer instintivo do som da palavra se transformando em frustração, já que cada frase exigia uma explicação, uma paráfrase, uma referência às notas de rodapé, o conserto das inversões enlouquecedoras típicas do Mestre Yoda.

“Não se preocupem se a cabeça de vocês doer às vezes”, tinha dito ela. “Isso é normal. É igual a quando vocês se exercitam e seus músculos doem.”

Talvez eu estivesse me esforçando demais. Talvez Shakespeare fosse como um dos quadros de “olho mágico” tão populares na época: descubra o equilíbrio entre concentração e relaxamento e a imagem vai surgir.

“Ah, entendi!”, tinha gritado alguém lá da frente da sala, mas eu não havia entendido e ficara sentado, sentindo-me cada vez mais burro e frustrado.

Será que Fran Fisher tinha a mesma dificuldade? Será que alguma daquelas pessoas tinha?

*... cuja desventura e lastimoso fim...*

Palavras aleatórias que podiam muito bem ser “porco guarda-chuva satélite”. Chequei o número de páginas: cento e vinte e quatro. Uma vida inteira não seria longa o bastante para entender tudo aquilo, por isso, como gerações de atores antes de mim, decidi me concentrar no meu papel. Talvez houvesse algo ali para fazer Fran sorrir.

Sansão: *Gregório, um desaforo não se engole.*

Gregório: *Não, ou seremos chamados de gulosos.*

Sansão: *Saiba que, co' raiva, eu puxo a espada.*

Bati o texto no cimento. *Saiba que, co' raiva, eu puxo a espada...* mesmo na Inglaterra elisabetana, imaginei servos de dentes pretos virando um para o outro e perguntando: *O que foi que ele disse? Alguma coisa sobre espada?*

Tinham comentado que havia brincadeiras. Engole, gulosos. Eram brincadeiras. E por que não havia “m” em “com”? Por quê?

Fechei os olhos e lembrei que, depois da leitura, eu não faria o papel de verdade. Seria só um meio para um fim.

— Isso. É só um meio para um fim — falei em voz alta, pegando o roteiro do chão e continuando a ler.

Havia algumas coisas que reconheci como “safadinhas”, sobre virgindade e virgens, e a frase *Minha arma já está de fora*, que me arrepiou porque eu sabia que teria que apontar para a virilha. *Que não é de fato um bom peixe. Se fosse, não seria mais do que uma sardinha.* Eu tinha que dizer aquilo. Na frente de Fran, de Lucy Tran, Colin Smart e Helen Beavis.

Sansão: *Vou morder o polegar para eles e será uma grande vergonha se aguentarem.*

Abraão: *Está mordendo o polegar para nós, senhor?*

Sansão: *Estou mordendo o polegar, senhor.*

Abraão: *Mas está mordendo para nós, senhor?*

No geral, tinha coisa demais sobre polegares. Mordi o meu para Shakespeare, prendi a unha atrás dos dentes e fiz um barulho de clique. Talvez Sansão voltasse depois com um material melhor. Folheei mais algumas páginas, palavras, palavras, palavras, e me vi de volta a uma sala de aula, o cérebro quicando sobre a superfície feito uma pedra lançada sobre uma camada espessa de gelo.

Larguei a peça de novo e fechei os olhos. Quando criança, eu havia desmontado um relógio quebrado uma vez, determinado a consertá-lo para meu pai, mas a satisfação inicial com a complexidade do mecanismo tinha se tornado tédio, depois frustração, até que eu simplesmente enfiara as engrenagens e molas de volta, prendera tudo com fita adesiva e o jogara direto pelo ralo.

• • •

Na segunda de manhã, às nove horas, ainda chovia horrores.

Se eu não fosse naquele instante, nunca mais iria e, se a chuva fosse um sinal para me manter afastado, também podia ser um teste para a minha determinação, forças divinas e sobrenaturais me apresentando um desafio de cavaleiro, uma missão! Pela parede, ouvi meu pai no banheiro.

Pensei em nós dois assistindo aos programas matinais na TV, conversando sobre a chuva...

Eu me vesti depressa, pus o velho casaco impermeável da escola, parei à porta com a bicicleta e saí na chuva feito um barco descendo uma rampa. Antes de chegar ao fim da rua, senti que tinha mergulhado em um lago. A cera do cabelo cuidadosamente arrumado fazia meus olhos arderem, a calça jeans que eu havia escolhido arranhava a parte interna das minhas coxas a cada giro do pedal. A chuva no asfalto quente criava um caldo cinza-chumbo e cada carro que passava jogava mais daquele esgoto oleoso no meu rosto, queimando meus olhos e embaçando minha visão, fazendo com que, mesmo antes de enfrentar a ladeira íngreme que levava à mansão, eu estivesse pronto para dar meia-volta. Missões eram ridículas. Ainda assim, subi a ladeira contra a corrente, depois cruzei o portão, empurrei a bicicleta pelo cascalho molhado, joguei-a no gramado e parti para o salão de chá, lembrando que era uma estufa enorme sem nada dentro. Contornei a mansão, o encontrei, pressionei o rosto no vidro para ver o movimento atrás do ar condensado, achei a porta da estufa e me joguei por ela.

— ... *iguais em seu valor, na bela Vêrona, que esta...*

Eles estavam sentados em cadeiras de madeira, em um grande círculo, e se viraram para me encarar parado à porta, os braços caídos, as roupas grudadas no corpo, pingando no piso de terracota.

— Ele chegou! — disse Ivor. — Uma grande salva de palmas! — Algumas palmas contrastando com a chuva caindo. — Não tenha pressa, Charlie. Vamos nos reagrupar e começar de novo. Relaxe alguns minutos. Pessoal, continuem sentados.

Abri caminho por um campo de guarda-chuvas abertos e fui até uma cadeira vaga entre Lucy e o menino de óculos chamado George. Enfiei a mão na mochila aos meus pés e arranquei a capa do bolo de papel machê que outrora havia sido o texto da peça. Em algum lugar do círculo, alguém riu.

— Tome. Pegue este aqui — disse Alina.

Uma cópia nova do texto foi passada pelo círculo. Olhei para Fran, o cabelo molhado penteado para trás com maestria, feito o de uma tecladista de uma banda dos anos 1980. Eu teria adorado analisar aquele espetáculo, mas Helen estava cutucando o cotovelo de Fran e estendendo

a mão, como se esperasse um pagamento. Fran se inclinou para trás, enfiou os dedos no bolso e entregou uma moeda para ela...

— Charlie, rapidinho.

Ivor e Alina estavam ajoelhados ao meu lado, a mão de Ivor em meu joelho molhado.

— Escute, estamos com um problema — disse Ivor, em voz baixa.

— Está bem.

— Sabe a menina que ia fazer o papel do Benvólio? Ela desistiu.

— Está bem.

— A gente queria saber, Charlie — perguntou Alina —, se você faria o papel dela.

— Está bem...?

— Pelo menos na leitura — explicou Ivor. — Depois a gente vê.

— Está bem.

— Você topa?

— Topo. Não. Quer dizer, eu não posso realmente...

— Você conhece a peça, não é?

— Conheço! É, é, claro, é!

— Não precisa se exhibir — disse Alina. — Não temos nenhuma expectativa em relação a você, na verdade.

— E com isso, queremos dizer, Simon...

— Charlie.

— ... Charlie, que esperamos muito de você, mas não hoje. Não vai haver nenhuma interpretação digna de Oscar hoje, está bem? Só... leia tudo.

— Vocês ainda querem que eu leia...?

— O Sansão, queremos. Faça uma voz diferente ou... Meu Deus!

— O quê?

— Charlie, levante-se!

— Hum... Por quê?

— Olhem, pessoal, olhem. — Ivor pegou minhas mãos e me puxou até me colocar de pé, me segurando a certa distância, como se fôssemos dançar uma valsa. — Olhe! Você está *soltando fumaça!*

E de fato uma névoa densa se erguia de toda a extensão dos meus braços, de todo meu corpo, à medida que as roupas encharcadas de chuva

se aqueciam na minha pele. E, enquanto todos riam, gritavam e aplaudiam, fiquei parado, soltando fumaça feito um vampiro à luz do sol.

— Sabem o que é isso, pessoal? — berrou Ivor. — Isso é *comprometimento*.

# Nervosismo

•••

— Meu nome é Miles e vou fazer o Romeu!

— ... e eu sou Polly e vou ser a Ama!

— Sou Bernard, vou ler o Prólogo e o Príncipe.

— Oi, meu nome é Ivor, sou o diretor e vou fazer o Sr. Capuleto.

— Sou Alina, a codiretora e coreógrafa e vou ser a Sra. Capuleto.

— Fran, Julieta.

— Alex, Mercúcio.

— Sou Helen, a cenógrafa, e vou fazer o Gregório até a gente encontrar um ator.

— Bom dia a todos! Sou Keith e vou fazer o Frei Lourenço e vários outros.

— Meu nome é Colin e vou fazer Pedro e o Boticário!

— Sou George, vou fazer o Páris.

— Oi, sou Charlie. Vou ler, hã, o Sansão e, só por hoje, o Benvólio.

— Sou Lucy, vou fazer o papel do Teobaldo.

E todos os olhos se voltaram para os dois recém-chegados: um casal de meia-idade sombrio, magro, muito gracioso, parecido com uma equipe de espões formada pelo marido e pela esposa.

— Olá a todos! Somos John...

— ... e Lesley.

— Somos amigos do Keith — explicou John —, dos famosos Lakeside Players!

— E fomos convocados para assumir os papéis do Sr. e da Sra. Montéquio mais velhos.

— Eu sou a Sra. Montéquio! — disse John, arrancando muitas gargalhadas. — Estou brincando! Só que não! Só que não!

— Ótimo! Maravilha. Certo, vamos começar de novo e lembrar... E não canso de enfatizar: só vamos ler, não é permitido atuar!

— É, eles sempre dizem isso — respondeu George. — Cuidado, todo mundo vai atuar para caramba.

— Bernard, quando você estiver pronto — pediu Ivor.

Bernard pigarreou, pôs os óculos de leitura bem na ponta do nariz como se estivesse lendo uma lista de compras, e nós começamos.

— *Duas famílias, iguais em seu valor, na bela Verona, que esta cena desvela...*

O prólogo, que havia parecido tão lento e denso, passava correndo, com minhas falas logo à frente, feito uma parede de tijolos, e durante todo aquele tempo eu só conseguia pensar: quem diabo é Benvólio? Folheando depressa as páginas, vi que a primeira fala dele começava exatamente no ponto em que eu havia parado de ler. Benvólio tinha sido o motivo que me fizera desistir. A primeira conversa dele era com Sansão, feito por mim, e por isso me perguntei: será que deveria fazer outra voz para distinguir os dois, um sotaque, demonstrar meu talento?

Que *talento*? Virei outra página e vi o nome de Benvólio acima de um grande parágrafo, e por que Helen estava pedindo dinheiro a Fran, por que ela estava sorrindo? Por que todos estavam me olhando? Porque era minha deixa.

— *Gregório, um desaforo não se engole.*

O papel de Gregório ia ser lido por Helen e, de alguma forma, foi bom dialogar com alguém que, se não era pior, com certeza não era melhor do que eu.

— *Não, ou seremos chamados de gulosos* — murmurou ela.

Nós continuamos aos trancos e barrancos até o momento de o tal Benvólio falar.

Eu tinha adotado a estratégia de pronunciar cada palavra do modo mais simples possível, uma a uma, feito pedras formando uma trilha por um rio, sem nenhuma variação de velocidade nem ênfase.

— *Separem-se. Tolos. Guardem. As. Espadas. Não. Sabem. O. Que. Fazem.*

Mas alguém estava gritando comigo: Lucy Tran, que fazia um personagem chamado Teobaldo, que também não parecia gostar muito de mim, considerando o modo como ela sibilava cada fala, cutucando meu cotovelo com uma caneta.



— O quê? Saca a espada e fala de paz? ODEIO essa palavra como ao INFERNO, a todos os Montéquios e a VOCÊ! Tome, COVARDE.

Claramente Lucy havia decidido ignorar o pedido de “não atuar” que Ivor fizera, mas eu continuei soltando as palavras como se pusesse moedas em uma máquina de venda de salgadinhos.

— Senhora. Bem. Antes. De. O. Sol. Idolatrado. Olhar. Pela. Janela. Dourada. Do. Oriente...

Então fui direto para outra cena com Romeu, um diálogo que parecia interminável no qual Miles suspirou, bufou e riu, o tipo de risada falsa que é soletrada, rá-rá, he-he. A chuva havia parado de bater no vidro e não tinha nenhuma necessidade de gritar daquela maneira, mas ele continuou, levando o leal Benvólio junto para a cena seguinte e depois para a outra, com cada vez mais falas para mim. Comecei a pensar: meu Deus, esse papel é praticamente o *principal*. Por que não posso ter menos falas? Por favor, me deixem fazer menos coisas.

Polly, a senhorinha gentil que era dona da casa, foi a próxima e nos levou em uma viagem pelas ilhas britânicas, do East End até as Midlands, Newcastle e além, e percebi que a Ama era o “alívio cômico” da peça. Então veio outro pedaço difícil em que descrevi a morte de Teobaldo, distribuindo as palavras como uma criança lidaria com um baralho e, depois disso, graças a Deus, Benvólio finalmente se calou e pude observar e ouvir — até, por fim, muitas horas depois de termos começado...

— Pois história mais triste nunca aconteceu que a de Julieta e seu Romeu.

Certo silêncio, gestos incômodos. Textos fechados. Ivor, com uma voz triste, disse:

— Bom, houve *muita* atuação. Claramente temos trabalho a fazer. Nós... Vamos ter que analisar bem tudo isso. Certo, pessoal. Quinze minutos, gente. Um intervalo de quinze minutos.

A companhia se levantou e se alongou. Pela primeira vez, olhei para Fran enquanto ela sorria com a boca fechada: *Mandou bem!* Eu estava envergonhado demais para ir até ela e, além disso, havia Romeu na minha frente.

— E então, Benvólio? O que você achou?

— Ótimo. Você foi muito bem.

Ele dispensou o elogio com um aceno.

— Foi a primeira leitura, então ainda estou analisando tudo, sabe? Vou melhorar. Mas, olhe... — Ele pôs a mão grande no meu ombro. — Temos muitas cenas juntos, sabe? Tipo, *muitas*.

— É, eu notei.

— Então, eu só queria confirmar... Você não vai fazer o papel *daquele jeito*, vai?

• • •

Eu não ia sequer *fazer* o papel. Nos intervalos entre soltar as palavras, eu tinha analisado as performances e mesmo um não especialista como eu percebia que aquela iniciativa estava fadada ao fracasso, com ou sem o meu envolvimento.

Primeiro, havia os não atores, os antiatores, os que não tinham nada a nosso favor: eu, Helen e Bernard. Depois, o grupo maior, os incorporadores de atores, com vozes empoladas subindo e descendo como em uma montanha-russa, pausas e ênfases estranhas, uma postura imperial mesmo quando estavam sentados. Aquilo me lembrava a empolgação das crianças pequenas ao brincar de reis e rainhas no parquinho. Talvez atuar fosse isso, uma eterna brincadeira de reis e rainhas — mas que público ia assistir àquilo por vontade própria?

Em relação a Fran Fisher, é possível que eu não estivesse sendo totalmente objetivo. Mas, na época, naquela estufa, achei que ela era a melhor atriz que eu já tinha visto, e o talento dela, na minha opinião, estava em todas as coisas que ela não fazia. Fran não posava, nem mantinha a postura nem exagerava, não usava uma voz extremamente diferente da sua fala natural. Ao contrário de Miles, ela não fazia pausas em... todos os... lugares errados, depois continuava em uma versão falsa do discurso natural, mas também não murmurava nem jogava coisas fora. De alguma forma, as palavras que eu havia encarado sem refletir direito, e que me pareceram sem sentido, de repente soavam eloquentes, urgentes e reais.

— *Galopem rápido, corcéis dos pés de fogo, para o lar de Febo!* — dissera ela.

E, apesar de não saber de onde os cavalos haviam surgido, por que os cascos deles pegavam fogo ou onde Febo morava, naquele instante eu havia pensado: *Sim, eu sei exatamente o que você quer dizer.*

Talento não era algo que costumava me atrair — provavelmente causava o efeito oposto, e eu costumava me ressentir, rir ou fugir de pessoas que eram boas em alguma coisa —, mas, sempre que Fran falava, toda a sala se aproximava dela. Uma personagem que, na minha cabeça, havia sido uma ilustração, uma moça em uma varanda, passara a ser engraçada e apaixonada, inteligente e obstinada, rebelde e — uma palavra que, aos dezesseis anos, eu repudiaria com nojo — sensual. Como era possível incluir aquelas características no papel se não fossem ao menos parte de quem você era? Criá-las e não tê-las seria como expressar uma ideia que nunca tivemos. Ao lado de Julieta, Romeu era um bronco reclamão. O que ela vira nele?

Uma pequena multidão tinha se reunido em torno dela, para a evidente decepção de Miles.

— Ela vai se sair bem, se pelo menos se esforçar — disse ele, antes de se afastar emburrado.

Intimidado demais para falar com ela, decidi sair da estufa.

— Oi, Charlie — cumprimentou ela quando passei. — Bom trabalho! Eu me encolhi e corri para fora.

O sol havia saído, tão enfático quanto a chuva que substituía, e Alina e Ivor estavam parados junto à porta, o rosto quase colado um no outro, lidando com um problema, que no caso era eu.

— Oi, Charlie — disse Alina, o cabelo puxado demais para trás, erguendo as sobrancelhas em desespero. — E aí? O que você achou? Do novo papel?

— Bom, hum, eu estava meio inseguro...

— É, pareceu que você ainda estava Tateando! — disse Ivor.

— Era como se você só estivesse entendendo uma em cada nove palavras — completou Alina.

— Alina! — exclamou Ivor.

— Já considerou dirigir?

Eu estava prestes a ser demitido e senti um alívio maravilhoso.

— Se vocês quiserem dar o papel para outra pessoa...

— Não! Não, a gente adoraria que você tentasse — retrucou Ivor.

— Além disso, no momento, *não temos* mais ninguém — respondeu Alina.

— Apesar de esse não ser o motivo!

— Bom...

— A gente queria que você insistisse, por uma semana, talvez.

— Está bem — falei, louco para me afastar.

— Mas posso perguntar uma coisa?... — disse Ivor, baixando a voz.

— Você já esteve em alguma peça?

Eu ri.

— O que você acha?

— Então — continuou Alina —, o que trouxe você aqui, Charlie?

— Hum. É que eu queria conhecer gente nova?

Comecei a olhar em volta em busca de um álibi. Um pouco mais longe, Alex, Mercúcio, estava sentado em um banco, enrolando um cigarro, o chapéu de feltro apoiado na parte de trás da cabeça. Gente nova. Acenei para Alex.

— Bom, você vai se sair muito bem — afirmou Ivor. — Com o tempo.

— E, caso contrário... — disse Alina. — Confie em mim: direção!

Acenei outra vez. Na escola, eu tinha aprendido que não era apropriado um menino elogiar o visual de outro, nem mesmo pensar em uma coisa dessas, mas Alex era muito bonito, comprido e lânguido como um bailarino. No papel e na vida, ele tinha o mesmo olhar irônico, caracterizado por uma única ruga em um dos lados da boca, e senti que aquela ironia estava sendo direcionada para mim. Mas ele limpou o banco com a beirada da mão, tirando a água da chuva.

— Vamos. Venha aqui comigo.

Aproximando-me, senti, como sempre sentiria com Alex, que devia lhe pedir um autógrafo.

Alex Asante: ele era a outra pessoa com talento. Tínhamos sentido isso no momento em que ele havia começado a falar. Em uma das primeiras aulas, nossa professora de francês prometera que, se nos esforçássemos o bastante, acabaríamos entrando em um tipo de transe, no qual o estrangeirismo desapareceria e nós falaríamos, pensaríamos e até sonharíamos em uma linda língua nova. Eu nunca ficara nem remotamente perto daquele estado — tinha saído da prova depois de meia hora —, mas tinha algo de atraente na ideia e, assim como com Fran, havia o mesmo tipo de imediatismo quando Alex falava. Eu não fazia ideia de quem era a Rainha Mab nem de por que ela não aparecia

no palco, mas sabia o que ele estava tentando fazer e achei que devia informá-lo.

— Você é muito bom nisso.

Ele fez um gesto dispensando o comentário.

— Só se comparar com os outros.

— Não, de verdade. Estou falando sério.

Ele ergueu bem os ombros, depois relaxou.

— É minha performance-padrão de gay excluído — analisou. — Você foi muito bem.

— Foi uma merda.

Ele riu.

— Pense em si mesmo como... um pedaço de argila não moldada.

— Acho que vão me mandar embora.

Ele acompanhou cada palavra com uma batidinha no meu joelho:

— Você. Foi. Muito. Bem. Além disso, eles não podem mandar você *embora*. O Conselho de Artes não vai deixar. O objetivo é a experiência! Transformar jovens vidas através de Shakespeare! Enquanto você vier, vai participar. Contanto que queira.

— Ah, ele quer, não é, Charlie? — disse Helen, se aproximando. — Ele quer *muito*. Fran e eu até apostamos nisso. — Ela mostrou a moeda de uma libra entre o indicador e o polegar. — Fran disse que você não ia voltar e eu falei que ia, apostei uma libra e ganhei. — Ela bagunçou meu cabelo. — Ainda bem!

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Alex.

— Charlie está apaixonado.

Fran se aproximava.

— Helen, pare — pedi.

— Ele está apaixonado pelo *teatro*, não é, Charlie? É por isso que está aqui. Ah, oi, Fran! Eu estava dizendo como Charlie é louco por teatro.

— É mesmo? — disse Fran.

— É recente. — Dei de ombros. — Sou mais o tipo observador, sabe? Helen sorriu.

— Não sei dizer quantas vezes, na escola, Charlie e os amigos dele estavam, tipo, pondo fogo no dever de casa de alguém e um deles dizia: “Olhe, isso é igual àquela cena de *Hedda Gabler*.”

— Helen...

— A gente tinha que pedir a ele: “Charlie, pare de falar de teatro só um minutinho.” Mas não. Era Pinter isso, Stoppard aquilo, Tchekov, Tchekov, Tchekov...

— É mesmo? — perguntou Alex, a cabeça inclinada, rindo. — Qual é a sua favorita?

Certo tempo se passou.

— É bem difícil escolher.

— *O jardim das cerejeiras*, não é? — disse Helen.

— *O jardim* é bom.

— Rá! *O jardim* — disparou Helen. — É, é assim que eles chamam, Charlie e os meninos: *O jardim*. “Quem quer ir para Londres comigo no sábado? Tenho ingressos para a matinê de *O jardim*...”

— Talvez a gente devesse ir comer — falei, antes de me afastar depressa.

## Inícios



Era a primeira vez que nós quatro passávamos tempo juntos — Alex, Helen, Fran e eu — e, levando em conta o que nos tornamos, é estranho que eu não lembre mais sobre isso. Sei que, em vez de comer a caçarola de grão-de-bico, jogamos uma partida zoneada de badminton sem equipes nem rede, com petecas velhas e mofadas e raquetes quase sem cordas — aros, na verdade — que tínhamos encontrado no gramado. E também lembro minha surpresa ao participar e não apenas observar. É com esses pequenos momentos de inclusão que grandes amizades começam, o que não quer dizer que tenha havido algo de espontâneo ou tranquilo na situação. Se eu havia falhado com Shakespeare, então me parecia duplamente importante ser excelente em badminton.

— Charlie, você está muito *sério* — disse Fran quando me xinguei ao bater no ar com uma raquete sem cordas.

Durante a tarde, voltamos ao nosso círculo de cadeiras para dedicar a atenção ao texto; sempre “o texto”, não “a peça”.

— Antes de começarmos, lembrem — disse Ivor — que, apesar de o texto se chamar *Romeu e Julieta*, na verdade é sobre todas as pessoas do mundo. Para Romeu, claro, óbvio que é a história de Romeu e, para Julieta, é a história dela, mas para Páris... Bom, é uma peça sobre Páris! Todos nós temos grandes paixões, *incríveis* histórias pessoais, amores e ódios secretos. Então, para a Ama, é sobre a Ama, para o Servo, é a história do Servo, e para Benvólio?

Ivor olhou para mim, cheio de expectativa.

— É uma peça sobre... Benvólio?

— Isso! Exatamente! Porque, assim como na vida, não existe personagem secundário!

Ao meu lado, Miles fez um ruído cético. Aquela conversa socialista de grupo era ótima, mas todo mundo sabia que era uma peça sobre Romeu. Quem abdicaria de uma noite de verão para ver uma peça chamada *Benvólio e o Boticário*? Eu não tinha certeza se faria isso, e olhem que eu era Benvólio. Como personagem, ele parecia totalmente vazio. Sem boas piadas, nem família, nem vida amorosa, ele parecia entediar ou irritar todos com quem falava. Tudo que dizia era sobre as ações dos outros e, quando não estava informando, estava implorando para que as pessoas parassem de brigar ou dando informações que o público já sabia. Ele era o melhor amigo de Romeu, mas dava para perceber que Romeu preferia Mercúcio e, quando Benvólio se calava de repente no meio da peça, era difícil acreditar que alguém ia se importar. Pelo menos Sansão tinha a história dos polegares. Benvólio era um comparsa, um conformista e observador: personagens lhe confessavam coisas, mas não sentiam necessidade de ouvi-lo. Era incrível, na verdade, que pessoas que eu mal conhecia tivessem me dado um papel tão perfeito.

A tarde passou com um ar de sala de aula, o mesmo torpor dominante às duas e quarenta e cinco. Em Verona, eles teriam feito uma sesta, mas nós continuamos e, quando minha cabeça pendia, eu a erguia imediatamente e vasculhava o cérebro atrás de algo inteligente e incisivo capaz de impressionar Fran e demonstrar um conhecimento que eu não tinha. Mas eu não conseguia falar sobre os personagens como se fossem reais, como se fôssemos a mesma pessoa.

— *Minha* principal característica — insistiu Lucy — é que vivo para lutar.

E eu tentei combinar aquilo com a menina quieta atrás de quem eu havia sentado na aula dupla de biologia, enquanto o teto de vidro aquecia o ar parado, a conversa girava em círculos e talvez, se eu apenas fechasse os olhos...

Acordei com um susto outra vez. Tinha resolvido que não ia olhar para Fran a não ser que ela estivesse falando, mas as pessoas que menos tinham coisas a dizer eram as que mais falavam, por isso ela estava sentada com o queixo apoiado no joelho flexionado, ouvindo.

Por fim, a conversa se voltou para os temas de preconceito e divisão, e Ivor adotou uma atitude contida e sincera, inclinando-se para a frente, as mãos unidas como as de um jovem clérigo.



— Então... o que nos mantém afastados? Enquanto comunidade? Não na peça, mas no geral, na vida real, agora. Quais são os sofrimentos e os preconceitos que nos dividem, não só como amantes, mas como amigos? E lembrem-se de que não existem respostas erradas.

“Não existem respostas erradas” era outra coisa que as pessoas diziam sem acreditar. Todos nós sabíamos que existiam respostas erradas, a não ser por Miles, que assumiu o tom preocupado de Ivor e se inclinou para a frente na cadeira.

— Bom, tem o racismo — disse ele, antes de esclarecer: — Julgar alguém pela cor da pele.

— Rá! — respondeu Alex, rindo. — Acho que está meio tarde para isso, em termos de elenco. Olhe em volta.

— Não *nesta* produção. Tem você, tem Lucy...

— Então todos os brancos contra dois não brancos — disse Lucy.

— Brancos contra *todas* as outras raças — completou Alex.

— E branco é o padrão... — lembrou Lucy.

— Só estou dizendo que é um tema.

— ... a não ser que um de vocês se pinte de preto — disse Alex.

— Ninguém vai se pintar de preto! — exclamou Ivor.

— Eu sei! — disse Miles. — Mas em uma produção diferente, com um elenco diferente...

— Em uma cidade com mais de um asiático — lembrou Lucy.

— Está bem, esqueçam! — disse Miles, estendendo as mãos à frente.

—Caramba, achei que não existissem respostas erradas!

— Está bem, continuando. O que mais divide as pessoas? Lembrem-se: estamos falando no geral, não necessariamente na peça.

— Posso só lembrar... a idade — respondeu Polly. — Acho que existe uma lacuna absurda entre as gerações, tanto na peça quanto na vida.

— Ótimo, ótimo, ótimo — disse Ivor.

E, enquanto os membros mais velhos do elenco assentiam com empolgação, os mais novos pareciam querer prosseguir.

— Classe social — acrescentou George, tapando a boca com a mão.

— Talvez na vida — respondeu Alina —, mas, na peça, Shakespeare tem o cuidado de indicar que eles são “iguais em valor”.

— Ou, uma coisa meio ligada a isso, cultura — continuou George. — Gosto, música. Tribos culturais.

— Blur contra Oasis.  
— Norte contra Sul.  
— Não! — exclamou Alina, arrepiando-se. — Sem sotaques regionais, eu imploro.  
— Leste de Sussex contra Oeste de Sussex.  
— Além disso, os dois são de Verona, então...  
— Futebol! — disse Keith, nosso Frei Lourenço. — Então é tipo Manchester United contra Manchester City, Arsenal contra Tottenham.  
— Vamos lá, Spurs! — cantou Colin Smart.  
— Ah, fala sério — disse Lucy.  
— Educação — lembrou Helen. — É igual a quando estávamos na escola e os meninos da Merton Grange sempre acabavam com a raça dos da Chatsborne perto da delegacia.  
— Nem *sempre* acabavam com a raça deles — contestou Fran.  
— Bom, não, acabávamos, sim — respondeu Helen, rindo. — Sempre.  
— Ei! — exclamou Fran, chutando a cadeira de Helen.  
— Mer-ton Grange, Mer-ton Grande — cantou Colin Smart.  
— Ah, cresçam um pouco! — berrou Lucy.  
— Não, isso é bom — disse Ivor. — A gente pode usar essa agressividade, pode usar esse sentimento.  
— Mas esse não é o problema? — disse uma voz, e fiquei surpreso ao descobrir que era minha. — Desculpem. O problema não é o fato de não *haver* motivo? Na peça, digo. Todas as coisas pelas quais as pessoas brigam na vida podem ser irracionais, mas dá para nomear. Na peça, não é porque um lado é rico, negro, branco ou sei lá o quê, eles só estão acostumados a isso. A brigar, a atacar, a destruir coisas. Os homens principalmente. São só garotos confusos e irritados.  
Ivor ouviu aquilo e assentiu, e eu voltei a olhar para o chão.  
A discussão continuou, e, no fim, ficou decidido que os Montéquio talvez pudessem usar camisetas vermelhas e os Capuleto, azuis, e isso já bastaria para passar a mensagem.

## Hobbies e Interesses: Socializar



— Olá — disse ela.

— Oi.

— Pensei em ir com você.

— Está bem.

— A não ser que esteja com pressa.

— Não, vamos caminhar. Eu ia gostar.

E assim essa se tornou nossa rotina, como ir para a escola com alguém, envergonhado e formal no início e, no fim, um hábito. Descendo a entrada para carros, à esquerda na portaria, percorrendo a rua comprida coberta pelas árvores, tomando cuidado para andar um pouco atrás do resto do grupo, sem pressa para chegar ao pé da colina.

O chão havia secado, mas o ar sob a copa das árvores mantinha o frescor da chuva, o aroma de folhas manchadas e de terra úmida e quente. Começamos com algumas informações biográficas, o tipo de pergunta presente em formulários. Eu havia lido em alguma revista masculina que uma maneira sutil para as mulheres gostarem de você era fazê-las falarem sobre si mesmas. *Faça perguntas, aconselhava a publicação, deixe elas pensarem que você está interessado.* Por isso, eu logo descobri que os pais dela se chamavam Graham e Claire e que Fran gostava deles tanto quanto era possível gostar dos pais.

— Tipo, eu não chamo os dois pelo primeiro nome nem nada, chamo de pai e mãe, não somos esquisitos.

Graham Fisher tinha um cargo administrativo na ferrovia, era pragmático, sério e trabalhava muitas horas.

— Mas pelo menos ele faz os trens chegarem na hora. É a piada dele, a única que tem. É muito *pai*, se é que você me entende.

Claire era bibliotecária na cidade mais próxima. Era artística e literata e também a melhor amiga de Fran.

— O que parece estranho, eu sei. Talvez eu devesse fazer mais amigos. Da minha idade, que não tenham me dado à luz. Bom, mas ela é muito engraçada, a minha mãe. Tenho sorte, não existe nada que eu não possa contar para ela. Tem muita coisa que *não* conto, mas em teoria... Sem reclamações, pelo menos por enquanto. Tenho certeza de que vou ter. Um dia.

Como fazia com pessoas com dentes bons e sorrisos confiantes, eu suspeitava instintivamente de pessoas que se davam bem com os pais e imaginava que deviam ter algum segredo que os unia. Talvez canibalismo. Ela parecia gostar até do irmão, que era mais velho, muito inteligente e estudava matemática na Universidade de Sheffield.

— Ele é o cérebro. É assim que chamam meu irmão, de Cérebro, de brincadeira. E eu adoro, como você pode imaginar.

Em certos momentos, ela deixava lacunas para que eu preenchesse minha parte do formulário, mas eu retomava as perguntas pré-preparadas, colocando-as na mesa feito cartas em um jogo de rouba-montinho, elaborando a pergunta seguinte enquanto ela respondia. Isso deu à conversa um ar tenso, de interrogatório, como se eu estivesse torcendo para que ela confessasse sem querer uma série de roubos na região, e o esforço exigia que eu deixasse de ouvir certas coisas com a atenção que queria.

— Então, Charlie, e a sua...

— Então você quer ser atriz, é isso?

Também é possível que ela tivesse notado o que eu estava fazendo.

— Eu? Nossa, não. Ou melhor, não sei. Eu *gosto* de atuar, é por isso que estou aqui. Pelo mesmo motivo que você...

— Claro.

— Mas é só porque eu gosto das pessoas, dos ensaios e das palavras. Gosto desse melodrama brega. De fazer um show, bem ali no celeiro! Três semanas e ainda não tem nada pronto! Eu adoro tudo isso, mas a parte de me mostrar, eu estaria mentindo se dissesse que *odeio*, que sou *tímida*, mas é um pouco... egoísta, não é? Um pouco bobo e vaidoso isso de “olhem para mim, olhem para mim!”.

— Você é muito boa.

— Não sou, não.

— É, sim. Quer dizer, entendi tudo que você disse, e eu sou burro.

— Acho que nada do que você disse é verdade. Mas, seja como for, e voc...?

— Então *o que* você quer fazer?

— Quando crescer?

— Quando crescer.

— Você parece um orientador vocacional.

— Sou chato?

— Não, é só... Gosto muito de francês, mas isso não é um emprego, não é, pelo que eu saiba. Quem dera que fosse... Eu podia ser paga só para, tipo, fumar e ter amantes. Não, isso foi meio estereotipado. Eu achei que podia fazer Direito para usar perucas e dar discursos, mas, se esse for o motivo, então é melhor fazer teatro, coisa que não quero porque, bom, sei lá. — Ela descartou o assunto com um aceno. — Ainda tenho muito tempo. Mas uma hora não vou ter mais, não é? Agora ficamos ouvindo “escolha suas opções”, o que é só outro jeito de dizer “limite as possibilidades”. Toda vez que a gente faz uma escolha, dá para ouvir as portas batendo ao longe. Eles dizem que a gente pode ser o que quiser, ah, mas não estas coisas aqui...

Ninguém nunca tinha me dito que eu podia ser o que quisesse. Ciência da computação, arte, design gráfico: essas, em teoria, eram as minhas áreas, e eu às vezes me imaginava em uma mesa de desenho em um escritório cheio de mesas de desenho, as mangas da camisa dobradas. E, apesar de não ter a menor ideia de quais seriam os desenhos, eu gostava da possibilidade de fazer algo criativo, mas técnico, só com lapiseiras e sombreados. Mas essa ideia tinha sido abandonada em junho. Agora, sempre que eu tentava imaginar algo depois de setembro, eu voltava a sentir aquele medo de me perder, de uma infinidade de momentos de meu pai e eu no sofá, procurando empregos no jornal, com pratos de macarrão instantâneo no colo. Até onde eu sabia, meus únicos talentos eram sombrear desenhos, jogar *Doom* e eu ainda estava trabalhando no meu bronzado. Era melhor mudar de assunto.

— Então por que não fazer uma coisa em que você é ótima e ser atriz?

— É muita gentileza sua. — Ela deu de ombros e pôs o cabelo para trás da orelha. — A questão é que aqui eu posso interpretar Julieta. Lá fora, eu seria só, tipo, uma *prostituta* ou uma leiteira. Eu tive um professor de inglês que costumava me incentivar. Sabe, era um mentor de verdade, Sr. Chips ou coisa parecida. A gente costumava participar de competições escolares em que precisava recitar Shakespeare e poesia, e ele disse com estas palavras: eu tinha um rosto bonito e legal, mas ninguém ia reparar nisso por trás de toda a gordura.

— Mas você nem é gorda.

— Gorda demais para ganhar a vida como atriz, aparentemente.

— Isso não é verdade.

— Porque existem muitas atrizes gordas?

— Não, porque acho que você é...

No microssegundo entre as palavras, vasculhei meu dicionário de sinônimos e descartei *linda* por ser forte demais, *legal* como fraca demais, *ótima* por ser descolada demais. *Bonita?* Fofinho demais. *Atraente?* Sincero demais.

— ... uma graça — falei, duvidando da palavra assim que saiu da minha boca.

Soou *uma grrrrraça*, meio fanho.

— Ah — respondeu ela. — Bom, está bem, então.

Não devia ser uma graça? Tipo uma bênção?

— E você?

Tarde demais. Por estar distraído, eu havia permitido que uma pergunta passasse.

— Você vai atuar profissionalmente ou...?

E ela quase conseguiu chegar ao fim da pergunta antes de uma gargalhada a impedir.

— Isso foi meio grosseiro — falei.

— Eu sei. Desculpe.

— Acho que até fui bem.

— E foi, foi mesmo! Desculpe.

— E foi só a primeira vez que li.

— Jura? Então você foi incrível.

— Incrível, não. Só estava tentando fazer uma coisa diferente.

— Foi uma escolha.

— É, eu quero fazer o papel como uma pessoa que deixa um espaço entre cada palavra. Como se ele tivesse sofrido um acidente feio.

— Levado um golpe na cabeça.

— Faz parte da... Como se chama mesmo?

— Da vivência dele?

— Da vivência dele. Ele levou, sei lá, um chute na cabeça do cavalo do Teobaldo.

— É uma abordagem ousada e inédita.

— É o que acho. — Continuamos andando, sorrindo. — Depois da leitura, Miles veio falar comigo e perguntou: “Você não vai fazer o papel *daquele jeito*, vai?”

Ela riu.

— Eu vi. Fiquei olhando para ele enquanto você lia e ele pareceu muito *irritado*. Tipo, “Não podem esperar que eu trabalhe com *isso!*”.

— Eu acho que ele está com ciúme.

— Diante de um novo talento.

— Diante de um novo talento bruto.

— É, igual a quando viram Marlon Brando pela primeira vez.

— Exato. Não é *ruim*, é só *diferente* e ele não consegue lidar com isso.

— Você ainda está cru.

— Isso mesmo. Sou um diamante bruto.

— Perigoso.

— Perigoso demais.

À nossa frente, o grupo parou e se virou para olhar, e nós reduzimos a velocidade para não alcançá-lo.

— Então — falei —, como sou muito cru...

— Diga.

— Posso parar agora?

Ela me deu um soco forte no ombro.

— Não! Você tem que continuar vindo!

— Não tem por quê!

— Por que não?

— Porque eu não sei fazer isso!

— Você pode aprender, vai melhorar. Só estava lendo pela primeira vez.

— Não é isso. Eu nem entendo o que estou dizendo. Para ser sincero, eu nem gosto de peças.

Ela riu.

— Ah, é? Então por que voltou?

— Você sabe por quê! Você me chantageou!

Nós andamos um pouco em silêncio, os olhos fixos à frente. Depois de certo tempo, ela me cutucou e, quando me virei, ela desviou o olhar, mas não rápido o bastante para me impedir de ver seu sorriso.

— Não foi chantagem, foi um incentivo.

— Que seja.

— E eu também não falei que ia.

— Falou, sim.

— Falei que ia pensar. E eu vou, durante essa semana de ensaios.

Joguei a cabeça para trás e grunhi.

— Já sei, que tal se a gente fizer o seguinte: na hora do almoço, por uma hora, vamos achar um lugar tranquilo, só nós dois, e repassar a peça juntos, fala por fala.

— Você vai me *ensinar*? — perguntei.

— Vou. Vai ser *muito* estranho.

Grunhi de novo. Eu não queria que me ensinassem mais, principalmente alguém da minha idade, alguém de quem gostava, mas...

— Confie em mim, sou ótima professora. Duro, mas justo. Vamos. Vai ser divertido. Além disso, quem mais pode fazer esse papel do mesmo jeito que você?

— Bom, isso é verdade.

— A gente precisa de você. O que prova como estamos desesperados.

Tínhamos chegado ao fim da rua. No ponto de ônibus, o resto da companhia esperava, observando.

— Desculpe, acho que só falei de mim. Amanhã vai ser sua vez.

— Bom, vamos ver.

— Amanhã, então — disse ela.

— Vejo você amanhã — gritou Helen.

— Amanhã! — berrou Alex.

— Até mais, Charlie — disse George.

— Amanhã — afirmaram Keith, Colin e Lucy.



Fui embora de bicicleta com o olhar deles fixo em minhas costas e  
pensei: *Bom, não tenho escolha agora.*

Vou dar até o final da semana.

# Espadas



Naquele ponto da minha vida, eu tinha visto exatamente metade de uma peça.

A Srta. Rice, nossa professora de inglês novinha, tinha organizado uma visita ao Teatro Nacional para uma matinê de *A maneira do mundo*. Com jogos de palavras inteligentes e ataques furtivos e satíricos à moral da sociedade da época da Restauração, tinha sido uma escolha ousada para um bando de adolescentes de quinze anos, mas nós adoramos as escadas e passarelas de concreto do South Bank, gritamos pelos túneis e aplaudimos os skatistas. Era um ótimo lugar para um jogo de *laser tag*, e, quando nos sentamos na plateia, bêbados de energético e balas de goma, tínhamos entrado totalmente no modo *Senhor das moscas*. De forma irresponsável, a bilheteria havia nos colocado na primeira fileira da plateia, e não demorou muito para que uma guerra fosse declarada com a Turma 4F de um lado e os atores e o público do outro. Éramos menos pessoas, mas, com os atores limitados pelas falas e pelo profissionalismo, a partida foi desesperadamente injusta, e logo vários Maltesers haviam superado a quarta parede, fazendo o elenco se envolver de maneira involuntária em uma partida de futebol, sob aplausos sibilados, sempre que um chocolate era chutado para o lado direito do palco. Enquanto as piadas de Congreves voavam por cima da nossa cabeça, nós ríamos do personagem almofadinha, não com alegria, mas desprezo, fazendo o ator duvidar visivelmente de sua performance e fixar os olhos em outro lugar, como alguém tentando evitar uma briga em um bar. Outros atores não se intimidavam com tanta facilidade e diziam suas falas mal contendo a fúria, mesmo nas cenas românticas.

E, ah, a batalha foi longa, tão longa, o intervalo como uma daquelas miragens no deserto que se afastam à medida que nos aproximamos, os

atores falando mais alto à medida que a frustração aumentava, nossos comentários perdendo a graça... Reclamaram e, no intervalo, a Srta. Rice, quase aos prantos, nos reuniu e nos disse que estava constrangida, que éramos uma vergonha e a diversão havia de súbito acabado. A maioria de nós não voltou para a segunda parte — a Srta. Rice não se *importava* mais com o que faríamos, não *suportava* mais olhar na nossa cara — e, em vez disso, caminhou pelo South Bank e jogou pedras no Tâmisa. No caminho para casa, os fundos do ônibus pareceram até o banco traseiro de uma viatura policial, e nunca descobrimos o que aconteceu com aqueles jovens amantes inteligentes.

Se havia mesmo algo como o vírus do teatro, então eu devia ser imune. O problema não era a atuação. Eu não encrascava de ver pessoas fingindo ser outras nos filmes e programas de TV aos quais assistia sem muito critério. Mas todos os elementos que supostamente tornavam o teatro singular e especial — a proximidade, a grande emoção, o potencial para o desastre — o faziam parecer vergonhoso para mim. Era demais, muito cru e artificial.

Além disso, havia o toque de pretensão, superioridade e autossatisfação que se agarrava a todas as formas de “arte”. Apresentar-se em uma peça ou uma banda, expor um quadro no corredor, publicar uma história ou, Deus me livre, um poema na revista da escola era proclamar a própria singularidade e autoconfiança e, assim, se transformar em um alvo. Qualquer coisa posta em um pedestal provavelmente seria derrubada, e era uma questão de bom senso ficar em silêncio e guardar para si quaisquer ambições criativas.

Especialmente para um menino. O único talento aceitável era nos esportes — e, nesse caso, dava para mostrá-lo e se vangloriar disso —, mas meus talentos eram outros e talvez inexistentes. A única coisa em que eu era bom, o desenho — rabiscos, na verdade —, era aceitável contanto que fosse apenas técnico e livre de personalidade. Não havia nada de mim na natureza-morta de uma laranja semidescascada, no close de um olho que refletia uma janela, na espaçonave do tamanho de um planeta. Nenhuma beleza, emoção ou revelação pessoal, apenas técnica. Todas as outras formas de expressão — canto, dança, escrita e até leitura e línguas estrangeiras — eram consideradas não apenas típico de gay, mas também de gente rica. E poucas coisas eram mais estigmatizadas em

Merton Grange do que aquela combinação. Por isso as produções da nossa escola eram povoadas quase em sua totalidade por meninas de calça e bigodes colados no rosto, fazendo voz grossa. Como em um teatro elisabetano às avessas, havia algo de infame em meninos que faziam peças, ainda mais de Shakespeare, pois eram em poesia e nem todo o beat-box e todas as brigas de faca do mundo conseguiam mudar isso.

• • •

Portanto, eu havia me juntado a um culto. Nós até parecíamos um culto, todos parados em círculo, com roupas largas à luz da manhã, descalços no gramado de uma mansão grande e reservada.

— ... e agora quero que vocês se estiquem de novo, a partir da base da coluna, uma vértebra de cada vez, até ficarem de pé... E agora estendam as mãos para cima, para cima, bem na direção do sol...

Ninguém nunca poderia saber que eu estava tentando alcançar o sol. Lembrei a mim mesmo a razão pela qual estava ali, parada à minha direita...

— Charlie! — gritou Alina. — Olhos, por favor! Foco!

Alina não tinha nada da alegria labradoriana de Ivor. Ela carregava um ar de decepção furiosa, feito uma cantora de cabaré que inexplicavelmente tinha sido contratada para uma festa infantil. Ficávamos tensos quando ela andava entre nós, cutucando joelhos travados, empurrando cabeças para mais perto do chão enquanto vértebras estalavam, enfiando dedos em nossas costelas para conferir a contração do diafragma. Eu nem sabia que tinha um diafragma.

— Respirem fundo! Sintam o ar de verdade. Não se esqueçam de respirar... e se curvem para a frente mais uma vez. Charlie, como você acha que vai conseguir se mover livremente assim?

Em um último ato fraco e contraproducente de rebeldia, eu ainda estava usando calça jeans, não os coletes e calças de ginástica que o resto da companhia usava, sempre folgados ou justos demais. Alex praticamente usava collant, mas roupas de balé eram um limite que eu não ultrapassaria. E se fosse derrubado da bicicleta?

— Você não consegue se mexer assim e, se não conseguir se mexer, não vai conseguir atuar. Amanhã, por favor, venha preparado.

Essa seria a rotina a partir de então, manhãs começando cedo e um aquecimento em grupo, depois do qual consultaríamos a programação. Os ensaios aconteceriam em vários lugares da mansão, então enquanto a Ama e Julieta ficavam com Ivor no salão de chá, as gangues dos Capuleto e dos Montéquio ficariam com Alina no pomar, se arrastando feito panteras, atacando feito cobras. O fim de cada sessão era marcado pelo toque de um enorme triângulo pendurado em uma árvore. Nenhuma outra indicação de tempo era permitida, nem relógios, nem celulares para quem os tinha, naquele caso Alex e Miles, que já estavam na faculdade. Nos “períodos livres”, quando não precisávamos ensaiar, nos mandavam para perto de Helen e sua equipe de produção no estábulo para ajudar a construir o cenário, tingir o figurino ou trabalhar nas propagandas.

Na tarde de sexta-feira seguinte, toda a companhia se juntaria no Grande Gramado para uma oficina de fabricação e uso de máscaras. Não parecia haver maneira de aquilo terminar bem, e a perspectiva pairou sobre mim por toda a semana, como uma consulta ao dentista. Enquanto isso...

— Montéquios, Capuletos, por favor... Escolham suas armas!

No pomar, fomos convidados a explorar um cano cheio de cabos de vassoura e bengalas de bambu.

— Experimentem as armas — disse Alina, com a solenidade de um Jedi. — Sintam o peso de cada uma. Deixem a arma escolher vocês. Quero que a mantenham por perto o tempo todo, seja aqui ou em casa, onde quer que estejam. Quero que entalhem as iniciais de vocês nelas, as mantenham ao lado da cama à noite, decorem o punho, se quiserem. Quero que deem um nome a elas!

Olhei para o cabo de vassoura cortado em minha mão e procurei alguém para rir comigo no pomar. Mas lá estava Lucy testando o peso da vareta e Colin equilibrando a dele na ponta do dedo. Alex testava a ponta imaginária do seu bambu com o polegar, enquanto Miles parecia sussurrar para o cabo de esfregão. Até George, normalmente observador e reservado, balançava, alegre, um galho de aveleira para a frente e para trás, tentando fazer o ar sibilar e assobiar.

E não dava para negar que havia satisfação em saltitar pelo gramado com uma espada, mesmo uma feita de uma vassoura velha, a mesma alegria primitiva que sentia ao erguer o rifle de ar comprimido de Harper

na altura do ombro, ou brincar com o machado afiado do pai dele, ou jogar um canivete no tronco de uma árvore. Para melhorar, tínhamos recebido largos cintos de couro, que deviam ser usados no quadril, como se fossem coldres. A ideia, disse Alina, era que carregar uma arma mudava o modo como andávamos, ficávamos de pé, nos sentávamos e nos portávamos, e, apesar de grande parte da manhã ter sido passada tropeçando naquela coisa, por fim eu cedi a ela, colocando a mão no coldre imaginário enquanto esperava uma xícara de suco e um biscoito. Talvez se eu o cobrisse com uma corda grossa, pensei, e a colasse para poder segurá-lo melhor ou cortasse um pouco da lâmina e arredondasse a outra ponta, o envernizasse e — *é assim que o culto pega você! É assim que convencem você...*

Mais à frente, nos ensaios, haveria treinos de luta de verdade, com espadas realistas, mas, por ora, tínhamos que caminhar até o bufê ao ar livre como os jovens e vigorosos nobres italianos que havíamos nos tornado e escolher entre uma seleção de pratos vegetarianos preparados por Polly e seus empregados misteriosos: gratinados pesados de massa integral coberta com queijo gorduroso, grãos-de-bico parecidos com uma pilha de cocô de cabra, saladas de grãos duros e favas amassadas, aquecidas e fermentadas pelo sol. Em uma mesa mais isolada, George ficava curvado sobre um denso pão caseiro cor de mogno, serrando sem parar, como se fosse a viga de um celeiro. Era muito generoso da parte de Polly, mas naquela culinária o sabor era secundário à necessidade de um intestino saudável e regular e a flatulência comunal dava um toque de tensão aos nossos exercícios de relaxamento.

— Com certeza tem muita fibra — disse George, serrando sem parar.

— Eu juro — afirmou Alex, cobrindo as ondulações de um talo de aipo com homus —, um dia vamos nos curvar para a frente, uma vértebra de cada vez, e cagar todos juntos.

Achei uma banana verde como um limão e um cacho murcho de uvas e lá estava Fran ao meu lado, o texto nas mãos.

— Então, você já deu um nome para ela?

— Oi?

— Sua espada. Como ela se chama?

— Vareta — falei. — Vou chamá-la de Vareta.

— Boa escolha.

— Não escolhi Vareta. Vareta me escolheu.

— E o que você e Vareta acham de procurar um lugar mais tranquilo?

Com uma das mãos no coldre e a outra segurando o cacho de uvas, segui Fran até o campo.

# Pigmaleão

•••

Nós nos sentamos à sombra de uma árvore de copa baixa, perto do lugar em que ela me vira pela primeira vez. Naquele dia, eu estava lendo com um cigarro na mão e sem camisa e talvez ela achasse que eu fosse intelectual. Se fosse isso mesmo, a verdade não demoraria a aparecer.

— Acho que a gente devia só ler, fala por fala, para ver como tudo soa. Tudo bem assim? — Apesar de estarmos buscando certa informalidade, havia algo inevitavelmente professoral no jeito dela. Eu não esperava voltar a ser aluno e senti aquela velha ansiedade. — Quando você estiver pronto. — Ela pôs as mãos atrás da cabeça e fechou os olhos. — Estou ouvindo.

Lambi os lábios e comecei:

— *Vários criados de seus adversários quase brigavam ao passo que me aproximei...*

— Não ignore a pausa. A pontuação é sua amiga. Não só sua amiga, como uma boa ajuda. E o que significa “ao passo”?

— “Quando”? Quando me aproximei...

— Ou “enquanto”.

— Então “quando” está errado?

— Os dois funcionam, mas “enquanto” está melhor do que “quando”.

— Enquanto eu me aproximava...

— Tipo “antes”. Então ele está dizendo isso porque...?

— É uma desculpa? Ele não quer ser culpado?

— E o que eles estão fazendo?

— Brigando.

— Não.

— Estão *atracados*.

— Então é...



— Um combate corpo a corpo.  
— Então estão...  
— Se apunhalando?  
— Muito. Então...  
— Aqui estavam seus inimigos, apunhalando uns aos outros antes mesmo que eu chegasse.  
— Não só os inimigos.  
— Servos dos seus inimigos.  
— Então ele é um...  
— Esnobe?  
— Talvez. Pode ser que seja...  
— Rico. Mais rico do que eles.  
— Agora diga de novo, atuando um pouco mais.  
— *Vários criados de...*  
— Mas não com a voz estranha. Fale normalmente.  
— Eu não deveria, como é que se diz... projetar?  
— É, mas estou bem aqui. — Sem abrir os olhos, ela estendeu o braço acima da cabeça e, por um instante, o apoiou na minha perna. — Só diga o que aconteceu.  
— *Vários criados de seus adversários quase brigavam ao passo que me aproximei.*  
— Está chegando lá. De novo.  
— *Vários criados...* Você sabia que tem várias folhas disso?  
— Vai ficar mais fácil.  
— Diga você.  
— Não!  
— Diga e eu imito.  
— Não posso fazer seu papel por você.  
— Não, mas pode fazer agora. Vou imitar e aí serei eu fazendo. Fale logo!  
— Não!  
Eu a cutuquei com o pé.  
— Por favor! Fale.  
— Só desta vez — respondeu ela, suspirando. — *Vários criados de seus adversários quase brigavam ao passo que me aproximei.*  
Eu imitei a entonação e a ênfase dela.  
— Está bem. Vamos continuar, pode ser?

E nós continuamos, pé ante pé pelo texto até surgir o bravo Teobaldo, que...

— *Cortou o ar, que saiu ileso e, no decurso, apenas sibilou de desprezo. Beleza.*

— Tudo bem, leia pedaço por pedaço.

— O que é “decurso”?

— Eu não sei direito, mas não se preocupe.

— É “também”? “Além disso”?

— Ou “durante”.

— Mas qual é aqui?

— Não importa, eu entendi.

— Então o ar não foi ferido.

— Porque...

Pensei em George e seu galho de aveleira no pomar, no sorriso desamparado enquanto ele chicoteava o ar, tentando fazê-lo assobiar. Será que meninos agiam assim quatrocentos anos atrás?

— Ele está dando um golpe e errando e o ar parece rir da cara dele.

— Isso mesmo. Então...

— Então?

— Então diga *isto*, mas queira dizer *aquilo*. É isso que é atuar, na verdade. Saber o que quer dizer, mas com as palavras que lhe são dadas.

Assenti e então:

— Você pode repetir isso?

— Está bem. — Ela se virou de barriga para baixo para me encarar. — Está bem. O que quero dizer é, imagine que eu diga: “Odeio você.” Não *você* mesmo, mas você. Posso dizer como se fosse “nossa, eu odeio mesmo você”, ou posso dizer como se fosse “na verdade, eu amo você”, ou acho você nojento, ou lindo, ou hum, você me *intriga*. Tenho que dizer “odeio você” porque é isso que está escrito, mas também posso falar essas outras coisas. Se eu disser “odeio você”, mas tiver a intenção de dizer “quero muito beijar você”, então você... Não *você* mesmo, mas você... vai saber o que quero dizer. Não de maneira óbvia, mas isso vai ser demonstrado, por milhares de sinais minúsculos de que não temos consciência nem somos capazes de controlar. Pelo modo como a gente se senta, ou pelo movimento dos olhos, ou se ficarmos vermelhos, ou seja lá o que for... e você vai saber o que quero dizer. Não *você* mesmo. A plateia. Isso faz sentido?

Busquei uma palavra que já tinha ouvido, mas nunca usado.

— Então é tipo... um subtexto?

— Não só um subtexto. Ironia e metáfora, todas essas coisas são maneiras de não dizer o que queremos, mas ainda assim dizer.

— Acho que seria mais fácil se todo mundo dissesse exatamente o que quer dizer com o menor número possível de palavras.

— Pode ser. Mas onde estaria a poesia nisso? — Ela voltou a se deitar, jogando as últimas uvas na boca. — E quando é que alguém diz o que quer mesmo dizer? Setenta, oitenta por cento do que as pessoas dizem é... Não é exatamente mentira, mas... é distorcido. Sair falando sobre sentimentos, sinceridade total, acho que isso ia enlouquecer todo mundo. Além disso, é muito mais divertido tentar entender o que está acontecendo de verdade.

Um instante se passou em que me perguntei se aquela era a conversa mais profunda que eu já tive. Eu não só havia usado a palavra “subtexto”, mas a noção de que uma conversa sobre subtexto podia ter um subtexto, a complexidade daquilo era tão inebriante quanto ficar entre dois espelhos em um elevador. Ela cutucou minha perna.

— Leia para mim de novo.

— *Bradou a espada sobre sua cabeça e cortou o ar, que saiu ileso e, no decurso, apenas sibilou de desprezo.*

— Pronto, isso fez sentido. É muito... inteligente, não é?

— Bom, não é engraçado.

— Quero dizer “inteligente” em outro sentido.

— Está bem.

Eu não sabia que havia outro sentido e talvez ela também soubesse disso, porque continuou:

— Não é uma piadinha, mas brinca com uma ideia, improvisa. Então ele é inteligente, ou acha que é inteligente, ou quer que os Montéquio pensem que ele é inteligente. Isso é uma coisa que você poderia usar. Se quisesse.

— Eu poderia usar óculos.

— Como pessoas inteligentes usam?

— Acha que é óbvio demais?

— Não. Eu gostei. Olhe só para você, com escolhas ousadas para o personagem.

Ela parou de repente e cuspiu algo na palma da mão.  
— Desculpe. Estas uvas estão podres. Continue.

## Curtindo



Durante a tarde, Fran ensaiou com seu Romeu e nós arrastamos as espadas de volta até o pomar para treinar a abertura. A história dos polegares tinha sido passada para John e Lesley, os recém-chegados dos Lakeside Players que, de acordo com Keith, eram “quase semiprofissionais, astros-guia da cena local”.

Eles tinham uma paixão juvenil e se penduravam no pescoço um do outro nos intervalos, enfiando as mãos no bolso do companheiro.

— Acho que fazem swing — disse George.

— São semiprofissionais — respondeu Colin.

— Astros-guia da cena local — afirmou Alex.

— Com certeza são muito carinhosos — notou Lucy —, considerando como são velhos.

Eles deviam ter trinta e poucos anos, mas eram incansáveis e empolgados e eu ficava feliz sentado à sombra, observando-os morderem os polegares. E a tarde passou, tão úmida e soporífica quanto qualquer outra na antiga Verona, até chegar a hora de ir embora. Nós nos reunimos na entrada da casa, Lucy equilibrando o bambu na ponta do dedo, Colin se apoiando no dele e balançando-se de um lado para outro feito Fred Astaire, George escrevendo seu nome em um cabo de vassoura como fez com a caneta-tinteiro que carregava no bolso da camisa; os valentões da rua.

Espere por mim, pedira Fran, mas ela estava presa com seu Romeu. Exausto do trabalho, ele arranjava uma desculpa para tirar a camisa e se apoiava em seu carro, um Volkswagen Golf branco acabado, a espada no quadril, parando para tomar longos goles da grande garrafa d’água que carregava para todos os cantos: feito um golfinho em movimento, ele nunca podia secar. Miles tinha um *torso* — era a única palavra para aquilo

—, a musculatura aparentemente delineada e sombreada como em um dos meus desenhos, e aprendera o truque, adorado por adolescentes sem camisa, de segurar o bíceps esquerdo com o braço direito para contrair o peito musculoso. Enquanto bebia, a água escorria por seu pescoço e peito e eu ouvi um baque quando Lucy deixou o cabo de vassoura cair.

— Fixe os olhos de novo no lugar, Lucy — disse Colin, fazendo-a cutucá-lo com a espada.

Entediada, Fran olhou para mim.

— Só um minuto! — balbuciou ela, erguendo o indicador.

Vi Miles agarrar o braço de Fran e minha mão foi para o cabo da vassoura, mas de repente Fran torceu o mamilo de Miles com força, como se desligasse um rádio. Ele gritou e, rindo, Fran veio até mim.

— Caramba, achei que ele nunca... Obrigada por esperar. Vamos.

Pendurei a espada no meu guidão.

— Você já conhecia Miles?

— Não, mas parece que o conheço a vida toda, se é que você me entende. Acho que ele é inofensivo, mas é tão difícil de ouvir... Já notou que, sempre que outra pessoa fala, ele bebe água? Acho que é para não ter que perder tempo ouvindo.

— Do que vocês estavam falando?

— Das *exigências do papel*. Ele está inseguro, aparentemente. “Não sei se sou a pessoa certa para ele.” É isso que ele *diz*. Só quer que alguém o tranquilize.

— Ele é muito bonito.

— E acho que essa notícia não seria necessariamente uma surpresa para ele.

Houve um rugido de cascalho atrás de nós e abrimos espaço para o carro de Miles. Ele passou com o braço para fora da janela aberta, acenando preguiçosamente enquanto Bob Marley tocava no rádio.

— Um pouco de reggae — disse Fran. — Um gostinho de Kingston. Kingston do Tâmis.

— Ele está “curtino”.

— É “curtindo”, Bob, você tem que falar o “d”. E quem dirige um carro sem capota? Aqueles bancos de couro quente... Quando ele sair, vai ser como a pele de um frango assado soltando. Olhe, não fale para ninguém, mas acho que ele depilou o peito. A primeira grande escolha

de ator dele: “Um lembrete pessoal: deixar Romeu tão macio quanto uma enguia.” Tipo, ele é *fortinho* e tal, mas, acredite, meninas não gostam tanto dessas coisas quanto os meninos pensam. Um corpo tipo um desenho em um açougue. Contrafilé, filé-mignon, maminha, lagarto...

— Eu acho que Lucy gosta. Acho que ela está meio apaixonada.

— Ah, *claro*, ele é um pedaço, mas não de mau caminho. De queijo, de madeira. Madeira, não, calcário.

— E você?

— Eu?

— Você acha o cara... atraente?

Ela olhou para mim com um sorrisinho, depois desviou o olhar.

— Para a peça, posso achar. Na vida real? — Ela estremeceu. — Meninos assim são... muito rasos. Currículos com pernas. Rúgbi no inverno, críquete no verão, equipe de debate, inscrição em Oxford pronta. O que tem mais para descobrir? Eu prefiro... ai!

Eu tinha, por acidente, enfiado o cabo de vassoura nas costelas dela.

— Isso é ridículo — falei, pronto para jogá-lo como um dardo. — Vou me livrar dessa coisa.

— Você não pode fazer isso! Tem que criar um elo com ele!

— Não vou criar *um elo* com ele, vou jogar no mato.

— E se Alina descobrir? Olhe, vamos fazer assim...

Estávamos na portaria, o chalé coberto de pedras onde o caminho até a casa encontrava a rua. Ela escondeu o cabo de vassoura no batente da porta, depois hesitou por um instante.

— O que está fazendo?

Fran olhou em volta para conferir se não havia ninguém por perto, depois sacudiu a maçaneta, que mal se mantinha no lugar com os parafusos soltos. A tinta descascava, a madeira apodrecia e um bom golpe com o ombro a teria aberto. Em vez disso, ela estendeu a mão e tateou o batente.

— Bingo.

Pegou uma chave pesada e vermelha de ferrugem como algo saído de um conto de fadas.

— Vamos?

A chave travou, mas Fran sacudiu a porta, que de repente se abriu para uma salinha escura. Antigos tapetes desbotados cobriam o chão, cortinas

amarelas gastas pendiam sobre janelas pequenas e altas. A sala estava fria como uma geladeira e o único móvel era um imenso sofá Chesterfield marrom antigo, o couro rachado, vazando pelos de cavalo.

— É onde Polly mantém os reféns — falei.

— O elenco de *Sonho de uma noite de verão* do ano passado. “Socooooorro!” — Ela fechou a porta. — Ainda assim — continuou —, é bom saber.

Um comentário que eu retomaria nas semanas seguintes.



## Frascos marrons

•••

Quando voltei para casa, ela parecia abafada e silenciosa, e tive que resistir à vontade de dar meia-volta e ir embora. Desde o fim de semana, a tristeza tinha chegado como uma névoa, abrindo caminho por cada canto, e ele estava no quarto, as cortinas fechadas, deitado sobre os lençóis, de costas para a porta.

— Você está dormindo?

— Só cochilando. Não tive uma noite boa.

— Então não durma durante o dia.

Nenhuma resposta.

— O dia está lindo. Tem certeza de que não quer...

— Estou bem.

— Quer alguma coisa para...?

— Não. Está tudo bem.

Fiquei enrolando à porta. Alguém mais inteligente e carinhoso do que eu teria encontrado o tom certo, sincero, tranquilo, sem medo, raiva ou irritação. Talvez tivesse atravessado o quarto para ver o rosto dele. Mas o ar estava parado, a poeira flutuava pelos raios de luz noturna e eu não tinha nem voz nem linguagem para aquilo, por isso era mais fácil fechar a porta e tentar esquecer que ele estava ali.

Desci a escada para ligar o computador e jogar.

•••

Um pouco chateado, era um dos termos que usávamos. Não se sentia ele mesmo, triste. Tinha algumas coisas na cabeça. Preocupado, ansioso. Um pouco para baixo, desanimado, mal. Decepcionado, sofrendo por um revés, de bode, na fossa, a confiança abalada, problemas com dinheiro.

Na verdade, era incrível nossa capacidade de criar frases sonsas e eufemismos, como uma brincadeira em que determinada palavra era proibida.

E tal palavra vinha acompanhada por outros termos — “clínica”, “crônica” — que lhe davam um toque assustador, médico, porque, se era crônico o bastante para uma clínica, então com certeza a ala psiquiátrica e o manicômio não podiam estar muito longe. Nós nos agarrávamos a qualquer conforto que encontrássemos ao ligar o problema dele às circunstâncias, à perda do negócio, à falência, ao fim do casamento. Diante daqueles términos horríveis, era simplesmente natural ficar um pouco irritado, murcho, chateado. Quando as circunstâncias melhorassem, então a tristeza também passaria.

Mas a doença tinha um domínio maior do que aquele. Os dois grandes amores do meu pai eram música e minha mãe e ambos o haviam abandonado. Ao desistir de seus sonhos e assumir um negócio, ele tinha abdicado pelo bem da família. E havia fracassado até mesmo naquilo, e não era algo que pudesse ser esquecido ou superado, por mais que tivéssemos adorado isso.

Às vezes eu queria que ele ficasse feliz só pelo meu bem. Tristeza e ansiedade são contagiosas e, aos dezesseis anos, será que eu já não tinha coisas suficientes com que me preocupar? E aquilo era chato também: o torpor, o drama, as horas passadas atrás de portas fechadas, depois os olhos vermelhos, os rompantes de fúria irracional e maliciosa e a vergonha posterior. Era chato ter o Papai Pirado se arrastando pela casa, chato ouvir o pessimismo, a autopiedade e a negatividade dele, chato inspecionar o barômetro do seu humor quando entrava pela porta.

Prever aquele humor tinha se tornado mais difícil por causa de dois acontecimentos recentes. Meu pai sempre havia “bebido socialmente”, como costumamos dizer: bebia um pouco demais, mas só com companhia, de uma maneira tranquila. Ele bebia nos shows, mas só depois de ter tocado e nunca mais de três cervejas e, então, contava histórias e piadas, brincava com as bolachas de cerveja e fazia truques com fósforos.

Mas ele passara a beber todos os dias, tanto destilados quanto cerveja, metódico e solitário como se aquilo fosse um hobby pessoal. Isso me assustava mais do que posso explicar e, quando ele me perguntava se

queria acompanhá-lo, eu sempre recusava. Não porque não gostasse de álcool — Deus sabe que esse não era o caso —, mas porque não queria o que ele tinha. Fosse como acompanhamento ou catalizador, a bebida gerava autopiedade, introspecção, letargia e, o mais comum nos últimos tempos, raiva. Quando eu era pequeno, ele reagia a sucos derramados, desenhos na parede ou pratos quebrados com risadas nervosas e um puxão exasperado do próprio cabelo. Mas agora parecia ter descoberto uma nova emoção e incorporava a raiva com a mesma animação que outros homens de meia-idade dedicavam a treinos de maratona e a reclamações.

A infração mais trivial às regras da casa — um casaco no chão, uma caneca na pia, uma descarga não dada — causava uma fúria horrenda e distorcida, piorada pelo arrependimento quase simultâneo. Em seus olhos vermelhos, eu via o horror que ele sentia ao perder o controle mesmo enquanto gritava e brigava: *Por que estou fazendo isso? Eu não sou assim.* E, assim como ele havia descoberto a raiva, eu tinha encontrado a alegria de provocá-la e de me sentir finalmente adulto o bastante para enfrentá-lo e gritar. Nós dois tínhamos descoberto novas vozes horríveis, e confesso que às vezes eu o provocava de propósito, só pela satisfação de jogar a raiva de volta na cara dele. Era um tipo de prazer esquálido e fraco, como o de acordar um animal no zoológico com batidas no vidro, e meu único consolo era que, depois da briga, nós nos tornávamos extremamente educados e nos deitávamos cada um em um lado do sofá, assistindo a filmes antigos até ele dormir.

E também havia outra novidade. Na mesa de cabeceira dele, surgira um grupinho de frascos marrons, os remédios que ele começara a tomar para “regularizar as coisas”. Alguém melhor informado do que eu talvez tivesse visto os frascos e ficado feliz por ele ter recebido ajuda, orientação profissional. Assim como a falência, os remédios controlados podiam parecer preocupantes, mas, pelo menos, eram um processo. Com o tempo, superaríamos aquilo. Talvez meu pai não precisasse mais deles.

Mas ninguém havia me dito aquilo e, sob a influência de filmes e programas de TV, eu era incapaz de ver um frasco marrom cheio de pílulas sem imaginar o dono jogando a cabeça para trás e engolindo tudo. Poucas coisas são mais encantadoras que os remédios dos nossos pais, e logo os frascos começaram a exercer uma atração horrível sobre mim.

Quando ele saía, eu ia até o quarto olhar para os frascos, pressionava e abria a tampa, examinando as cápsulas na palma da mão, procurando... não sei o quê, mas eu sempre lia os rótulos com os avisos. *Tome apenas o prescrito. Pode causar tontura. Não misture com álcool.* Sério, ele podia estar basicamente guardando uma pistola carregada ao lado da cama.

Aquela possibilidade se juntara à seleção de medos e ansiedades que me acompanhavam durante a noite e me seguiam até de manhã. Na época, me ocorreu, assim como me ocorre agora, que a maior mentira que os mais velhos contam sobre a juventude é que ela é, de alguma forma, livre de ansiedade, preocupação e medo.

Deus do Céu, será que ninguém lembra?

# Cultura

•••

— *Senhora, bem antes de o sol idolatrado olhar pela janela dourada do Oriente...*

— Mais uma vez.

Nós nos encontrávamos todos os dias no mesmo lugar, sob a árvore, e trabalhávamos metodicamente, o progresso tal qual a travessia de uma ponte na selva: saltos alegres de tábua em tábua, ganhando velocidade, depois a queda quando meu pé atravessava a madeira podre.

— *O sol idolatrado olhar pela janela dourada...* Eu não consigo.

— Consegue, sim!

— Eu me sinto um idiota!

Ela se apressou para se sentar apoiada na árvore.

— Mas você entendeu!

— Não sou burro.

— Eu não falei que você...

— Ele quer dizer antes do amanhecer.

— Isso!

— Então por que não posso dizer “antes do amanhecer”? Três palavras. Antes do amanhecer.

— Porque é isso que está escrito, e é melhor! Imagine: o rostinho do sol aparecendo na janela...

— Está bem, então diga você — falei, jogando o texto na grama alta.

— Mas não são minhas falas — respondeu ela, pegando-o. — São suas.

— Só até sexta.

— Sei... Por favor. Com quem ele está falando nessa cena?

Peguei o texto de volta.

— Com a Sra. Montéquio.

— Isso, com a mulher do chefe, e de repente ele muda o modo de falar, e talvez seja porque...

— Ele está tentando impressionar a mulher.

— Ou talvez esteja com medo dela ou goste dela.

— Qual dos dois?

— Não sei! Isso depende de você.

Eu tentava impressionar Fran. Se não podia fazer isso com talento nem inteligência, então seria constante e perseverante e como recompensa poderia caminhar para casa com ela todos os dias.

Mantive a estratégia de enchê-la de perguntas e logo fiquei sabendo sobre os melhores amigos dela na escola: Sophie (hilária, eu precisava conhecer), Jen (legal, eu provavelmente ia me sentir atraído por ela) e Neil (contava tudo a ele, eram só amigos). Eu sabia as músicas favoritas dela, que ou eram muito antigas — os discos da mãe, Nick Drake e Patti Smith, Nina Simone e Velvet Underground e músicas disco desconhecidas — ou tão novas que eu nunca ouvira falar delas. Fran estava ouvindo muito a trilha sonora de *Romeu + Julieta*, não por causa do filme, de que ela “gostava, mas não adorava”, mas por causa da música do Radiohead no final. Eu então tinha o que chamava de “reflexo Radiohead”: curvava os ombros e franzia a testa, preocupado. Os filmes favoritos dela também eram o que eu chamava de “filmes universitários”, de Jarmusch e Almodóvar, juventudes lindas exibidas em planos abertos, fumantes em Tóquio ou Paris, Madri ou no East Village. Fran tinha um filme colorido favorito de Kieslowski. Seu gosto para os livros era muito influenciado pela lista de títulos que caíam no vestibular, e ela adorava T.S. Elliot, Jane Austen e as irmãs Brontë. Também gostava de Thomas Hardy, mas o considerava mais um poeta do que um romancista, e eu mal podia assentir porque só o conhecia como um nome de rua, então pensava mais nele como uma avenida do que como um cruzamento.

Em resumo, ela era tão pretensiosa quanto devemos ser aos dezesseis anos, e eu reorganizei meus gostos a partir disso, permitindo que *O Piano* superasse *O Vingador do Futuro* e o curry tailandês tomasse o lugar de bolinhos de camarão. Já as coisas que ela odiava — Schwarzenegger, filmes sobre serial killers, Tarantino — foram guardadas em silêncio. Em todas as paixões culturais dela, seus pais — especialmente a mãe — tinham uma enorme influência, e eu achava aquilo estranho, porque não

devíamos formar nossas personalidades e paixões em oposição à geração anterior? Eu resistia ao jazz por princípio e contra-atacava com músicas cheias de solos de guitarra, grandes chapas de acordes rudimentares e esperados em um compasso regular 4/4, sem síncope, modulação nem improvisação. Era um tipo de rebeldia pueril e previsível, mas, se um dia passasse a gostar das músicas do meu pai, me parecia importante manter isso em segredo. Queria que minhas descobertas fossem só minhas, mesmo que soubesse que não eram boas.

Mas talvez esse fosse um dos marcos da criação de Fran. Os Fisher não eram ricos, mas sabiam das coisas, tiravam férias para caminhar por longas distâncias, tomavam vinho nas refeições, usavam temperos frescos e iam ao teatro, e todo aquele conhecimento estranho e secreto tinha sido passado junto dos móveis bons e dos talheres caros. Eu não me sentia intimidado, ou resolvera não me sentir, mas, com exceção do jazz, eu não tinha o mesmo legado. Por isso, eu a ouvi até conhecer os lugares favoritos dela (Lisboa, Snowdonia, Nova York) e os lugares a que ela gostaria de ir (Camboja, Berlin), seus talentos musicais (piano intermediário, viola básica, pensando em desistir porque “Quem é que vai dizer: ‘Fran, toque alguma coisa na *viola*?’”) e a banda na qual ela e os amigos tocavam juntos, chamada Savage Alice ou Goths in Summer, dependendo do quanto eles estivessem se levando a sério.

— Nós tocamos na Festa de Verão da Chatsborne, então parece que as coisas logo vão dar certo para nós.

— Bom, se vocês já estão tocando nas festas...

— No ano que vem, vão ser festas escolares de toda a região.

— Que tipo de música?

— Nós nos especializamos em covers que ninguém reconhece. Eu grito: “Agora vamos tocar uma que todos vocês conhecem! Cantem o refrão com a gente!”, e todo mundo olha um para o outro e dá de ombros.

Eu adorava aquelas voltas para casa, nosso passo ficando mais lento à medida que os dias se sucediam. Eu tinha a sensação de que estava aprendendo — sendo instruído silenciosamente sobre o que estava na moda —, mas não me importava. Música, literatura, cinema, até arte pareciam ter uma força ainda maior naquela idade. Como uma amizade nova, podiam mudar nossa vida e, quando eu tivesse tempo — eu teria

tempo —, deixaria algumas inéditas entrarem. Com o passar dos dias, a conversa se tornou mais fácil, então de vez em quando eu deixava uma pergunta passar.

— O que *seus* pais fazem?

— Hum?

— Você não fala muito deles.

— Bom, minha mãe trabalha no clube de golfe. Ela costumava ser enfermeira, depois passou a ajudar meu pai e agora organiza casamentos, eventos, essas coisas. Mas eu não moro com ela.

— Você mora com seu pai?

— É. Minha mãe saiu de casa com minha irmã em abril.

— Você não me contou isso.

— Não.

— Nossa, eu sou uma vaca.

— Por quê?

— Fiquei falando, sei lá, das minhas três frutas favoritas e você não me contou isso.

— Você já tinha perguntado, eu só mudei de assunto.

— É, por quê?

— Porque mudei de assunto? Não sei, morar com meu pai... Meio estranho, não é?

— Bom, não precisa ser.

— Não, mas é. Parece errado.

— E o que ele faz?

— Está desempregado no momento.

— Foi demitido?

— Faliu. Perdeu tudo. Casa, poupança...

— Mas antes ele...

— Tinha uma loja de discos na rua principal.

Ela agarrou meu braço.

— A Vinyl Visions! Eu adorava aquela loja! Comprava tudo lá.

— Obrigado. Mas não adiantou.

— Eu sei, eu vi, logo depois do Natal. Uma pena. Espere, eu conheço seu pai. Um cara legal, meio alto, meio... amassado.

— Ele mesmo.



— Estava sempre tocando um jazz muito doido na loja, umas coisas bem loucas. Quando eu era mais nova, ele costumava tocar um afro-funk louco e incrível ou blues antigos, acompanhando com a cabeça, de olhos fechados, e eu ia até o balcão com um disco do Boyzone ou alguma coisa assim. Então ele pegava o disco das minhas mãos e meio que... dava um sorriso muito triste. “Ah, minha filha...”

— É. É o meu pai.

Ela olhou para o meu rosto.

— Era *daí* que eu conhecia você!

— Bom, eu sou bem mais parecido com a minha mãe.

— O que aconteceu?

— A concorrência. Os descontos das lojas maiores. Acho que ele estimulava demais a cena jazzista local.

— E o que ele está fazendo agora?

— A esta hora do dia? — Olhei para o relógio. — Está dormindo ou vendo *Countdown* — falei, sentindo um arrepio de nojo do meu gesto, examinando o relógio daquela maneira, uma atitude teatral fraca.

Na verdade, eu não via a cara do meu pai havia alguns dias. Por motivos que não podia dizer em voz alta, eu não queria ir para casa. Mas também não queria ficar, agora que a conversa havia sido manchada por dó e sentimentalismo.

— Bom, é uma pena — disse ela, no fim. — Eu adorava a Vinyl Visions. Negócios são horríveis, não é? Tudo que é bom acaba no fim. — Ela pegou meu braço. — A gente podia andar mais um pouco... Se você quiser conversar mais.

## A Seção de Jazz



Enquanto durara, nossa empresa familiar havia sido incrível.

As ambições musicais do meu pai haviam chegado a um impasse. Seus shows regulares de jazz eram feitos com o Rule of Three, um trio que tocava em bares locais de cabeça mais aberta, o tipo de banda boa e comprometida a quem sempre perguntavam se eles podiam tocar mais baixo. Pelo dinheiro, ele também circulava com uma famosa banda de casamentos engomadinha, mas tinha começado a odiar o estilo kitsch típico dos anos 1980 que o trabalho exigia, os olhos vessos, a cabeça jogada para trás, tão falso e tosco quanto usar dois dedos para representar uma arma. Ele queria muito integrar a retomada do jazz britânico, e não buzinar “House of Fun” emburrado em algum aniversário de casamento, uma “Careless Whisper” carrancuda na festa de Natal do Rotary.

Mas ele também não queria herdar o negócio da família. A Vinyl Visions era uma minirrede, três lojas nas ruas principais de pequenos distritos, e meus avós queriam se livrar dela. O termo “loja de discos independente” sugere dedicação e conhecimento especializado, o tipo de lugar que conta com uma curadoria, mas o apreço dos meus avós por música era igual ao de um ferreiro por baldes. A música era um produto, e cada filial da Vinyl Visions era igualmente insignificante, vendendo músicas comuns para moradores locais que não conseguiam enfrentar as “grandes lojas”. Antes daquela nova fase incompreensível, meus avós eram donos de papelarias e no fundo se mantiveram assim, já que ainda guardavam itens aleatórios daquele comércio nobre — cartões de aniversário obscenos e ofensivos, rolos de papel crepom — que chamavam a atenção do meu avô nas distribuidoras e que ele achava que mereciam ficar entre as prateleiras de clássicos populares, novidades e as canções palatáveis do selo Music for Pleasure. Durante a disco e o punk,

o metal e o *mod*, o pós-punk, o eletropop e o início do *house*, os discos mais vendidos da loja ainda eram Richard Clayderman e a trilha sonora de *A Noviça Rebelde*. Se seu coração exigisse gaitas de fole em fita cassete e antigas decorações de Natal, então a Vinyl Visions era a única opção da cidade, uma loja de discos para pessoas que não ligavam muito para música.

As ruas principais de distritos metropolitanos foram, por certo tempo, o hábitat natural daquele tipo de loja, mal concebida e pouco eficiente, irracional e bagunçada, com vitrines empoeiradas e desbotadas, e fechada durante metade do dia às quartas-feiras. Mas, naquela nova década, o ambiente comercial era menos acolhedor e especialmente a venda de discos mudava a um ritmo inebriante. Será que deviam abandonar as fitas e se dedicar aos CDs? Esquecer os singles? Tudo aquilo era demais, por isso meus avós pediram ajuda ao meu pai. Segundo eles, era irresponsável e imaturo morar com dois filhos em um apartamento alugado. Já era ruim ele ter largado a contabilidade, e devia haver, o quê?, cinco, dez pessoas no país todo que ganhavam a vida tocando saxofone, todas vindas de universidades e conservatórios, todas com contatos melhores. Meu pai era amador. Era besteira pensar que podia se tornar um deles. Além disso, venda de discos era um negócio estável. As pessoas sempre precisariam de música. Em troca de ajuda com a hipoteca de uma casa de verdade, por que não voltar e assumir tudo?

A respeitabilidade chamava. Cinco dias por semana, além de um sábado ou outro, atender e abastecer o caixa, encontrar representantes, cuidar do pagamento de salários... Seria tão ruim assim? Ele ainda podia correr atrás do que amava, nos fins de semana e à noite. E não seria para sempre: depois que o negócio retornasse aos eixos, ele poderia sair de cena, contratar gerentes e voltar a tocar. Minha mãe estava mais hesitante, consciente da facilidade com que o temporário se tornava permanente. Ela nunca tinha se dado bem com os sogros, sentia que eles maltratavam e sufocavam o único filho, e herdar aquela obrigação... As paredes do nosso apartamento alugado eram finas o bastante para ouvirmos ambos os lados.

Mas minha mãe cedeu, então nos mudamos para a cidade em que meu pai havia crescido, para o casarão com paredes sólidas e o vitral de pôr do sol. Meus avós se aposentaram em uma casa de campo na costa sul do

País de Gales, uma pequena casa com duas espreguiçadeiras e uma janela com vista para o mar. Na época com treze anos, eu já era cínico o bastante para imaginar a vovó e o vovô Lewis rindo enquanto desciam pela estrada M4, feito vendedores de carros usados que enfim se livraram de uma lata-velha famosa. Ou talvez eles quisessem o melhor para a gente mesmo. Seja como for, meu pai se viu, aos trinta e poucos anos, responsável por um negócio para o qual não tinha nenhum talento.

Ele assumiu tudo com o cuidado de um reformador e nos fez participar, tornando aquilo um projeto da família Lewis. Meu pai sempre havia se desesperado com o aspecto antiquado e desarrumado das lojas, as vitrines desoladoras, as luzes fluorescentes agressivas que iluminavam o carpete, o material promocional brega. Um James Last em tamanho real havia montado guarda no caixa desde sempre e ele seria o primeiro a ir embora, junto do estoque ordinário de *crooners* aleatórios e antigas novidades que não seriam vendidas nem com desconto. Contudo, o mais urgente: ele queria assumir as rédeas da “Seção de Jazz” dos pais dele, em que bandas de metais e trilhas sonoras de filmes esquecidos eram guardadas com as canções de qualquer pessoa que não fosse branca: Ella Fitzgerald, Bob Marley e a trilha sonora de *Nasce um Cantor*, de Neil Diamond.

A especialização era o futuro. Sim, ainda haveria pop, rock e grandes sucessos nas lojas, mas, a partir dali, a ênfase seria nas músicas que meu pai amava. Durante um mês arrepiante, as três filiais foram “fechadas para reforma”. Com o incentivo de um empréstimo bancário, o estoque foi renovado com CDs e vinis para colecionadores e tudo passou a ser exibido em prateleiras de madeira feitas sob medida. Faltamos a escola na sexta e, no fim de semana, viajamos de loja em loja, pondo tudo em ordem alfabética contra o relógio. Um cartão de crédito havia pagado o equipamento de som de última tecnologia — era importante que os clientes ouvissem a música da melhor maneira — e nós elogiamos, obedientes, a dinâmica e a definição enquanto tocávamos Miles e Monk, Mingus e Coltrane.

— Escutem só essa aqui, meninos — dizia ele, baixando a agulha com a precisão de um fabricante de relógios.

Então ouvíamos o familiar bater de címbalos e o berro de trompetes, cujo apelo era tão incompreensível quanto o do café e das azeitonas.

Assim como o café e as azeitonas, passaríamos a apreciar o jazz, mas, enquanto isso, ele intercalaria *bebop* pesado com Beatles para nós e Bowie para minha mãe. Desencaixotamos tudo ao som daquela trilha sonora, como se fossem presentes na manhã de Natal: os CDs lacrados tão novos e imaculados quanto bisturis para uma cirurgia, os vinhos pesados, tradicionais e luxuosos; raras impressões japonesas de 180 gramas e boxes com capa de couro de gravações nunca lançadas. Se eu suspeitasse que meu pai havia comprado aquelas coisas para ele, e não para o público, então valia a pena ver como ele estava feliz, e minha mãe também. Afinal, o saxofone era algo sexual, um grunhido vergonhoso nascido em noites em claro e boates sujas. Nunca prosperaria em ruas comerciais e shoppings a céu aberto na fronteira entre Surrey e Sussex. Em vez disso, ele evangelizaria, venderia com paixão e satisfaria uma necessidade que os clientes ainda não sabiam que tinham. No domingo, chegamos à filial da cidade e, abastecidos com refrigerantes e comidas prontas, trabalhamos por quatorze horas. Quando finalmente terminamos, ele nos fez deitar no chão, entre as seções da loja, nossa cabeça se encostando no centro, e pôs um último disco na vitrola.

— Isso é ridículo — disse minha mãe.

— Só escute!

— Consigo ouvir muito bem de pé, Brian.

— Shhh. Feche os olhos.

Ele baixou a agulha e se juntou a nós no carpete.

“In a Sentimental Mood”, a versão de John Coltrane e Duke Ellington. Eu gostava daquela música, do balançar do velho piano, do som suave e quente do saxofone contrastando com o ritmo da bateria. Tinha melodia e não durava muito, mas foi longa o bastante para minha irmã dormir aconchegada nos braços do meu pai. Sem dizer nada, a música tinha sido tocada como uma bênção para a nova empreitada, e, quando terminou, ficamos de pé em silêncio, trancamos a porta da loja e saímos para uma nova era.

Mas é difícil imaginar uma época menos apropriada para um renascimento do *bebop* do que em meados dos anos 1990, quando o único piano ouvido aparecia nos acordes sem ritmo da música *house*; o único saxofone, algo sintetizado. Traíçoeiramente, eu estava ouvindo os acordes de guitarras enquanto Fran Fisher comprava o CD do Boyzone e

entristecia meu pai. Mas as finanças de uma loja independente não permitiam esnobismo, por isso ele mordida a língua e vendia aquilo também, antes de aumentar o volume de *The Modern Jazz Quartet*.

E, por um tempo, aquilo pareceu funcionar. As pessoas gostavam do meu pai, e eu via isso e adorava. Ele tinha uma elegância na época e uma ética de trabalho que não tínhamos visto quando ainda se esforçava para ser músico. Seu otimismo era contagiante e fomos infectados por sua confiança. Foi o início dos anos dourados da nossa família e, se eu pudesse escolher um momento em que meus pais foram essencialmente eles mesmos, os pais de que escolheria me lembrar, seria algum dessa época.

O fechamento da primeira loja foi apresentado como uma consolidação de recursos, uma decisão inteligente de negócios. O dinheiro que poupariam com o aluguel e os salários poderia ser usado para pagar os juros, e os clientes fiéis iriam até eles, principalmente agora que as lojas estavam muito mais atraentes, com um bom estoque, modernas. Essa tinha sido a justificativa que eu ouvira durante os longos telefonemas abalados do meu pai para os meus avós, exilados na casinha. Ele sabia o que estava fazendo e não ia decepcionar ninguém. Mas queria tanto não decepcionar que achou impossível demitir pessoas, e, em vez disso, a equipe foi realocada para as filiais restantes. Nós víamos grandes multidões de funcionários em nossas visitas aos finais de semana, conversando perto dos caixas, superando triplamente o número de clientes enquanto *Kind of Blue* tocava nos alto-falantes caros.

Mas o primeiro fechamento também marcou o início da doença que nos recusávamos a nomear. Deus sabe que ele nunca havia sido um atleta olímpico, mas o café e a insônia davam um ar confuso e exausto ao meu pai, como se ele estivesse sempre lutando para se livrar de alguma coisa. Em algum lugar entre as escápulas, ele parecia carregar um grande nó de tensão, um objeto, uma bola de músculos contraídos que pressionava e cutucava durante o dia, girando os ombros, estalando as juntas. De manhã, enquanto eu me arrumava para ir à escola, às vezes o via pela porta do quarto, apoiando-se no guarda-roupa como se paralisado por uma horrível constatação. Acho que nada me assustava tanto quanto aqueles momentos de impressionante imobilidade: eu ficava parado no alto da escada, a respiração presa, esperando que ele saísse daquela

posição. Por fora, pelo menos, ele se mantinha carinhoso, amoroso e engraçado, mas era um bom humor artificial, como os que precedem as más notícias.

Seis meses depois, a segunda loja fechou. Minha mãe assumiu um papel mais ativo e convenceu meu pai de que a diversificação, não a especialização, era a solução. Começamos a vender pilhas e cabos, elaboradas embalagens para presente e cartões. Para meu pai, era a maldição da papelaria, um passo horrível para trás, e ele desanimava. Será que a música não era suficiente? Onde estava o amor, a paixão? Por que não ouviam isso na música que ele tocava? A confiança desmoronou em uma rebeldia destemida e depois em uma amarga resignação.

— Sabe o que eu devia ter vendido, Charlie? Papel-carbono. Crinolinas, centros de mesa, tinteiros. Tinteiros dão mais dinheiro que isso.

Minha mãe não ia aceitar a autopiedade e o derrotismo. A resposta, dizia ela, era o café. Nos dias de folga, ela às vezes fugia para Londres para encontrar velhos amigos, e foi lá, em um café perto do mercado da Berwick Street, que achou seu plano. O Soho era basicamente um grande café. Por que não mudar o negócio, investir em uma máquina de espresso de segunda mão, cadeiras de madeira, algumas antigas carteiras escolares e tocar música pelos alto-falantes? *O que é isso que estamos ouvindo?*, perguntariam os clientes. Então nós lhes venderíamos o CD. Se não, o lucro de uma xícara de café era *imenso*. Com apenas o salão de chá antiquado do Cottage Loaf e um pé-sujo orwelliano como concorrentes, não havia possibilidade de fracassarmos.

— Você iria, não iria, Charlie? E seus amigos?

— Eu não tomo café.

— E faz muito bem. Mas vai tomar, e quando tomar...

— Não vou fazer isso, Amy!

— Por que não?

— Porque é um café. Não sou barista.

— Você também não é vendedor, mas aprendeu, não foi?

— Bom, aparentemente não.

— Mas você sabe fazer café. Não deve ser muito difícil pôr um doce em um prato.

— Não quero vender *doces*, quero vender discos.

— E ninguém quer comprá-los, não mais. São muito caros. Tente, por favor. Eu vou ajudar, todos vamos. Você vai ver.

Uma reunião foi marcada com o banco para a obtenção de outro empréstimo. Não foi tão fácil quanto tinha sido no ano anterior. Não bastava mais fazer grandes pilhas de *Brothers in Arms*, e meu pai não podia esperar competir com as ofertas de pague dois, leve três das megastores. Então, em vez disso, eles ofereceriam algo novo, um pequeno toque da Berwick Street entre a Millets e a Spars. Lembro-me dos dois saindo para falar com o gerente, meu pai com o terno de casamento, minha mãe usando uma blusa macia de babados, crianças em roupas chiques. Lembro quando voltaram cambaleando pela porta, os olhos arregalados, histéricos com a vitória, feito criminosos depois de um roubo audacioso, e lembro a agitação das semanas seguintes: pilhas de cadeiras de segunda mão na sala de estar, grandes pacotes de croissants congelados — bolas densas e esfarelentas como comida para gado — que o forminho transformava em ouro, e também grandes sacos de aveia para que minha mãe pudesse fazer panquecas em quantidades industriais, já que a margem de lucro de uma panqueca era ainda maior que a do café e das embalagens para presente. E mais uma vez houve um tipo de harmonia diligente em nossa casa. Lembro-me da máquina de espresso de segunda mão, a Santorini Deluxe, cheia de tubos, discos e válvulas feito um trenzinho a vapor. Lembro-me ainda mais de voltar da escola e entrar em uma cozinha que cheirava a açúcar quente e chocolate derretido, uma condensação amanteigada em todas as superfícies.

Eles jogavam dinheiro pela janela, mas, apesar de todo o medo que meus pais deviam sentir, nós ainda nos considerávamos estáveis. “Pobres, mas felizes, só não tão felizes”: essa era a piada da minha mãe, e todo o bom humor que nutríamos era responsabilidade dela. Eu sentia muito amor pela minha mãe na época, por sua determinação, resiliência e ambição, o motor que nos mantinha em movimento. A vida em família era inimaginável sem ela. Minha mãe não ligava para dinheiro, status ou para a aparência do nosso jardim; ela só se importava com o fato de estarmos todos bem. Meu pai a adorava, claro, e confiava nela, talvez demais, mas, apesar de todas as brincadeiras, nunca duvidei de que ela ainda o amasse. Nós resmungávamos e desviávamos o olhar quando eles se beijavam ou se abraçavam, mas, no fundo... que alívio, que certeza.



O Café Blue Note abriu na mesma semana de setembro em que fiz dezesseis anos, e meu pai sugeriu que combinássemos as comemorações e fizéssemos uma festa de abertura para parentes, amigos e clientes regulares. Havia luzinhas de Natal e velas, e meu pai tocou com a banda — a última vez que ele tocou em público —, reduzindo as firulas do jazz e dando preferência ao set dos casamentos. Minha mãe cantou, todos dançaram, e, à medida que os bares foram fechando, rostos curiosos surgiram na vitrine. Nós nos sentimos famosos em nossa cidade, vitoriosos, uma luzinha em uma rua comercial abandonada. Eu tinha resolvido beber dos copos descartados, tudo que encontrasse, e fiquei tonto demais para lembrar a última parte da festa. Mas lembro que meu pai pegou o microfone e fez um discurso em que falava sobre seu grande filho — *Dezesseis anos! Como foi que isso aconteceu?* —, de sua linda filha Billie, tão inteligente, da inspiração que minha mãe era, das esperanças dele para aquele novo negócio incrível depois de alguns anos difíceis. Copiado de cerimônias vistas na TV, o discurso foi sentimental, mas acho, sei, que chorei um pouco. Talvez todas as famílias tenham esses breves momentos em que, sem nunca dizer nada, olham uns para os outros e pensam: nós trabalhamos juntos, nos encaixamos ali, nos amamos e, se pudermos continuar assim, tudo vai ficar bem.

Mas o otimismo do meu pai foi equivocados, um discurso por um prêmio que não havia sido recebido. No Natal, a última loja fechou, não deixando nada para esconder a dívida absurda que ele vinha empurrando de uma empreitada para outra.

## Risadas falsas

•••

Todos os dias, a companhia aumentava, trazendo novos rostos para o círculo no Grande Gramado.

— Olá, meu nome é Sam — disse um menestrel bonito de camisa sem gola e colete. — Vou tocar a música e fazer vários papéis pequenos!

— E eu sou Grace — afirmou a menina pálida ao lado dele, o cabelo comprido fluindo até depois da cintura baixa do vestido.

Era o tipo de menina, disse George, que víamos abraçada a um unicórnio. Sam e Grace — Simon e Garfunkel, como Alex os chamava — eram amigos de Ivor, da Sociedade Medieval de Oxford, mas o que acontecia em uma sociedade como aquela e por que alguém entraria para ela eram novas perguntas incompreensíveis do mundo universitário. Talvez desse a eles acesso ao arsenal de tambores, gravadores, cabaças com cordas e pequenos sinos que forneceriam a música da peça, com um fundo, explicaram eles, de músicas *techno* descoladas e modernas.

— Pu-ta que pariu! — exclamou Alex.

Macacos velhos da semana de Brincadeiras Teatrais, víamos os novos recrutas com ceticismo e reserva.

— Trovadores — bufou Helen, que tinha reunido uma equipe por conta própria.

— Olá, meu nome é Chris e vou ajudar Helen com o cenário.

— Oi, meu nome *também* é Chris! — (Gargalhadas... Sério, aquelas pessoas...) — E também vou ajudar com o cenário e com a direção de palco!

Chris e Chris tinham o mesmo cabelo liso, a mesma pele cogumelosa, os mesmos molhos de chave imensos e canivetes presos ao quadril da mesma calça jeans preta por uma corrente de metal de guarda de prisão. Uma das casinhas distantes de Polly tinha sido transformada no

quartel-general técnico, comandado por Helen de trás de uma imensa mesa de arquiteto, e ali eles riam de piadas internas, cercados por uma bagunça que, por si só, já parecia um cenário, o porão de um hacker ou de um serial killer. Latas de Coca-Cola, raspas de madeira-balsa, canecas nojentas e mofadas e doces comidos pela metade, tubos de cola de modelagem esmagados, pacotes de salgadinhos vazios, tesouras, bisturis e rolos de arame farpado. Em algum lugar daquela bagunça, eles haviam escondido uma sanduicheira própria e um estoque de pão branco, queijo processado e *brown sauce*, e isso despertou bastante inveja. Mas o local era “Proibidos para Atores!”, segundo uma placa escrita à mão em letras de história em quadrinhos, e nós ficávamos ainda mais desanimados com a perspectiva de entrar por conta do rock gótico aos berros (escolhido por Chris) e pelo trance animado (que Chris escolhera), tocados em volumes altos o bastante para acabar com qualquer cerco.

O treino particular se alongou por muito mais tempo do que imaginei que Fran fosse se interessar. Nós continuamos voltando para o campo, virando as páginas, cena a cena, fala a fala.

— Estamos trabalhando no meu papel! — insistia eu enquanto Helen tirava a grama seca das minhas costas.

Mas era verdade que uma consciência da proximidade do quadril ou da cabeça de Fran às vezes distraía minha atenção, me fazia perguntar o que aconteceria se me inclinasse para a frente e a beijasse enquanto ela explicava a importância do pentâmetro iâmbico. *Você beija como nos livros*, diz Julieta na peça. Se aquilo acontecesse um dia, eu queria muito beijar como no livro.

— Está me ouvindo? — perguntou Fran.

— Estou.

E, à medida que os dias passaram, eu realmente melhorei. Assim como assistir a um filme estrangeiro com legendas pode nos fazer acreditar que sabemos a língua, ler as cenas com Fran me dava uma ilusão de competência, e eu percebia que estava gaguejando menos e, às vezes, atravessava grandes trechos com uma eloquência que me surpreendia. Ler com Fran era como jogar tênis com um competidor que queria que eu ganhasse e lançava a bola para a minha raquete com cortesia. A timidez e a vergonha diminuíram. Eu ainda não sabia o que fazer com as mãos,

porém não falava mais como se estivesse lendo a última linha de um exame oftalmológico.

Claro que tudo isso seria desperdiçado se, como esperava, eu fosse substituído. Uma coisa era me esconder nas cenas de grupo, mas falar e ser ouvido eram uma questão completamente diferente, e eu imaginava Ivor e Alina em negociações frenéticas nos bastidores com membros dos Lakeside Players, do Grêmio Dramático Amador de Cygnet, do Chalk Down Stagers, em busca de qualquer menino, menina, homem ou mulher que pudesse tomar meu lugar. Na segunda-feira, eu não teria me importado. Na quinta, já não tinha tanta certeza.

Aquele seria o dia do meu primeiro ensaio com Romeu: acima de tudo, eu assentiria e ouviria, e também riria um pouco, por isso praticamos, deitados de costas na grama alta do pomar.

— Rá-rá-rá-rá! Tipo assim?

— Eu gostei. Gostei da balançadinha de cabeça — disse Fran.

— Tipo “Romeu, você acaba comigo!”.

— É. Eu entendi isso. Mas solte um pouco o queixo.

— Rá-rá!

— Nossa, Charlie, você é horrível nisso.

— Está bem, faça você.

— Ok, olhe. — Fran riu, totalmente natural. — Como foi?

— Não foi ótimo.

— Ah, porque não *segurei o queixo*? Bom, vá se foder, Daniel Day-Lewis. Não sei por que você não se solta de vez e bate na coxa.

— Assim?

— Isso. Tipo à la *O Pestinha*.

— Bater na coxa. Está bem, talvez eu tente isso.

— Ou você pode ser natural. Ser você mesmo.

— Se decidisse ser eu mesmo, não estaria aqui.

— Mas aqui estamos — disse ela. — Aqui estamos. — Na casa, o triângulo soou. — E isso marca o fim da nossa sessão.

— Obrigado.

— Por quê?

— Por me ensinar a rir de novo.

— Rá.

Voltamos juntos para a casa.

— Como você está se sentindo? — perguntou ela.

— Um pouco nervoso. Tenho quase certeza de que vão me substituir depois disso.

— Que bobagem...

— Sempre que falo na primeira cena, vejo Alina apertar a ponte do nariz e balançar a cabeça bem devagar. Eu digo *Separem-se, tolos! Guardem as espadas!* e, juro, ela tapa os ouvidos.

— Mesmo assim, não vão substituir você.

— Mas e se substituírem?

— Então vou sair da produção. Todos nós. Vamos baixar os cabos de vassoura.

— Você faria isso por mim?

— Não. Não, provavelmente não.

— Ah.

— Bom, eu já decorei as falas.

— Isso é bem tocante.

— Mas eles não vão substituir você, então tudo bem.

— Mas se substituírem...

— O quê?

Tínhamos chegado à casa, à grande sala que Polly havia liberado para os ensaios, janelas abertas para o ar.

— Ainda vamos tomar um café?

— Você está *obcecado* com esse café.

— Ou jantar ou alguma coisa assim?

— Jantar. Que chique! Onde?

— Não sei. No Angler's?

— Na noite do bife ou no rodízio de domingo?

— Você decide. A escolha é sempre da mulher.

— Tentador.

— Ou a gente poderia só... se ver.

— Você não acha que a gente se vê?

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Porque estou literalmente olhando para você agora.

— Quero dizer fora daqui, longe de tudo isso...

— Lá vem ele.

Miles estava se aproximando, bebendo água enquanto andava.

— O jovem ator mais hidratado da Grã-Bretanha. O que ele está usando? — Era uma camisa de basquete, a gola puxada bem abaixo do esterno, aberta nas laterais. — É um colete de *netball*. Bom, boa sorte. Ei, qual é o nome do seu melhor amigo? Na vida real?

— Harper.

— Imagine que você está conversando com Harper. Imagine que vocês dois conheceram meninas de que gostam muito e têm que falar sobre isso.

Aquilo era mais um subtexto?

— Está bem.

— Vocês falam sobre essas coisas, não falam?

— Não muito. Normalmente a gente bate um no outro.

— Bom, finja que falam. A cena é só isso: dois adolescentes conversando de forma sincera e aberta sobre o que sentem. Eles conseguiram em 1594. Imagine se isso ainda acontecesse agora. Imagine um mundo em que vocês todos não fossem tão reprimidos.

## Improvisação



Eu não havia falado com Harper desde a briga com Lloyd. Na segunda e na quarta, tinha trabalhado no posto de gasolina e roubado mais raspadinhas, preparando-me para a entrega, mas ele não havia aparecido. Mensagens de texto também não tinham sido respondidas, e eu me perguntei se algum limite havia sido ultrapassado. No grande catálogo de violência física e emocional que havíamos infligido uns aos outros com o passar dos anos — os empurrões do píer, os fogos de artifício, as cicatrizes de balas de rifles de ar comprimido —, com certeza o incidente com a bola de sinuca era menor. Certa vez, tínhamos brincado no campo atrás da casa de Harper de um jogo que havíamos chamado de “Azincourt”. Todos se revezavam para colocar uma venda e lançar bem alto três dardos profissionais de ponta de tungstênio, enquanto o resto de nós escolhia um lugar e tinha que ficar parado, os ombros curvados e os olhos fechados, esperando os dardos caírem. A brincadeira só acabava realmente quando alguém saísse ferido e, claro, logo ouvimos um baque forte e vimos Fox com um único dardo vertical na cabeça, enquanto Lloyd, que o havia jogado, se encolhia no chão, sem conseguir respirar de tanto rir. Tudo aquilo era normal, “típico do Lloyd”, sem que ninguém ficasse magoado. Mas uma única bola de sinuca jogada na cabeça de alguém...

Eu estava sendo forçado a imaginar uma vida sem Harper. No caos da autodestruição da nossa família, ele havia se mostrado presente de maneira silenciosa e tranquila, e, apesar de eu não conseguir me lembrar de nenhuma conversa que pudesse ser considerada pessoal ou sincera, na semântica estranha e muda típica de meninos adolescentes, ele havia comunicado uma noção de cuidado e, de alguma forma, passara a mensagem para os outros, uma ordem não dita para serem, se não gentis, então não diretamente cruéis. Na época, eu chegara até a imaginar que

estava um pouco apaixonado por Harper. No livro amassado da biblioteca sobre “fatos da vida”, eu lera que paixonites “homossexuais” são muito comuns entre adolescentes. Sabia que internatos eram cheios daquelas coisas, mas será que não podia ter uma versão da Merton Grange? Conhecer Fran tornou a teoria obsoleta, mas ainda assim percebi que sentia falta de Harper.

Será que ele ficaria sabendo sobre Fran? *A questão, Harper — Martin —, é que acabei me envolvendo com uma, bom, coisa sobre Shakespeare e, não ria, mas tem uma menina lá que é diferente das outras, ela é engraçada, muito inteligente e legal e a gente fica conversando um tempão... Você devia conhecê-la!* Mas a ideia se evaporava enquanto ainda tentava colocá-la em palavras, e eu era forçado a aceitar que eles eram melhores nisso na época do renascimento, mesmo.

— *Me conte solenemente: quem é o seu amor?*

— *Por quê? Devo me curvar para contar?*

— *Se curvar? Não, mas me diga quem é de forma solene.*

— Está bem, ótimo. Vamos parar por aqui. Então, me digam. O que vocês sabem sobre o relacionamento dos dois?

Miles, ao que parecia, sabia muito, e me afundei no meu silêncio normal de sala de aula, enquanto ele falava sobre o meu histórico, os anos que havíamos estudado juntos no ensino médio em Verona, como eu o admirava, como talvez, especulou Miles, eu estivesse um pouco apaixonado por ele.

— Isso é ótimo — disse Ivor. — E agora eu quero que os dois imaginem uma conversa anterior, entre vocês, antes do início da peça, em que falam de amor.

Uma pausa.

— Quando quiserem.

— Desculpe, Ivor — falei. — Você quer que a gente...

— Saia do roteiro, improvise.

— Como se... Como se fôssemos esses personagens?

— Isso mesmo.

— Mas usando a linguagem da época?

— Posso fazer isso — afirmou Miles.

— É, mas não se apegue a isso, Charlie. Fiquem tranquilos, não precisa ser historicamente exato. A questão aqui é o modo como vocês se relacionam. Só... inventem.



— Está bem, vamos fazer isso — disse Miles, batendo palmas. — Certa vez uma pessoa esqueceu as falas em *Noite de reis* e eu improvisei, tipo, uma folha e meia, e em pentâmetro iâmbico também. E eu juro, se você escrevesse aquilo, ninguém ia perceber a diferença...

— Não — falei.

— Não?

— Não sei fazer isso, Ivor.

— Tente mesmo assim.

As portas para o pátio estavam fechadas, mas, se eu me jogasse pelo vidro...

Não tive tempo. Miles já estava perto de mim, me abraçando com os braços nus.

— Benvólio, como estás? Estive te procurando por todas as praças e becos desta bela cidade.

— Ah, caro Romeu — falei, a bochecha encostada no peito nu e macio dele. — Eu estivera... em casa. Com meus pais.

— Não vamos falar de mamãe e papai, mas de amor!

— Ah, o amor — falei. — O que *tu* pensas do amor, belo Romeu?

— Sabes que desprezo o amor, toda a poesia, todas as canções. Mas tu, Benvólio, és um mistério. Não tens um amor secreto? Alguém que consideres cara? Por favor, me diga, pois não sou seu amigo mais querido?

— Ótimo — sussurrou Ivor. — Isso está ótimo!

E os dois me olharam, enquanto eu vasculhava o teto, depois o tapete, e de novo o teto, em busca de algo para dizer.

— Ah, o amor. Com o amor, minhas experiências foram... ambas fracassadas... pois o amor é como algo... que posso... pegar ou largar. E isso, caro amigo, é tudo que tenho a dizer.

— Está bem — disse Ivor, suspirando. — Vamos nos lembrar do que aprendemos.

O que eu havia aprendido era que eu era melhor quando apenas ouvia e assentia. Por sorte, era uma cena de ouvir e assentir, e, à medida que a tarde passou, comecei a entendê-la. Romeu afirma estar apaixonado por alguém, e a minha resposta — a resposta de Benvólio — é lembrar que a fila anda.

— *Pare de pensar nela!*

— *Ah, me ensine a parar de pensar!*

E eu tinha que admitir: Miles sabia dizer os “Oh”, os “Ah, pobre de mim” e os “Infelizmente”, sabia realmente declamá-los enquanto saltitava pela sala, agachando-se, sentando-se em uma cadeira, improvisando com as cortinas ou um abajur. Eu fiz o que pude para acompanhar.

— Tente se movimentar *enquanto* fala, Charlie — pediu Ivor —, e não antes ou depois.

Mas andar enquanto falava era avançado demais para mim, ainda mais segurando o roteiro. A outra mão, que eu era incapaz de enfiar no bolso da calça jeans, ficava pendendo, frouxa, na passadeira do cinto, feito a de um caubói galanteador. Enquanto isso, Miles encontrava poses que mantinha por um instante, como um modelo em uma sessão de fotos. Ele não atuava *comigo*, mas à minha volta, como se eu fosse uma mesinha de centro.

Mas com a vaidade e o egocentrismo vinham uma convicção que era atraente e, depois que “acertamos tudo” e “brincamos um pouco com o texto”, percebi que não me encolhia mais ao sentir seu braço em meu pescoço, o soco em meu ombro. *Imagine que você está falando com seu melhor amigo*, dissera Fran, e foi o que fiz, e logo Ivor estava sentado na cadeira, inclinado para a frente, empolgado e envolvido, mordendo o nó do dedo. Alina se juntou a nós também, séria atrás dos braços cruzados, mas não fazendo caretas, nem beliscando o nariz, nem balançando a cabeça.

— Bom trabalho, meninos — disse Ivor no fim do dia. — Foi um ótimo processo.

Senti uma onda de orgulho totalmente inesperada. Saindo da sala, Miles apertou meu ombro e me ofereceu a água mágica.

— Acho que estamos indo bem.

Senti outra mão no outro ombro me tocar de leve ao passar.

— Alguém andou fazendo o dever de casa! — disse Alina, com um leve fantasma de sorriso.

Então percebi que estava seguro e podia ficar, se quisesse.

E, esperando por mim na mureta do jardim japonês, chutando todas as pedrinhas com o calcanhar e sorrindo, estava Fran Fisher, pronta para ir para casa.

*Parar de pensar nela? Ah, me ensine a parar de pensar!*



No posto de gasolina, eu estava atrás do caixa, murmurando Shakespeare.

— *Senhora, bem antes de o sol idolatrado olhar pela janela dourada do Oriente...*

Uma buzina soou no pátio e ali estava Harper, saindo do carro do irmão, com duas outras pessoas abaixadas no banco traseiro. Guardei o roteiro e tomei o cuidado de esconder minha espada. Harper entrou e começamos a atuar.

— Meu irmão ganhou dinheiro nas raspadinhas. Posso trocar aqui, por favor?

— Claro! Posso dar uma olhada nelas?

— Pode. Aqui estão.

Tirei o dinheiro do caixa.

— Parabéns! — falei, mas ele já estava se afastando.

Eu o observei atravessar o pátio e foi então que finalmente saí do papel, dei a volta no balcão e corri para fora da loja.

— Licença! Rapidinho!

Ficamos parados, rígidos, perto dos sacos de carvão para churrasco, com Harper olhando incomodado para seu carro de fuga.

— O que foi?

— Eu só queria saber... Como você está?

— Bem. Achei que você tivesse dito que era tudo filmado.

— É, mas tudo bem, ninguém assiste. É só para o caso de as pessoas saírem sem pagar. Não vejo você desde...

— Fui até sua casa. Seu pai disse que você tinha saído. Falou que também não tem visto você.

— Não, eu tenho... Ele estava bem?

Harper riu.

— Não sei, o pai é seu. Estava igual a sempre. É melhor a gente ir.

Ouvi o barulho do motor, vi o irmão dele dar uma batidinha no relógio e percebi que eram Lloyd e Fox abaixados no banco de trás. Levantei a mão, mas ninguém acenou de volta.

— Então Lloyd continua bravo comigo?

— Um pouco.

— Está bem. Bom, mais tarde eu passo para pegar o dinheiro.

— Não, não faça isso. Está tarde.

— Ah. Tudo bem.

Não eram nem nove horas.

— Posso dar sua parte agora, mas não quero mais fazer isso.

— Está bem.

— Estou ganhando um bom dinheiro com meu pai. Não preciso disso. Na verdade, pode ficar com tudo.

— Não, fique com metade.

— Não. Você precisa mais do que eu.

— Aqui? Agora?

— Está na minha mão. Vou deixar com você. Vai poupar trabalho.

Pensei por um instante.

— Está bem. Se cuide.

Nos cumprimentamos com um aperto de mão e senti meus dedos se curvarem sobre as notas, que na mesma hora enfiei no bolso. A entrega foi rápida o bastante, banal e discreta, e foi só mais tarde, quando se tornou uma prova contra mim, que pensei nas olhadas furtivas para ambos os lados, no olhar que lancei para a câmera de segurança e no cumprimento estranho sem motivo. Por que o atendente estaria no pátio, cumprimentando um cliente que nunca tinha visto?

Quando estiver atuando para uma câmera, é sempre muito importante fazer o mínimo possível.

## Possibilidades

•••

Os Capuleto jogavam rounders contra os Montéquio, Polly pelos Capuleto, agachada, o bastão no ombro, as mãos no cabo feito uma lenhadora assassina.

— Está segurando o bastão alto demais, Polly — disse Miles, pronto para jogar a bola.

— Miles, tenho sessenta e oito anos. Não me ensine a jogar, por favor.

— Mas está alto demais. Tem que ficar aqui embaixo.

— Miles, vou jogar essa bola na sua cara.

— Não, na cara, não! — gritou Alex.

— Tudo bem. Faça como quiser.

A bola deixou a mão esquerda dele e, com um *poc* revigorante, Polly a mandou para o céu azul, enquanto Fran, Colin e Keith saíam das bases e corriam, seguidos por Polly, que deslizou até a base ao som de gritos e aplausos.

George era o último e pegou o bastão com um nojo evidente.

— Esportes de equipe. Fascismo em ação. Só estou aqui para evitar esportes em equipe.

Ele não durou muito, então chegou minha vez. Depois de fracassar no badminton, me parecia vital que Fran achasse que eu era extraordinário em rounders, mas só consegui rebater a bola alguns metros adiante, até as mãos de Lucy. O resto dos Montéquio caiu logo depois, então ambas as casas ficaram esparramadas pelo gramado sob o sol da manhã.

Eu havia prometido a Fran uma semana do meu tempo. Uma semana, pensava eu, era o bastante para desistir sem ter enganado ninguém, mas — e ela devia saber — a ideia de desistir desaparecia um pouco a cada dia, e não era mais apenas Fran que me fazia voltar à mansão. À medida

que cada rosto da companhia ganhava foco, eu havia começado a gostar daquelas pessoas e até a imaginar uma época em que não pensaria nelas como “aquelas pessoas”. Do mesmo modo que sotaques são contagiosos, eu me peguei adotando o estilo irônico, brincalhão e direto da companhia. Eles faziam piadas *e seus rostos não se moviam*. Falavam como se esperassem que alguém estivesse anotando, conversas que pretendiam ser diálogos, repletas de aspas e piadas internas. Também provocavam uns aos outros, mas sem malícia. Acostumado às ferramentas mais brutas do sarcasmo e do insulto, eu não tinha certeza se podia fazer aquilo, mas, de vez em quando, dizia alguma coisa que fazia a companhia rir e eu tinha aquela sensação, *puf*, de ter mandado a bola para o céu. No entanto, com a mesma frequência, a conversa tomava um rumo que eu não conseguia acompanhar e eu me via atingindo o ar.

Eles estavam falando sobre faculdades. O resultado do vestibular sairia na última semana de ensaios e, se tudo desse certo — e todos sabiam que ia dar —, Fran, Lucy, Colin, Helen e George se juntariam a Alex na graduação. Apesar de gostarem de fingir que não, eu sabia que Harper e Fox também iam para a faculdade, velhos e novos amigos em uma festa para a qual eu não havia sido convidado. A conversa se expandiu para futuros que eles fingiam que seriam traiçoeiros e incertos, mas que, todos sabiam, seriam dourados e garantidos porque aqueles eram alunos premiados, inteligentes, diligentes e talentosos. Logo eles sairiam daquela cidadezinha e migrariam para cidades famosas pela vida noturna, música e cultura, teriam conversas profundas, fariam amigos que os apresentariam a outros amigos, então outros e outros, desfazendo os velhos laços para abrir espaço para os novos em uma árvore crescente de amizades, conexões e oportunidades. A falsa noção de risco era demais para aguentar. Não era uma questão de classe e educação — ou não só de classe e educação —, mas do outro bem mais precioso relacionado àquilo: confiança.

Eu tinha perdido qualquer chance que pudesse ter de participar daquela conversa e comecei a ouvir a voz em minha cabeça se tornar sarcástica e rancorosa. Será que a universidade era uma escolha mais segura do que um curso de teatro?, perguntava-se Alex. Será que uma graduação em medicina era um projeto pesado demais?, ponderava Lucy. A inveja é corrosiva, mas pelo menos existe um vigor em invejar pessoas

que odiamos, já que as de que gostamos, que amamos, trazem apenas algo amargo e solitário. Em vez de deixar meu amargor aparente, eu me levantei e me afastei, não de maneira dramática, mas tampouco invisível. Era difícil fazer algo invisível com um cabo de vassoura pendurado no quadril.

No pomar, eu me deitei sob a macieira mais afastada e fechei os olhos, mas logo ouvi a grama alta balançar.

— Se você não voltar, sua beterraba vai esfriar — disse Fran.

— Você pode ficar com todas. Estou falando sério.

Várias maçãs duras tinham caído prematuramente da árvore e estavam desconfortáveis sob minhas costas, mas continuei onde estava, ouvindo Fran se sentar de pernas cruzadas ao meu lado.

— Não culpo você por ter fugido daquela conversa — afirmou ela, puxando a grama. — É muito chata, não é? Resultados de vestibular. Esperanças e sonhos.

— Não, tudo bem. Só não tenho nada a dizer sobre isso.

— Eu acho que todo mundo supõe que você vai ser ator profissional — disse ela e esperou. — Isso ajuda, Charlie, ou...?

— Mais ou menos. Eu gosto de ter você aqui.

— Eu soube que você passou por uma fase ruim.

— Quem disse isso?

— Lucy, Colin...

— Ah, meu Deus...

Na época, não havia nada pior ou melhor do que alguém falar de você.

— Eles foram legais. Não estavam fofocando nem nada. Só disseram... As pessoas ficaram preocupadas, só isso.

— Bom, eu me fodi.

— Talvez você tenha ido melhor do que...

— É, as pessoas sempre dizem isso, como se eu só estivesse sendo modesto. Mas, não, eu quero dizer que me fodi de verdade. Saí da prova, deixei folhas inteiras em branco, desenhei na prova de história. No fim, eu nem aparecia mais, então, a não ser que, bom, alguém tenha feito a prova de interpretação de texto por mim...

Ela permaneceu em silêncio por um instante, e fiquei grato por isso.

— Mas provas são besteira, não são? Quer dizer, é um talento, tipo aprender um truque com cartas. Alguém como Miles, por exemplo, vai tirar dez o tempo todo. Dez, dez, dez, tipo a porra de um... *código binário*, mas ainda assim... Bom, ele não é burro, mas com certeza não é mais inteligente. Só aprendeu o truque. O que significa que o sistema inteiro é errado, não você. Além disso, é bom lutar contra as coisas. Eu queria poder fazer isso. Em alguns momentos quero simplesmente jogar tudo para longe da mesa e dar o fora, mas sou certinha demais.

Aceitei aquilo com civilidade, grato pelo lado rebelde que ela dera ao meu fracasso. A verdade era que eu não havia me rebelado de propósito contra nada, não tivera briga nenhuma com a educação formal, nenhum motivo claro. Eu era muito feliz indo bem naquele sistema e com certeza tinha havido circunstâncias em que eu podia ter me saído melhor, até muito bem.

— Então o que aconteceu? — perguntou ela, por fim.

— Acho que eu só estava querendo provar alguma coisa. É que agora não tenho mais ideia do que era. A gente não devia estar repassando as falas?

— Hoje, não. O que aconteceu? Me conte.

— Eu acho... Acho que surtei um pouco.



## Exames



Todos tínhamos surtado um pouco, cada um à sua maneira.

O meu caso ficou mais evidente na escola. A promessa que eu um dia havia demonstrado não vinha se concretizando fazia tempo, mas, com a proximidade do vestibular, o processo tinha se acelerado.

— Estamos preocupados — disse o Sr. Hepburn aos meus pais na última reunião de pais e professores — que Charlie esteja seguindo o caminho da reprovação.

Meu pai se curvou um pouco mais na cadeira. Minha mãe tentou pegar minha mão, mas eu a puxei de volta e comecei a enrolar a gravata da escola, soltando-a e voltando a enrolá-la.

— Não estamos entendendo — disse minha mãe. — Ele estava indo bem.

— Estava, mas agora não está, e nós tentamos, tentamos muito. Não tentamos, Charlie? Você não acha que é justo dizer isso?

Naquela noite, minha mãe foi até meu quarto enquanto minha irmã dormia, se ajoelhou ao lado da minha cama, onde eu estava deitado, virado para a parede, e pôs a mão na parte de trás da minha cabeça.

— Quer conversar?

— Não. Só dormir.

Mas toda noite eu ficava acordado, o único insone de dezesseis anos do mundo, e, durante o dia, sofria com um enjoo exaustivo típico de um *jet lag*, ou o que eu imaginava que seria um *jet lag*. Uma névoa na cabeça, como vapor se formando em um espelho. Confuso e burro, imagino, apesar de a palavra nunca ter sido usada por ninguém a não ser por mim, quando dava outra resposta errada, uma frase que se transformava em balbúcio: *moleque burro, burro, burro*. Eu então dormia com a cabeça na mesa, semiacordado, encarava os livros didáticos tão impenetráveis

quanto sânscrito e meu olhar se voltava para as margens, depois para os riscos da mesa de madeira, e eu ficava naquele estado paralisado, emburrecido, em que às vezes pegava meu pai e pensava: *Meu Deus, por favor, eu também, não.*

Para minha irmã, a loucura se manifestou como um retrocesso para uma mudez quase completa: noites na biblioteca pública, almoços na biblioteca da escola ou, nas raras ocasiões em que eu a via ao ar livre, sozinha na outra ponta do campo de futebol. Ela sempre havia sido a inteligente, mas tinha passado a usar os livros para esconder o rosto. Chegava até a segurá-los de cabeça para baixo. Em épocas menos turbulentas, nós brigávamos pelo controle remoto ou pela injustiça da hora de dormir, disputas que agora pareciam triviais e irrelevantes. Mas não tínhamos descoberto algo para substituí-las, por isso passávamos um pelo outro no corredor sem conversar. Uma ou duas vezes, eu a vi virar uma esquina para me evitar. Uma ou duas vezes, fiz a mesma coisa.

A loucura da minha mãe era um tipo de mania, tentativas frenéticas de compensar as coisas. Três, às vezes quatro vezes por semana, depois que ela saiu de casa, eu a encontrava esperando no carro, no portão da escola, e descia o vidro, me chamava e me oferecia chá com bolo no Cottage Loaf. Eu entrava, sequestrado por minha própria mãe, enquanto minha irmã, imagino, voltava andando sozinha para casa.

No café, assim que o bolo chegava, as coisas do chá eram empurradas para o lado e surgiam os guias de estudo, recém-comprados na papelaria local.

— E então? O que vamos fazer hoje?

— Mãe, eu posso dar conta sozinho.

— Como está o francês? E biologia?

— Não faço aula de biologia.

— Faz, sim!

— Não.

— Bom, isso foi um desperdício de dinheiro — dizia ela, jogando o guia no chão. — Está bem, inglês. *Senhor das moscas*, não é? — Ela pegava a edição comentada e abria em uma página aleatória. — Me conte sobre... o personagem Piggy, de *Senhor das moscas*.

Como educadora, o maior dom da minha mãe era sua capacidade de gerar uma sensação mútua de pânico e inutilidade. Ela sempre ficara feliz

em deixar o ensino para os professores. Mas tinha se tornado uma pessoa que chegava atrasada ao aeroporto e tentava enfiar roupas na mala, incapaz de aceitar que o voo já havia partido.

— O verbo *voir*...

— Querer.

— Não é “querer”. Querer é *vouloir*, como em *voulez-vous*. Charlie, isso nem é francês, é Abba. *Voir*. Vamos lá, você sabe isso.

— Está bem. É ver.

— Isso! *Voir* no passado. Já!

— ...

— Já!

— *J'ai*...

— Vamos lá, *j'ai*...

— Não sei.

— Sabe, sim!

— Shhh. Fale baixo!

— Mas você *sabe*!

— Mãe, falar que eu sei não vai fazer com que seja verdade!

— Mas você costumava ser tão bom nisso!

— Mãe...

— Você sempre fez a gente pensar que estava indo muito bem.

— Não é verdade!

— Ou pelo menos melhor do que isso. Vamos, você deve saber francês. O que fez nesses cinco anos? Largue o chá. Aqui, dê uma olhada nas respostas por trinta segundos e vamos tentar de novo.

E então ela entrava em pânico com minha falta de conhecimento e eu esquecia tudo por causa do pânico dela e ela entrava em pânico porque eu estava esquecendo e então vozes eram erguidas e um de nós saía pisando duro, em cenas nunca vistas no Cottage Loaf. Passávamos pelos vestígios da nossa antiga loja em um silêncio atordoado e voltávamos para a casa nova, quando eu saltava do carro. As semanas passaram, cinco até as provas, depois quatro, depois três, duas, como o cronômetro de uma bomba. Faltando uma semana, ela estacionou na entrada do cruzamento, bem longe da casa, e perguntou:

— Como está seu pai?

— Igual.

Ela assentiu e mordeu o nó do dedo.

— Bom. Ele só precisa se entusiasmar com alguma coisa outra vez.

— Quer dizer tipo um hobby?

— Não! Ele está pensando em trabalhar?

— Às vezes. Acho que agora não pode.

— Por que não?

— Ora, ele está doido, mãe!

— Não diga isso.

— Está bem, ele está *mentalmente perturbado*.

— Ele está com dificuldade.

— É, para sair da cama, escovar os dentes...

— Está bem, eu sei! Mas o que posso fazer, Charlie? Me diga o que posso fazer que eu faça.

Eu não queria que meus pais me perguntassem o que fazer. E, mesmo se tivesse uma resposta, ela não estava mais ouvindo. Estava sentada, curvada sobre o volante, pressionando as palmas das mãos nos olhos.

— Eu sei que foi na hora errada, sei que devia estar aqui e odeio jogar as coisas para cima de você, *odeio*, mas eu não ia ajudar se estivesse aqui. Não consigo, é impossível, seria uma guerra. Eu *pioro* as coisas, Charlie! O que você acha que sinto? Sabendo que deixei alguém tão infeliz?

Ela começou a chorar e só então cedi, tentando abraçá-la, mas sendo puxado pelo cinto de segurança. Eu me virei mais devagar, tentando enganar o mecanismo de freio, mas fui impedido de novo, puxei o cinto...

— Solte esse troço logo!

— Está bem!

— Ali embaixo, solte e tire o cinto! O botão vermelho! Pelo amor de Deus, Charlie. Venha aqui...

Eu me contorci sobre o câmbio e senti o rosto dela úmido no meu pescoço.

— Eu sou uma mãe horrível?

— Não.

— Mas tenho sido?

— Não.

— Mas sou uma professora horrível, não sou?

— É, você é uma professora horrível.

Ela fungou no meu pescoço.

— Eu te amo. E você vai ficar bem — disse. — É um menino tão inteligente...

Mas ela também era uma péssima atriz e a clareza da mentira, a hesitação ao dizê-la, me fez sair correndo do carro. Pus a mochila no ombro, ergui uma das mãos e andei a curta distância até minha casa, tirando a chave do bolso, esperando a parte do dia que mais odiava.

Porque a loucura do meu pai era a mais espetacular de todas, e a ideia tinha se fixado em minha cabeça, se transformado em probabilidade, depois certeza, de que meu pai se mataria e que eu ia encontrá-lo assim. Eu costumava especular sobre as circunstâncias disso à noite, depois durante as aulas, a ansiedade crescendo à medida que me aproximava de casa. Será que ele estaria no quarto, ou no corredor, no banheiro, ou deitado no sofá? Não importava se fosse um dos dias bons dele, que ele sorrisse quando eu saísse para a escola, me abraçasse à porta. Na verdade, aquilo tornava o desastre ainda mais provável porque — outro clichê da TV — atos contra si mesmo sempre eram precedidos de demonstrações de afeto, feitas com uma serenidade vidrada e dormente. *Eu te amo, filho, nunca se esqueça disso* e aí você chega em casa e — mais um clichê — o envelope está na mesa, apoiado entre o sal e a pimenta. Não, nada indicava um desastre de maneira tão clara quanto um pai dizendo *Eu te amo*.

Minha mente adolescente tinha uma capacidade ilimitada para esse tipo de melodrama, e eu queria dirigir minha energia mental para outra direção. Em vez disso, aquelas possibilidades sombrias se tornaram tão fixas e plausíveis que, com frequência, minha mão tremia quando girava a chave, sempre gritando:

— Pai, cheguei!

Às vezes ele estava no sofá, assistindo a um filme em preto e branco; em outras, estava dormindo, no andar de baixo ou de cima, e eu conferia se era o tipo certo de sono, se os frascos marrons se encontravam no lugar, com as tampas fechadas, sem álcool por perto. Se ele não estava em casa, eu era incapaz de me acalmar até ele voltar, e só então entrava no bate-papo doméstico mais banal: o que comer naquela noite, o que assistir.

— Você não devia estar estudando? — dizia ele.

— Estudei na escola — respondia.

— É uma época importante — afirmava ele, e deixávamos por aquilo mesmo.

Eu tentava fazê-lo rir, se pudesse, com comentários irônicos sobre o que quer que estivesse passando na TV. Se isso falhasse, se ele parecesse não estar me ouvindo, se ele se deitasse de lado ou se servisse de outro uísque, então eu tentava atraí-lo para o andar de cima.

— Não durma aqui, pai. Venha para a cama.

— Eu quero ver o final.

— Você já viu isso. Venha para a cama, não durma no sofá.

— Suba você, filho.

Então eu ia para a cama para pensar no que havia lido sobre misturar álcool e remédios e a preocupação voltava.

E, durante todo aquele tempo, acho que nunca disse a palavra “depressão” em voz alta. Era um tabu e eu não teria dividido meu medo e minha confusão com um professor ou amigo, assim como não teria confiado a eles minhas fantasias sexuais. A sinceridade era perigosa, e, mesmo se Harper não fosse usar aquilo contra mim, não tenho dúvida de que Lloyd usaria.

Quando, muitos anos depois, finalmente contei a Niamh parte (não tudo) disso, ela me disse que eu falava como se fosse o cuidador do meu pai. Na hora, senti um arrepio com a palavra. “Cuidado” sugeria compaixão, integridade, abnegação e devoção, e eu não tinha nenhuma daquelas virtudes, nenhuma. Não havia contado a ela a história para causar a admiração gerada pelas pessoas que realmente *cuidam*. Quanto mais meu pai exigia compreensão e compaixão, mais eu oferecia pena e desprezo; quanto mais ele exigia minha presença, mais eu desaparecia. Ele me assustava e, quando eu não estava assustado, estava simplesmente furioso; furioso por ter tido minha paz de espírito e meu poder de concentração roubados quando mais precisava, furioso por ter medo de algo tão banal quanto abrir a porta de casa. Cansado, também, cansado do estado zumbificado dele, do ar perpétuo de distração que o cercava feito uma nuvem de moscas em torno de sua cabeça, da impossibilidade de mudança. Eu não queria nada brega como um modelo a seguir, só queria alguém que acordasse toda manhã, alguém capaz de dar um sorriso que não fosse assustador nem artificial.

Tudo de bom que eu desejava para o meu pai, desejava para o meu próprio bem. Mais do que tudo, eu queria que ele voltasse a ser como era. Durante a maior parte da minha infância, ele havia sido engraçado, alegre e carinhoso. Mas mesmo seu bom humor havia se tornado pouco natural. Que motivo ele tinha para ser feliz? Eu o culpava pela nossa pobreza, por fazer minha mãe ir embora, por meu fracasso na escola. Eu me preocupava com ele quando ele é que devia se preocupar comigo. Será que não notava que as coisas estavam dando errado? Eu não era um cuidador. Será que “odiador” era uma palavra? Um “odiador residente”?

Isso era natural, garantira Niamh. Seria estranho sentir outra coisa. Mas, em um floreio final de descuido, eu não aguentava as mudanças físicas: o peso da pele pálida e úmida dele como um plástico sob o gesso, os ombros caídos, as manchas de brancura não identificadas nos cantos da boca, as unhas dos pés parecendo raspas do chifre de um animal. Assim como dizem que um sorriso ilumina um rosto, a infelicidade o havia tornado feio, pelo menos para mim, e depois de algum tempo eu não me dava mais o trabalho de disfarçar meu desgosto, franzindo o nariz, afastando o braço dele. Com um pedantismo juvenil, eu me perguntava: *por que o velho não pode cuidar de si mesmo?* Eu tinha dezesseis anos. As pessoas escrevem hinos sobre essa época da vida, e eu não tenho direito a alegria, diversão e irresponsabilidade, mas a medo, raiva e cansaço?

Por outro lado, *cuidado* era quase o oposto porque às vezes — e eu jamais diria isso em voz alta — parte de mim queria a catástrofe. Todos os filhos, me tranquilizou ela, fantasiam com a morte dos pais, mas raramente em circunstâncias tão plausíveis. Pelo menos, se algo acontecesse a ele, então eu teria a atenção e a compaixão que sentia merecer; pelo menos eu poderia seguir com as coisas, seja lá que coisas fossem. Essas ideias me parecem chocantes e vergonhosas hoje, e a única desculpa em que posso pensar é que eu odiava e amava meu pai mais do que qualquer pessoa do meu mundo, e que a força da primeira emoção era proporcional à segunda. Eu só podia odiá-lo daquela maneira porque o havia amado em igual medida.

Eu deveria contar sobre outro acontecimento, no auge do conflito que precedeu a partida da minha mãe na primavera. A briga naquela noite havia sido apocalíptica: acusações, recriminações, análises de personalidade brutais cheias de desprezo, coisas que nunca poderiam ser

retiradas e que impossibilitariam qualquer futuro juntos. Eu havia ido para meu quarto estudar, ou melhor, para encarar cega e incompreensivelmente meus livros, as pontas dos dedos perfurando as têmporas. Minha irmã, no beliche atrás de mim, tinha pegado os fones caros do meu pai para abafar a pior parte das palavras, mas, naquela noite, a membrana frágil do piso do nosso quarto vibrava como um alto-falante. O efeito deve ter sido o mesmo para nossos vizinhos porque, pela primeira vez, alguém chamou a polícia.

Billie foi a primeira a ver as luzes azuis. Nós fomos até a escada e observamos, do alto dela, meu pai, desconcertado e humilhado, abrir a porta e deixar a polícia entrar na sala. Meus pais ficaram parados um ao lado do outro feitas crianças flagradas em um ato de vandalismo. Será que tinha chegado àquele ponto? Éramos mesmo aquela família, a que era motivo de reclamação dos vizinhos? As vozes no andar de baixo acalmavam: *Não, policial, nós entendemos, estamos bem agora*. Eu queria gritar pela escada: Não, eles *não* estão bem, fazem isso *o tempo todo!* Em vez disso, fui pisando duro até o banheiro, alto o bastante para a polícia escutar, baguncei todo o armário em busca de uma aspirina, bati a porta, joguei duas pílulas na mão, depois uma terceira, e parei. Abri outra vez o armário, analisei os frascos de hidratante, as garrafas grudentas de xarope velho e encontrei um vidro de paracetamol. Joguei as cápsulas na boca, enfiei a cabeça sob a torneira para beber água e, para completar, destampeei o mesmo xarope noturno que eu havia tomado quando criança, vencido muitos anos antes e, por isso, provavelmente mais concentrado e tóxico. Ouvindo a porta fechar com a saída da polícia, engoli aquilo também, senti um arrepio por causa da doçura química, depois organizei os pacotes sobre a caixa da privada, o frasco marrom deitado para causar uma imagem dramática, uma pequena maquete de um protesto desesperado. Abaixo de nós, meus pais falavam em sussurros grosseiros, urgentes. Minha irmã estava deitada no beliche de cima, fingindo dormir. Eu me deitei abaixo dela, as mãos unidas no peito, preparado, como se estivesse em uma tumba.

Essa cena aconteceu pouco antes de o meu pai receber a prescrição dele, e me pergunto se eu teria tido coragem de abrir as tampas daqueles frascos marrons específicos. Duvido. Eu contemplava o suicídio como contemplava o assassinato: um tipo de experiência mental e, se um dia



pressionei a ponta cega de uma faca de manteiga na veia azul do meu pulso, foi seguindo a mesma filosofia que usava ao imaginar onde enterraria o corpo de Chris Lloyd. Mesmo enquanto engolia o xarope velho, eu sabia que expectorantes quase nunca eram fatais. A preocupação e o remorso dos meus pais, esses eram os objetivos principais. Eles tinham que se controlar, continuar juntos.

Mas, pela manhã, acordei envergonhado e arrependido, corri para o banheiro e encontrei minha mãe esperando, o envelope de cápsulas em uma das mãos, o frasco grudado na ponta dos dedos da outra.

— Charlie, foi você que fez isso?

— Foi...

— Então, Charlie, posso pedir para você não largar as coisas assim? — Ela jogou o xarope no lixo. — *Isto* está fora da validade. E, se você estiver com dor de cabeça, tome aspirina ou paracetamol, não os dois. Não são de graça. E guarde. As. Coisas. No. Lugar!

Se uma performance tão clara podia passar despercebida, então algo ainda mais paramentado seria necessário. Felizmente, a oportunidade perfeita apareceu apenas alguns meses depois, na sala de provas.

• • •

Contei parte disso, mas não tudo, para Fran naquelas férias; porém, no pomar, apenas confirmei os fatos da minha catástrofe acadêmica.

— Nota zero, fodido. Só achei que você devia saber.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— O que você achou que eu devia saber?

— Não quero que pense que sou uma coisa que não sou. Que vou a lugares a que não posso ir.

— Está bem. Então você está dizendo para eu me afastar.

Dei de ombros.

— Acho que sim.

— Bom, é verdade que costumo gostar de saber as notas de uma pessoa antes de conhecê-la. É um sistema simples de pontuação, na verdade, mas, se você for bem no exame prático e na entrevista...

— Não, mas se alguém for um fracassado...

— Na verdade, são análises contínuas.

— ... ou simplesmente burro...

— A única hora em que você parece burro — disse ela — é quando diz que é burro. Faz sentido?

— Acho que sim.

— Bom, então pronto.

Fechei os olhos outra vez, pus o braço sobre o rosto, mas ainda assim senti a sombra e ouvi o movimento das folhas quando ela se deitou ao meu lado.

— Vamos sair hoje — disse ela, pegando minha mão.

— Só eu e você?

— Não, todo mundo. Todos nós vamos sair juntos.

— Não é o ideal.

— Não. Mas não fuja.

Da casa, o triângulo soou.

— No fim da noite, não vá a lugar nenhum sem mim, Charlie. É muito importante que você entenda. Não vá a lugar nenhum sem mim.

## Máscaras

•••

A caixa de MDF estava coberta por um tecido e foi levada por Chris e Chris com solene reverência, como se fosse a Arca da Aliança bíblica.

— Certo, ainda não está pronto... — disse Helen.

— Adoro essa parte — respondeu George. — Sentir que está acontecendo de verdade.

— Ainda temos muito o que fazer...

— Só mostre a maquete, Helen querida — pediu Alina.

O tecido foi puxado ao som de ós e uaus. Eu me juntei a eles. Chris e Chris eram o tipo de adolescente que habita os corredores da papelaria Hobby Lobby, viciados no prazer específico de construir versões minúsculas de coisas enormes. A maquete era linda, uma esquina em miniatura em branco fosco, construída em certo ângulo e contorcida para que os prédios pendessem bêbados para a frente. Era uma obra-prima em madeira balsa, espuma e pincel 000, e todos nos inclinamos à frente, enquanto Helen pairava sobre o cenário feito uma marionetista.

— É tipo uma cidade italiana moderna, mas depois de um terremoto, o que aparece na peça.

— Desde o terremoto, há onze anos — citou Polly.

— Exatamente, então os prédios são retorcidos, como se tudo fosse desabar a qualquer momento. Todos estão ocupados demais brigando para consertar seja lá o que for. É uma metáfora, entenderam? Há varandas e passarelas, mas são meio precárias. Quer dizer, vão ser seguras, não vamos matar nenhum de vocês, mas algumas coisas vão acontecer na vertical. Vai parecer seguro, mas vão ser basicamente andaimes e lençóis. Estamos brincando com a ideia de ter roupas penduradas... Clichê, eu sei. E, para os interiores, vamos puxar bem os lençóis, como se fossem as velas de um barco. Olhem... — Helen puxou um barbante e nós

aplaudimos. — Temos estas lâmpadas, lâmpadas simples, e vamos passá-las de telhado em telhado como luzes de Natal para a cena da festa. E, para a grande briga do terceiro ato, estamos pensando no futebol da Itália, em como as crianças jogam na praça da cidade e em como, quando há uma partida internacional importante, eles posicionam as cadeiras à noite e assistem juntos. É assim que queremos que a briga seja, cadeiras dobráveis voando, como vemos no jornal da TV, e estalinhos e fogos de artifício sendo jogados. Ainda estamos trabalhando nisso. E, para as cenas do Frei Lourenço, vamos colocar uma árvore, empoeirada e branca a não ser pelas folhas, e vai ser o único verde que vamos ter no cenário porque é meio que natureza, ervas e jardins e, bom, é onde Romeu e Julieta se casam. E é assim que vocês vão estar vestidos...

Ela sacou uma pilha de cartas de baralho enormes.

— A questão é que queremos que todo mundo fique bonito.

— Graças a *Deus* — disse Alex.

— E achamos que vermelho e azul eram óbvios demais porque queremos demonstrar o que Charlie disse sobre as diferenças estarem só na cabeça deles, então os Montéquio vão estar neste branco-acinzentado e os Capuleto, em um tom azul-claro. Então... eu desenho muito mal. Vocês estão prontos? Sejam legais comigo, seu bando de idiotas.

Ela virou o primeiro cartão. Era claramente Fran, os ombros nus em um manto, uma camisola ou uma mortalha cinza-clara. Os cartões foram passados, revelando Miles como Romeu, o queixo erguido, a jaqueta clara pendurada em um dos ombros, depois os Capuleto e os Montéquio mais velhos em ternos e vestidos de festa bem cortados e rígidos, e assim por diante, passando por cada membro da companhia, os rostos indicados por apenas alguns traços. Cada desenho fazia um membro específico do elenco sorrir e dar risada ao se reconhecer, ansioso para fazer aquela pose.

— Vamos misturar modernidade e uma noção vaga de época, então talvez vocês usem um belo paletó, mas com botas no estilo elisabetano ou calça jeans com babados porque queremos que seja *relevante*, mas também porque é isso que todo mundo faz agora. Basicamente roubamos ideias de todas as produções do Royal Shakespeare Theatre dos últimos vinte anos.

Miles, que mal havia reparado na existência de Helen até então, segurou o próprio retrato com o braço estendido, como se analisasse um velho mestre da pintura.

— Posso ficar com o meu depois? — perguntou, fazendo Helen se esforçar para esconder o sorriso.

Anos depois, ao visitar coisas antigas, encontrei o desenho que Helen tinha feito de Benvólio com pequenos óculos redondos, como que ouvindo alguém. Eu não via aquilo havia muitos anos e, pela primeira vez naquele dia, ri sozinho. Era o tipo de coisa que encontramos nas paredes de toda sala de artes de uma escola, entre os olhos enormes, os sapatos velhos sombreados a lápis e os autorretratos feitos a partir de reflexos em colheres. Já naquela época eu reparei que o nariz estava estranho, os braços dobrados de um jeito esquisito, e ela não sabia “fazer” mãos, apenas espátulas. Mas era a primeira vez que alguém me desenhava sem um pênis saindo da testa e, ao redescobrir o cartão, ri porque me lembrei de como o havia adorado na época, de como minha amiga ficara orgulhosa e de como tínhamos compartilhado do orgulho dela.

— Vai ficar incrível! — disse Lucy, animada com todo o couro vermelho que usaria.

— Helen — falei —, você é brilhante. Eu não sabia.

— Pare com isso, Charlie! — exclamou ela, ruborizando, outra coisa que não sabia que ela era capaz de fazer.

— Uma grande salva de palmas para a equipe de design, por favor! — pediu Ivor.

E então, caso estivéssemos ficando à vontade demais:

— Oficina de máscaras, pessoal! — anunciou Alina.

•••

O pomar havia sido transformado em um tipo de harém, com tapetes e travesseiros distribuídos sob as árvores, folhas de papel pardo e potes com uma pasta parecida com mingau ao lado de cada almofada. As máscaras eram necessárias para a cena da festa dos Capuleto.

— Isso também é um exercício de relaxamento — explicou Alina —, então vamos fazer com calma. Vamos ouvir os pássaros, os insetos, os sons que as árvores fazem. Mais até, vamos fazer uma análise pericial detalhada do rosto e do que expressamos, mesmo quando achamos que não estamos expressando nada. Agora formem duplas.

— Formem duplas! — berrou Ivor, duas palavras que sempre causavam uma onda de pânico, acentuada pela necessidade de não demonstrar pânico.

A etiqueta exigia que evitássemos nos jogar nas pessoas de que gostávamos. Além disso, uma tarde inteira colando pedacinhos de papel no rosto de Fran teria sido demais. Ela já estava de braço dado com Alex, talento se agarrando ao talento, deixando o resto de nós olhando ao redor, todos desesperados, cada momento de breve contato visual rápido cheio de significado. Como a corrida por uma cadeira quando a música para, o esforço durou alguns segundos. Polly, a Ama, adotou Colin Smart, Helen se agarrou a Alina e pareceu muito feliz com isso. Lucy se pendurou no braço de Miles, e John e Lesley, nosso casal vinte, se ativeram ao que conheciam. Keith, nosso Frei Lourenço, sempre disposto a se associar aos membros mais novos do elenco, foi obrigado a se virar com Bernard, fazendo o ex-militar enfrentar com impaciência a ideia da primeira oficina de máscaras.

Sobramos apenas George e eu.

— Parece que você tirou o palitinho menor.

— Não seja bobo, está tudo bem. Quer começar?

Então tirou os óculos, que tinham a espessura do dedo dele. Sem eles, parecia abismado e vulnerável. George piscou e os colocou no bolso da camisa, como se estivesse se preparando para ser vendado e fuzilado.

Ele suspirou.

— Acho que sim.

Talvez eu estivesse imaginando, mas sentia certa afinidade com George. Ele era reservado, observador e, apesar de quase nunca falar, todos ouviam quando dizia algo. Em um momento raro de elogio a outra pessoa, Miles havia revelado que George era “quase um gênio”, um grande escritor, um debatedor invencível, um violinista possível de ser ouvido. Talvez fosse por isso que não tínhamos conversado muito, porque o que eu diria para uma pessoa daquelas? No entanto, ele quase nunca exibia seus talentos nem usava a inteligência para atacar os outros. Em vez disso, ficava sentado, quieto, e observava, uma das mãos segurando com força o queixo ou a boca, a testa, a lateral do nariz, qualquer parte do rosto exposto que mais doesse naquele dia específico. Observando suas cenas nos ensaios, me parecia que o papel de Páris era

ser um tipo de anti-Romeu; a última pessoa no mundo pela qual Julieta sentiria atração, ela preferiria “olhar para um sapo, um sapo de verdade, a olhar para ele”, relata a Ama, e casamento seria um destino pior que a morte. “Ah, me faça saltar do alto de uma torre qualquer, apenas para que eu não me case com Páris”, declara Julieta. E eu pensei em como um diretor de elenco devia ser rigoroso para olhar um adolescente e pensar: *É, temos aqui o nosso sapo.*

Em outros cantos do pomar, pairava um ar de concentração meditativa, um clima que Ivor queria muito reforçar tocando seu CD de música relaxante. Com a cabeça na almofada, os dedos entrelaçados, os olhos e todos os músculos do rosto contraídos, George claramente se esforçava para não cobrir o rosto com as mãos.

— Pelo amor de Deus... — Ele expirou pelo nariz. — Além de fazer máscaras, acho que não tem nada no mundo que me deixe mais tenso do que música para relaxar.

— Meu pai chama isso de música para pessoas que não gostam de música.

— Um homem muito inteligente. O que seu pai faz?

— Ele tinha uma loja de CDs. Agora está desempregado, então... E o seu?

— É servidor público. Trabalha no Ministério de Relações Exteriores.

— Legal. Vamos começar?

— Por favor. Fique à vontade.

Comecei a esconder o rosto dele com papel encharcado de cola, a conhecida técnica da pré-escola, de cobrir balões com papel machê para depois estourá-los com um alfinete. A testa de George tinha se tornado o balão.

— Não precisa aplicar óleo — disse ele.

— Vamos torcer para essa coisa sair. Não quero que vá para casa com isso na cara!

Eu havia adotado um tom tenso e falsamente alegre, feito o de uma enfermeira destemida em uma sala de curativos.

— É claro que o melhor para todos os envolvidos seria pegar um saco. Um simples saco de papel marrom e cobrir minha cabeça toda com ele.

Continuei em silêncio.

— Ou uma faixa. Enrolar tudo igual a uma múmia.

Apliquei o papel à ponte do nariz dele.

— Quem sabe, depois que você tirar isso, minha pele vai estar miraculosamente boa. Talvez a pasta para papel de parede seja o remédio que ando procurando...

— George, você tem que ficar quieto.

— Tenho? Está bem. Nem mais uma palavra.

— Você tem que ouvir as árvores.

— Está bem. Vou ouvir as árvores.

Construí as camadas de papel. Tínhamos meninos como ele na Merton Grange, os rostos vermelhos e escaldados por esfoliações e limpezas de pele, flanelas quentes e adstringentes, meninos que usavam a camisa da escola no fim de semana e roupas demais no verão, garotos que eram desajeitados e medrosos, que se reuniam na hora do almoço feito cristãos no Coliseu. Será que os tormentos de uma escola particular eram mais suaves? Parecia pouco provável que ele tivesse passado ileso por isso.

— Como está se saindo com Fran?

A pergunta me surpreendeu e, enquanto tentava elaborar uma resposta, olhei para ela. Alex estava sentado no peito de Fran, apertando os polegares sobre os buracos dos olhos dela.

— Bem.

— Vocês parecem próximos.

— Estamos ficando.

— E você gosta dela?

Talvez fosse o efeito insidioso da música para relaxar, mas a conversa estava ficando pessoal demais.

— Gosto, claro — murmurei. — Todo mundo gosta.

— Charlie, estou usando a palavra “gostar” como um eufemismo aqui.

Fiquei em silêncio.

George lambeu os lábios.

— O que quero dizer é...

— Eu sei o que você quer dizer. A gente não devia estar falando, George.

— Mas é verdade.

— Que gosto dela? É, eu gosto muito dela.

— É — disse ele. — Eu também.



— Ah. Entendi.

Era verdade, eu havia notado como ele conversava com Fran, baixinho e intenso, os dedos mascarando diversas partes do seu rosto a todo momento. Também tinha notado a discreta postura de orgulho quando ele a fazia rir, o que era frequente, mais do que eu conseguia.

— Eu não me importo, aliás. Não é uma competição. Acho que ela gosta muito de você.

— Mas esse “gostar” é um eufemismo?

— Imagino que você vai descobrir. Uma hora.

Ficamos em silêncio outra vez, até metade do seu rosto ter desaparecido. Havia uma pérola branca na curva da sua narina e, ao lado do olho, uma espinha tão grande que mudava a forma do rosto. Imaginei que estivesse dolorida, mas eu estava determinado a não hesitar e me sentia muito corajoso, acho.

— Desculpe por você ter que fazer isso — disse ele.

— Eu não me importo.

— Sei que é nojento.

— Não é tão ruim assim.

— Essa coisa toda, você não devia ter que tocar nisso.

— Não é verdade.

— Dá para sentir que ela está *efervescente*. Sabe, às vezes acho que, se tivesse uma faca, eu cortaria meu rosto todo fora.

Ele fez uma careta tão feia que o papel que secava rasgou. Percebi que teria que encontrar outra coisa para dizer.

— Você tem olhos bonitos.

— É, é o que as pessoas dizem quando não conseguem pensar em nada para...

— Olhe, George, não sei o que dizer. Isso também é estranho para mim, mas acho que você tem um rosto muito legal, viu? É... expressivo.

Acho que essa foi a coisa mais esquisita que eu tinha dito a outro ser humano até então. Um instante passou.

— Você está certo — disse George. — A gente devia fazer isso em silêncio.

Outro instante.

— Obrigado — acrescentou.

Então paramos de falar até estar pronto. Quando a máscara estava seca o bastante, enfiei com cuidado os dedos sob o papel, que se soltou com um som de sucção satisfatório. George esfregou os olhos com a palma das mãos e deu uma olhada rápida.

— Um mapa em alto-relevo dos Andes — disse ele. — Tire isso da minha frente.

Deixei a máscara com as outras e trocamos de lugar.

O procedimento completo exigiu tocar duas vezes o CD de música relaxante. Depois, ficamos parados, com os olhos embaçados, esfregando a cola que restava nos cantos e rugas e inspecionando a galeria de rostos que assava ao sol feito o estranho produto de uma colheita.

— Bom, isso foi meio pervertido — disse Helen.

— Todos vocês estão lindos — afirmou Polly.

— Que bando de gente estranha! — exclamou Alex.

— A minha está linda — contemplou Miles.

— A que você fez ou a sua? — perguntei.

— As duas.

— Miles! — repreendeu Fran.

— Que time interessante de personalidades — comentou Polly.

— Acho que somos todos bonitos — afirmou Colin.

— Ah, Colin, por favor... — retrucou Alex.

— Máscaras mortuárias — lembrou George.

— Parece o porão de um serial killer — analisou Fran.

Procurei a máscara dela em meio às outras. Ela me pareceu um artefato raro e maravilhoso de um museu, algo que eu queria muito roubar.

— Charlie — sussurrou Helen —, a gente nunca, nunca, *nunca* pode contar para ninguém o que acabou de fazer.

— Certo, muito bem, pessoal — disse Ivor. — Foi uma boa semana de trabalho. Mas na segunda vamos acelerar as coisas! Duas semanas e meia até o ensaio geral. Vão ser dias longos e preciso de todo mundo livre e animado. Cheguem na hora, pessoal! Vejo vocês na segunda. Agora vão. Dispersar! Dispersar!

Mas algo havia mudado. Ninguém queria ir embora. Ficamos enrolando na entrada da casa, esperando um plano se materializar, alguma maneira de esticar o dia.

— Chega. Vamos para o Angler's — disse Fran, pegando meu braço.  
— Lembre-se: não vá a lugar nenhum sem mim.

## Angler's



De todos os bares locais que atendiam clientes menores de idade, o Angler's era o mais bacana. Era mais provável que fôssemos servidos no The Hammer & Tongs, uma lanchonete onde era comum ver clientes de uniforme escolar, a gravata solta, as mochilas embaixo da mesa. Mas o The Hammer era o bar mais violento da cidade, e beber lá era uma experiência assustadora.

O Angler's tinha uma proposta muito mais chique, uma casa de fazenda nova em estilo Tudor nos limites da cidade, caiada, o teto recém-construído, um bar turístico com um estacionamento grande. O telhado era autenticamente baixo, a madeira artificial exposta, e, aos domingos, famílias se espremiavam em mesas e nichos para se entupir no famoso rodízio de churrasco, um festival de carne interminável com dois tipos de molho *gravy*: escuro e claro. Em épocas mais felizes, meus pais costumavam nos trazer e nós nos sentávamos e nos entupíamos de salgadinhos e presunto desfiado rosado, refrigerante e pilhas enormes de batatas fritas gordurosas. A maior atração para os clientes jovens era o pátio, uma área de grama pisoteada que descia até uma lagoa artificial — um grande lago, na verdade — em torno da qual pescadores mal-humorados — que inspiraram o nome ao bar, imagino — ficavam curvados tarde da noite, bebendo cerveja e fechando a cara para qualquer jovem que ousasse se aproximar e “assustar os peixes”. Naquela primavera, nas noites da semana em que devíamos estar estudando, eu às vezes ia até lá com Harper, tremendo ao frio da noite, e completava nossas inofensivas Coca-Colas com a garrafa de rum escondida no bolso da jaqueta dele. Em momento nenhum achamos que aquilo fosse errado ou idiota. Leis eram limitadoras e a regra dos dezoito anos só existia para manter moleques de quatorze longe dali. Um acordo informal tinha sido

fechado: contanto que ficássemos no gramado dos fundos, estava tudo bem.

Para lá fomos naquela sexta, todos os membros, os jovens e os velhos, toda a Cooperativa de Teatro A Trinta Pés distribuída em torno de duas mesas de piquenique de madeira, unidas no gramado desbotado. Para ser responsável, Ivor se recusou a comprar qualquer coisa mais forte do que cerveja com soda limonada para os mais jovens, por isso fomos obrigados a beber duas vezes mais rápido, e, sem nada para comer a não ser duas cestas de batatas fritas meio cruas, o volume da nossa conversa logo aumentou. Era aquela época da nossa vida, e também uma era, em que toda conversa se pretendia um show de *stand-up*. Por isso contei a Helen, Fran e Alex a história da minha sessão de improvisação shakespeariana — *Com o amor, minhas experiências foram ambas fracassadas* — e fiquei feliz com as risadas deles. Quanto mais bebíamos, mais fáceis vinham as risadas, até, em certo ponto da embriaguez, uma chave virar e a conversa se tornar confessional.

Por isso, ao que parecia, Keith estava passando por uma separação horrível, culpa dele, depois de ter um caso com uma integrante do elenco de *Um violinista no telhado*, montada no ano anterior, com a menina que fazia sua filha, se é que dava para acreditar (“Tradição!”, gritou Alex), mas ele ainda amava a esposa, ainda queria que ela o aceitasse de volta, e Lucy contava a Miles sobre a pressão que sentia para tirar notas altas, e Miles dizia que, sim, ele sabia como era, porque, se não fosse o melhor em alguma coisa, tinha que ter um bom motivo, e Colin Smart, que nós sempre havíamos considerado chato e fraco, havia revelado que seu irmão estava em uma unidade penitenciária educacional por tráfico, e, antes que eu pudesse absorver essa informação, Polly, já com a garrafa de vinho branco meio vazia, dizia como ela e Bernard se sentiam sozinhos sem os filhos e netos, que moravam na Nova Zelândia, e como eles adoravam ficar conosco, os jovens, e como a juventude os mantinha jovens. Com uma voz baixinha e intensa à minha direita, Alina contava a Fran sobre o namorado bailarino que a traía em Viena enquanto Alex, à minha esquerda, temia revelar aos pais ganenses que era gay.

— Eles são liberais — disse —, mas não *tão* liberais assim.

Durante a maior parte do tempo, fiquei sentado, ouvindo, me concentrando e me distraindo como se estivesse diante de uma fileira de

TVs. Havia algo contagioso em todas aquelas confissões e considerei se devia me juntar a elas, partilhar alguma coisa. Que não via mais minha irmã, que estava me afastando dos meus melhores amigos? Que odiava minha mãe, mas a queria de volta? Que tinha medo de que meu pai fosse um suicida, que eu roubava dinheiro e copos de qualidade, que havia reprovado no vestibular e não conseguia dormir à noite, com medo de um futuro que não conseguia imaginar?

Era demais. Havia partes da minha vida pessoal que não fariam os ouvintes brincarem com as bolachas de cerveja, e o único segredo imaculado que eu me sentia incentivado a compartilhar era minha paixão enorme e descontrolada pela menina sentada ao meu lado, com o quadril colado ao meu, o braço encostado no meu, a mão na própria bochecha — *ah, quem me dera ser a luva naquela mão e coisa e tal* —, inclinada para a frente, ouvindo uma Polly bêbada segurar sua outra mão e dizer que ela era bonita como Julieta, que era talentosa. Fran descartou o elogio com um aceno de mão, mas era verdade. Ao meu lado estava a menina mais inteligente, esperta e brilhante que eu já havia conhecido, o antídoto para todas as outras escórias nojentas da minha vida. Eu nunca quisera tanto algo quanto queria estar com Fran Fisher, seja lá o que “estar com” significasse, mas a que pessoa do grupo eu podia contar aquilo? Com certeza não a Fran Fisher.

Miles voltou com uma bandeja de bebidas.

— Batata frita! — disse Helen. — Você esqueceu a batata frita!

— E os cigarros! — exclamou Alex.

— Não! — respondeu Ivor. — Nada de cigarros!

— Ai, eu ia *adorar* um cigarro — afirmou Alina.

— Alina, temos o dever de cuidar deles!

— Uma coisinha para comer seria legal — disse Polly, arrastando a fala. — Para absorver um pouco do vinho branco. Tome, eu tenho o dinheiro...

— Não, eu vou — falei, tirando as pernas de baixo da mesa de piquenique, tropeçando e colocando a mão no ombro de Fran, notando que ela, por um instante, estendeu a sua e segurou a minha com a ponta dos dedos.

Meu Deus, como eu queria gritar aquilo!

E era óbvio. Enquanto seguia até o bar, o chão quente tinha se transformado em um pântano sob meus pés. As luzes foram acesas, e eu notei que mariposas e mosquitos voavam feito cinzas brilhantes no ar elétrico e quente. Eu estava bêbado a este ponto: bêbado o bastante para observar. Dentro do bar, o ar parado cheirava a vinagre e óleo quente. Eu me abaixei para passar pelas vigas de madeira, endireitei as costas e preparei a voz para falar com a dona do estabelecimento:

— Eu gostaria de batatas fritas, por favor. Duas; não, quatro; não, seis porções. E oito pacotes de nozes. Quatro salgadas e quatro torradas. — Eu soava como um professor de locução bêbado. — E quatro pacotes de batatinhas de sal e vinagre.

Sairia caro, mas eu tinha dinheiro e raspadinhas na carteira, e a cerveja com soda havia me deixado impetuoso.

— Quantos anos você tem, meu filho?

— Dezoito? — Foi um erro soltar a frase como uma pergunta. Não importa. Concentre-se. Pus o dinheiro na mão dela como se fosse propina. — A gente só quer batata frita!

Ela suspirou e me entregou um grande peixe de madeira com o número nove pintado na lateral.

— Aqui está o número do seu pedido. Preste atenção, não vamos chamar duas vezes.

— E será que a batata frita pode vir cozida desta vez? A última leva estava crua por dentro.

— Não force a barra, moleque — disse ela, afastando-se com um aceno.

Eu peguei os pacotes. Toda aquela comida... Eu seria recebido como um herói. No pátio, vi uma família de cinco pessoas em um banco perto da porta: três meninas, duas delas idênticas, rindo de alguma coisa que o pai disse e, antes mesmo de passar por eles, eu sabia que a terceira seria minha irmã, em um passeio com minha mãe e seu novo namorado.

Eles ainda não tinham me visto. Jonathan estava aproveitando as risadas das três e usando meio salgadinho para pegar molho tártaro de um ramequim. Pensei por um instante em retornar para o bar e dar a volta no gramado, mas...

— Charlie! — gritou minha mãe.

— Oi, Charlie — disse Billie, ficando séria.

— Oi, meu jovem! — cumprimentou Jonathan, magro e em forma (“Ele *malha*”, dissera Billie) em sua camisa de botões da Ted Baker, o cabelo cortado e a barba por fazer como meu antigo Action Man.

Em nosso único encontro no clube de golfe, ele havia tratado meu desdém como se fosse a reclamação de um cliente e assumiu a mesma postura naquele momento, paciente, humilde, levantando-se num pulo e limpando as mãos na calça cargo antes de me oferecer uma delas. Minhas mãos estavam cheias, então ele indicou as meninas.

— Você já conheceu as gêmeas?

As duas olharam para mim. Em uma vida paralela, aquela em que minha mãe teria me levado com ela, eu me imaginava como um rebelde irritado, mas intrigante, um estranho no ninho, e me perguntei se teria havido uma tensão estranha e sombria em tudo aquilo, um romance proibido diante da reprovação do pai delas. Talvez tivesse sido por isso que minha mãe havia achado melhor me abandonar. Eu era perigoso demais para ficar na casa deles. Mas a fantasia se desintegrou diante da indiferença escaldante delas.

— Oi! — disse uma.

— Prazer — falou a outra.

Meninas da Chatsborne, saudáveis e animadas, com o rosto tão rosado quanto se tivessem acabado de guardar as raquetes. Elas voltaram a remexer na salada de acompanhamento.

— O que está fazendo aqui? — perguntou minha mãe, mudando de assunto.

— Quis sair! — respondi, petulante, envergonhado por minha petulância.

Billie baixou os olhos e sugou a bebida pelo canudo.

— Você trabalha às sextas.

— Mudei meu dia.

— Então, com quem você está?

— Com alguns amigos.

— Os meninos? Peça para que venham aqui dizer oi!

Olhei para a nossa mesa. Sam e Grace, os músicos, tinham chegado, e Sam levava sua flauta irlandesa aos lábios.

— Não, outros amigos.

— Eu conheço?



— Você não tem que conhecer todo mundo que eu conheço, não é?

— Não, mas posso ficar curiosa. Ou não?

Dos bancos, ouvi o som bajulador da flauta de Sam tocar uma música tradicional irlandesa. Minha mãe acompanhou meu olhar.

— Sinceramente, quem traz um rádio para o bar?

— Os cachorros não vão gostar! — disse Jonathan, fazendo as meninas rirem.

Sinceramente, quem ri das piadas dos pais?

— Não é um rádio — retruquei. — É uma flauta irlandesa.

— Desculpe, erro meu! — exclamou Jonathan, erguendo as mãos.

Quis arrancar os bolsos da calça cargo dele. Billie puxou a bebida pelo canudo, fazendo barulho.

— Bille, meu amor — disse minha mãe —, acho que o copo já está vazio.

À nossa mesa, Grace se juntou a Sam com o tambor.

— Tenho que ir — falei, sacudindo os amendoins.

Minha mãe balançou a cabeça, triste.

— É, pode ir. Gostei muito dessa nossa interação.

— Tchau, Billie.

Ela abriu um sorrisinho de refém e me afastei correndo da careta da minha mãe.

Eu nunca devia ter ido até o bar. Perdi o lugar ao lado de Fran — *a lugar nenhum sem mim*, dissera ela — e ela havia se mudado para a ponta da mesa com Helen e Alex, que tinham se distanciado da nova grande piada: Grace e Sam tocando hits da música pop no estilo de trovadores medievais, naquele caso, “Saturday Night”, de Whigfield. Talvez eu tivesse alguma tolerância para aquele tipo de travessura teatral no gramado da Mansão Fawley, mas ali já estávamos sendo submetidos ao tipo de olhar reservado aos recém-chegados a uma ala da prisão. Peguei minha bebida, qualquer bebida. Junto das nozes, eu havia trazido um ressentimento furioso, não apenas por minha mãe e o namorado dela, mas também por Billie, que tinha saído em uma sexta à noite e ria sem parar com... Será que ele era *padrasto* dela agora? Tinham se tornado uma família?

A música terminara.

— Agora toque “Stairway to Heaven”!

— Não, “Firestarter”!

— “When Doves Cry”!

— Charlie?

Era Fran, que estendeu o braço pela extensão da mesa e balbuciou as palavras *você está bem?*

— Charlie? — disse minha mãe, atrás de mim. Todos pararam de falar e se viraram para olhar. — Oi, pessoal. Sou a mãe do Charlie!

— Oi, mãe do Charlie! — disseram eles.

— Olá — cumprimentou Ivor. — Quer se sentar com a gente?

Olhei para Fran, que sorria e começava a se levantar.

— É, venha se sentar...

— Não, tudo bem. Só queria falar com ele. Charlie?

Ela já se afastava. Eu a segui até a beira do lago.

— Então, como você está?

— Bem.

Andorinhas voavam por nuvens de mosquitos na superfície da água.

— Tem alguma coisa acontecendo?

— Não. Não tem nada acontecendo.

— Porque eu não conheço *nenhuma* daquelas pessoas.

— Bom, eu conheço!

— Charlie, você não conhece ninguém que toca *flauta irlandesa*.

Chutei um pouco de cascalho, juntei algumas pedrinhas e joguei uma para o lago.

— Eu conheço Lucy Tran, conheço Helen Beavis e Colin Smart. Todos eles estudavam na minha escola.

— As gêmeas disseram que conhecem aquela menina da Chatsborne.

Ela indicou Fran com a cabeça.

— A gente não está mais na escola.

— Mas você nunca mencionou nenhum deles. Charlie. Não é... —

Ela pôs a mão no meu braço e baixou a voz. — Não é tipo um grupo de jovens da *igreja*, é?

Eu ri e ela beliscou meu braço.

— Ai! Por que está achando isso?

— Eles têm essa *cara*, todos felizinhos. Eu não me importo, é a sua alma eterna. Eu só quero saber!

Joguei outra pedra. Podia ter contado a ela, imagino. Não seria muito estranho estar experimentando uma coisa nova aos dezesseis anos.

— Ou é um culto? Porque não quero ter que desprogramar você, Charlie, já tem muita coisa acontecendo na minha vida.

Mas eu não estava pronto para voltar a contar as coisas à minha mãe. Ainda queria o olhar magoado.

— Não é um culto e não é da sua conta!

E lá estava.

— Não é?

— Não, não é mais.

Joguei outra pedra.

— Você está tentando atingir as coitadas daquelas aves? — perguntou ela. Como não respondi, ela suspirou. — Como está seu pai?

Joguei uma pedra.

— Não o tenho visto.

— Desde quando?

— Desde segunda.

A pedra seguinte quicou várias vezes na água, e eu olhei para minha mãe, imagino que buscando aprovação, mas ela pareceu ansiosa e distraída.

— Por que não? — perguntou, uma das mãos na testa.

Afinal, eu era seus olhos e ouvidos, estava lá para tranquilizá-la.

— Não tenho ficado muito em casa, só isso. Ele está bem, a gente só não tem conversado.

— Por que não?

— Ele está sempre dormindo quando volto.

— Onde você tem ficado?

— Com o culto. É um compromisso sério.

— Charlie, sério...

— Com todos os rituais e tal...

— Eu só estou perguntando onde...

— E, como eu disse, onde eu ando não é da sua con...

— Por que não? — perguntou ela, de repente intensa. — Por que chegou a essa conclusão?

Fui jogar outra pedra, mas minha mãe bateu em minha mão por baixo, fazendo todas caírem na água.

— Estou tentando com você, Charlie. Por favor, pelo menos admita que estou fazendo o melhor que posso.

Ela se virou, os braços cruzados e a cabeça baixa, e andou de volta para o bar.

Fiquei na beira da água, observando as andorinhas, a sensação de estar certo se transformando em arrependimento. À mesa, a Cooperativa de Teatro A Trinta Pés havia passado para um repertório tradicional inglês, uma “Rose, Rose, Rose Red”, com harmonias elaboradas que talvez nunca acabassem. Eu não podia voltar para aquilo. Mesmo que se, de alguma forma, recuperasse meu lugar ao lado de Fran, estava abalado pela confissão de que não vira meu pai. Ele não dava sinal algum de gostar da minha companhia, mas também não apreciava ficar sozinho, e quatro dias deviam ter parecido uma estadia na solitária. Senti velhas lágrimas ressurgindo. Eu iria embora naquele instante, pegaria minha bicicleta e iria para casa. Ouvi e senti passos atrás de mim, uma mão em minhas costas me empurrando para a água e me puxando de volta.

— Peguei você!

Era Alex, seguido por Helen e Fran.

— Olhe só para você, todo tristonho e sozinho — disse Helen. — Que mistérios essas águas abrigam?

— “Estou de luto pela minha vida!” — exclamou Fran, o que quer que isso significasse.

— Não mais — explicou Alex. — Ele vem com a gente.

— Alex tem um plano — disse Helen.

— Só existe uma regra nessa vida — afirmou Alex. — Quando as músicas tradicionais começam, está na hora de ir embora. Vamos fazer o seguinte. Charlie, diga a todo mundo que você vai para casa. “Boa noite, pessoal, tenho que trabalhar de manhã.” Depois vá para este endereço. — Ele me entregou um pedaço de papel rasgado da capa do seu texto. — Tem um táxi vindo para cá. Espere a gente do lado de fora.

— O que é isso?

— Uma festa — disse Helen.

— Mas quero dizer uma festa *de verdade*, muito exclusiva.

— Não vou conhecer ninguém.

— Vai conhecer *a gente* — explicou Fran.

— Eu não deveria trocar de roupa?

— Idealmente, sim, mas não temos tempo — respondeu Alex. — Isso está... bom.

— Alguém mais vai?

— Só a gente. Você vai entrar para a nossa panelinha. Tinha que se sentir muito honrado.

— Eu não sei se deveria...

*Ele estava sozinho havia três, quatro dias.*

— Pare de falar! — gritou Helen.

— Eu tenho que...

— Pare de falar, pare de falar, pare de falar!

— *Vamos* — pediu Alex. — *Estamos desperdiçando a luz do dia.*

— Vemos você lá — disse Fran. — Você prometeu. Lembra?

Alex começou a me guiar de volta para os outros, as mãos em meus ombros, a boca em minha orelha.

— Ah, Charlie. Você não entendeu o que é isso? Vamos! Ande logo, se despeça, antes que eles comecem outra música.

## Os Pinheiros

•••

A casa ficava na Avenida, ou Rua dos Milionários, como era chamada, em uma época em que isso ainda significava alguma coisa. Uma Beverly Hills conífera, habitada por capitães da indústria, apresentadores de TV locais, gângsteres respeitáveis e vários atores que tinham feito sucesso em séries de detetive dos anos 1970. Números nas portas eram bregas demais para a Avenida. Em vez disso, as casas tinham nomes chiques, falsamente rurais, com um toque de Instituto Histórico Nacional: Casa dos Mármore, Chalé de Pedra, O Monte, Os Azevinhos. Meu pedaço de papel me dizia para procurar Os Pinheiros e, por algum tempo, andei de um lado para outro da rua larga e silenciosa, olhando para os portões das mansões escondidas atrás de cercas altas e protetoras, até achar um pedaço enorme e impenetrável de ferro artisticamente enferrujado, feito a porta a vácuo de uma espaçonave.

O tempo passou, vinte minutos, meia hora, arrastou-se até meia-noite, enquanto eu esperava como um assaltante analisando o alvo. A polícia prestava atenção especial à Rua dos Milionários. Na minha carteira, havia raspadinhas roubadas e dinheiro do caixa. E se eu abrisse o jogo em um interrogatório? Fiquei sentado no meio-fio, ouvindo o clique-clique-clique dos regadores automáticos, observando morcegos voarem no céu arroxeadado, uma raposa trotar despreocupada pelo meio da avenida, como se procurasse a festa. O ponteiro dos minutos chegou a doze, e, já sóbrio, comecei a levar minha bicicleta embora.

Um pequeno táxi se aproximou, a cabeça de Alex já para fora da janela.

— Nãããã! Fique onde está!

Eles pararam e saíram, tropeçando, para o canteiro verde largo, todos transformados. Primeiro, Alex com uma camisa de seda cinza aberta no

peito; Helen vestindo o macacão do dia, mas o cabelo formando estalagmites aleatórias de gel, duas linhas pretas grossas pintadas sob os olhos com o que parecia ser uma canetinha de ponta grossa, mais uma pintura de guerra do que maquiagem; e, por fim, Fran, de vestido preto trespassado, quase uma camisola, com renda no decote e na barra e os mesmos tênis Adidas.

— Paramos na minha casa para trocar de roupa — explicou Alex. — Espero que não tenha se importado.

Fran puxou a barra do vestido.

— O que você acha?

— Está lindo — falei.

— Ela não está incrível? — perguntou Alex. — É o *négligée* da minha mãe. Chame o Dr. Freud!

— Estou me sentindo meio pelada, Alex — afirmou Fran.

— Que bobagem. É roupa íntima usada como roupa.

— Estou usando roupa como roupa íntima — explicou Helen.

— Não sei se devia estar usando isto — disse Fran, tocando na alça vermelha de sutiã em seu ombro.

— Não, não devia. Tire logo! — respondeu Alex. — Você está entre amigos.

— Eu acho que não.

— Mais tarde, então. A noite é uma criança.

— Isso também parece estranho... — Ela tocou os lábios, o batom em forma de borboleta cobria os cantos, como se tivesse sido aplicado com a ponta do polegar. — O que você acha? Foi Alex que fez.

— Ótimo. — Foi tudo que consegui dizer.

— Parece meio... coisa de mímico.

— É para ser assim — disse Alex. — É estilo *kabuki*. É uma festa séria, pessoal, não a última do *Bugsy Malone*. Vocês têm que fazer uma forcinha. E, falando nisso... — De uma sacola de supermercado, ele produziu um retângulo branco reto e o segurou com uma bandeja, depois, com um gesto de mágico, pegou uma ponta e o transformou em uma camisa. — Para você.

— Não posso usar isso.

— Charlie, você parece o entregador de jornal. Não vão deixar você entrar assim. Vista isto.

— Aqui?

— Pode ir para trás de um carro se tiver vergonha.

Peguei a camisa com a ponta dos dedos, andei um pouco para longe e me virei de costas. Foi difícil contrair todos os músculos e tirar a camiseta ao mesmo tempo. Percebi, enquanto a passava pela cabeça, que o desodorante da manhã havia perdido o efeito. Esfreguei o pescoço sujo e as axilas com a camiseta velha. Achei quase sacrilégio entrar naquela coisa límpida, que cheirava a armário e parecia cara, pesada e fresca na minha pele. As camisas brancas que eu havia usado na escola pinicavam, coisas de poliéster não passável que vinham em pacotes de três. Aquela etiqueta dizia Dior. Fui colocá-la para dentro da calça...

— Não, deixe assim — pediu Helen. — Deixe a gente dar uma olhada.

Eu me virei, girei os ombros, tentei erguer as mãos no ar.

— Vai ter que servir — disse Alex. — Prontos? — Ele nos chamou para ficar sob a câmera de vigilância. — Uma foto em grupo! Sorriam. Digam “xis”!

Nós nos posicionamos, assumimos nossas expressões mais maduras e Alex apertou o interfone.

— Oi, Bruno! É Alex. Eu trouxe alguns amigos. Tudo bem?

Certo tempo passou, mas mantivemos a pose até que, por fim, com um rugido baixo e industrial, o grande portão automático começou a deslizar para o lado.

No fim de uma longa estrada de lascas de madeira iluminada por tochas acesas, a casa emergia do chão, baixa e comprida, vidro fumê e metal como uma mesa de centro cara, e, na hora, vi que era a casa de um traficante de filmes de ação antigos.

Em algum lugar, guardando o perímetro, haveria um vigia de óculos escuros, levando o dedo ao ouvido, pondo a mão na jaqueta pouco antes de ser puxado para um canto e garroteado.

— Caralho, Alex! — exclamou Helen.

No pátio — tenho certeza de que o local tinha um nome melhor —, homens e mulheres cheios de estilo tinham se separado em grupos cheios de estilo, como bonequinhos de plástico em um modelo arquitetônico. *Dance music* explodia dos alto-falantes escondidos em algum lugar nas árvores, os pinheiros epônimos que protegiam a propriedade dos olhares



de estranhos. De um lado da casa, dava para ver um retângulo de luz fluorescente que mudava de rosa para azul, para verde, para vermelho: uma piscina, vazia, mas à espera.

— Vou dizer mais uma vez. Ca-ra-lho.

— Não é? — disse Alex.

— A gente devia ter trazido alguma coisa? — perguntei.

— Quatro latas de Stella e uma fita gravada? — respondeu Alex, rindo. — Não é esse tipo de festa.

— É uma orgia, não é? — quis saber Helen, os olhos brilhando. — Você trouxe a gente para uma orgia.

— Só *bem* mais tarde. Até lá, é só a festa divertida de uma pessoa que conhece da cena local.

— Não sabia que a gente tinha uma cena local — afirmei.

— Charlie, *não é* para você saber. Se alguém perguntar, mas ninguém vai, vocês todos estão na faculdade e, por uma bizarrice estatística, acabaram de fazer dezoito anos.

— Não posso fingir que estou na faculdade.

— Pode, sim! Imagine a escola com menos violência e todo mundo bebendo café. — Ele olhou intensamente para cada um de nós, um adivinho. — Fran, ano que vem você quer estudar... psicologia na Durham. Charlie, geografia em Sheffield. Helen, educação física e política em Loughborough. Você quer ensinar esportes!

— Rá.

— Então, Alex — perguntei —, a gente é penetra?

Eu já havia entrado de penetra em casas por toda a cidade, Montéquio invadindo o baile dos Capuleto.

“Somos amigos do Steve”, dizíamos. Ou: “Stephanie falou que a gente podia vir.”

Eu tinha ido a festas que haviam sido invadidas por hordas tão impiedosas, enlouquecidas e destrutivas quanto qualquer viking, CDs e bolsas roubadas, cadeados retirados de armários de bebidas, pias arrancadas da parede, enroladinhos de salsichas pisoteados e brigas no gramado quando os pais voltavam para casa, furiosos e chocados. Já tinha estado em festas que haviam saído no jornal local. Uma vez, um helicóptero sobrevoara uma delas. Será que nem todas as festas terminavam assim? Com luzes azuis piscantes e montanhas de sal rosa no carpete?

— Vão nos colocar para fora?

— Não, porque vocês não são penetras. São meus queridos amigos da peça. Vou cumprimentar o Bruno. Misturem-se! Andem! Andem!

E, enquanto ele desaparecia na casa, nós três ficamos embasbacados nos limites daquele mundo totalmente novo. Eu nunca tinha visto tantas mulheres e tantos homens atraentes em um só lugar, tão variados e glamorosos, e me perguntei se aqueles eram realmente os vizinhos que eu via no salão de chá do Cottage Loaf, nos supermercados, no Trawlerman Fish Bar e no restaurante chinês Golden Calf. Os homens usavam camisetas caras ou camisas abertas sob ternos de linho; as mulheres, vestidos estilosos ou macacões retrô irônicos, como nas capas dos CDs de *house* que meu pai vendia com tanta relutância. Até os convidados de meia-idade pareciam descolados de pé, os drinques ao lado do corpo, em uma leve névoa mentolada que podia ser vapor da piscina aquecida, uma nuvem formada por todos os Marlboro mentolados, ou apenas a luz lisonjeira que vinha do dinheiro.

— Isso não tem *nada* a ver com a festa da Igreja Metodista — disse Helen.

Eu me peguei me esforçando para não olhar fixo para uma mulher estatuésca vestindo um macacão justo de PVC vermelho, quando outro homem, bonito como um modelo, andou em nossa direção, uma bandeja erguida na altura do ombro.

— Ele está vindo para cá! — disse Helen, agarrando meu braço.

— *Galette* de cogumelos? — perguntou o modelo.

Obedientes, todos nós pegamos um e baixamos a cabeça.

— Puta que pariu! — exclamou Helen, com o canapé a caminho dos lábios. — *Garçons!*

— De onde eu venho — disse Fran —, isso se chama *vol-au-vent*.

— Ah, que *nojo* — disse Helen, cuspidando na própria mão. — Tem gosto de terra. Qual é o problema de enroladinhos de salsinha ou queijo com abacaxi? — Ela jogou a papa em um vaso com bambus. — *Yuppies* de merda. Não consigo comer isso. Vou ver se eles têm Pringles.

Outra bandeja passou, com copos rasos cheios de montes de neve verde alienígena. Peguei dois e torci para que os garçons não pedissem nossas identidades. Sozinhos, Fran e eu brindamos, fizemos um bico e

esticamos o pescoço em direção à borda dos copos. Tomamos um gole e Fran travou a mandíbula e arregalou os olhos.

— Olhe, estou tentando ficar tranquila e não me arrepiar. Não sinta arrepios, não sinta arrepios, não sinta arrepios...

— É basicamente raspadinha de gelo sabor limão. Dá para comprar na banca.

— Eles põem sal na borda do copo na banca?

— Se você pedir. Embaixo do caixa tem um potão de sal.

Ela tomou outro gole.

— É tequila. Você já notou que, depois que a gente vomita por causa de uma bebida, ela sempre lembra vômito?

— Bom, eu já vomitei basicamente todo tipo de bebida, então...

— Nossa, James Bond. E ainda assim gosta de beber?

— Não sei se a gente tem que *gostar*.

Ela deu um tapinha no meu braço.

— Você é tão *clínico*...

— Sou. Sou muito experiente — falei, retirando o canudo do copo para que parasse de cutucar minha bochecha. — Mas isso aqui é muito chique.

— É — respondeu ela.

Nós nos sentamos na beira de uma banheira cheia de cactos e observamos a cena.

— Estou me sentindo Daisy Buchanan.

— Quem é Daisy Buchanan?

— É o primeiro amor de Jay Gatsby. Ele se torna milionário e dá festas incríveis, só para Daisy se apaixonar por ele de novo e largar o marido. Não vou contar o que acontece, mas é muito triste. E meio irritante também.

— Vai ser o próximo livro que vou ler — afirmei.

Eu leria todo livro, veria todo filme, ouviria toda música que Fran mencionasse.

— Nossa, eu precisava de uma festa. Mas me sinto mal pelos outros. A gente não pode deixar transparecer. Odeio panelinhas. A não ser, claro, quando sou convidada para entrar na panelinha, aí elas são ótimas. Vocês tinham isso na Merton Grange? Panelinhas?

— Claro. Mas não usávamos a palavra “panelinha”.

— Você participava de uma?

— Mais ou menos. Era só uma gangue de meninos, na verdade.

— É, foi o que Colin disse. Ele falou que vocês meio que dominavam a escola.

— Falou?

— Lucy também. Mas ela disse que eles a chamavam de várias coisas. Tipo, o que era mesmo? Número Quarenta e Dois. Como em um restaurante chinês, o que não faz sentido porque ela é vietnamita. Ou os pais dela são.

Era verdade. Ela havia sido chamada de Quarenta e Dois, quase de maneira casual, com mais frequência do que pelo próprio nome. E também era chamada de Menina do Barco ou Vietcongue e, por motivos que nunca entendi direito, de Buda. E, apesar de não me lembrar de ter usado algum daqueles nomes, eu sabia que não havia impedido ninguém.

— E o que Colin disse?

— Que era tratado como gay e fracote.

— *Eu* nunca disse essas coisas...

— Eles não falaram que você disse. — Fran pôs a mão em cima da minha. — Você está achando que isso é uma bronca. Não estou dando bronca.

— Nunca falei nada disso.

— Eu sei. Ela só contou que alguns meninos diziam.

— Eram basicamente Lloyd e Fox.

— E Harper também. Eu lembro porque já ouvi você falar dele.

— Ele é meu amigo, o que não significa que não pode ser um idiota.

— Eu sei.

— E Lloyd não é bem meu amigo, é amigo de um amigo, só anda com a gente. Ele nem está falando comigo agora. Não sei se algum deles está.

— É mesmo? Por que não?

— Eu meio que joguei uma bola de sinuca na cabeça dele. Com muita força.

Ela riu.

— Você errou?

— Errei. Mas não de propósito.

— Por quê?

— Por uma coisa que ele me disse. — Dei de ombros. — Ele fala umas besteiras.

— Bom, é uma pena você ter errado porque ele parecer ser um belo idiota. — Ela riu. — Desculpe. Desculpe.

— Não, é verdade. — Um instante se passou. — Quando você e Lucy tiveram essa conversa?

— Não importa. E não fique chateado com Lucy, ela não estava fofocando. Só falamos disso porque...

— Pode contar.

— Ela disse que gostava mais de você agora. Falou que, quando você apareceu pela primeira vez, ela odiava você de verdade por causa de todas as... coisas na escola. Mas você não é quem ela achou que era.

— Foi em outra época. Eu era uma pessoa diferente — respondi, sentindo que aquilo era verdade.

— Não estou querendo ser chata nem mandona. Também sei ser babaca. Confie em mim, sei mesmo. — Ela tomou um gole do drinque, sentiu um arrepio e riu. — Eu só queria ter certeza de que não estava vendo você da maneira errada, se é que a gente vai mesmo fazer isso. Nada mais. Vamos esquecer essa história.

*Fazer isso*, disse ela, antes de continuar. Não consegui absorver aquilo. Fazer isso...

— ... a gente devia conversar com as pessoas...

*Isso. Fazer isso...*

— ... e pegar outra bebida. Tequila nunca é uma boa ideia.

*“Isso” o quê?*

— ... aposto que até no México eles falam: “Você tem alguma coisa sem álcool?”

— “Isso” o quê? — perguntei.

— “Isso”?

— Você disse: “Se é que a gente vai mesmo fazer isso”, “isso”, mas isso o quê?

Senti Fran pressionar o braço no meu.

— Você sabe o que é.

— Mas *diga*.

Ela riu, estendeu as pernas e esticou os pés em uma ponta.

— Não é uma coisa que se diga, é uma coisa que se *faz*.

E eu soube então que nos beijaríamos ainda naquela noite e era só uma questão de fazer tudo certo — um problema menor — e beijar como no livro.

— Por favor...

— Você não me entendeu errado — falei.

— Não. Não achei que tinha entendido errado. Vamos lá para dentro. Ver o que mais eles têm para beber.

Ela pegou meu braço e nós passamos pelos outros convidados, que sorriram e assentiram, alegres e indulgentes, como se fôssemos crianças que tinham descido de pijama para participar da festa, para acender os cigarros dos adultos e tomar goles de suas bebidas. Pratiquei meu álibi: geografia, geografia na Sheffield. É, é uma ótima universidade! Estou animado, muito, muito obrigado. Passamos por portas de vidro de correr e entramos em uma cozinha, vidro por todos os lados, como um aquário, com a pia e as bancadas *no meio do cômodo*, uma coisa impressionante, e todas as panelas e utensílios pendiam de forma inteligente de ganchos, feito uma percussão elaborada. Sobre o mármore preto polido, o barman alinhava mais coquetéis, vermelhos, laranja e verdes como sinais de trânsito em tons pastel. Pegamos dois dos vermelhos enquanto ele estava de costas e, a uma distância segura, baixamos o rosto até a borda dos copos. Tinham sabor de picolés artificiais do caminhão de sorvete, e nós os carregamos com cuidado pelos degraus de vidro até uma sala de estar, rebaixada como uma escavação e também com paredes de vidro. Eu me perguntei o que o Sr. Harper, o Rei da Reforma, acharia daquilo.

— É uma droga de estufa enorme!

As laterais da sala tinham degraus como o Senado Romano dos filmes de gladiador, todos cobertos com almofadas e tapetes nos quais os senadores se deitavam, e ali estava Helen, envolvendo com os braços uma tigela de salgadinhos como se protegesse um filho, e Alex, que contava uma história, a multidão se aproximando, sorrindo, rindo. Confiança e talento não eram exatamente a mesma coisa — Miles era o menino mais descarado que eu já tinha conhecido, e era um besta —, mas pareciam ter alguma conexão, e eu me perguntei como devia ser isso de ter toda a atenção de uma multidão em vez de introduzir palavras nas lacunas dos discursos de outras pessoas. A música estava mais baixa ali, uma bossa

nova de Ibiza, e nos contentamos em ficar um pouco distantes, tomando nossos drinques, sofisticados, ouvindo...

— Meus amigos! — chamou Alex de repente. — Venham aqui, não sejam tímidos. — O público se virou para nos olhar. — Esta é nossa Julieta, a supertalentosa Frances Fisher. Este é nosso Benvólio, interpretado pelo Sr. Charles Lewis. Helen e eu estamos tentando criar um romance de verão, não é, Helen?

Fran revirou os olhos.

— Pode parar, Alex.

— Mas cadê o Romeu? — perguntou um homem de cabeça raspada, elegante, chinês, com óculos de aro preto espesso e camisa preta. — Por que você não está com seu Romeu?

— Romeu não faz o tipo da Julieta — explicou Fran, sentando-se.

O homem ofereceu a mão a ela.

— Sou Bruno — disse.

— Bruno, sua casa é muito bonita.

— Obrigado. Tive muita sorte. Vocês são muito bem-vindos. E você é...

— Benvólio.

— Ah, é um ator do método! Mas, na vida real, você é... ?

— Charlie.

— Charlie, Frances, vocês dois estão na faculdade com ele?

— Isso — respondeu Fran.

— Eu, não — falei, recuando na mentira.

— Mas não temos certeza disso ainda — lembrou Fran.

— E o que você faz agora, Charlie?

— Trabalho. Em meio período.

— Onde você trabalha, Charlie?

— Bem, em um posto de gasolina.

— Ah. Qual?

— O perto do cruzamento.

— Eu sempre vou lá. Fiquei muito feliz outro dia porque ganhei copos muito bonitos.

Pelo menos eu não tinha roubado as raspadinhas dele.

— Bom, não ponha gelo neles. Vão explodir na sua cara.

— É um bom conselho, vou me lembrar disso. E da próxima vez que puser gasolina...

Achei que tinha que mudar de assunto, tentar minha técnica de interrogatório e usar o nome dele. Era algo de que pessoas mais velhas gostavam.

— E o que você faz, Bruno?

— Fabrico e distribuo computadores — explicou Bruno.

Eu não sabia para onde ir depois disso.

— Nós temos um computador. — Foi o melhor que pude fazer.

— Ah, é? Qual?

Indiquei o modelo e a marca.

— Meu pai comprou em uma promoção do jornal.

— É, eles são nossos principais rivais. Somos a Computadores Wang.

— Não é muito bom. Os de vocês são melhores.

— A coisa certa a dizer. Você vai longe, Charlie. Estou muito feliz por terem vindo. Vocês dois formam um lindo casal.

— Bom, não somos um casal de verdade — explicou Fran.

— A gente não se conhece há muito tempo — falei.

— Não sei o que *isso* tem a ver. Olhem só para vocês. Andem logo! Não há tempo a perder! Bom, por que ninguém está na piscina?

— A gente não sabia se podia entrar — disse Fran.

— Claro que pode. É para *isso* que ela está lá.

— E eu não trouxe maiô — lembrou Helen.

— Meu Deus! Por que os jovens são tão cheios de pudores? — retrucou Bruno, virando o copo. — Bom, eu vou até lá empurrar alguém na água.

Ele foi saltitando até os degraus da varanda e saiu para o jardim.

Alex e Helen, com sorrisos largos, cambalearam até nós.

— Alex — disse Fran, rindo —, tem certeza de que ele não se importa por estarmos aqui?

— Claro. Só não contem sobre isto...

Ele mostrou o punho e nos chamou para mais perto, depois abriu os dedos como se tivesse pegado um inseto raro. Na palma da mão havia uma pequena pílula manchada e gordinha.

— Estou disposto a dividir por quatro. Mal vai fazer efeito, mas quem topa?



Olhamos uns para os outros por um instante como mosqueteiros, então Alex cortou a pílula com os dentes e cada um pegou um fragmento minúsculo, parecido com o rejunte solto de azulejos, duro e molhado de cuspe. Engolimos com nossos coquetéis. Era difícil acreditar que algo tão pequeno pudesse ter um gosto tão ruim, feito uma rajada de spray para cabelo direto na língua, por isso bebemos mais dos coquetéis sabor picolé e fomos procurar o coração da festa.

## A Rainha Mab



A pílula não fez efeito nenhum, e ficamos checando isso uns com os outros mais ou menos a cada dez minutos.

Mas a música se tornou incrível. Com uma rigidez deprimente que víamos como integridade, meus amigos e eu sempre havíamos sido hostis à *dance music* porque qualquer coisa sem guitarras carecia de talento, era chata e repetitiva, apenas *tut-tut-tut*. O porão de Harper não era um lugar para dançar, era um local para bater cabelo mordendo o lábio inferior.

Mas nunca estivéramos em um lugar parecido com aquele. No jardim, luzes no terraço contornavam uma pista de dança lotada como um bote salva-vidas, um alto-falante em cada canto, concentrando o som do mesmo modo que uma lupa concentra a luz. Alex gritou, pegou Helen pela mão e correu para o meio da multidão. Fran e eu nos entreolhamos e os seguimos. Helen era uma dessas dançarinas surpreendentemente incríveis, muito séria e intensa, quase irritada, os olhos fechados, os punhos cerrados, murmurando para si mesma como se desafiasse alguém a interromper. Para Alex, a dança era um tipo de autossedução: ele ficava deslizando a mão para dentro da própria camisa, abrindo os botões, apertando o peitoral, a virilha ou a bunda, me fazendo quase esperar que Alex desse um tapa na mão do próprio Alex. Assumi minha pose: pés plantados, cotovelos grudados ao corpo, mãos se alternando como se tirasse leite de uma vaca, o tipo de dança que não incomodaria ninguém em um vagão de trem lotado, enquanto Fran se soltava, o sorriso largo, os braços acima da cabeça, as mãos enfiadas no próprio cabelo, de modo que dava para ver os pelos curtos da axila. Ela me flagrou olhando e riu com a boca aberta, pôs as mãos em meu ombro e disse alguma coisa.

— O quê?

— Eu disse que isso é *loucura*.

— É mesmo.

Ela falou de novo.

— Desculpe?

Ela me puxou para perto e pôs a boca na minha orelha.

— Falei que estou muito feliz por você estar aqui.

E nós dançamos daquele jeito por um tempo, nos afastando dos demais para a beira do bote, puxando o outro para mais perto. É difícil mencionar o cheiro de alguém sem soar como um psicopata, mas eu já havia notado o dela, algo quente e verde como o verão. Alguns anos depois, em um encontro horrível e triste, senti o cheiro de novo, tão vívido e exato que achei que Fran devia estar escondida no salão.

— Meu Deus, o que é isso? — perguntei.

— Grass, da Gap — respondeu ela.

Fiquei meio decepcionado por um aroma tão natural ser, na verdade, um perfume, e por Fran não cheirar naturalmente a grama da mesma forma que eu não cheirava a astecas. Ainda assim, naquele momento na pista de dança considerei aquilo o melhor e mais sofisticado aroma existente e resisti à tentação de farejar como um cachorro. Em vez disso, apoiei a testa na dela, seus braços em volta do meu pescoço, firmes, algo que já vira no cinema.

Mas a música era rápida demais, então nossas testas ficaram raspando dolorosamente uma na outra, por isso nos afastamos e abrimos caminho de volta até o meio da multidão. Alex e Fran caíram um nos braços do outro, dançando grudados, as pernas entrelaçadas em um estilo latino brega, e eu senti uma pontinha de inveja por não termos dançado daquela maneira. Helen bateu em meu ombro e revirou os olhos. Nós rimos e dançamos juntos por um tempo, fazendo palhaçadas até pararmos de brincar e também colocarmos os braços um em volta do outro. O tum-tum-tum parecia um leve martelo batendo no peito, e pouco depois até me arrisquei a erguer as mãos acima dos ombros, deixando os pés saírem do chão.

Helen disse alguma coisa em meu ouvido.

— Oi?

— Perguntei se está sentindo alguma coisa.

— Nadinha — falei.

A pílula não fez efeito, mas era verdade que o tempo havia adquirido uma característica estranha, me impedindo de saber se estávamos dançando havia vinte minutos ou duas horas, por isso decidi que tinha que sair dali por um instante e pegar outra bebida. A dança havia me deixado zozinho e alegre, então, no bar, percebi que conseguia falar com completos estranhos, algo que nunca fizera. Conversei com uma moça simpática de vinte e poucos anos que estava estudando para ser enfermeira e eu disse que minha mãe tinha sido enfermeira. Falamos um pouco sobre enfermagem e sobre mães também. Então falei com o namorado dela, um cara muito legal, que trabalhava para Bruno, e nós conversamos mais sobre computadores e, por algum motivo, mencionei que tinha ido muito mal em todas as minhas provas, com exceção de computação e artes e ele disse: ei, então faça isso, faça computação e artes, por que não, se é nisso que você é bom, se esse é seu talento, todo mundo tem um talento, você só tem que descobrir qual é o seu, mandar ver e usar. E aquilo me pareceu incrivelmente inteligente, a ideia de que deveríamos fazer algo no qual éramos bons e de que gostávamos, em vez de algo no qual éramos péssimos e que odiávamos, e, apesar de isso não ter funcionado para o meu pai, apesar de ter sido uma catástrofe, talvez funcionasse para mim, porque, afinal, eram computadores e não jazz, então resolvi fazer exatamente o que ele tinha dito. Pensei em como era estranho ter todas aquelas conversas francas e tranquilas com as pessoas apesar de não ser bom naquele tipo de coisa, então, quando o homem inteligente foi procurar a namorada, a enfermeira legal, percebi que conseguia até conversar com a mulher de macacão vermelho de PVC que, falei, era linda, e ela respondeu obrigada em uma voz italiana baixa e grossa, e nós debatemos sobre a diferença entre o norte e o sul da Itália e, mais interessante, as dificuldades de vestir e tirar um macacão de PVC, que não era de PVC, mas, na verdade, látex, então sobre as diferenças entre látex e PVC e o que acontecia quando era preciso ir ao banheiro, algo que ela disse que quase nunca acontecia, é muito estranho, comentou, você fica parecendo um esquimó, se *não dá* para ir, *não vai*, além disso, você sua tanto aqui dentro, sabe, então ela abriu um pouco o zíper e me incentivou a passar o dedo pela gola dele, que estava sedosa de suor e talco, deixando-a úmida e seca ao mesmo tempo, e aquilo, pensei, era de alguma forma a melhor conversa que eu já tivera na vida,

acompanhada pelo barulho do látex, gritinhos, até outra reviravolta acontecer quando ela perguntou: você já foi amarrado? Não, respondi, só com a faixa do robe do meu melhor amigo Harper, para que ele peidasse na minha cabeça, mas não tinha sido sexual, e ela disse: não, meu amigo, você só *acha* que não foi sexual, e, enquanto eu tentava analisar *aquilo*, Helen surgiu atrás de mim, os braços em torno do meu pescoço, dizendo: este cara está incomodando você? Charlie, onde você estava, porra, lembre por que você está aqui, esta é sua chance, Charles Lewis, mas estávamos conversando sobre a diferença entre PVC e látex, falei, e Helen respondeu: aposto que estavam, seu safado, mas venha, está perdendo tempo. Quando me virei para me despedir, a mulher tinha desaparecido, mas tudo bem porque Helen me arrastou de volta para a pista de dança, onde Fran tinha estado durante todo aquele tempo e ela gritou e riu quando me viu como se eu tivesse sumido por anos e estendeu as mãos e nós dançamos juntos como ela havia dançado com Alex, seus dedos unidos atrás da minha cabeça, minhas mãos em sua cintura, o tecido deslizando, o deslize tecendo, pernas entrelaçadas, seus seios pressionados em meu peito, o martelo leve batendo sob minhas costelas e, acima dos ombros dela, vi Alex falar com um cara, beijá-lo e levá-lo na direção da piscina, então dei um passo para trás e olhei para Fran, que estava de olhos fechados, o cabelo molhado grudado na testa, rindo, e eu disse: está sentindo alguma coisa, e ela abriu os olhos e respondeu que não, não da pílula, e eu perguntei o que ela queria dizer e ela disse: ah, Charlie, acho que não vou aguentar mais isso, venha, então pegou minha mão e me puxou pela multidão, pelo gramado em direção às árvores até estarmos no limite da luz...

... então ela parou e se virou e, mesmo com a música, ouvi nossa respiração e o sangue bombeando na minha cabeça quando ela pôs as mãos no meu rosto e disse me beije e nos beijamos, primeiro suavemente, sua boca muito macia, com sabor de álcool e limão, depois com mais intensidade, sua boca abrindo um pouco, mas sem dentes batendo desta vez, sem nenhuma sensação de que havia algo errado, ali ou em qualquer outro lugar do mundo, e ah, aquilo, aquilo era como no livro.

Depois de um tempo, ela se afastou e olhou para mim, sem fôlego, as mãos ainda em meu pescoço.

— A gente pode ir para algum lugar?

Encontramos uma parede onde nos encostar, uma parte escura e sem brilho da casa, próxima a uma porta da qual os garçons às vezes saíam para fumar. Ouvi alguém apontar para a gente no escuro e rir.

— Não pare — pediu ela.

Pus as mãos mais para cima, nas laterais das costelas dela, onde a seda da camisola da Sra. Asante terminava e a pele de Fran começava, e ela pegou minha mão e a colocou em seu seio e eu achei que meu coração fosse parar. Durante todo aquele tempo, nós nos beijamos de maneira cada vez mais apaixonada, até Fran rir, se afastar e esfregar os lábios com a palma da mão.

— Acho que chamam isso de “beijo esfomeado”.

— Tem problema?

— O que você acha?

Minha mão ainda estava em seu seio, o que me pareceu estranho enquanto estávamos conversando. Qual era a regra? Será que devia tirar a mão dali e colocá-la de volta quando parássemos de conversar? Será que ela notaria? Em vez disso, Fran pôs a mão em cima da minha e a manteve no lugar.

— Meu batom já saiu?

— Há muito tempo.

— Você está de batom agora — disse ela.

Nós nos beijamos mais um pouco, meu polegar deslizando para dentro da camisola e, então, depois de certo contorcionismo, para dentro do sutiã dela. Mais uma vez, esperei que ela tirasse minha mão, e em vez disso ela pressionou o corpo ainda mais contra minha perna, mas eu não esqueci a torção do meu braço, o cotovelo apontando para o lado como se estivesse apoiado em uma lareira, e ela se afastou quando outro garçom nos viu, riu e gritou:

— É isso aí, meu filho!

Ela se afastou de mim.

— A gente devia...

— Eu sei.

— Mas eu não quero.

— Mais um minutinho — falei.

E, enquanto nos beijávamos, me perguntei: será que devia dizer que a amava? Eu nunca havia falado aquilo, ou melhor, tinha dito para Harper, caindo de bêbado, e para objetos inanimados, uma pizza ou um presente de aniversário, mas nunca em uma situação em que realmente fosse verdade. Nunca tinha chegado nem perto. De repente, ali, como se me lembrasse de uma palavra esquecida, que havia passado por minha cabeça, mas estava fora de alcance, quis dizer em voz alta.

Ainda assim, hesitei. Em parte por timidez; mesmo em meio a toda aquela paixão, eu não conseguia abandonar a familiaridade barata da frase. Mas, mesmo deixando a vergonha de lado, eu tinha uma noção antiquada, quase cavalheiresca, de que aquelas palavras não podiam ser jogadas ao vento. Como um desejo ou um feitiço para invocar demônios, a frase tinha que ser usada com muito cuidado e, apesar de poder dizê-la milhares de vezes, só teria uma chance de falar pela primeira vez. Mas ainda não. Em vez disso, me afastei e olhei para ela. Seu rosto tinha mudado de alguma forma, seus traços haviam ganhado proporções diferentes, mais marcadas mesmo sob a luz fraca, como em um exame em que o oftalmologista põe uma lente na sua frente. Nada que eu já tivesse visto chegava perto daquilo, então disse a outra coisa que sentia intensamente:

— Você é *tão* linda.

Ela não riu nem zombou de mim. Estava muito séria.

— Você está bêbado — falou.

— Não mesmo — respondi. — E, se estiver, ainda estou falando a verdade. Nunca conheci ninguém nem de longe igual a você, ninguém. Você é... a melhor.

Ela me beijou outra vez, um beijo bem suave, como se quisesse me acalmar.

— Vamos procurar o resto do pessoal — disse ela, pegando minha mão e me levando de volta para a luz.

A droga não fez efeito, mas é verdade que o resto da noite pareceu uma montagem, mesmo enquanto ainda estava acontecendo.

Vimos a pergunta nos olhos de nossos amigos enquanto nos aproximávamos da pista de dança, então respondemos. Fran me puxou, segurou meu rosto e me beijou.

— Pronto. Estão *felizes* agora? — gritou ela.

Os dois riram, Helen revirou os olhos e nós demos um abraço coletivo antes de nos separarmos e dançamos até nossas roupas grudarem de suor na pele.

— Piscina! — gritou Alex, dando um jeito de tirar os sapatos enquanto corria, tropeçando e caindo em um mergulho atrapalhado.

Helen entrou toda vestida, usando os degraus, e, pela segunda vez naquele dia, tirei a camisa por cima da cabeça, menos envergonhado desta vez, e a coloquei com cuidado na grama úmida.

— Você não pode nadar com isso — disse Fran.

Então me virei, tirei a calça jeans e agradei por ter colocado minha melhor e mais simples cueca, uma peça que eu considerava clássica. Demos as mãos, corremos, gritamos e caímos na água, que pareceu fresca e deliciosa, com um aspecto viscoso e azul-prateado que lembrava o do gim. Por um instante, ficamos juntos, sérios, no meio da piscina, sem saber o que fazer. Eu nadava bem na época e, querendo exibir até mesmo o menor dos meus talentos, esbocei algumas braçadas. Mas não me pareceu certo fazer séries de crawl e nado costas.

— Claro, isso é basicamente a água do banho de toda essa gente — disse Helen. — De todos esses velhos suados.

— Helen, não seja nojenta — pediu Alex.

— Então a gente só vai ficar aqui, batendo queixo? — perguntou ela. — É isso?

Ela bateu na água e, como se aquilo fosse um sinal, Fran girou e se esgueirou para a parte mais funda da piscina, e eu a segui, mergulhando e forçando os olhos que ardiam a se manterem abertos para vê-la saltitando em câmera lenta uma, duas, três vezes, a camisola preta se espalhando em torno dela feito tinta de lula. Inspirei de novo, tomei impulso e nadei para mais perto, fingindo ter a graça de um sereio, mas me arranhando no fundo da piscina. Nós emergimos, respiramos de novo, mergulhamos outra vez e nos beijamos debaixo d'água, de boca fechada, depois de boca aberta, rindo das bolhas. Emergimos e já íamos nos beijar de novo, mas toda paixão tem limites...

— Você precisa limpar o nariz — falei.

— O quê?

— Tem uma coisa...



Indiquei a esmeralda verde de meleca que descia até o lábio superior dela.

— Ah. Desculpe. Muito sexy. — Ela limpou o rosto com as costas da mão. — Você notou? Embaixo d'água?

— Notei o quê?

— Está bem. Ouça a música! — Uma música disco desconhecida tocava de forma orquestral e rica. — Agora mergulhe! — disse ela, e foi o que nós dois fizemos.

Nada mudou. Um sistema de alto-falantes de qualidade tinha feito a água desaparecer, a música tão alta e límpida quanto antes. Impressionados, tentamos dançar, passos de disco engraçados, nos agarrando para tentar nos manter na parte mais funda da piscina pelo máximo de tempo que nossos pulmões aguentavam, a camisola preta dela escorregadia, a pele fria e toda arrepiada. Coloquei a mão no alto de sua coxa e, só por um instante, senti a dela entre minhas pernas antes que Fran risse e se impulsionasse de volta para a superfície. Tentei agarrar seus tornozelos, mas ela já tinha se afastado, e tive que lidar com o novo problema de sair da piscina sem chamar atenção.

— Nada de carinhos, nem de corridas, nem de bombas — gritou Alex.

Por isso fiquei parado, tranquilo e reflexivo, e pressionei a ereção contra os ladrilhos frios da piscina, torcendo para interromper a circulação como acontece com um dedo preso na porta.

De alguma forma, nós quatro nos encontramos de novo na casa, com os sapatos nas mãos, as roupas ainda molhadas, o cabelo grudado, pegamos drinques e andamos de cômodo em cômodo. Os outros convidados continuaram nos olhando com uma alegria tolerante quando nos sentamos no sofá modular baixo, como se aquela fosse apenas outra noite de sexta, a cabeça de Fran em meu ombro, seu cabelo com um cheiro delicioso de cloro. A pílula não fez efeito, mas eu tinha uma sensação fantástica de benevolência e receptividade, então não senti vergonha nenhuma quando Alex recitou o monólogo sobre a Rainha Mab para uma pequena multidão silenciosa, a voz baixa e direta, e fiquei surpreso ao perceber que entendia todas as palavras.

Pelo que pode ter sido uma hora ou talvez dez minutos, ficamos deitados de olhos fechados, ouvindo a música, prestando atenção ou não

nas conversas. A festa chegava ao fim e, torcendo para encontrar alguma vida, Fran e eu saímos de novo. As silhuetas dos famosos pinheiros estavam delineadas em contraste com o céu já claro. Na pista de dança abandonada, ela pôs a mão em minhas costas; eu segurei seu quadril, sua escápula, mas a música já estava baixa demais para abafar o barulho dos melros, o melhor e o pior dos sons, então só ficamos agarrados um ao outro.

— Hoje é amanhã — disse Fran.

Eu me lembrei da cena da peça, dos amantes reclamando do raiar do dia, criando desculpas — a cotovia é só o rouxinol; a luz do amanhecer, um meteoro — e achei que seria legal se começasse aquele diálogo. Mas meu cérebro estava zozado demais para se lembrar de qualquer fala com precisão, e parafrasear algo sobre cotovias e cometas talvez me fizesse parecer maluco.

Além disso, uma ideia que eu vinha suprimindo a noite toda tinha finalmente invadido meus pensamentos, acompanhada por outra noção sombria. De repente, fiquei totalmente sóbrio. A ansiedade era física, como se eu tivesse percebido que havia deixado a água enchendo a banheira durante a semana toda. Fran sentiu a tensão.

— O que houve?

— Não vejo meu pai há cinco dias.

— Onde ele estava?

— Em lugar nenhum. Esse é o problema.

— Desculpe, não devia ter feito você vir.

— Está brincando? É claro que eu ia vir.

— Mas você pode ir agora! Tenho que ir para casa mesmo, antes que eles acordem.

— A gente não devia se despedir do pessoal?

Ela me beijou.

— Não, vamos embora. Eles vão saber.

Com os sapatos na mão, atravessamos o gramado frio e úmido repleto de copos de bebida, taças de champanhe e garrafas vazias. Lá fora, abri o cadeado da minha bicicleta. O vilarejo onde Fran morava ficava a mais de seis quilômetros dali, e achei que ela podia ir sentada no banco enquanto eu pedalava, mas, tal como no beijo subaquático, essa era uma das coisas que funciona melhor no cinema que na vida real. Além disso, os pneus

estavam vazios e o nosso peso somado fez os aros das rodas rasparem no asfalto, por isso fomos andando e, de vez em quando, Fran subia na bicicleta e ficava sentada, como uma rainha, enquanto eu a empurrava.

Atravessamos a estrada, em silêncio pela primeira vez, como se fôssemos as últimas pessoas da Terra, e, enquanto as ruas davam lugar ao campo, nós parávamos de tempos em tempos para cair nos braços um do outro, em campos e canteiros, cheios de espinhos úmidos de orvalho, a roda da bicicleta girando como se tivéssemos sido jogados na moita em um horrível acidente. Em determinado momento, nós dois precisávamos ir com urgência ao banheiro, então Fran se agachou des preocupada em um fosso de irrigação e eu fiquei de pé a certa distância, o processo demorando mais do que parecia possível.

— Caramba, eu pareço um cavalo — disse Fran.

Eu ri e pensei: *Nossa, olhe só para a gente, fazendo xixi um perto do outro, nojentos e sofisticados.* A linda camisa de Alex agora parecia um pano de chão, manchada de grama e suor e, mais tarde, quando a enfiei escondida na máquina de lavar com água quente, percebi que faltava um botão raro e perolado, perdido no canteiro de uma estrada vicinal, arrancado enquanto fazíamos amor.

“Fazer amor” é exagero. O termo mais preciso que posso usar para o que fizemos é se roçar, o que ajuda muito a ilustrar a distância entre a linguagem e o fato. Se agarrar é nojento, se beijar faz com que pareça frívolo, mas, seja lá como isso fosse chamado, fez um trajeto de cerca de uma hora levar quase três. O vilarejo já acordava e se espreguiçava quando nos aproximamos, corretores da bolsa levando o cachorro para passear, pegando o jornal do fim de semana. Ali estava a casa de Fran, em um terreno próprio, caiada, com painéis de vidro na parede e rosas no jardim.

— Bom... Você quer entrar e conhecer Graham e Claire?

— Ah. São sete e meia...

— Vamos, a gente pode acordar os dois e contar a novidade!

— Ah. Está bem, se você acha que...

— Estou brincando, Charlie.

— Entendi. Foi muito engraçado.

— Quer dizer, você vai conhecer os dois um dia, mas...

— O que vai dizer para eles agora?

— Que estava na casa da Sarah. Eles meio que vão saber que não é verdade, mas não vão se estressar. Ou vão fingir que não. “Estava na casa da Sarah” é meio que um código para “Desculpe, mas não se preocupem”. — Ela pegou minha mão e, entre beijos: — Eu queria poder levar você para o meu quarto. Levar escondido e deixar você lá.

— Eu não ia me importar.

— A gente podia esperar até eles saírem, depois eu *atacava* você. Podíamos ficar na cama o dia todo, prestando atenção no barulho do carro e aí eu colocaria você no armário de novo.

— O que eu ia comer?

— Eu esconderia comida do meu prato, como em um romance, e passaria por baixo da porta.

Nós elaboramos o plano e nos beijamos, mas minha mandíbula doía e uma vermelhidão se formava em torno da boca de Fran, um círculo rubro, como uma maquiagem de palhaço.

— Você devia ir — falei.

— Eu sei — respondeu ela, antes de dizer, com mais vontade: — Mas vamos ser espertos em relação a isso.

— Então... quer manter em segredo?

Eu já esperava isso. A maioria dos beijos que tinha dado em Fran haviam sido acompanhados por juras sérias de nunca contar, mas ela apenas riu.

— Não! Deixe isso para lá. Não, eu quero contar para todo mundo! Tipo, a gente não vai pôr um anúncio nos classificados, mas não vamos esconder. Vamos ficar... tranquilos com isso. — Ela me beijou. — Vamos ficar tranquilos com todo mundo, mas não um com o outro.

— Então... o que vai contar para as pessoas?

— Conheci um menino. Gosto dele, gosto muito e... vamos ver o que acontece. O que acha?

— Acho bom. Tenho que trabalhar até às nove hoje, mas... posso ver você depois?

Era uma brincadeira, mas com um fundo de verdade.

Ela riu.

— Não.

— Então amanhã.

— Não! Na segunda, depois do ensaio.

Eu sabia que era essencial não parecer decepcionado com isso, mas algo deve ter transparecido no meu rosto, porque ela segurou meus ombros.

— Não se preocupe. Vamos dar um jeito.

Nós nos beijamos e ficamos abraçados, como se eu tivesse sido banido para Mântua. Achei que podia arriscar uma coisa.

— Uma dor tão doce.

— O quê?

— Uma dor tão doce?

— Ah.

— Você sabe. A despedida é uma...

— Eu entendi a referência, a fala é minha. Eu não tinha ouvido.

Ela murmurou alguma coisa.

— O quê?

— Falei: “É importante enunciar.”

— É mesmo.

— É. — Nós nos beijamos de novo. — Está bem, já chega. Segunda.

— Segunda.

— Tchau.

— Tchau, tchau.

Os pneus da minha bicicleta já estavam vazios demais para usá-la até em casa, por isso andei pela manhã de verão com uma nova convicção, algo que não vinha de uma mente totalmente racional, a saber:

Se eu pudesse ficar com Fran Fisher, se ela pudesse, de alguma forma, aceitar a mim e meus erros passados, toda a sordidez, a estranheza e a preocupação, então eu me tornaria uma versão melhor de mim mesmo, uma versão tão excelente e exemplar que seria praticamente nova. Eu não havia sido a pessoa que queria ser, mas não havia motivo para não mudar isso. Uma nova fase da vida havia começado, de modo tão preciso quanto apertar o botão de um cronômetro, e, a partir dali, eu não seria mais definido pela ausência, pelas coisas que não era. Na peça, a Ama lista as qualidades de Romeu: honesto e cortês, bonito, gentil e virtuoso, e apesar de eu não poder dizer “bonito”, não havia razão para não assumir os outros elogios e tentar suplementá-los. Eu também seria sábio, corajoso e leal, lutaria contra injustiças. Seria engraçado — será que isso era algo que dava para decidir ser? —, mas não bobo, não um palhaço.

Seria ousado, mas não irresponsável; popular, mas não bajulador. Leria mais livros e de melhor qualidade, tomaria mais banhos, escovaria os dentes com atenção e cuidado, criaria uma rotina diária de exercícios e a manteria, me portaria de modo diferente, confiante e de cabeça erguida, e me levantaria cedo para que os dias fossem tão repletos quanto possível. Compraria roupas novas, teria um visual mais descolado, cortaria o cabelo, pararia de roubar, seria mais tolerante com meu pai, mais gentil com minha mãe, um irmão melhor para Billie. Comería salada. Peixe. Água, eu beberia muito mais água, dois litros por dia. Ninguém, nem mesmo Miles, beberia mais água do que eu.

Naquela manhã quente e iluminada de verão, uma vida de resoluções de Ano-Novo foi feita de uma só vez. Todo um novo jeito de ser não era algo para ser encarado com tranquilidade, era um projeto assustador, na verdade, mas eu mal podia esperar para começar. Queria estar com os fones e o *discman* no bolso para dar uma trilha sonora a tudo aquilo, um hino ao desenvolvimento pessoal. Eu escreveria as resoluções, se fosse necessário, as prenderia na parede como uma proclamação e as manteria, porque estar apaixonado — e não havia outra expressão para aquilo — era como ser empurrado para baixo da luz de um holofote em um palco e, sob aquele tipo de escrutínio, era importante fazer tudo certo. A partir dali, eu seria o mais correto possível e me moveria de maneira diferente pelo mundo. “Uma boa cidade”, dizia a placa na estrada, *Bonum Oppidum*, e pensei: *É, talvez seja, talvez possa ser.*



Em casa, meu pai dormia no sofá, as cortinas fechadas, cercado por uma pequena frota de canecas e pratos, a TV passando os cliques de música pop da manhã de sábado. Puxei a cortina para o lado até a luz do sol bater em seus olhos e ele piscou e ergueu a mão, a boca se abrindo com um *pop* grudento.

— Charlie?

— Bela Adormecida.

Comecei a abrir as janelas.

— Aí está você! Esperei acordado.

— Acabei de chegar. Fui a uma festa. Desculpe, eu devia ter avisado.

Eu seria mais carinhoso a partir dali. Aquele homem já tinha muito com que se preocupar.

— Com quem? Seus colegas de turma?

— Com outros amigos. Tive que levar todos para casa. Eu conto mais tarde.

Por que “todos” e não “ela”? Eu seria mais sincero e aberto, mudaria o tom de voz e falaria com meu pai como se fosse um amigo.

— Parei e comprei pão e ovos. — Pão integral, ovos vermelhos, orgânicos. — Vou preparar seu café. Comprei isto também.

Um saco de laranjas lindas, quentes e cheirosas, seis pequenos sóis adquiridos no mercado. Eu tiraria o espremedor engordurado do fundo do armário. A partir dali, teríamos laranjas todo fim de semana, como as pessoas têm no Mediterrâneo...

— Você está bem? — perguntou meu pai.

— O quê?

— Ainda está bêbado?

— Não. Só... feliz. Isso é permitido, não é?

Eu me perguntei, e torci para que, se a tristeza fosse contagiosa, talvez a alegria também pudesse ser.

Meu pai se esforçou para se sentar e passou as mãos pelo rosto.

— Isso é estranho.

— É.

— Não sei se gosto.

— Não se preocupe — falei. — Não vai durar.

## Parte Três

# AGOSTO

O que ele fez quando você o viu? O que ele disse? Como ele estava?

Para onde foi? O que faz aqui? Ele perguntou por mim?

Onde ele está? Como estava quando partiu?

E quando vai revê-lo? Responda-me com uma palavra.

William Shakespeare, *Do jeito que você gosta*



# Amor



Mas o amor é chato. O amor é familiar e ordinário para qualquer pessoa que não participe dele, e o primeiro amor não passa de uma versão desengonçada e hormonal da mesma coisa. Shakespeare devia saber disso. Pegue uma cópia da história de amor mais famosa do mundo e segure entre o indicador e o polegar as páginas em que os amantes estão realmente felizes; não a preparação prévia, não o esforço posterior, mas o tempo em que o amor é mútuo e tranquilo. São só algumas páginas, quase um panfleto, o breve interlúdio entre ansiedade e desespero. As confidências e intimidades dos novos amantes, o surgimento de piadas internas, as confissões de dúvidas e inseguranças, as promessas e juras. Só toleramos uma quantidade reduzida dessas coisas e, se Shakespeare escreveu mesmo as cenas em que os amantes conversam sobre seu prato preferido, ou tiram sujeiras dos umbigos, ou explicam empolgados a letra da sua música favorita, então ele acertou ao excluí-las da segunda versão.

O início e o fim, a ansiedade e o desespero, aí é que está a história, mas estar apaixonado, sobretudo ser jovem e apaixonado, é como ouvir alguém descrever um salto de paraquedas ou um sonho bizarro, a fotografia tremida de um desempenho que revolucionou a vida, tirada de longe demais. Quanto mais intensa a experiência, menos dispostos estamos a ouvi-la e, apesar de ficarmos felizes com o fato de a vida deles ter mudado e isso ter sido emocionante, será que não dá para falar de outra coisa?

Então, é melhor supor que, quando estávamos sozinhos sem conversar, quer dizer que estávamos nos beijando e que isso era incrível, tanto que eu não conseguia entender por que adultos não faziam isso *o tempo todo*, algo, imagino, que todos passamos o resto da vida descobrindo. Suponha também que, quando parávamos por tempo

suficiente para falar, essas conversas eram mais francas e interessantes, fluidas e intensas, engraçadas, sérias e profundas do que qualquer outra que já tivesse acontecido. Nós não apenas conversávamos, conversávamos *de verdade*. Suponha que éramos mais engraçados do que qualquer pessoa que já tivéssemos conhecido e que quando fiz Fran rir tanto que ela se mijou, *realmente mijou* na própria calça jeans, foi um dos momentos em que mais senti orgulho na vida. Suponha que nada era sentido pela metade, fosse paixão ou ansiedade, desejo ou medo. Suponha que tenhamos montado listas musicais e gostado muito da preferência um do outro ou então fingido gostar, que ouvimos de forma solene e silenciosa Nick Cave e Scott Walker cantando sobre nós, que Nico e Nina Simone fizeram testes para se tornarem *nostra* música, a música que nos fazia chorar, e que outras atitudes antes consideradas bobas e repulsivas — dar as mãos, beijos apaixonados em público, passar chiclete de uma boca para outra — deixaram de ser nauseantes. Suponha que nunca quiséssemos estar em nenhum outro lugar, ou com qualquer outra pessoa, que o tempo separado era tempo desperdiçado e que era impossível imaginar circunstâncias em que talvez não nos sentíssemos daquela maneira. Há mais disso por vir, pouco além de um panfleto, mas não posso evitar. A maior parte não será mencionada, mas pouco será esquecida.

• • •

Primeiro, eu teria que vê-la outra vez e, nas quarenta e oito horas até nosso próximo encontro, eu redescobri a consciência da ficção científica sobre o tempo. O fim de semana se arrastou como se acontecesse em um planeta distante. “Pois, em um minuto, existem muitos dias”, diz Julieta, que, acabei notando, tinha as melhores falas e as mais verdadeiras. Eram nesses momentos da peça que eu pensava: como é que Shakespeare *sabia*?

Quarenta e oito horas, quarenta e seis, quarenta e quatro. Meu Deus, imagine se eu tivesse sido banido para Mântua. Como ia passar todo aquele tempo em câmera lenta? Eu sabia que aquilo fazia parte de um teste e mantive autocontrole suficiente para ficar longe do telefone ou de passagens rápidas no vilarejo dela. Em vez disso, sucumbi a um cansaço profundo, a uma dor na mandíbula e a uma inquietude irrequieta nas longas noites úmidas na cama de baixo do beliche, em parte um anseio

espiritual, em parte um tesão suado e nada poético, do tipo que encontramos em alojamentos do Exército. “Agonia”: a palavra costuma aparecer muitas vezes em descrições de amantes separados entre si, mas com certeza se aplicou às horas passadas no pátio do posto de gasolina durante meu turno na noite de sábado, minha paranoia amorosa aliviada apenas por lembranças lúdicas e explícitas do que havíamos feito nos pontos de ônibus e cercas no caminho para casa. Quarenta e duas horas, trinta e seis, vinte e quatro. Talvez eu não tenha inventado as palavras, mas não conseguia deixar de pensar: *Galopem rápido, corcéis dos pés de fogo...*

No domingo, em um rompante lamentável de emoção, achei que podia desenhá-la a partir das minhas lembranças. Até ali, a maioria dos olhos que eu havia desenhado pendiam do crânio e minhas tentativas de criar o rosto dela, apesar de parecidas, tinham um glamour generalizado, convencional, que eu sabia que Fran teria rejeitado, os olhos muito grandes e marejados, os lábios carnudos demais. Seja *verdadeiro*, disse a mim mesmo, mas minhas tentativas de sensualidade resultaram no tipo de pornografia caseira pela qual prisioneiros pagam com cigarros. A melhor tentativa foi uma versão da aparência dela enquanto saltitava embaixo d’água, os pés em ponta, a camisola preta oleosa flutuando em torno dos quadris e grudando nos seios. Eu podia acabar com o preto naquele desenho, fiquei especialmente orgulhoso da reprodução do mamilo enrijecido, visto de perfil, uma única marca preta feita com minha Rotring 0,4mm.

Quatro horas, três, duas, uma e lá estava ela às nove de segunda-feira, empurrando a bicicleta pela primeira vez. Alguma mudança devia ter acontecido, porque ela parecia ainda mais bonita do que eu lembrava — será que o rosto de uma menina muda depois que a beijamos? —, e fiquei muito emocionado pelo modo como ela deixou a bicicleta, um lindo modelo de corrida antigo, de esquadro fino, cair em cima da minha, pois achei incrivelmente *provocante*.

— Olá — falei.

— Oi — respondeu ela e sorriu.

Combinamos de ficar tranquilos na presença um do outro, mas, de alguma forma, a notícia tinha se espalhado, antes mesmo de começarmos o ensaio.

— Tiveram um bom fim de semana? — perguntou Lucy.

— Olá, pombinhos — disse Keith.

— Bom, Benvólio, você é um espertinho — disse Miles, beliscando a pele sobre minha clavícula enquanto seguíamos para o salão de chá.

— Bom, eu acho ótimo, dois jovens se unindo — afirmou Polly. — Temos um casal por temporada.

Até Ivor e Alina pareciam saber.

— Acho que a gente vai ter que manter vocês dois separados! — sugeriu Ivor, com uma piscadela presunçosa, enquanto éramos divididos em pares para o baile dos Capuleto, a primeira cena que envolvia a companhia toda.

A ideia de Alina era começar com uma tradicional dança cortesã, as mãos no quadril e lenços brancos erguidos, depois deixá-la cada vez mais enlouquecida, selvagem e moderna à medida que a cena continuasse, até toda a companhia ficar imóvel e manter a pose no momento em que Romeu e Julieta, por fim, se veem. Além de dançar Macarena e *hokey-pokey*, eu nunca havia acompanhado uma coreografia e, ali, o conceito de esquerda e direita, para a frente e para trás pareceu muito mais difícil enquanto pensava: será que “olá” quer dizer “acabou”? Será que “Vamos conversar mais tarde” significa “nunca mais vamos conversar”? Em determinado momento da dança formal, eu tinha que pegar a mão dela por um instante e me perguntei: o que devia interpretar a partir dos dedos entrelaçados, do movimento circular do polegar dela na palma da minha mão? Encontrei a palma dela com o meu polegar e a esfreguei freneticamente, de uma maneira que esperava que fosse erótica.

— Me espere mais tarde — disse ela, por cima do ombro. — Está bem?

Durante o almoço, caminhei com George.

— Bom, fiquei sabendo que devo dar os parabéns a você — disse ele.

— Meu Deus, George, como é que todo mundo ficou sabendo?

— A fofoca corre solta. As pessoas dizem que fazem peças pelas ideias e pela arte, mas é só por causa do sexo. A festa da última noite era basicamente uma orgia. É o que todos esperam, pelo menos.

— Bom, ainda não é nada. É provavelmente um... só... você sabe...

— Um casinho de verão.

— Eu ia dizer “amassos”. Foram só uns amassos em uma festa. Vamos ver.

— Bom, só para você ficar sabendo, eu não me importo. Quer dizer, me importo, mas não vou agir de um jeito estranho e seguir vocês dois até em casa. Estou... feliz por vocês.

— Obrigado, George.

— E furioso também.

— Justo.

— Mas não diga nada, está bem? Para ela, sobre mim. Eu ainda tenho um mínimo de orgulho.

Falei que entendia.

Nós trabalhamos muito — não havia mais tempo para encontros na hora do almoço — e, por fim, ao final de um longo dia, nós nos encontramos no local onde as bicicletas estavam jogadas uma em cima da outra, pedais nos aros, cabos de freio em torno dos guidões.

— Olhe só, estamos todos emaranhados — disse ela.

E eu pensei: *Bom, isso já é demais.*

— Achei que a gente podia ir a algum lugar, eu e você. Para ensaiar — sugeri.

Nós começamos a empurrar as bicicletas, mas Helen e Alex já corriam em nossa direção.

— A gangue está toda aqui! — disse Helen.

— Como vocês dois estão se sentindo? — perguntou Alex. — Alguma baixa, alguma queda?

— Não, eu estou bem — respondeu Fran.

— Meio dolorido — falei.

— Aposto que está — disse Alex.

— Alex... — repreendeu Fran.

— E aí? Aonde a gente vai agora? — perguntou Helen. — Nós *quatro*.

— Na verdade — explicou Fran —, Charlie e eu íamos ensaiar.

A risada deles ultrapassou a copa das árvores.

— “Ensaiar.” Bom, eu nunca ouvi ninguém chamar *assim*...

— Cresça, Alex.

— Não, acho que é uma ótima ideia. Helen e eu vamos junto.

— Desculpe, estamos de bicicleta — lembrei.

— Vamos correndo do seu lado! — disse Alex. — Levem a gente com vocês!

— *Tão* infantil... Charlie, suba na bicicleta.

- Mas quem vai *me* ajudar a *ensaiar*? — perguntou Alex.
- Nós vamos com vocês! — afirmou Helen.
- Estamos indo agora — gritou Fran. — Tchou!
- Até amanhã! — berrei, de pé sobre os pedais.
- Mas eu quero ensaiar!
- Tchou! Tchou!

## Ensaio



Então, nas duas semanas seguintes, saíamos à noite e ensaiávamos.

Para mim, nada era mais bonito do que Fran Fisher em uma bicicleta de corrida italiana, de guidão invertido e, sempre que podíamos, andávamos um ao lado do outro, o sol se esgueirando pelas folhas como a luz de um projetor velho, às vezes percorrendo apenas uma pequena distância até pararmos e, ainda nos beijando, saíamos tropeçando das bicicletas. Nós ensaiávamos entre bosques e cercas vivas e, na ausência das típicas pilhas de feno, à sombra de cilindros de palha enrolados com plástico preto, os novos talos cutucando nossas costas como uma cama de pregos. Certa noite, Fran trouxe vinho tinto roubado dos pais, empurrou a rolha para dentro da garrafa com uma caneta, o conteúdo frutado e quente como chá depois de um dia ao sol. Nós nos revezamos bebendo. Então, zozza, com a boca grudada, se esforçando para não rir, Fran tomou um gole e passou o líquido para minha boca.

— Foi sensual? Ou só nojento? — perguntou ela, enquanto grande parte da bebida escorria pelo meu pescoço.

Lembranças da noite anterior e a ideia da próxima me mantinham de pé durante os longos ensaios, cada vez mais ansiosos. Nós assistíamos às cenas, e o que víamos era... nada bom, mas melhor do que o exagero e as posturas dos primeiros dias, o lento fim dos maneirismos vocais, a história e os personagens emergindo da lama. As pessoas tinham passado a olhar umas para as outras, se tocando sem levar sustos, incentivando as demais. Eu nunca tinha tocado em uma orquestra e nunca tocaria, mas imaginei que era assim que ela aprendia a tocar uma obra longa, a antecipar as partes de que gostava, a descobrir uma distração nas partes chatas, para fazer seu papel com a intenção de melhorar o todo, mesmo que ninguém na plateia notasse. A vergonha, percebi, era mais vergonhosa do que fazer

esforço e, por isso, dei meu melhor, sem notar direito o momento em que me tornei membro da companhia, tanto em minha mente quanto aos olhos deles. Por que eu não ia querer fazer parte de algo que Fran adorava?

E, apesar de ser difícil imaginar um crítico menos objetivo, fiquei cada vez mais convencido de que ela era a melhor atriz que já havia existido. Eu adorava o modo como seus olhos e suas mãos acompanhavam uma ideia, como se seguissem um pássaro que voara para dentro de uma sala, e eu adorava sua imobilidade, o controle absoluto e a confiança de que o que ela dizia importava. Adorava o jeito como ela fazia as palavras soarem novas e depois ainda as renovava no ensaio seguinte. Eu me inclinava para a frente na cadeira e assistia, nunca sentindo inveja ou incerteza, apenas orgulho do que ela sabia fazer, orgulho e um pouco de encanto pelo fato de estarmos juntos.

Mas, durante o dia, nós nunca nos tocávamos e só conversávamos de uma maneira claramente platônica, e eu ficava ainda mais agoniado por manter aquela regra, como se prendesse a respiração e apenas a soltasse quando nos despedíamos dos outros e corríamos pelas ruas vazias, procurando algum lugar novo e secreto para “ensaiar”. Às vezes, por culpa ou medo, até ensaiávamos mesmo, e eu fazia o papel do Romeu temporário e burro, falando sobre santos, lábios e orações.

— *Os santos não têm lábios e palmas também?* — falei.

— *Tem, peregrino, lábios que usam para rezar* — respondeu Fran.

— *Então, cara santa, deixe os lábios fazerem o que mãos fazem! Elas rezam; ceda para que a fé não se torne desespero.*

— *Santos são imóveis, mas atendem pedidos dos fiéis.*

— *Então não se mova, enquanto recolho o fruto de minhas preces.*

— Então a indicação do roteiro diz: “Ele a beija.”

— É, mas não temos que fazer isso. Estamos só ensaiando.

— Aposto que Miles faz.

— Ele faz, mas temos um contrato. Tem uma cláusula que proíbe língua.

— Lembre a ele de respeitar isso.

— Ah, pode deixar — disse ela, me beijando. — Mas você entendeu?

— Ele está tentando convencer Julieta de que um beijo é o mesmo que uma oração.



— A velha cantada.

— Ela está sendo toda santinha.

— Ou fingindo ser. Ela não o deixaria beijá-la se não quisesse. Acho que ela quer mais do que ele, na verdade. É assim que interpreto o papel.

— Julieta está a fim.

— *Muito* a fim — disse ela, e nos beijamos de novo. — Mas você entendeu a forma da coisa?

— Do quê?

— Das falas. É um soneto. Quatorze versos, terminando com um dístico.

Eu contei.

— Não tinha percebido. Então...

— Então é como se eles se encontrassem e começassem a conversar em verso. Não só terminam as frases um do outro, mas com rimas perfeitas e em forma de soneto. O dístico final é o beijo. Brilhante, não é?

Percebi que era, mas me dei conta de que ela estava me ensinando outra vez. Eu sabia que Miles reconheceria o soneto, e a lembrança da minha ignorância me incomodava mais do que o beijo. Eu não importava de ser ensinado se também pudesse ensinar algo a ela. Mas o quê? Ela até fumava melhor do que eu.

— Vamos de novo? Do começo.

No entanto, mesmo na repetição contínua do processo de aprendizado, eu adorava ouvi-la e, apesar de não saber se já admiti isso, também comecei a adorar a linguagem, a ansiar pelas passagens do mesmo modo que ansiava por uma mudança de acorde ou o crescendo de uma música: nem sempre pelo significado — que ainda me escapava muitas vezes —, mas por motivos que eram, em si, musicais, uma mudança na afinação, no ritmo ou na nota, um ritmo. *Minha generosidade é infinita como o mar! A máscara da noite cobre meu rosto! Retalhe-o em pequenas estrelas!* Eu ouvia aquilo o dia todo e outra vez à noite, enquanto ensaiávamos. Minha mente era mais impressionável na época, e mesmo hoje ainda sei recitar ótimas passagens longas. Não imagino as circunstâncias em que isso poderia acontecer, mas elas estão lá, como iniciais rabiscadas em cimento molhado. Ela também foi a primeira pessoa a me dizer que eu era engraçado, o maior elogio que já havia recebido porque era o que

mais queria. Não como um comediante, mas com amigos, pequenos grupos, o que era o mais importante.

Nós tentávamos voltar para a casa de Fran antes de anoitecer, mas as ruas eram escuras e perigosas demais para descer de bicicleta, portanto caminhávamos. Era a segunda metade do mês de agosto, e eu tinha começado a perceber a redução rápida dos dias e passara a temer e ressentir aquilo, como se nosso verão juntos fosse uma praia sucumbindo às ondas. O movimento do sol era apenas o ladrão do tempo dos amantes e, como as ondas de outono, desbastava as praias frágeis da estação. A poesia era contagiosa. Esse tipo de coisa passara a me ocorrer com mais frequência, as palavras, ideias e sentimentos todos emaranhados e, apesar de ter o bom senso de não dizer aquilo em voz alta, sempre me perguntava se deveria anotar em algum lugar.

E talvez a peça estivesse certa nesse sentido também: estar apaixonado podia mudar não apenas como nos sentíamos, mas como falávamos e pensávamos. Não exatamente em forma de soneto, mas, quando a escuridão chegava, nós falávamos de modo diferente: pequenas confissões, revelações, o surgimento de piadinhas internas. Já nos conhecíamos, então o projeto era nos conhecermos *de verdade*. Essa transparência exigia uma grande quantidade de enganação, ou pelo menos de omissão. Ela teria corrido um quilômetro para se afastar do meu eu verdadeiro, e qualquer coisa sombria que eu confessasse tinha que ser a certa. Não contei, por exemplo, que era um ladrão.

Mas contei a ela tudo que estava disposto a dizer sobre a separação da minha família, sobre o surto do meu pai e como era conviver com aquilo. Talvez pela primeira vez, confiei plenamente em alguém. Não havia nada de tranquilo em nossas conversas, mas, mesmo assim, percebi que era um novo jeito de falar, livre de perguntas e respostas prontas. Era tanto adulto quanto uma representação plausível de “ser adulto”, vergonhosamente empolgado, forçosamente profundo. Resumindo, éramos ridículos, mas parte de nós sabia que estávamos sendo ridículos e não se importava. Hoje penso em uma ilustração que vi uma vez em um livro infantil, de Maurice Sendak, eu acho, de crianças vestindo roupas de adulto, chapéus caindo da cabeça, mangas compridas pendendo dos braços.

Na casa dela, ouvíamos a TV pela janela aberta e nos dávamos beijos de despedida por um tempo, sob o abrigo da cerca fina. Ela me convidava para conhecer seus pais, mas eu sempre recusava. No dia seguinte, ensaiávamos de novo e, às vezes, eu tirava uma noite de folga dos ensaios para ir trabalhar cheio de ressentimento no posto, ainda roubando raspadinhas, só que com mais moderação. Talvez eu usasse o dinheiro para comprar algum presente: joias da Argos in Working ou um jantar no Taj Mahal.

Então, na noite de quinta da segunda semana de ensaios, ela me perguntou se eu gostaria de ir um pouco mais longe.

— Dei uma olhada no mapa — explicou ela.

## Rio

•••

— Olhe. É da Ordnance Survey. É tipo o prêmio do Duque de Edimburgo. Acho que temos tempo.

Ela pegou a ponta do vestido de algodão azul que usava no dia, o puxou e enfiou no elástico da calcinha. Então seguimos, descendo com cuidado a beira de uma colina atrás da mansão, e depois pedalando por um vale desconhecido, com Fran à frente, o mapa balançando e batendo no guidão, uma mancha escura de suor se espalhando por suas costas. Descemos uma avenida comprida e reta margeada por álamos, como algo saído de um filme francês, e, no fim, diminuímos a velocidade e paramos enquanto ela voltava a olhar o mapa.

— O que aconteceu com seu prêmio do Duque de Edimburgo?

— Desisti depois de ganhar o bronze. Por aqui!

Então descemos da bicicleta para atravessar um campo, andando em fila por uma trilha de grama alta na beira, passando por arbustos marcados por frutas vermelhas ainda verdes. Arranhamos os braços e as pernas, mas...

— Vai valer a pena, prometo.

E de fato um som crescia, um longo suspiro grave, até chegarmos a uma margem baixa, uma praia de areia preta na beira de uma curva de um grande rio escuro. O ar preso embaixo da copa das árvores estava embaçado com insetos, quente e parado, com o aroma metálico que precede uma tempestade. Alvéolas andavam na beira d'água e andorinhas bicavam a superfície.

— O que acha?

— Lindo — falei, me perguntando se deveria beijá-la.

Mas ela já tinha largado a bicicleta, tirado os tênis e, ainda caminhando, pegado a barra do vestido e o tirado das costas úmidas por

cima da cabeça. Com os olhos fixos à frente, ela abriu o sutiã e, na beira d'água, baixou e tirou com cuidado a calcinha. Arquejando, deu dois, três longos passos na água e parou ali por um instante, uma mão na lombar, o outro braço cobrindo os seios. Então ergueu ambos acima da cabeça e caiu para a frente, gritou de frio e sumiu, total e silenciosamente, apenas uma forma branca no frio, sendo carregada pela correnteza. Durante todo aquele tempo, não falei nada, talvez nem tenha respirado. Então, antes que ela pudesse emergir, mais abaixo do rio, apertando os olhos e o nariz, só fui capaz de dizer:

— Meu Deus...

— Por que você ainda não entrou?

— Desculpe. Não trouxe sunga.

— Sunga! — Ela riu. — Bom, você não pode andar de bicicleta com a cueca molhada. Vai ficar *assado*! Vou contar até dez.

Para manter a discrição, ela virou de costas e desapareceu sob a água. Aproveitei o momento para tirar depressa a roupa. As pedrinhas machucavam meus pés enquanto eu corria até o rio com as pernas arqueadas, tropeçando, espirrando bastante água enquanto tentava entrar e arquejando ao bater na água gelada, o que fez meus genitais se contraírem como um caramujo voltando para a concha. Você vai se aquecer, disse a mim mesmo, meio nadando, meio pulando até a parte mais funda, o leito do rio lodoso e escuro, com um cheiro vegetal quase agradável. A correnteza me carregou por zonas de água quente, fria, depois quente até onde Fran estava, em uma área não iluminada da outra margem, agachada para que seu queixo tocasse a água, os ombros amarronzados, os seios triângulos brancos sob a superfície. Ela me pegou quando flutuei à sua frente, nos emaranhando, e nos beijamos. Senti o gosto da água do rio em seus lábios e em sua boca e a puxei, entrelaçando nossas pernas. Enfiamos os dedos dos pés na seda da lama para nos ancorarmos e ficamos daquele jeito até a água esquentar entre nós e nossos dedos enrugarem, até Fran tirar os pés da lama, se erguer e passar as pernas em torno do meu quadril.

Mas aquilo era demais e, arquejando, ela se empurrou para longe de repente, rindo, depois virando e nadando de volta rio acima. Eu a vi sair da água, se agachar, segurar as roupas contra o corpo e desaparecer no alto da margem e no campo acima dali. Fiquei parado por um instante, e

então, feito um bêbado tentando voltar à sobriedade, mergulhei na água. Saí atrapalhado do rio, desemaranhei minhas roupas, me vesti e a segui.

Eu a encontrei deitada na grama comprida, os braços abertos, a calcinha amassada na mão esquerda, o vestido ainda úmido e grudado no corpo como algas em uma rocha. Ela não olhou para mim enquanto me aproximava, e tive a sensação de que a havia ofendido — Fran ainda respirava fundo, como se tivesse chorado —, mas ela deu uns tapinhas ao seu lado e me juntei a ela, segurando sua mão, ambos nos secando o máximo possível ao sol baixo e fraco.

Depois de certo tempo, ela se virou de lado e me beijou de leve.

— Aquela coisa que a gente quase fez. Sexo.

— Hum.

— Andei pensando e quero esperar.

— Está bem. Até quando?

— Até você fazer vinte e um.

— Ah. Está bem.

— Ou até o fim de semana.

— Este fim de semana?

— Acho que sim. — Ela começou a rir e se deitou de lado. — Sua cara... Vinte e *um*?

— É, foi bem engraçado.

— Mas você aguenta até o fim de semana?

— Eu e você?

— Achei que fosse óbvio.

— Este fim de semana?

— Quer dar uma olhada na sua agenda?

— Não, não, tudo bem.

— Ótimo.

— Quer dizer, vou ter que conferir o guia da TV.

— Para ver o que vai passar?

— É.

— Isso se você *quiser* fazer comigo — disse ela. — Não quero impor nada.

— Bom, eu estava me guardando para alguém de quem gosto...

— Mas e até lá? Pode ser uma substituta?

— Acho que basicamente é a única coisa em que consigo pensar.

Ela riu.

— Tipo, o que a gente faz agora, os... beijos, isso é legal, não é?

— Acho que sim.

— A gente só estaria passando para...

— ... a próxima fase.

— Bom, então está combinado — disse ela. — Pense nisso como o *último* ensaio.

— Beleza.

— Beleza. Combinado. — Ela me beijou e voltou a se deitar. — Seja como for, sexo debaixo d'água não funciona. Não me pergunte como eu sei, só sei. *Você* ia ficar bem, mas eu ia acabar com girinos e algas lá dentro.

— Ou peixinhos.

— Ou aranhas-d'água. Minha vagina ia ser tipo o aquário da escola. Não quero não menstruar e descobrir que vou ter um peixe. Além disso, a gente ia precisar de camisinha.

Eu tinha uma na carteira, um pacote com três — suficiente para toda a vida, pensei — que havia comprado, com o coração disparado, no banheiro do clube de golfe em que minha mãe trabalhava. Tinha escolhido as “texturizadas”, uma palavra forte, como as paredes de um chalé de madeira ou os pneus de um *monster truck*. Se vendessem “corrugadas”, então eu teria comprado essas. Na verdade, eu ficara assustado com a fragilidade sedosa da coisa. Para me tranquilizar, a primeira tinha sido desperdiçada no que eu considerava um “teste”. A segunda, “o estepe”, estava guardada na capa de papelão do segundo LP dos Stone Roses, porque eu sabia que ninguém procuraria ali. A terceira da trilogia eu levava comigo nas noites que pareciam repletas de promessas: passeios ao parque de diversões por algum motivo, ou para festas no porão de Harper. Estava com ela naquele instante, o anel aparecendo sob a embalagem brilhante como um metal polido. Podíamos tê-la usado no rio, mas eu teria que ter nadado até a margem para pegá-la, andado pelas pedrinhas e talvez a segurado com a boca enquanto nadasse de volta, feito um cachorro com uma bolinha de tênis. Não, não era o momento certo. Teria dado uma boa história, eu imagino, ter transado pela primeira vez no meio de um rio caudaloso, mas fiquei feliz por termos parado porque...

— O que quero de verdade — explicou ela — é uma cama.

— Cama é uma boa ideia.

— Porque uma tenda, uma pilha de feno ou um banco, sinceramente...

— Não vai ser bom.

— Com uma porta que a gente possa fechar e sem ninguém por perto.

Mas onde encontraríamos coisa parecida?

— Meu pai está sempre em casa.

Era impossível pensar em transar assim, com meu pai no andar de baixo, e havia o problema do beliche, que ainda me envergonhava.

— E, no meu quarto, sempre que levei um menino para lá... As *pouquíssimas* vezes em que levei um menino para lá... Meus pais ficam andando de um lado para outro, na frente da escada, tossindo e rangendo as tábuas do piso.

— E eu devia conhecer os dois primeiro.

— Conhecer os dois direito, em vez de conhecê-los e imediatamente depois transar com a filha deles.

Começamos a atuar.

— Você tem uma linda casa, Sra. Fisher — falei.

— Me chame de Claire.

— Vocês têm uma linda casa, Claire, Graham. Agora, se me dão licença, nós...

— E, Graham, meu amigo, fique longe da escada.

— Mas e se eles saírem?

— Isso pode demorar muito — disse ela. — E, ainda assim, tenho uma cama de solteiro. Uma de casal seria melhor, e a cama dos meus pais não é o ideal. Isso dá uma vida inteira de terapia.

— Uma cama de casal seria boa.

— Tipo um ringue de luta. Tem espaço para se espalhar. — Ela virou a cabeça. — Você está bem?

— Estou.

Ela se inclinou na minha direção, o rosto próximo.

— Você está muito vermelho.

— Não. Estou bem. Estamos sendo práticos, isso é bom.

— E você tem certeza?



— Tenho.

— Não acha que sou meio... vadia?

— Uma sedutora.

— Provocante, por sugerir isso?

— Não.

— E você não está nervoso.

— Não. Um pouco. Tipo, quero fazer isso direito.

— É, eu também quero que você faça direito. — Ela riu. — E eu também. — Um instante passou e ela se virou de lado. — Está bem, tem uma possibilidade.

— Diga.

— Você pode dizer para o seu pai que vai dormir na casa do Harper?

— Quando?

— Na sexta.

— Eu nunca durmo lá.

— Mas você poderia dormir este fim de semana. Poderia ficar até domingo à noite.

— Até domingo?

— Ou dizer que foi acampar ou alguma coisa assim. Você pode?

— Acho que sim.

— Está bem. Então tenho um plano.

## *Starry, Starry Night*



Eu sabia que Fran não era virgem. Ela havia me contado a história e tínhamos rido da palavra, como se fosse uma prova: “Vamos estudar isso e os Tudor.” Eu sabia dos namorados dela e tinha desenvolvido uma imagem mental e um ódio convencional por cada um deles. Eu, por minha vez, tinha contado a ela sobre minha quase oportunidade com Sharon Findlay atrás do sofá.

— Que bom que vocês não transaram — disse ela. — Senão teria que contar para todo mundo que perdeu a virgindade em um sofá.

— Literalmente.

— *Literalmente*.

“Literalmente” era uma das nossas piadas internas. Viu, eu avisei.

Aquela conversa havia acontecido algumas noites antes, em uma colina com vista para a cidade. Fran e eu costumávamos procurar lugares bonitos, locações para nossas cenas.

— Aliás, não sei por que as pessoas falam em “perder” isso — afirmou ela. — A gente perde uma meia ou um guarda-chuva. É uma coisa passiva ou acidental. Seria muito melhor, sei lá, *jogar* a virgindade. Alguma coisa ativa. Não “perder com”, mas “jogar em”.

— Ou talvez “dar”.

— “Dar.” Como um *presente* precioso. É isso que você vai fazer com a sua virgindade, Charlie?

— É, mas com nota fiscal.

— Caso a pessoa não goste?

— Experimentei e, desculpe, não é para mim.

— Tamanho errado.

— A cor não faz meu estilo.

— Posso ficar o dinheiro, então?

— Na verdade — falei —, acho que só é um presente se for de uma menina. Meninos tem que tomar. — Ela franziu a testa e eu esclareci depressa: — Quero dizer, normalmente é isso que as pessoas dizem.

— É meio machista.

— É. *Muito* machista.

— Bom, eu acho que você deveria *dar* a sua, Charlie. Presenteie. Oferte, como se fosse um incenso ou uma bela caneta-tinteiro.

— Quando eu conhecer a menina certa.

— Quando você conhecer a menina certa.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— Você perdeu a sua ou deu? — perguntei.

— Não, eu meio que... deixei cair. Ai, meu Deus. — Ela tapou o rosto com ambas as mãos e expirou, depois as afastou e arregalou os olhos. — Estávamos ensaiando a cena da manhã após o casamento de Romeu e Julieta, e Ivor fez Miles e eu ficamos meio abraçados, como se tivéssemos tido uma experiência mágica juntos e acordado transformados com cabelos lindos e lençóis limpos. Falei para Ivor: “Será que a primeira vez que Romeu e Julieta transaram foi muito ruim?”, tipo um sexo muito estranho e desajeitado. Talvez tenha tido sangue e Julieta tenha dito que estava doendo e talvez só tenha durado dez segundos, Romeu tenha pedido desculpas, e talvez a Ama tenha andado perto da porta, atrapalhando os dois. Acho que comecei a discursar sobre isso, essa ideia, sobre Romeu e Julieta em uma transa ruim, sobre como eles ainda podiam estar apaixonados e que seria estranho. Talvez fosse melhor, mais real, se fosse *mesmo* estranho porque estavam descobrindo aquilo juntos, como deviam.

— Trabalhando naquilo.

Ela riu.

— Isso! Trabalhando naquilo. Bom, Ivor me olhou como se eu fosse louca. “Não é esse tipo de peça, Fran”, ele disse, e eu falei que não concordava. Se Shakespeare estava certo sobre como é o primeiro amor, por que não estaria certo sobre a primeira vez também? Claro que Miles simplesmente se recusou a aceitar a existência de sexo que não fosse transcendente e transformador porque, sabe, ele é o Miles, e eu fiquei a isto, *isto aqui* de contar a eles.

— Sobre?

— A primeira vez.

— Conte.

— A primeira vez... Você quer mesmo saber isso? A primeira vez foi com um cara uns dois anos mais velho que eu.

— Quantos anos você tinha?

— Quinze. Foi na época do Natal, no retrasado. Bom, a gente tinha uma coisa em Chatsborne chamada Batalha de Bandas... É, eu sei... Quando eu estava no oitavo ano, um cara do ensino médio chamado Patrick Durrell tinha subido no palco e cantado “Roxanne”, sabe, “acústico”, só o cara e o violão, e nós achamos que ele era ousado por causa das luzes vermelhas e tal, e ainda na frente dos professores. *Tão brega*, mas, na época, a gente ficou em um silêncio abismado, como se estivesse na presença de um verdadeiro *contador de histórias*. Sobre prostitutas. Então. Três anos depois, nós estávamos na Batalha de Bandas tocando *covers* que ninguém reconhecia, todo mundo mexendo os ombros ao ritmo da música, e ficamos sabendo que ele estava na plateia. Então nós terminamos as três músicas. — Ela continuou: — “Boa noite, Chatsborne, vocês foram incríveis!” E aí, na festa que teve em seguida, lá estava ele, conversando com o diretor da escola e tomando uma taça de vinho quente, porque ele é um desses caras estranhos que sempre volta à escola nas férias, uma história de sucesso, o melhor de Chatsborne. Bom, ele meio que foi me procurar. “Bom show”, falou. “Foi uma pena vocês só tocarem *covers*. Deviam compor músicas próprias.” E uma parte de mim pensou: *Larga de ser idiota, você não compôs “Roxanne”*, mas, mesmo assim, eu fantasiava com aquele menino havia anos e ele olhou para mim e disse: “Acho que você ia compor músicas ótimas. Parece ter coisas a dizer.” E claro que eu deveria ter fugido correndo pela saída de emergência na hora, mas eu era nova e ele me contou tudo sobre a faculdade, em Manchester, claro, e como era incrível, livre e *louco* e como ele teria que se cuidar no semestre seguinte, porque estava sempre em *boates* e tomando *ecstasy*, e ele parecia meio mal-arrumado, meio cheio de espinhas, mas ainda assim era Patrick Durrell! Eu tinha escrito o nome dele nos meus cadernos! Em três dimensões! Aí a festa terminou às nove e meia, o que, por acaso, era o horário em que Patrick Durrell *acordava*. Ele tinha levado uma garrafinha de bebida... — Fran riu. — Uma garrafinha de bebida para um show em uma escola. Nossa, que idiota...

Mas ele insistiu em colocar vodca na minha Sanpellegrino de laranja. “Isso se chama screwdriver”, disse. Eu sabia que não era *exatamente* aquilo, mas deixei para lá. “Você quer ir lá para casa? Meus pais estão lá, mas temos um anexo.” Bom, eu sou humana. “Posso levar o resto da banda?”, perguntei. “Não, não posso levar muita gente.” “Você não quer acordar sua avó?”, falei. “Ela acabou de morrer”, explicou ele. “Por isso tenho acesso ao anexo.” “Então foi uma perda e um ganho”, brinquei, e ele pareceu ofendido, mas perguntou: “Você vem ou não?” Bom, achei meus pais e falei que ia dormir na casa da Sarah, nós nos encontramos no estacionamento e fomos para o anexo, isolado, muito legal e... foi lá que perdi a virgindade. Em 17 de dezembro de 1995.

— E como foi?

— O anexo?

— A experiência.

— Bom, foi... uma experiência. Tinha uma salinha de estar, que era muito floral e cheia de babados e ainda tinha os bibelôs dela na TV. Ele tentou melhorar tudo com velas, tipo um *lounge* para relaxarmos, sabe, mas toalhinhas de mesa e estatuazinhas de palhaços e fotos da Vovó Durrell me encaravam. E nós tomamos mais screwdrivers e ele não parava de falar dos amigos de Manchester, pessoas que eu nunca havia conhecido nem iria conhecer, e isso com um sotaque meio anasalado de Manchester, que me irritava porque eu sabia que ele tinha nascido em Billingham. O violão dele estava em um canto e, sem parar de falar, ele o pegou e ficou tocando umas melodiazinhas, como se estivesse acompanhando o próprio monólogo. E aí ele começou a *cantar*.

— Cruzes...

— Aquela música brega do Van Gogh, “Starry, Starry Night” ou “Vincent”, ou sei lá. E eu pensei: *Bom, isso é meio estranho*, porque ele estava muito empolgado, os olhos bem fechados. E não dá para fazer nada, não dá para levantar e ir fazer xixi nem nada. A gente tem que ficar lá parada e, de repente, aquilo pareceu uma música muito, muito longa. Pensei: Será que tenho que aplaudir no fim? E se ele cantar “American Pie”? Então eu aplaudi, mas só um pouquinho, e ele perguntou: “Você sabia que essa música é sobre Vincent Van Gogh?” E eu falei: “É mesmo? Foi por isso que ele cortou a orelha?”

“E ele riu, mas ficou meio ofendido. Mas ainda assim me beijou e eu fiquei lembrando a mim mesma: é Patrick Durrell! Então a gente se beijou por um tempo e eu ficava dizendo a mim mesma: ele ainda é aquele menino, não é? Aquele que eu adorava, de verdade, então eu meio que... fui na onda e então tiramos as blusas, depois o resto e acabamos na cama da avó morta dele. Ele me perguntou: “Quantos anos você tem?”, o que, no geral, nunca deveria fazer parte das preliminares, tipo tem que surgir *bem* antes, e eu falei que tinha quinze e não sei o que ele pensou porque ainda assim a gente transou. Então foi isso.

— E... como foi?

— Ah, sei lá. Doloroso. Em todos os sentidos. Pelo menos foi rápido.

— Ele sabia que você era...?

— Virgem? Sabia, eu falei. Ele disse, nunca vou esquecer: “Tudo bem, vou pôr uma toalha na cama”, o que, mais uma vez, não é a resposta ideal, mas mesmo assim... — Ela ficou quieta por um instante. — Bom. Todo mundo fala que é decepcionante, mas ele ficou muito pensativo depois e eu pensei: *Talvez seja aquela coisa da melancolia que os homens têm*, e perguntei: “O que houve?” Ele respondeu, foi muito bonito, na verdade, ele disse: “Você tem noção de que isso, tecnicamente, foi um estupro de menor?” E eu, idiota, falei que não ia à polícia, não ia deixar que estragassem o Natal dele e será que ele poderia me levar para casa, ou pelo menos me pôr em um táxi? Ele pareceu muito chateado com isso, mas chamou o táxi e me ofereceu cinco libras. Falei: “O que é isso? Não sou sua Roxanne” e ele pareceu confuso e disse: “Não, é para o táxi.” Respondi: “É, eu sei, estava brincando. Deixe para lá, eu tenho dinheiro”, e fiquei esperando do lado de fora até o táxi chegar e me perguntei: Por que estou fazendo essas piadas? Por que estou tentando fazer com que ele se sinta melhor? Bom, eu chorei até em casa e nunca mais vi o cara. — Ela estremeceu e flexionou os dedos. — Às vezes eu me arrependia de não ter ido à polícia, não porque tinha quinze anos, mas só porque ele era um babaca egoísta ou por ter cantado ou alguma coisa assim. Quero dizer, ele *acabou* com Van Gogh para mim. Isso sem contar Don McLean.

Ficamos em silêncio por um tempo, a mágoa irradiando dela, um tipo de vibração. Eu nunca havia tido uma conversa daquela e quis muito ser um tipo de menino — “homem” seria uma palavra melhor — que sabia

o que dizer, um antídoto vivo para o garoto da história. Eu ainda estava no auge da minha resolução de sempre ser exemplar na companhia dela, mas as exigências práticas daquilo muitas vezes eram maiores do que eu, e a coisa certa a dizer só me ocorria no caminho para casa. Claro que senti vontade de ir atrás daquele moleque e buscar uma vingança quase teobaldesca em sua fúria. Também quis confortá-la, mas um abraço ou um beijo pareceram errados e tudo que consegui fazer foi pegar sua mão. Ela ergueu nossos dedos entrelaçados e os examinou, curiosa, como se nunca os tivesse visto.

— Sinto muito.

— Não precisa ficar triste, só não foi o ideal. Nunca acho que seja, mas queria que tivesse sido com alguém gentil. Palavra idiota. Eu não quero dizer piegas, assustado e todo sensível, isso seria horrível. Só... cuidadoso com meus sentimentos. Enfim. Por sorte, logo depois fiquei com um menino suíço em uma estação de esqui, o Pascal, e a gente se divertiu *bem* mais. Quero dizer, *aquilo* foi mais normal. Não foi um encontro de almas, mas foi muito... correto e profissional.

— Essa foi sua crítica.

— “Muito recomendado. Eu voltaria.” Mas você não quer saber sobre essa vez, quer?

— Não muito. Mas você poderia contar essa como a sua primeira vez.

— Acho que não funciona assim. Mas você, meu amigo virgem, tem que esperar por alguém especial, alguém com quem pode conversar e rir um pouco.

— Trabalhar.

— Isso. Trabalhar.

— Se pelo menos existisse alguém assim.

— Eu sei — disse ela, antes de rir. — Se pelo menos existisse.

## Imprensa e propaganda

•••

Agora tínhamos um plano. Voltei do rio, zozzo, a cabeça cheia de preparações. Era um bom plano, um ótimo plano, e a ideia me levou para casa no escuro, sorrindo o tempo todo.

Normalmente meu pai estava na cama quando eu voltava, então eu conferia o copo na pia, cheirando para descobrir se era uísque ou água. As palavras “não misture com álcool” me assombravam e eu havia ensaiado uma conversa em minha cabeça, direta, não professoral, para lembrar aquilo. Nós ainda tínhamos que aceitar a existência dos remédios, mas, no momento certo, teríamos aquela conversa na vida real também. Agora que estava com Fran, com certeza não havia nada que não pudesse dizer.

Mas, naquela noite específica, na noite em que fizemos planos, a música estava alta o bastante para ser ouvida do jardim, “Giant Steps”, de John Coltrane, cada segundo reconhecível. Quando entrei, ele estava parado ao lado da vitrola, a capa do disco nas mãos, a cabeça balançando em grande velocidade, como se quicasse sobre paralelepípedos.

— Está dando uma festa? — gritei, para avisar que estava ali.

Ele se virou, a camisa desabotoada, o cabelo despenteado.

Na tampa da vitrola, um copo do posto cheio de uísque.

— Aí está você! Por pouco não os vi.

— Quem?

— Seus amigos. O tal de...

— Harper?

Meu pai não gostava do Harper, o achava superficial e raso.

— E os outros.

Ele gostava ainda menos dos outros, mas meu pai era uma fonte de curiosidade e, pelo que eu suspeitava, escárnio para meus amigos. Eu



ainda ficava fisicamente desconfortável ao lembrar sua tentativa de demonstrar hospitalidade, enquanto tocava para eles todo o lado B de *Bird and Diz*, as cervejas esquentando nas mãos dos meninos, que trocavam olhares desesperados, como passageiros prontos para desarmar um sequestrador. Os três até tinham um apelido para ele. Era O Jazzista, e pensar nos quatro juntos, sem supervisão, fez meu coração disparar.

— Você disse aonde eu estava?

— Falei que tinha saído para ensaiar.

— *Ensaiai?*

— Eles pareciam saber de tudo.

— Porque você contou!

— Não. Olhe...

Na mesa de telefone, onde guardávamos os cardápios dos restaurantes, havia um grande pedaço de papel couchê dobrado em quatro, uma mancha de cola no canto. Na letra de Harper:

“Sentimos sua falta, estranho! Tantos segredos!”

Sem desdobrar o papel, eu já sabia o que era.

Tínhamos tirado fotos na semana anterior. Alina chamara um de cada vez para posar diante de um lençol branco. Na busca por relevância, a intenção era fazer uma brincadeira com o cartaz de *Trainspotting*, com a mesma fonte e o mesmo esquema de cores, retratos de cada personagem em preto e branco, como em um desfile de fotos de prisioneiros.

“Preciso de um pouco de carisma”, pedira Alina. “Um pouco de ousadia, como um astro de cinema.”

O resultado tinha todo o constrangimento das minhas fotos escolares, além da infelicidade de uma espada apontada para a lente. Ainda assim, ninguém nunca veria, pensei, sem entender a função da propaganda.

— Acho que ficou muito legal — disse meu pai — com a espada e tal.

Eu já havia contado a ele sobre a peça, na alegria idealista que havia se seguido à festa. Estávamos de pé à pia, eu lavando, meu pai enxugando. Era sempre mais fácil nos comunicarmos quando não víamos o rosto um do outro, o que me fez questionar se não seria ideal estarmos em cômodos diferentes, gritando pela porta.

— Benvólio.

— Quem?

— Um cara chamado Benvólio. Ele é amigo do Romeu.

Olhei para o lado e o vi inclinar a cabeça, achando graça.

— De onde saiu isso?

— Não sei. Só achei que seria, sei lá, divertido.

— E é.

— É. Eu gosto do pessoal.

— E quem você vai fazer mesmo?

— Benvólio!

Ele murmurou o nome, como se Benvólio fosse alguém que conhecia da escola.

— É um papel *grande*?

— Bom, não é o papel epônimo.

— O quê?

— É bem grande.

— Então... você tem falas?

— Muitas. Uns dois discursos mais longos.

— E... eu tenho que ir assistir?

Eu ri.

— Não se você não quiser, pai.

Ele pensou no assunto.

— É comprida?

— Bem comprida. Como eu disse, você não tem que...

— Não, vamos ver. Vamos ver — respondeu ele, tirando resto de ovo de uma frigideira. — Eu queria mesmo saber aonde você estava indo. Achei que só ficasse andando por aí, me esperando dormir.

Isso era exatamente o que eu vinha fazendo. Ele pôs a frigideira de novo na água e não falamos mais sobre aquilo.

Naquele instante, indo de bicicleta para a casa de Harper, disse a mim mesmo que não era nada de mais. Até pratiquei dizer em voz alta, acompanhado de um leve dar de ombros:

— Não é nada de mais.

Afinal era Shakespeare, não balé. A casa grande continuava em seu esplendor, luzes acesas em todas as janelas. Apoiei a bicicleta na betoneira e corri para a porta, adotando o sorrisinho seco e confiante que dizia “não é nada de mais”.

Lloyd abriu a porta.

— Pureza d’alma, és tu!

— Oi, Lloyd.

— Por que nos veio visitar tão tarde da noite, corajoso valete?

— Escute, Harper está em casa?

— Sim, sim, está, está. Adentra... — Lloyd fez uma reverência e me chamou. — Mas deixa tua espada longe de ti.

Eu entrei. Mais cedo, havíamos ensaiado a cena em que Romeu, ao voltar do encontro com Julieta, é provocado e incentivado por Teobaldo, mas, repentinamente sábio, flutua pelas brincadeiras e agressões com uma serenidade meio hippie, quase religiosa, pedindo paz e reconciliação. “Não me conhece”, diz ele a seu inimigo. “Eu o amo mais do que pode imaginar”, como se estar apaixonado o tornasse invulnerável e infinitamente clemente. Foi isso que eu quis fazer, a atitude da cena um do terceiro ato.

Harper estava no fim do corredor; Fox, sorrindo atrás dele, os olhos brilhando de antecipação.

— Lewis! Você é cheio de surpresas.

— Verdade, senhor — disse Lloyd. — Ele é muito sagaz.

— Vai continuar fazendo isso, Chris? — perguntei.

Use nomes. Fique calmo. Mantenha o controle.

— Qual seria o problema, senhor?

— Eles estavam indo embora — explicou Harper.

— Sim, sim, não tardaremos!

— Porque a piada já ficou velha — falei.

— De que estás falando, valete impertinente?

— É, já entendi. Entendi na primeira vez.

— Não estou sendo jocoso.

— Você nem está fazendo direito.

— Está bem, parem com isso! — pediu Harper.

Atrás dele, Fox começou a rir.

— Não percas a serenidade comigo — disse Lloyd.

— Você é tão cansativo...

Uma risada aguda, provocante...

— Você também, Fox.

— Suas palavras não nos magoam, rapaz caprichoso.

— Pare, Lloyd — disse Harper. — Fox, vá para casa.

Fox saiu, mas Lloyd foi incapaz de ir embora sem um último floreio.

— Vimos o seu pai, Lewis. — Ele estalou os dedos depressa, como um *crooner*. — O Jazzista, tocando jazz. Ba-da-ba-ba-ba ba-ba-pou!

*Visões de uma malícia horrível, de mim esmagando a cabeça dele no batente da porta, ou enfiando a espada nele, como Romeu matando Teobaldo.*

— Lloyd! — gritou Harper. — Vá embora!

— Boa noite, meu doce príncipe! Boa noite!

Um momento, enquanto a porta se fechava, e a risada desapareceu.

— Já está muito tarde?

— Não — respondeu Harper. — Venha. Vamos jogar sinuca.

• • •

— Você começa. Eu conheci uma menina por acaso. Ela acabou de se formar na Chatsborne, Fran Fisher. Você conhece uma Fran Fisher? Você fica com as listradas e eu com as lisas. E ela estava fazendo essa peça, do Shakespeare, sobre a qual eles falaram na escola. Boa tacada. E o único jeito de encontrar com ela era participar, então é isso que tenho feito. Uma peça. Que azar, minha vez. E não é chato, sabe, é legal, eu gosto das pessoas. Isso! São meio pretensiosas, mas não ficam enchendo meu saco o tempo todo e o lugar é legal. Droga! Sua vez. Até acho que pode ser uma boa montagem. Da peça. Helen Beavis está fazendo o cenário.

— A Sapata?

— É, mas ninguém chama a menina assim. Eles a chamam de Helen. É diferente. Aliás, ela é muito boa em arte, design e essas coisas. E é ao ar livre, específico para o local, em uma casa enorme.

— É o quê?

— O quê?

— Você disse que é alguma coisa...

— “Específico para o local.” Só quis dizer que não é um teatro comum, foi criado para aquela casa. É a minha vez?

— Por que você está falando assim?

— Só expliquei por que estou fazendo essa peça de Shakespeare. Sua vez.

— Mas você nunca fez peça nenhuma. Sua vez.

— Não, e nunca mais vou fazer. É só que... O verão é muito *longo* e eu não tenho mais nada para fazer e, sei lá, você nunca quis tentar alguma

coisa... nova?

— Já, mas, sei lá, pular de bungee jump. Não uma *peça*. Que sorte.

— Não é sorte, é talento.

— E você não é péssimo ator?

— Eu? Sou, sou terrível. Minha vez, duas jogadas. Bom, terrível também não. Fran ensaiou as falas comigo.

— E Fran é a...

— A menina, a Julieta. Você devia vir e...

— *Assistir?*

— É! Por que não?! Você conhece algumas pessoas que participam.

— Sua vez.

— Helen Beavis, Colin Smart...

— Pelo amor de Deus, você está andando com o pequeno Colin Smart agora?

— Ele é legal. Lucy Tran, ela é muito boa.

— A Número Quarenta e Dois?

— É, mas ninguém a chama assim porque isso é racista...

— Não é *racista*.

— Claro que é, é *literalmente* racista, sempre foi racista, e sempre foi burrice porque ela é vietnamita. Nem é vietnamita, ela é britânica, nasceu aqui e, mesmo se *fosse* chinesa, ainda seria racista para caralho e idiota para caralho.

— Está bem!

— Na verdade, não, não venha ver. Só... esqueça. De quem é a vez?

— Você está bem?

— Estou. Perguntei de quem é a vez.

— Sua.

— Está bem, no canto à direita. Não sei, Martin, só é diferente de ficar aqui embaixo, rindo e sendo babaca uns com os outros o tempo todo.

— Você acha que sou babaca com você?

— *Você* não, nós todos juntos, o jeito que a gente é. Você não acha *estranho*? Todos esses xingamentos, as piadas e tal? Tipo, quando é aniversário de alguém, a gente não devia, sei lá, comprar um presente em vez de roubar a calça da pessoa e botar fogo nela? Isso não é muito, muito estranho?

— Acho que essa conversa é que é estranha.  
— É? Provavelmente. Não estou nem aí.  
— Quero dizer, acho que a coisa sai do controle às vezes.  
— É, pode-se dizer que sim...  
— Mas acho que não somos amigos ruins.  
— Não, e eu não falei isso.  
— Quando sua mãe saiu de casa...  
— Não, eu sei, eu sei.  
— Quando você estava indo mal em todas as provas...  
— Eu sei disso.  
— Quando você estava todo estranho e irritado...  
— Estava? Provavelmente. Fiquei meio deprimido, eu acho.  
— Você surtou.  
— Surtei. Sua vez.  
— Mas a gente não se afastou, não foi? Quero dizer, estávamos aqui.  
— Bom, *voce* estava. E eu agradeço por isso. Mas se alguém me chamar de Concílio, Beliche ou Ninguém de novo, ou falar do meu pai daquele jeito, eu vou... me afastar.  
— Sua vez. É só brincadeira.  
— É mesmo?  
— Entre amigos.  
— Eu sei, mas não preciso mais disso.  
— Agora que você tem novos amigos? Que azar, minha vez.  
— Alguns.  
— E essa menina.  
— Fran. É.  
— Ela é legal?  
— Ela é incrível.  
— Bonita?  
— Eu a acho linda.  
— Então vocês já fizeram?  
— Não. Tudo menos isso.  
— Tudo menos isso, é?  
— Temos um plano.  
— Bom, se vocês têm um plano... E você gosta dela?  
— É, eu gosto muito, sabe. Eu amo a Fran.

— ...

— ...

— ...

— ...

— Bom, é melhor você ir descansar, Charlie.

— Vamos terminar isto primeiro.

— Canto direito.

— Vamos lá.

— ...

— ...

— ...

— Muito bem — falei. — Você ganhou.

## Trabalhando

•••

— ... rolem de volta, uma vértebra de cada vez, até ficar de pé — disse Alina. — E agora, antes de irem, algumas palavras do seu diretor.

— Lá vamos nós — resmungou Alex.

— É o discurso do Dia D — lembrou George.

— Vai ser *muito* emocionante — afirmou Helen.

— Shh! — repreendeu Miles.

E, claro, Ivor ficou de pé no meio do círculo.

— Bom, que experiência incrível. Três semanas atrás, pensei: *não vai ter peça*. Não há nada aqui, ninguém está ouvindo, ninguém se comunica, é tudo uma perda de tempo. Mas vocês se esforçaram muito, *muito* mesmo, e posso dizer que isso tem potencial para ser, hum, incrível, algo a que Shakespeare poderia assistir e pensar: É, foi *exatamente* isso que eu quis dizer. Bom, semana que vem vai ser muito técnica, muito lenta, chata de vez em quando e cheia de trabalho. Também sei que é uma semana importante para alguns de vocês por causa do resultado do vestibular, então vamos tirar algumas horas de folga na segunda, para a empolgação baixar um pouco.

Eu não ia conferir nada. Ia ficar na cama e pôr o travesseiro sobre a cabeça.

— Mas os andaimes vão ser montados enquanto ensaiamos, vamos montar o cenário. A iluminação vem na terça e talvez na quarta, na quinta temos o ensaio geral, depois a tal noite... hora de começar! Ainda temos ingressos, então, por favor, chamem suas tias, seus tios, seus primos e os amigos da escola. Porque acho que eles vão ver uma coisa muito...

— Ivor levou o nó do dedo ao lábio para conter a emoção. — Muito. Especial. Agora. Vão para casa!

Nós não íamos para casa.



— Vamos para o bar? — perguntou Helen.  
— Ou vocês vão *ensaiar*? — quis saber Alex.  
— Não, podemos ir para o bar — respondeu Fran. O bar fazia parte do plano. — Mas estamos de bicicleta.  
— De bicicleta. Vocês são tão *saudáveis*...  
— Não somos? — disse Fran.  
— Bom, levem a gente na garupa — pediu Helen.  
— Na garupa? — perguntou Alex. — Desculpe, por acaso isso é uma história em quadrinhos velha? Ninguém chama de “garupa”. É carona.  
— Carona não tem nada a ver.  
— Não, é uma carona — disse Fran. — É o termo oficial.  
— Deve ser uma coisa da *Chatsborne* — respondeu Helen.  
— De todas as opções, o certo é ir na aba — falei.  
— Literalmente na aba — afirmou Fran.  
— E não dá para ir na garupa. Somos grandes demais.  
— É, obrigada, Charlie — disse Helen.  
— Não, somos grandes demais.  
— Funciona para descer a ladeira — lembrou Fran.

Por isso, no alto da rua, nós quatro subimos em duas bicicletas feito uma trupe de circo, Fran e eu assumindo os bancos, Helen e Alex de pé nos pedais. Distraído, Alex notou minha mochila.

— Meu Deus do Céu, o que você tem aí? Vai fugir de casa?

E me perguntei se deveria contar a ele: *Vou passar o fim de semana com Fran, o fim de semana todo, só nós dois. Vamos transar.* Mas já tínhamos saído, nos lançando pela rua a uma velocidade assustadora. Se encontrássemos um galho caído ou um carro vindo em nossa direção, era certo que morreríamos. Morto e tão perto de ter relações sexuais.

— Não quero morrer! — falei em voz alta. — Não agora.

— Mais rápido! — gritou Alex.

Por isso ganhamos velocidade, gritando e berrando, fazendo o resto da companhia se dividir e se dispersar.

— A gente vê vocês no Angler’s! — gritou Helen, quando passamos.  
— Se a gente sobreviver!

Percorremos o resto do caminho a pé e os outros se juntaram a nós mais tarde, no gramado do bar. Conspiradores, Fran e eu tomamos o cuidado de evitar a companhia um do outro. Em vez disso, ela conversou

com Polly, obtendo sutilmente as informações de que precisávamos enquanto eu ouvia George e Miles brigarem.

Ainda assim, não conseguia evitar constantes espiadas no relógio, a lentidão dolorosa do ponteiro dos minutos. *Tão tedioso é este dia, como a noite anterior a um festival*, diz Julieta, *para uma criança impaciente que ganhou roupas novas e não pode usá-las*. A peça era repleta de ansiedade, conversas sobre amanhã, amanheceres e crepúsculos, horas e minutos e, se os personagens tivessem relógios de pulso, eles não só os confeririam como bateriam no vidro, desejando que corresse mais rápido. Se eu fosse para a faculdade, isso podia ser o título de um trabalho: “O tempo e o tesão em *Romeu e Julieta* — Uma análise.” Conferi o relógio de novo. Sexo até o fim. Claro que seria bobagem pensar que não havia nada de sexual em todas as coisas que havíamos feito até ali, mas aquilo era sexo *até o fim*, como aumentar o volume até o fim, ler uma história até o fim, ver um filme até o fim: ele continha *tudo* e, depois disso, não haveria nada a fazer a não ser repetir. Conferi o relógio sem parar até as oito da noite, quando, como combinado, nós nos despedimos.

Às oito e um, tínhamos ido embora, sorrindo secretamente. No posto de gasolina rival perto do bar, parei para comprar um saco de gelo — eu nunca havia comprado gelo e associava a abundância de gelo a milionários —, enfiei o saco na mochila e o senti esfriar e derreter em meu pescoço, enquanto nos esforçávamos para subir a colina de volta para a Mansão Fawley. Perto da entrada, paramos, olhamos para ambos os lados feito espiões atrás de linhas inimigas e escondemos as bicicletas atrás do muro de pedra alto que demarcava a propriedade.

O sol estava baixo enquanto atravessávamos o bosque para que Bernard e Polly não nos vissem voltando do bar.

— Eles vão visitar amigos em Londres amanhã — disse Fran — e vão ao teatro. Vão passar o domingo todo fora e voltar tarde...

Ao nos aproximarmos da entrada, ouvimos o barulho do carro deles e nos agachamos na grama feito crianças brincando de polícia e ladrão. Vimos Bernard sair do Mercedes velho para abrir o portão de madeira, sóbrio e reto como o velho motorista da família, enquanto a cabeça de Polly pendia para trás no banco do carona.

— A gente podia ter simplesmente pedido a ela — sussurrei.

— Isso é mais *emocionante* — disse Fran, antes de me beijar, a menos de três metros de Bernard.

Quando o carro foi embora, pulamos o muro e fomos até a guarita. A chave ainda estava no batente, Fran a enfiou na tranca e abriu a porta devagar. Ela rangeu como um efeito sonoro.

Acho que nós dois estávamos esperando uma transformação milagrosa, um quarto de hotel com iluminação baixa, mas o chalé parecia ainda mais comum à luz fraca da noite, uma casa de férias abandonada muito antes, velha e mofada. Haveria camundongos ali, até mesmo ratos, e aranhas gordas esperando nos cantos.

— A suíte de lua de mel — disse Fran.

Eu a puxei para mim e a beijei desajeitadamente.

— Vamos arrumar tudo primeiro — pediu ela.

Nós dois começamos nossas tarefas em silêncio, arrastando os móveis e varrendo o chão, parando quando passávamos perto um do outro para nos beijar ou nos tocar, tentando não demonstrar urgência ou ansiedade.

A primeira coisa que Fran pôs para funcionar foi a música: um *discman* da Sony, duas caixinhas de som milagrosas e uma pilha pequena de CDs em um envelope pardo.

— Música para a faxina — disse ela, apertando *play* para tocar a trilha sonora de *Trainspotting*.

Na cozinha pequena, torneiras tossiram e engasgaram, a água barrenta, mas limpamos a poeira da mesa de fórmica vermelha da cozinha e tiramos nossas coisas da mochila.

Um canivete suíço. Bananas, um pacote de Pringles, o maior saco de amendoim à venda, chicletes de vinho e digestivos da marca do supermercado, uma lanterna, quatro pãezinhos, um pepino e presunto cortado em fatias finas, sachês de café solúvel de algum hotel, pedacinhos engordurados de manteiga roubados do bar, camisetas favoritas, roupas íntimas e um pote de *homus*, saquinhos de chá, duas laranjas, esparadrapo, desodorante roll-on, velas, luminárias, fósforos e alguns cosméticos básicos. Tínhamos dividido o álcool: eu levei uma vodca, uma garrafa de dois litros de Coca-Cola e o saco de gelo, Fran trouxe um espumante e um vinho tinto português. Ligamos a geladeira antiga, que estremeceu como um gerador, e enfiamos o gelo raspado no freezer minúsculo. O plano era passar o dia lendo no campo, então peguei os livros que havia

escolhido com orgulho: *O bandolim de Corelli* e a edição de seiscentas páginas, com a capa do filme, de *O nome da rosa*. Fran tinha levado *O arco-íris*, de D.H. Lawrence, e uma edição da biblioteca da escola de *Playing Shakespeare*, de John Barton. Não tirei as camisinhas da mochila — tinha comprado seis, um projeto ainda mais ambicioso do que *O nome da rosa* —, mas, ainda assim, as provisões dispostas na mesa eram uma mistura estranha de decadência e praticidade.

— Somos exploradores sexys — disse Fran, iluminando a Pringles com a lanterna. — Vamos a uma festa, mas é no Nepal.

Fran também havia conseguido levar dois lençóis limpos. Seguindo a intuição, tateamos a base do sofá e puxamos, puxamos outra vez, quase esperando que rasgasse em nossas mãos, até que, como um maquinário rural antigo, o mecanismo cedeu e o sofá se tornou uma cama. Nós estendemos o lençol com elástico e olhamos para ele em silêncio.

— Luz! — disse Fran.

Tínhamos resolvido usar o mínimo possível de luz elétrica para o caso de Polly ou Bernard passarem de carro. Em vez disso, acendemos velas nos cantos do cômodo, fazendo aquilo se parecer um pouco com um ritual, como se o pentagrama de giz fosse ser o próximo passo; o grande desvirginamento.

Nervosismo.

— Eu vou só...

O banheiro não tinha janelas, era escuro e cheirava a flanelas velhas. Apesar da nossa preparação, tínhamos esquecido sabonete, mas encontrei um pedaço rosa e rachado como a ponta de uma flecha de pedra, me molhei com água fria e marrom e esfreguei as axilas. No cômodo ao lado, a música parou.

— Charlie! Cadê você?

— Só um minuto.

Meu coração parecia bater em um ritmo improvável, eu o ouvia reverberar nos ouvidos. Pus a palma da mão no esterno. Seria uma pena ter que chamar uma ambulância naquele momento. Joguei a água enferrujada no rosto, sequei com a ponta da camiseta e fui para a sala.

As luminárias iluminavam o cômodo de baixo feito um teatro vitoriano, lançando sombras na parede. Champanhe — espumante —

estava no gelo em uma grande bacia de plástico verde, junto de duas canecas lascadas. Fran se ajoelhou, trocando o CD.

— Marvin Gaye ou Elliott Smith? Ou os dois são muito óbvios? Marvin, eu acho.

Ela apertou *play* e se levantou. Nos minutos que eu havia ficado no banheiro, controlando meu coração, Fran tinha conseguido se trocar e colocar um vestido que eu nunca tinha visto, preto com grandes rosas vermelhas e alças finas. Havia também um batom bem fraco, passado de forma rápida e arrependida, considerando que ela já sugava os lábios para retirá-lo.

— Você está linda.

— Obrigada.

— Eu não trouxe nada arrumado para usar.

— Ora, então vá para casa se trocar! Desculpe. Gritei. Hum... — Ela pôs o cabelo para trás da orelha e deu uma olhada na sala. — Falando nisso, eu, hum, achei uma coisa para fazermos. Jogos de tabuleiro! — Ela foi até as prateleiras. — Tem Palavras cruzadas, Parole, Pictionary. Operação é o mais sexy. Tipo, são quase preliminares, mas deve estar sem bateria. Banco Imobiliário?

— Talvez mais tarde.

— Você não quer começar uma partida de Banco Imobiliário?

— Agora não.

— Você pode ser o banco. Eu sei que é muito demorado. Ou tem quebra-cabeça. Vista da Ponte de Waterloo, cinco mil peças.

— Talvez se chover amanhã.

— Está bem. Então... o que você quer fazer agora?

— Eu quero muito beijar você.

— Quer?

— Quero.

— Ótimo. Então venha aqui.

Nós nos beijamos por um tempo. Eu sabia, por causa de todas as músicas que falavam sobre ir com calma, fazer a noite render e ver o sol nascer, que a longevidade era a chave do sucesso, por isso paramos para abrir o espumante, fazer piadas e, quando estávamos bêbados o bastante, começamos a dançar uma música lenta, parando para trocar de lugar as luminárias, que estavam perigosamente perto das cortinas.

— Imagine a manchete — disse Fran — “Virgem morre em incêndio.”

Terminamos o vinho, eu preparei dois copos de vodca com Coca-Cola e Fran pôs Portishead no som, depois tirou de novo — muito sombrio — e, em vez disso, pôs Mazzy Star para tocar. Mas havia algo de estranho em tudo aquilo, e o lençol branco do sofá-cama brilhou, radioativo, durante todo aquele tempo, até, por fim, nos deitarmos nele, nos despindo de maneira desajeitada e finalmente fazendo amor.

E, mais uma vez, existe um problema de linguagem, porque mal houve tempo para *fazer* algo. Teria sido maravilhoso me vangloriar de um ato incrível, modulado e duradouro, cheio de mudanças de ritmo e tempo, como uma sinfonia épica. Mas a verdade é que a responsabilidade de que as coisas acontecessem de certa forma tornava tudo muito assustador, correndo o tempo todo o risco de sair do controle. Eu havia sido levado a pensar que no auge da paixão surgiria uma habilidade, um sexto sentido erótico, tão instintivo quanto dançar, não do meu jeito, mas do de outra pessoa. Em vez disso, foi a versão mais extrema de não saber o que fazer com as mãos. Não só com as mãos, mas com a boca, os olhos e os quadris e, apesar de na época ainda não ter aprendido a dirigir um carro manual, imaginei que a coordenação exigida seria algo parecido com aquilo. Por que em todas as representações de relações sexuais que eu já vira todos sempre se moviam tanto e com tanto vigor? Com certeza era uma mentira e com certeza a única maneira de manter o ato por mais tempo era tratá-lo com uma concentração rígida e fria, tentar não me distrair com a enorme cacofonia de perguntas em minha cabeça. Será que eu devia manter contato visual ou isso era incômodo? Se desviar o olhar, vou ser frio? Será que estamos perto demais da beira da cama? Será que a cabeça dela está doendo, pendendo assim? Será que devíamos parar e nos reposicionar? “Reposicionar” não é uma palavra engraçada? Será que aquela vela ainda está perto demais da ponta da cortina, e agora que o lençol se soltou, será que deveríamos parar e prendê-lo de novo? Se eu fechar os olhos, será que vou aguentar mais tempo? Ela está sorrindo... Será que o sorriso é algo bom ou ela está tentando não rir? Como está meu rosto? Podemos falar alguma coisa? Sou pesado demais? Com isso, o momento de crise se tornou uma crise grande *demais*, um pânico extremo, como aquele momento interminável após acertarmos algo

insubstituível, um vaso antigo, por exemplo, em que ele balança na prateleira e depois parece ficar suspenso no ar, enquanto nos perguntamos: será que vai cair? Por favor, não caia, é precioso demais, não caia, antes de aceitarmos, tristes, que, sim, não há nada que possamos fazer, ele vai cair, ou seja, o momento é literalmente de tirar o fôlego e algo pelo qual provavelmente terei que pedir desculpas.

Mas, apesar de toda a ansiedade, a sensação dominante era espanto; por eu ter a permissão de fazer algo como aquilo com aquela pessoa, que ela não apenas tivesse me permitido, mas me incentivado. Gratidão era uma palavra fraca demais, humilde e elogiosa, mas, se fosse possível imaginar uma gratidão intensa, ativa e apaixonada, então era isso que eu sentia. Dizer “muito obrigado”, como se tivesse recebido o troco em uma loja, estava fora de cogitação. Eu também tinha ficado com a impressão de que dizer “eu te amo” enquanto fazíamos amor era algo considerado ruim e de que deixar aquelas palavras escaparem em meio à paixão — sobretudo na primeira vez — seria como soltar um pum: mal-educado e fatal para o clima. Eu havia resolvido não fazer nada disso e tinha conseguido, mas não havia dúvidas de que eu amava Fran e nunca mais amaria nem iria querer ninguém enquanto estivesse vivo e que fizera uma tentativa honesta, não necessariamente eficaz, de me concentrar e comunicar isso naquele ato de amor.

Eu não tinha certeza se havia passado a mensagem. Certamente não conseguira expressar em palavras. Tudo que disse foi:

— Meu Deus...

— Você está bem? — perguntou ela.

— Estou. Estou, só preciso...

— Tudo bem.

— Só um momento...

— Está bem. Sem pressa.

— Preciso...

Levei um tempo até conseguir falar de novo.

— Caramba.

— Câimbra? — perguntou ela.

— Não exatamente. Foi...?

— “Bom para você”?

— Eu não ia perguntar isso — respondi, mas ia.

— Foi ótimo.

— Foi muito rápido, desculpe.

— Tudo bem.

— Achei que ia conseguir me movimentar um pouco mais.

— Da próxima vez.

— Então você não teve...?

— Um orgasmo. Ah, tive, tipo o quê? Uns nove?

— Ai, meu Deus.

— Por quê? Você teve?

— Rá.

— Shh. Fique deitado aqui. Foi ótimo, como eu disse. E a primeira vez é sempre um pouco assim. Parece, não sei...

— Como se a gente pigarreasse?

— Não! Isso é nojento. O que eu ia dizer era que é meio... Você já fez panquecas? Bom, quando fazemos panquecas, a primeira é sempre uma tentativa.

— Ai, meu Deus — falei. — Sou a panqueca ruim.

— Não é *ruim*. Ainda é deliciosa, mas a seguinte é sempre melhor. O que quero dizer é que todo mundo faz um escândalo sobre a primeira vez, mas é a segunda, a quarta ou a décima segunda que importa. E nós temos o fim de semana todo. O importante é... — ela pegou minha mão e me olhou nos olhos — ... que você apareceu para mim como um menino, e agora é um homem.

Nós rimos e ela puxou o segundo lençol. Ficar deitado na cama, com o corpo inteiro pressionado contra outro era, à sua maneira, tão íntimo e impressionante quanto o sexo em si, e eu voltei a agradecer por aquilo ter acontecido ali e não atrás de um sofá.

— Não durma, está bem? — pediu ela.

— De jeito nenhum. Você está linda.

— Obrigada. Você também.

— Bom, estou bonito.

— Não, *lindo*.

Ela pôs a mão com carinho em meu rosto e enfiou o dedinho em minha narina.

— Pode não fazer isso, por favor?

— Não é sexy?



— Não.

— Eu só estava tentando uma coisa nova. E então. Como é? Ser homem?

— É bom. Eu pareço diferente?

— Parece conhecer o mundo. Além do mais, isto aqui é novo...

— Ah, me desculpe. — A camisinha ainda estava na minha coxa, como uma pele recém-descascada. — Será que é melhor jogar fora?

— Não, fique com ela. Use sempre para se lembrar de mim.

Eu a tirei e dei um nó nela com uma destreza e rapidez que haviam me escapado antes.

— Meninos adoram *olhar* para a camisinha. Por quê?

— Não sei. É nojenta, mas é meio que incrível também.

— Olhe só para você, segurando a camisinha contra a luz. Parece que ganhou um peixinho dourado. Todo orgulhoso. Deviam fazer umas marcas na lateral, tipo de mililitros. E escrever no alto: “Uau!”

— O que faço com ela?

— Ah, guarde. Tem que guardar a primeira.

— Na carteira.

— É, tipo um cacho do meu cabelo. Pode pegar e ficar olhando para ela.

— Não, você com certeza devia ficar com ela.

— Não precisa, obrigada. Agora largue isso, por favor.

Nós rearrumamos as almofadas do sofá como travesseiros e pegamos nossas vodcas com Coca-Cola, já gosmentas e sem gás. Logo estávamos bêbados o bastante para dançar ao som de músicas antigas do Prince, apesar de Fran ficar mais bonita fazendo aquilo do que eu, minha nudez me dando mais um motivo para não tirar os pés do chão. Também estávamos sujos de poeira e limo. No chuveiro, nós nos esprememos sob o fluxo fraco de água, nos escaldando e congelando alternadamente, mal nos molhando o bastante para esfregar a sujeira do corpo um do outro com a lâmina de sabonete rosa.

— Parece que estamos em um filme do James Bond — gritou Fran acima do rugido do aquecedor de plástico barato.

Sem toalha, secamos um ao outro com as camisetas do dia anterior, e logo estávamos de volta ao sofá-cama, menos assustados e envergonhados desta vez, mais à vontade. E Fran estava certa: foi essa vez que importou.

## “Comprei uma mansão de amor”

•••

Devemos ter adormecido às três ou quatro da manhã. Ficamos ouvindo música enquanto nossas luzes desligavam uma a uma. A última que ouvi foi “Lilac Wine”, a versão de Nina Simone, o trum-trum-trum dela.

— Eu gosto do jeito que ela diz “lie-lark”.

— Fazer vinho com lilases é uma péssima ideia — murmurou ela em meu pescoço.

Estávamos muito bêbados.

— Doce e inebriante, como ela diz.

— Está bem. Vamos tentar. Amanhã.

— Tomar de aperitivo.

— Rá. — Ouvi o sorriso discreto dela. — Shh. Durma.

Então dormimos.

Mas a novidade e a emoção de tê-la ali, o calor dela no meio da noite, seus movimentos enquanto dormia, as molas e o estrado do sofá me fizeram acordar de vez algumas horas depois, a boca seca, a cabeça latejando. À luz cinzenta da manhã, a sala tinha adquirido um novo tipo de sordidez. Tínhamos bebido todo nosso suprimento do fim de semana na primeira noite. As garrafas vazias estavam perto do meu rosto, ao lado da cama, junto de várias embalagens de camisinha, meio pacote de biscoito, um copo de água turva e o prato que havíamos usado como cinzeiro. Em qualquer outro momento, talvez eu tivesse grunhido e segurado a cabeça, mas tudo aquilo me pareceu os detritos noturnos de um novo homem, um homem experiente, a cabeceira da cama de um amante. Olhando para Fran, comecei a rir, uma risada louca e alegre que tive que abafar com a mão.

Ela estava horrível, muito, muito pior do que já tinha visto. Sua boca estava aberta, de um jeito estúpido, e eu sentia seu hálito, quente,

fedorento e alcoólico como os fundos de um bar e adorei aquilo, adorei as manchas pretas em torno dos seus olhos e a gordura em sua testa, as manchas de vinho nos lábios rachados e a espinha no queixo, que havia se formado durante a noite como um cogumelo. E, como eu adorava a realidade fedorenta da sua cabeça em meu ombro e a umidade quente da sua coxa na minha e o cheiro de corpos que escapava de baixo do lençol emaranhado e molhado de suor, me perguntei: se ficar bem parado, quanto tempo isso vai durar?

Mas a bexiga faz o que quer e, por fim, me esgueirei para fora dali. De pé no banheiro, escovando os dentes e fazendo xixi ao mesmo tempo, enjoado e repleto de dores misteriosas, ouvi pneus no cascalho. Sem pensar, dei descarga, que pareceu rugir como um dinossauro, enquanto, pelo vidro jateado, eu observava a forma abstrata de Bernard sair do carro. Agachado, corri de volta para a sala, onde Fran estava sentada, cobrindo o corpo com o lençol. Pressionei o indicador nos lábios e encontrei um espaço para olhar pelas cortinas. Bernard estava a alguns metros de distância, mexendo o cadeado do portão, enquanto Polly se esforçava para ver o próprio reflexo no retrovisor, limpando o batom do canto da boca.

— Rápido, Bernard — chamou ela. — Vamos perder o trem.

Eu estava perto o bastante para ouvi-lo murmurar algo baixinho e depois voltar para o carro.

Então eles partiram.

— Estamos seguros?

— Estamos.

— Não precisamos sussurrar mais.

— Não estávamos sussurrando.

— Não precisamos mais nos esquecer de sussurrar! — gritou ela.

Eu pulei na cama e a beijei.

— Você escovou os dentes.

— Aham.

— Sacanagem. Estou fedida.

— Não está nada — respondi, apesar de estar.

Nós nos beijamos até ficarmos com o mesmo gosto.

De camiseta, fritamos ovos na manteiga e bebemos café solúvel. Nos esprememos juntos sob o chuveiro patético, depois voltamos para a cama. Por fim, quase na hora do almoço...

— Vamos dar uma volta no jardim?

Como ladrões, conferimos o terreno à procura de alarmes. A casa principal era proibida, mas o resto dos pomares, dos bosques e campos seria nosso, contanto que ficássemos longe da rua. *Ah, eu comprei uma mansão de amor*, diz Julieta, *mas não a possuo*. Ali estávamos nós, na manhã seguinte, tomando posse.

Mas o dia estava nublado, a luz mais suave, as primeiras folhas nos plátanos e carvalhos começando a se curvar e perder a cor. Podia ser o primeiro dia de outono, por isso nos abraçamos enquanto andávamos pelo bosque que levava ao gramado principal, sombriamente silencioso naquele dia, um palco vazio.

— Imagine morar em um lugar assim.

— Deve ser estranho, não é? — perguntou Fran. — Não penso nessas coisas. Casas grandes, dinheiro. Talvez isso venha com a idade. O amor pelas *coisas*. Espero que não.

— Harper pensa nisso. Ele tem um monte de revistas de carros e meio que tateia e dobra o canto dos que quer comprar. E os sons e toda aquela coisa, tipo câmeras e relógios enormes que dizem a que profundidade você está na água. Ele não está se gabando, só gosta disso. É tipo um hobby.

— Mas você não quer um relógio enorme, quer?

— Não. Mas, ao mesmo tempo, não quero ser pobre.

Dita em voz alta, a palavra soou tão estranha e antiga que me perguntei se havia pronunciado direito. Com certeza preferia não ter dito aquilo.

— Você se preocupa com dinheiro?

— Não com o salário que ganho no posto.

— Uma baita grana.

— Rios de dinheiro. Mas meu pai se preocupa e eu me preocupo porque ele se preocupa... é meio contagioso.

— Eu só quero dinheiro suficiente para não me preocupar com dinheiro.

— Eu também.

— E um emprego de que eu goste.

— Ser famosa?

— Nossa, não. Quer dizer, ser famosa como resultado do trabalho, não só por ser. A fama é o relógio enorme. Quem quer isso? Eu preferiria estar fazendo um bom trabalho. Ter muitos amigos, estar apaixonada e transando muito. É isso. Falando assim parece até muito fácil.

— Eu sei.

— Tipo, é sério, qual é o problema? Já estamos quase lá.

De repente, ficamos em silêncio. Podíamos conversar tranquilamente sobre tudo, a não ser o futuro. O fim do verão pendia diante de nós como uma cortina pesada. O assunto me irritava, mas não discutir o que podia estar à nossa frente também era absurdo e covarde. Éramos jovens demais para não falarmos sobre determinados temas. Depois de um tempo, após respirar fundo, ela disse:

— Eu acho que você devia fazer faculdade.

— Não, vou arranjar um emprego.

— Claro, mas, mesmo que você não passe...

— E não vou passar.

— ... você pode trabalhar e refazer o vestibular.

— Não é para mim.

— Só matemática e inglês, para você poder fazer outras coisas.

— Não, isso já passou.

— Mas você é tão inteligente, Charlie. Eu não estaria com você se não fosse.

— Vamos falar de outra coisa, está bem?

— Tudo bem.

Ela pegou meu braço e deixamos o assunto de lado, mas meio largado, quase caindo.

Tínhamos levado livros e a velha garrafa térmica que havíamos encontrado e enchido de café solúvel, então caminhamos pelos nossos jardins até nosso local favorito, no alto do campo, perto de onde havíamos nos conhecido.

— O que você achou? Da primeira vez.

— Pensei: “Quem é esse maluco?”

— Legal.

— Ficar andando escondido por aí sem camisa, assustando os outros.

— Eu não estava escondido, estava lendo.

— Não pensei isso por muito tempo. Quando me acalmei, pensei: “Ele é legal. Não parece perigoso.”

— “Não parece perigoso”?

— acredite, meninas nem sempre pensam isso sobre meninos que estão sozinhos. É uma coisa boa. Também achei você engraçado, o jeito que olhou para o meu tornozelo como se fosse médico. Fiquei observando seu rosto enquanto você fazia isso. Você estava bonito. Não fique se achando, mas talvez eu tenha exagerado ao falar da gravidade do machucado...

Ela então gritou de dor e começou a fingir que mancava, a mão em meu ombro.

— É, eu tive essa impressão.

— Não acreditou em mim?

— Você meio que parava de mancar às vezes.

— Não parava nada! Como ousa?! Enfim, funcionou. Você voltou, não foi? Quando vi você no segundo dia, quis rir, em parte porque foi engraçado, você sorrindo e suportando tudo aquilo, o fato de eu ter ganhado...

— Você não *ganhou*!

— Bom, não, ganhei, sim. E em parte porque estava *muito* feliz em ver você. Fiquei surpresa por estar tão feliz. Parecia que, sei lá, podia respirar de novo. Só... — Ela parou de andar, fechou os olhos, soltou o ar devagar, e eu reconheci que também havia sentido aquilo. — E adorei voltar para casa andando com você, conversando. Quis muito que continuasse. Ainda quero. A única coisa que você disse que me incomodou...

Ela hesitou.

— Pode falar.

— O que me incomodou foi você achar que eu namorava Miles, achar que, como ele era esse tipo de garoto, eu devia ser aquele tipo de menina. Tipo, eu gosto do Miles, ele é bem bonito, no estilo bonequinho de super-herói. Mas você pensar isso foi, não sei... raso.

— Eu só estava com ciúme. Pensei, Romeu, Julieta... não é para vocês viverem os papéis?

— É, mas o método só vai até certo ponto. Ainda mais se o cara é meio babaca.

— Mais velho, tem carro, dinheiro, estuda em uma faculdade chique...

— Pare. Você tem que parar com isso.

— Com o quê?

— Você tem que parar com essa história de educação e confiança. Essas pessoas não têm direitos nem poderes especiais.

— Eu acho que têm.

— Não têm, não! Quer dizer, elas têm *vantagens* e privilégios, e dinheiro é importante, claro. E, mesmo que suas provas não tenham sido boas, eu sei que você ainda pode fazer uma coisa incrível, que vai deixar você feliz.

— Tipo o quê?

Ela riu.

— Não sei! Não sou eu que tenho que dizer, não é? Você tem que descobrir. Mas existe um... potencial. Que palavra besta, uma palavra de boletim escolar, mas é o que quero dizer.

Ficamos em silêncio depois disso. As intenções dela eram sinceras, eu sabia disso, mas era humilhante ser tema de um discurso de incentivo, e eu me irritei com aquilo. Encontramos nosso cantinho no campo e nos sentamos na grama comprida e seca, mais afastados do que de costume. O silêncio pareceu se prolongar por uma eternidade.

Até que a mão dela alcançou a minha.

— Desculpe. Eu sei que você não gosta de falar sobre o futuro, mas ele vai acontecer. É isso que o futuro é: o que vai acontecer. Pronto. Não é profundo?

— É.

— Literalmente.

— *Literalmente.*

— Você não está enxergando agora porque várias coisas deram errado e você está nervoso e irritado com o que não pode controlar e não tem culpa. Mas, se você... *Espere*, Charlie. Não sei. Só acho que tem alguma coisa dentro de você e eu amo isso. E você. Amo você, Charlie.

E ali estava. Ela tinha dito e então eu podia dizer de volta, aquele diálogo banal e maravilhoso, que repetiríamos milhares de vezes só

enquanto fosse verdade.

•••

De volta à guarita, nós nos arrumamos e fizemos uma lista de provisões essenciais para o resto do fim de semana: vodca, gelo e Coca-Cola, comida chinesa para viagem. Apesar de ter avançado pouco com *O nome da rosa*, notei que também precisávamos de mais camisinhas e senti uma onda de orgulho por causa disso. Apesar das minhas negociações, eu ainda seria obrigado a trabalhar três horas no posto de gasolina, mas isso ia permitir que Fran lesse e dormisse. Se fechasse na hora, estaria de volta às oito e meia, e podíamos recomeçar a festa.

Mas parte da tranquilidade tinha se perdido enquanto contemplávamos o futuro em geral e o nosso, e ficamos em silêncio enquanto andávamos de volta pelo bosque até onde tínhamos guardado as bicicletas.

— A gente podia... ir para casa — falei. — Se você quiser. Quer dizer, não precisamos ficar duas noites...

— Não! Não, eu quero ficar. Só estou cansada. Volte logo. Corra como o vento. Vamos começar de novo. — E ela me beijou e eu ergui a bicicleta de maneira desajeitada por cima do muro de pedra. — Não esqueça o vinho lilás.

Eu saí em direção à cidade e para o início de uma série de catástrofes, uma maior do que a outra, uma imediatamente após a outra, como o fim de uma peça de Shakespeare.



## Sr. Howard

•••

Um posto de gasolina é um local desolado na melhor das hipóteses, mas, em uma tarde de sábado longa, entediante e nublada de fim de verão, tem uma melancolia especial própria. Uma dor profunda havia se instalado, uma exaustão que parecia esmagadora e exigiria algo especial para recuperar o humor da noite anterior.

Havia raspadinhas vencedoras na minha carteira. Sem um cúmplice, a troca era mais arriscada, mas não impossível se eu usasse minha destreza, e, se tivesse dinheiro, poderia tentar comprar champanhe — espumante — na loja de bebidas. Como eu já não era mais virgem, talvez me entregassem sem fazer perguntas e talvez eu comprasse algo chique do Golden Calf, o especial da casa com camarões graúdos, e pegasse mais três camisinhas no banheiro. Espumante, camisinhas, camarões e um saco grande de gelo; essa era a lista de compras de um jovem lorde e, contemplando aquelas riquezas, adormeci, a cabeça no balcão, confiando que o apito das bombas me acordaria.

Um homem grande, louro, de cabelo curto estava diante de mim, o pescoço apertado no combo de camisa e gravata, os nós dos dedos batendo no balcão, perto da minha cabeça.

— Tudo bem aí?

— Desculpe. Cochilei. Mil desculpas. Bomba número... número...

— Dois.

— Dois. São trinta libras.

— Foi para a gandaia?

Ele deu um sorriso desagradável.

— Como?

— Você está dormindo no trabalho. Foi para a gandaia ontem?

Não teria sido apropriado contar que eu havia perdido a virgindade, mas ele parecia querer mais, parado com a cabeça inclinada para o lado, as mãos gordas e rosadas como jarretes de presunto apoiadas no balcão.

— É, fui — falei, entregando o recibo.

Mesmo assim ele não se moveu.

— Mais alguma coisa?

— Não. Tudo bem. Você devia descansar.

E, girando os ombros, o homem alto se virou e saiu.

E esse foi meu último cliente. Pouco antes das oito, apaguei as luzes do pátio e pus o caixa para cuspir o relatório do meu turno, tirei a bandeja do caixa e, parado à porta entre o balcão e o escritório, troquei as raspadinhas por uma nota de vinte e uma nota de dez libras. Espumante, gelo, camarões, camisinhas. No escritório dos fundos, enchi a mochila com todas as taças de champanhe de que teria que me livrar — eu guardaria duas para o vinho — e voltei para a loja para apagar as luzes.

O homem de cabelo curto estava lá, e atrás dele...

— Mike! Oi!

Mike não disse nada, apenas balançou a cabeça devagar, triste, e uma náusea horrível e fria surgiu dentro de mim.

— Charlie, você reconhece este senhor aqui?

— Claro! Olá! Bomba número dois, trinta libras.

Ele deu um sorriso desagradável, os braços cruzados no alto do peito largo, esperando alguma coisa.

— Sua raspadinha! Eu me esqueci de entregar! É por isso que está aqui? Espere, vou pegar uma para você.

Como performance, não foi a melhor, mas o que eles podiam fazer em relação a um mero lapso?

— Charlie, o Sr. Howard aqui trabalha para uma empresa de segurança.

— Está bem. Tem a ver com o fato de eu ter dormido?

Talvez fosse apenas isso.

— Eu o contratei, Charlie, porque havia umas coisas estranhas na contabilidade.

Qualquer outra coisa que ele tenha dito foi abafada por um grande rugido de pânico em relação ao que vinha pela frente, uma montagem enlouquecida tanto do futuro próximo quanto distante, enquanto eu me

perguntava o que eles sabiam, qual poderia ser meu álibi e como eu poderia tentar mantê-lo diante do que com certeza eram provas em vídeo. Previ horas passadas em cadeiras de plástico em delegacias e tribunais, imaginei a raiva da minha mãe, a vergonha e o desespero do meu pai. Eu faria dezessete anos em três semanas... Será que isso significava que iria para um centro de detenção ou para a cadeia? E Fran, o que Fran pensaria? O algo dentro de mim de que ela havia falado, o potencial que dizia ver em mim revelado como a mentira de um ladrãozinho de meia-tigela, um afanador de caixa, um trambiqueiro incompetente com uma ficha criminal grampeada ao péssimo resultado no vestibular.

— ... parece que muitas raspadinhas destinadas aos clientes, na verdade, foram parar nos bolsos da equipe...

E como ela descobriria onde eu estava? Quanto tempo eles iam me manter ali? O sol estava se pondo e pensar nela sozinha na guarita, acendendo velas, comendo o resto da comida, a antecipação se tornando raiva, a ansiedade se tornando medo, como Julieta no túmulo dos Capuleto. Mesmo antes de descobrir, ela me odiaria por abandoná-la. Eu tinha que avisar e lhe contar a história com as minhas palavras...

— ... então precisamos conversar.

Eu me forcei a me concentrar nas palavras de Mike. Pelo menos ele não estava irritado, mais para resignado, um xerife que havia sido obrigado a contratar um pistoleiro, que tinha sido identificado como representante de uma empresa chamada Croydon Investigações Ágeis, CIA. Como eu podia não ter percebido? Os ombros largos e os olhos pequenos, atentos, julgadores. O homem era obviamente um capanga profissional, e eu me xinguei por sucumbir à atração barata de um espumante espanhol e ao especial da casa do Golden Calf.

— Será que a gente pode continuar no escritório? — disse o Sr. Howard, andando até o balcão.

Ergui a mochila e ouvi o tilintar de doze taças de champanhe, provas, através do nylon. Meu Deus, eles me pegaram com a boca na botija. Uma noite na cadeia e Fran sozinha na floresta, as velas queimando, esperando por mim...

Ergui a mochila com cuidado, para que as taças não batessem.

— Pode erguer isto, por favor? — pediu o Sr. Howard.

O balcão era separado do escritório por um painel, a parte de baixo presa por uma trava do lado do caixa.

— Só um momento, tenho que...

Dei um passo para o lado em direção ao escritório e tranquei também aquela porta.

— Por favor, Sr. Lewis, pare de brincar com a gente — disse o Sr. Howard.

— Espere! Só preciso...

— Charlie, por favor, amigo — pediu Mike, negociador de reféns.  
— É só uma conversa.

Pus a mochila com cuidado nas costas, como se contivesse explosivos, e na verdade continha, e empurrei com força a barra da porta de emergência.

Então estava no frio do ar noturno. Àquela luz, o interior claro da loja parecia uma tela de cinema, e vi as pernas de Mike horizontais no ar enquanto ele se esforçava para abrir o painel no balcão. Com as mãos trêmulas, também tranquei a porta da loja, prendendo-os lá dentro. Percebendo o movimento, o Sr. Howard correu para a porta e bateu no vidro, mas eu já estava na bicicleta, atravessando o pátio.

Corri pela rua reta que levava de volta para a cidade, vazia naquele horário. Se pudesse chegar ao Bosque do Assassinato, jogaria as taças, esperaria no mato até Mike e o Sr. Howard desistirem da busca, depois correria de volta para a guarita, beijaria Fran e contaria tudo a ela, explicaria que havia feito algo idiota, mas que a amava... Se Julieta podia perdoar Romeu por matar seu primo, então com certeza um esquema de raspadinhas também era perdoável. Haveria lágrimas, mas faríamos amor com tristeza e comoção, como Romeu e Julieta fazem na noite anterior ao exílio dele, e discutiríamos sobre cotovias e rouxinóis e, de manhã, eu procuraria Mike e diria a ele: Desculpe, Mike, entrei em pânico e, sim, peguei alguns copos, mas não dinheiro. Ou, se houvesse provas contra mim, então eu pagaria. Ainda tinha a maior parte do dinheiro escondida em meu quarto e trabalharia pelo resto ou pegaria emprestado... não sei, da conta da minha irmã ou de Harper, mas não dos meus pais, meus pais não podiam saber. Mike contaria à minha mãe, mas meu pai não podia saber. Isso o mataria.

Corri até meu esconderijo, outro futuro apontando naquele instante, uma vida no exílio. Se eu pudesse pegar meu passaporte, poderia ir para qualquer lugar, compraria um casaco impermeável e um mochilão, entraria para a Marinha Mercante, o que quer que isso fosse, e escreveria lindas cartas saudosas para Fran de Cingapura, Vladivostok e Mântua e, talvez, um dia, no cais de um porto distante, fora do alcance da lei...

Ouvi um carro atrás de mim e esperei que me ultrapassasse, mas, em vez disso, o vi começar a me acompanhar. Supus que estava viajando a uma velocidade absurda, mas a grande Range Rover preta mal passara a segunda marcha e Mike estava perto o bastante para se inclinar para fora da janela e apoiar a mão em meu antebraço.

— Encoste, Charlie — pediu ele.

— Não posso falar com você agora. Tenho que ir a um lugar.

— Pare de pedalar, amigão. A gente só quer conversar.

Mas, ao lado de Mike, vi o Sr. Howard inclinado sobre o volante, rindo, então fiquei de pé e aumentei a velocidade nos pedais. Eu correria para o bosque e os despistaria lá, atravessaria a mata no escuro até a guarita. Ela não tinha dito que me amava? Saí da estrada, mas errei o ângulo necessário para subir o meio-fio alto. A bicicleta cambaleou por um instante e parou por completo, me jogando por cima do guidão até a calçada.

E lá estava ela de novo, a natureza estranha e elástica do tempo, me permitindo notar o esmero e a completude do salto e o modo como me recusei teimosamente a sair da bicicleta, carregando-a comigo e fazendo aquilo parecer um belo truque de circo. O mais memorável — ou talvez eu tenha imaginado isso — foi que o tempo até me permitiu registrar o barulho das taças de champanhe que, à sua maneira, me protegeram da queda, senti-las firmes por um segundo, depois se quebrarem feito ovos diante de um punho fechado, a reação em cadeia, pop-pop-pop, a maior parte do vidro se tornando poeira, mas também diamantes.

## Cicatrizes

•••

— Como você conseguiu essas coisas?

— O quê?

— Nas suas costas. Estas marcas.

— Estas aqui? Em um ataque de tubarão.

— Ah, é verdade?

— Copos vagabundos. Caí em uma pilha de taças de champanhe quando tinha dezesseis anos.

— *Claro* que caiu.

— As cicatrizes são de onde tiraram os pedacinhos de cristal.

Estávamos na praia quando Niamh as notou pela primeira vez, as diversas cicatrizes suaves e salientes que podiam ser mais sentidas do que vistas, a não ser no verão, quando apareciam brancas, como tinta invisível sob uma lâmpada.

— Entendi. Eu sei que devia ser óbvio, mas...

— Eu tinha roubado as taças do posto de gasolina e eles descobriram. Tentei fugir e caí.

— Da moto?

— Não, da bicicleta mesmo. De pedalar.

— Meu Deus... Seu passado sombrio. Taças de champanhe e uma bicicleta. Você é quase Jason Bourne.

Estávamos em um cruzeiro pelas Ilhas Gregas, nossas primeiras férias juntos, em um estágio do relacionamento em que a oportunidade de exibir cicatrizes é algo a ser aproveitado. Eu tinha visto o rasgo entre seu dedo do meio e o anular, feito pela tampa de uma lata de grão de bico, a bela marca de pontos em seu ombro da retirada de uma verruga, e então era minha vez. O vidro quebrado havia salpicado minhas costas como

estilhaços de uma bomba, e eu me deitei na areia quente e deixei os dedos de Niamh traçarem a constelação.

— Parece braile.

— E o que diz aí, Niamh?

— Diz... Espere... Diz: “Que idiota... rouba copos vagabundos?” Não são de graça?

— Era isso que tornava o crime perfeito.

— Roubar uma coisa que ninguém quer?

— Bom, também havia certa quantidade de dinheiro envolvida.

— Ah. Do caixa?

— É, apesar de ser mais complicado do que isso. Quer dizer, eu roubava raspadinhas, não dinheiro, então ninguém saía prejudicado. Era um crime sem vítimas, porque o dinheiro não existia até eu raspar o cartão. Tipo aquele gato na caixa. Pensando filosoficamente.

— E foi isso que disse a eles?

— Foi.

— E eles engoliram essa?

— Não muito.

— Meu Deus. Um mestre do crime. Estou abismada.

— Sei, e você nunca roubou nada?

— Eu? Não!

— Durante todo esse tempo trabalhando em restaurantes, nem uma garrafa de vinho? Um bife do congelador?

— Não!

— Um café que você não cobrou?

— Bom. Talvez. Uma ou duas vezes, mas por causa da minha criação sempre me senti mal com isso.

— Bom, eu também me senti mal. Ainda mais quando fui pego. Foi uma época *horrível*. E o mais idiota foi que, se eu não tivesse fugido, teria ficado tudo bem.

— Então por que você fugiu?

— Bom... Você vai gostar dessa história.

— Conte...

— Foi por *amor*.

Niamh voltou a se deitar na areia.

— Ah, cacete. Ela de novo, não.



Acho que fiquei em choque por um tempo. Com certeza não conseguiria ficar de pé nem impedir que minhas mãos tremessem, por isso fiquei parado no meio-fio, sob a luz cada vez mais fraca.

— A gente só queria conversar, seu bobo — disse Mike.

— Queríamos assustar você, só isso — explicou o Sr. Howard.

Eu já sentia o sangue nas minhas costas esfriar e endurecer, então, quando girei os ombros, a pele pareceu grudar na camiseta de uma maneira desagradável. O Sr. Howard, que com certeza havia matado pessoas, me garantiu que não era nada perto de *algumas* coisas que ele já vira, mas o sangue tinha deixado as pontas dos meus dedos com uma cor marrom-escura, que se soltava feito ferrugem e se tornava preta à medida que anoitecia.

— Vamos levar você para o hospital. Temos que ver se ainda tem algum vidro aí.

Eu já havia ensaiado a frase “Quero falar com meu advogado!”, mas onde encontraria um ainda era um mistério. Será que um advogado havia cuidado da falência do meu pai, ou tinha sido um contador? “Quero falar com o meu contador!” não soava tão bem.

— Mas por que você tentou fugir? Que garoto bobo...

Eu me permiti dizer algumas palavras.

— Eu tinha que ir a um lugar. Era só isso.

E foi aí que a polícia apareceu.

Não era do interesse de Mike envolver a polícia, mas um menino ensanguentado e tremendo em uma rua vazia à noite devia ter chamado a atenção de alguém que passava, então ali estava a viatura, as luzes azuis iluminando a plantação atrás de nós.

— Ah, porra... A gente não precisa disso.

O Sr. Howard já se levantava, as mãos estendidas, as palmas para fora, tranquilizadoras. Senti um medo horrendo. Delegacias. Tribunais. Ficha criminal.

Mas, antes da prisão, o hospital. Dirigimos por vinte minutos até o local onde minha mãe havia trabalhado quando nos mudamos para a cidade, e fiquei sentado na beira de uma cadeira de plástico enquanto uma policial cansada me fazia perguntas: aonde eu estava indo? Encontrar



uma amiga. O motorista havia me jogado para fora da rua? Não, tinha sido um acidente. A direção daquele senhor havia me colocado em risco? Não, estávamos conversando. Pela janela de um carro em movimento? Tinha sido apenas por um segundo, depois eu perdera o controle. O que estava fazendo com todas aquelas taças na mochila? Nessa pergunta, eu tinha vacilado. Estava vendo Mike, pálido e temeroso na outra ponta do corredor, apertando o bigode como se fosse se soltar.

— Quero falar com meu advogado.

A policial riu. Eles podiam fazer isso? Rir da gente?

— E você *tem* um advogado?

— Não! — respondi, indignado.

— Então que tal ligarmos para os seus pais?

— Não. Não, você não pode fazer isso.

— Sinto muito, meu filho. Você tem dezesseis anos e está em choque.

Temos que avisar a eles.

— Você não pode. Eles não moram juntos.

— Bom, com quem você mora?

— Meu pai.

— E qual é o telefone dele?

— Nós não temos telefone. — Exausta, a policial deixou a cabeça pender para a frente. — A gente não tem dinheiro para ter um — falei, mentindo em parte: tínhamos um telefone, mas não tínhamos dinheiro para ter um.

— Bom, e sua mãe tem dinheiro para ter um telefone?

— Aham, ela tem um celular.

— E...?

— Não sei o número dela.

Isso pelo menos era verdade. O pedaço de papel ficava guardado em meu quarto e eu não o usava com frequência suficiente para decorá-lo.

— Ande logo, meu filho, não me faça perder tempo. Qual é o endereço dela?

— Eu sei como é a casa dela.

— Então o telefone fixo.

— Ela mora com um cara. Nunca ligo para ela. Ela que me liga.

— O *seu* endereço, então. Vamos mandar alguém buscar seu pai.

Pensei por um instante.

— Mike. Aquele cara ali. Ele tem o telefone da minha mãe. — A policial se levantou. — Preciso do meu telefonema agora.

Eu estava convencido de que só poderia fazer um.

— Claro. Só não fuja desta vez, está bem?

Estava ficando tarde, o corredor se enchia de feridos do centro da cidade, e eu não era mais o único menino com roupas sujas de sangue. Encontrei o orelhão e, para meu alívio, a lista telefônica. Folheei as páginas grudentas e achei o número. Na cabine de alumínio arranhada, eu conseguia ver mais ou menos o meu reflexo: rosto pálido, cabelo duro de suor e sangue nas mãos. Disquei o número e imaginei o telefone tocando em um corredor comprido e cheio de painéis de madeira. Pigarrei, pronto para usar minha voz de jovem educado. O telefone tocou várias vezes.

— Alô.

— Alô, Polly?

— Sim?

— Polly, aqui é Charlie. Da peça?

— Charlie?

— É, o Benvólio. Da peça?

— É, eu sei quem você é.

— Bom... você e Bernard já estavam dormindo?

Ela suspirou. Eu parecia estar fazendo todo mundo suspirar.

— Charlie, está muito tarde. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Não, eu só preciso dizer uma coisa. Pedir um favor, na verdade, para você dar um recado.

— Isso não pode esperar até segunda?

— Não, não, tem que ser agora. O problema é que... Sabe o pequeno chalé na entrada da sua casa? A guarita? O problema é que... Desculpe... Mas tem alguém me esperando lá.

## Fórceps



Eu queria que a enfermeira não tivesse me mostrado o fórceps. Cada cubo de cristal tintilava quando era largado na bandeja de metal, e ela parecia estar se divertindo, escavando e cutucando, cantarolando e murmurando. Em um filme de faroeste, teriam me pedido para morder um graveto enquanto ela lavava as feridas com alguma bebida alcoólica. Ali, eu simplesmente esmagava o rosto na toalha de papel que cobria a cama.

— Nossa, esse foi grande — disse a enfermeira, antes de eu ouvir o barulho da bandeja.

Virando a cabeça, vi minha mãe parada no espaço entre as cortinas. Ela usava seu melhor vestido de festa preto, a maquiagem borrada, o rosto alternando entre fúria, preocupação e de volta à fúria. Tive a sensação, não pela primeira vez, de que a havia tirado de algum lugar. Ela me pareceu extremamente bonita e dolorosamente decepcionada, e fiquei feliz por ter a ardência do antisséptico como desculpa para meus olhos vermelhos.

No carro, a dor me obrigou a me inclinar para a frente no banco, como se fosse abrir a porta a qualquer momento e me jogar na pista dupla. Aquela me pareceu uma opção viável. Minha mãe, que havia sido obrigada a deixar um jantar que dava em sua casa — agora ela dava jantares —, tinha abandonado a preocupação e se acomodado confortavelmente na fúria.

— Copos! Francamente, quem é que rouba copos?

— Eu não roubei nada.

— Se alguém rouba algo do campo de golfe, pega garrafas de vodca e gim. Leva pedaços de carne! Rouba dinheiro.

— Eu não estava roubando as taças, estava me livrando delas.

— É, Mike me contou. Para você poder roubar dinheiro!

— Eu não roubei *dinheiro*.

— Então o que foi?

— Eram só... as raspadinhas.

— Que você trocava por...

— Dinheiro, mas ele não existia a não ser que alguém...

— O quê?

— Raspasse o cartão.

— Ah, então era só um roubo *conceitual*. Talvez eles mandem você para algum tribunal *abstrato* e *conceitual*, talvez haja alguma sentença teórica em uma quarta dimensão. “É, tem ficha policial, mas é em um universo paralelo.”

— Não vou ser fichado. Vou?

— Se for considerado culpado de um crime, vai! Você estava roubando dinheiro dos prêmios! É a mesma coisa que pegar do bolso do Mike!

— Não é, não.

— Aos olhos da lei!

— O que você sabe sobre *os olhos da lei*?

— Eu sei que você está ferrado, Charlie. Disso eu sei. — Ela deu a seta para a esquerda e saiu da rua principal. — Mike disse que você tinha um cúmplice.

— Quando ele disse isso?

— No hospital, ele falou que alguém vinha e pegava o dinheiro, o mesmo rosto todo turno. Ele tem isso gravado em vídeo. Quem foi? Um dos seus amigos? Harper? — Não falei nada. — Fale a verdade, Charlie, o que aconteceu? A gente não criou um ladrão.

— Claramente vocês criaram. Então...

Dessa vez ela não disse nada e nós dirigimos em silêncio enquanto eu amassava a camiseta dura e fedorenta entre as mãos. Para me humilhar ainda mais, minhas roupas estavam rasgadas e sujas demais para vestir, por isso minha mãe havia trazido o moletom mais antigo do namorado dela, uma coisa cinza e larga que parecia um uniforme de cadeia. Nós entramos n’A Biblioteca.

— Desculpe por você ter que sair da sua festa.

— É, bom... Eles estavam jogando Trivial Pursuit, então eu quase preferi estar na emergência. Quase.

— E como estão as coisas com... Jonathan?

Minha mãe olhou para mim com a cara fechada, depois de volta para a rua.

— Estão como estão, Charlie. Estão como estão.

Nós entramos no largo Thackeray e estacionamos a certa distância da casa para que ele não ouvisse o carro, mas eu vi as luzes acesas.

— Meu pai sabe?

Minha mãe bufou.

— E...?

— Então ele me ligou. Ficou desesperado a esse ponto... E eu contei a ele.

— Tudo?

— Tudo, porque ele é seu pai.

— Mãe!

— Bom, o que você queria que eu dissesse?

— Você podia só ter dito que eu caí da bicicleta.

— E caiu em uma pilha de taças de champanhe que estava por ali? Ah, fala sério, Charlie. Ele ia acabar descobrindo.

— Ai, meu Deus...

— Você quer que eu entre com você?

— Ah, é, porque *isso* vai melhorar tudo.

— Não. Talvez não.

— É melhor eu ir — falei, mas nenhum de nós dois se moveu.

— Quem é a menina? Namorada nova?

Até então, ela só havia usado a palavra com uma risadinha ridícula, mas não daquela vez.

— Acho que sim. Pelo menos era. Antes de eu furar com ela.

— Ela está na peça? — Olhei para minha mãe. Ela sabia. — Seu pai me disse que você se apaixonou por Shakespeare.

— Ela está na peça.

— Quem é ela?

— Julieta.

— Não, na vida real, bobão.

— Por que quer saber o nome dela?

— Não é uma pergunta estranha...

— Fran. Você a viu no bar.

— Fran. — Ela analisou o nome. — Hum. E ela é boa?

— Na vida real ou...?

— Como Julieta.

— Ela é incrível.

— Você é bom?

— Não.

— Tenho que ir assistir?

Ri para mim mesmo.

— Foi o que meu pai perguntou.

— Não, eu queria ir.

— Não, você está livre dessa.

Agora era realmente a hora de ir.

— Me ligue. Se você precisar, se ele reagir mal.

— Não, eu acho que ele vai ficar feliz.

— E me ligue na segunda de manhã também.

Segunda era o dia do resultado do vestibular.

— Para quê?

— Bom, porque eu sou sua mãe. Talvez você tenha uma surpre...

— Eu sei que não passei.

Ela fechou os olhos e soltou o ar.

— Está bem, não vamos discutir sobre isso também. Vamos ter uma briga de cada vez, pode ser?

Abri a porta do carro e hesitei, como se ainda estivéssemos a toda velocidade pela pista dupla. Minha mãe deu um sorriso seco e eu me virei para sair do carro, tremendo quando os curativos puxaram a pele cortada. Então, sem me virar, andei até em casa.

# Vergonha

•••

Ele estava de pé, de costas para mim, um braço apoiado na vitrola, como se a segurasse. Talvez ela o segurasse. Uma *big band* tocava, uma grande explosão bagunçada, como se algo caísse da escada. Buddy Rich, pensei, pelo som da bateria. Havia um cigarro preso entre os nós dos dedos dele, o resto dos outros empilhado no cinzeiro ao lado da garrafa de uísque. Vi, quando ele levou o copo à boca, que sua mão tremia.

— Oi, pai.

Ele cambaleou ao se virar para olhar por cima do ombro.

— Quanto?

Suspirei.

— Quer saber quanto *roubei*?

Eu tinha decidido que a melhor defesa era o ataque. Se ele achava que eu era um criminoso, então eu seria um criminoso.

— É, quanto dinheiro você roubou?

— Nada de “Oi, Charlie, como está se sentindo? Como estão suas costas?”

Ele se virou depressa, tropeçando, um momento de tontura.

— Sua mãe disse que você estava bem. Não me venha com essa.

— Tente “eu fiquei preocupado com você, Charlie”.

— Ah, você acha que não me preocupo com você?

— Podemos baixar a música?

— Você acha que não fico acordado, preocupado com você?

— Bom, se você não ficasse o dia todo dormindo no sofá, talvez dormisse melhor à noite.

— Você não sabe como passo o dia. Nunca está aqui.

— Por quê? O que estou perdendo?

— Não mude de assunto. Quanto você...?

— Não sei. Uns duzentos.  
— Mas você tinha um emprego!  
— É, que pagava três libras por hora.  
— Bom, se você precisava de mais dinheiro, era só trabalhar mais horas. É assim que se faz!  
Eu ri e vi meu pai travar.  
— O que isso quer dizer?  
— Não sei se você tem moral para me dar lições sobre minha ética de trabalho. Nem sobre dinheiro.  
— O quê?  
— Bom, já faz um tempo, não faz?  
— Você sabe por que não posso trabalhar!  
— Sei? Porque você nunca fala sobre isso.  
— E o que eu preciso falar? O que acha que vou dizer?  
— Você tem remédios do lado da cama! Acha que não sei ler os rótulos?  
Ele pareceu abismado por um instante.  
— Está tudo sob controle. Não tem que se preocupar com isso!  
— Mas eu me preocupo! É só isso que faço! Como eu poderia não... Deus do Céu, eu odeio isso aqui!  
— Charlie!  
Ele se encolheu — eu vi —, como se tivesse levado uma pancada, e eu continuei:  
— E odeio morar com você! Todo dia eu penso: *Será que ele vai gritar comigo? Vai me atacar de novo?*  
Outra pancada.  
— Não é verdade.  
— Eu volto para casa e penso: *São cinco da tarde, será que ele vai estar bêbado? Será que estava chorando? Será que saiu de casa hoje?* Você está triste, pai, e é triste ficar com você.  
— Charlie, eu sei disso. Tenho consciência disso.  
— E eu sei que tem motivos para isso, mas você não fala, não fala sobre nada!  
— Por que estamos discutindo isso agora? Foi você que roubou dinheiro! Por quê?  
— Porque a gente não tem nenhum!



Por fim, a música acabou. Tremendo, confuso, meu pai tateou atrás de si à procura do sofá e se deixou cair para trás. Ele se curvou, como se tivesse levado um soco no estômago, e, por um instante, tive uma sensação de poder horrível, rancorosa. *Isto sou eu, pensei, eu fiz isto e não dou a mínima.*

Não houve nenhum barulho, a não ser o leve clique da agulha.

— Por que vocês não ficaram juntos?

— Não foi escolha minha.

— Vocês podiam ter esperado. Guardado isso em segredo por um ano ou dois, até mesmo alguns meses. Outros pais fazem isso, pelo bem dos filhos ou sei lá o quê, até eles serem mais velhos.

— Eu já falei que não foi escolha minha!

— Mas você fez minha mãe ir embora! Se você tivesse pelo menos... se controlado!

O tempo passou. Clique, clique.

— Eu envergonho você? — perguntou ele.

— Não.

— Tem vergonha de mim?

Clique, clique, clique.

— Não sei. Você tem vergonha de mim?

— Claro que não. Você é meu filho, eu te amo.

— Mas tem *orgulho* de mim, pai? Orgulho de verdade, genuíno?

Ele não falou nada. Em vez disso, olhou para o chão, franzindo a testa, depois falou com bastante clareza:

— Não. Agora não. Não.

## Festa



Saí de casa trêmulo, os olhos vermelhos, sem nem ao menos fechar a porta. Até onde sabia, minha bicicleta ainda estava no porta-malas do carro do Sr. Howard, a roda da frente torta, outra perda causada pelo meu crime, por isso andei pelas ruas Forster, Kipling, Woolf, Gaskell e Mary Shelley. Contornei o centro da cidade, onde alguns últimos seres embriagados ainda cambaleavam em direção ao Golden Calf ou ao Taj Mahal, ou dormiam nos degraus da cruz na praça principal. Eu sabia que não podia voltar para casa naquela noite, mas para onde iria? Para a casa de Harper? De Helen? Eles iam querer saber da história e me faltavam palavras, então, em vez disso, me peguei caminhando pelas silenciosas ruas residenciais, indo para o anel rodoviário, atravessando a passarela da rodovia, seguindo pelo campo de trigo, passando pelo ponto de ônibus e subindo a rua margeada de árvores.

Cheguei à guarita pouco depois das três. Havia sido desocupada às pressas, o sofá-cama ainda desdobrado, mas sem lençóis. Imaginei Fran, envergonhada e irritada, sentada no banco do carona, os lençóis embolados no peito, enquanto Bernard a levava para casa, de pijama sob a jaqueta de couro. À luz clara da lâmpada, percebi que as luminárias também tinham sido retiradas, deixando uma série de manchas escuras na beirada do cômodo, feito buracos no chão de madeira. Mais uma coisa pela qual teria que pagar.

Inocente, eu tinha esperado que Polly reagisse à nossa aventura como a Ama, respirando fundo e rindo com indulgência do nosso plano, feliz e orgulhosa por ter participado da união de jovens amantes. Mas, ao telefone, ela havia se mostrado inteiramente furiosa, usando uma voz que eu nunca ouvira. Como é que pudemos abusar da hospitalidade dela daquela maneira? Éramos invasores, não, ladrões! Ela esperava mais de

mim... Parecia que todos esperavam mais de mim, e me perguntei o que eu havia feito para aumentar as expectativas deles.

Já eram quatro e meia da manhã. Eu me deitei com cuidado no sofá-cama, de bruços para proteger os ferimentos. Sem os lençóis, só havia o tapete sujo para me aquecer e eu o puxei até o queixo, fechei os olhos com força e me rendi à exaustão e a uma autopiedade parecida com a de Romeu: Ah, tanta alegria e tristeza, ambos nesta mesma cama!

E tanto medo no dia seguinte. Eu teria que ir ver Fran. O que seria pior: a dor de vê-la ou a agonia da espera? Durante a noite, a rigidez tinha se instalado, um esforço muscular profundo por ter voado pelo guidão, e grunhi ao fechar o sofá-cama. Eu não escovava os dentes havia vinte e quatro horas, ainda usava o moletom horrível do namorado da minha mãe e precisava de um discurso para Fran, mas não tinha nada preparado. Bebi a água enferrujada da pia da cozinha e a bochechei, esfreguei os dentes e a gengiva com o dedo e fui embora.

O verão havia voltado, o ar pesado e parado como uma substância através da qual dava até para nadar. Quando cheguei ao vilarejo, ele havia se tornado uma pequena metrópole, com carros enfileirados na rua que levava à igreja, onde a festa da cidade acontecia, bandeirinhas à frente, um calíope tocando, gritos vindos de um pula-pula. Havia até um vigário alegre cumprimentando pessoas, e ninguém teria ficado nada surpreso se aviões da esquadrilha da fumaça tivessem passado acima de nós. Era um idílio inglês, cheirando a cortadores de grama profissionais e grama recém-aparada, e, enquanto eu corria para a casa de Fran, tive mais consciência do que nunca do veludo cinza pesado do moletom emprestado, um prisioneiro suado e evasivo em fuga, me abaixando para olhar pelas frestas da cerca de Fran. A janela do quarto estava aberta, o quarto que eu não tinha visto e provavelmente nunca veria. Talvez ela estivesse deitada na cama, pensando em mim.

Com cuidado, ergui a tranca do portão e, olhando ambos os lados, entrei no jardim. Transportado para os Estados Unidos dos anos 1950, me senti compelido a jogar pedrinhas na janela. Do canteiro de rosas, escolhi um montinho de terra do tamanho de uma bolinha de gude e a joguei na janela — o *bad boy* local. Depois outra e mais uma...

— Posso ajudar?

— Oi, Sra. Fisher!

Serena e saudável, a mãe de Fran usava luvas de jardinagem e um avental verde, com uma pequena serra de poda em uma das mãos e galhos na outra.

— Oi, quem é você?

— Sou Charlie. Amigo da Fran.

— Entendi. Oi, Charlie. — Ela soprou o cabelo, que grudava na testa com o suor. — Você pode bater na porta, sabia? É basicamente a mesma coisa.

— Eu não queria incomodar vocês.

— Acho que isso incomoda bem mais, na verdade. — Certo tempo passou. — Ela chegou muito tarde ontem à noite.

— Chegou?

— É. Você não sabe nada sobre isso, sabe?

— Não. Não.

— Bom, ela não está aqui, Charlie.

— Ok.

— Está na festa.

— Entendi.

— Acho que está se escondendo. Não estamos muito felizes com ela, sabe?

— Não?

— Não.

— ...

— Bom. Foi um prazer conhecer você, Charlie.

— É, a senhora também.

— Da próxima vez, bata na porta.

— Pode deixar — falei, antes de correr de volta para a rua da igreja.

•••

— Custa cinquenta centavos para entrar — disse a senhora na entrada.

No bolso, senti o tintilar de chaves, mas não de moedas.

— Desculpe, estou sem dinheiro.

A senhora franziu a testa e, sentindo minha aura de *bad boy*, o homem ao lado dela se inclinou para a frente.

— É para a caridade!

— Eu sei, só saí de casa sem dinheiro nenhum mesmo.

O homem balançou a cabeça devagar, mas não havia protocolo de segurança para a entrada indevida em uma festa no vilarejo. Continuei andando.

— Ei! Ei, você! — chamou a senhora.

Será que viriam atrás de mim? Me derrubariam no chão?

— Eu pago na volta! Só preciso...

Desapareci em meio à multidão — era uma bela festa —, conferindo rapidamente a tômbola, a barraca de plantas e a de bolos, até vê-la sentada atrás de uma mesa desdobrável com livros usados, lendo a contracapa de uma edição laranja da Penguin. Ela ergueu os olhos, me viu, sorriu, depois fechou a cara.

— Oi, Charlie.

— Oi.

Nós conversamos por cima da mesa de livros.

— O que está fazendo aqui?

— Eu tinha que ver você, desculpe.

— Você está horrível.

— Tenho que explicar.

— É, você tem que explicar.

— Eu sei, desculpe.

— Puta que pariu, Charlie! Tem ideia da vergonha que passei?

— Eu sei!

*Tinha preparado uma piada...*

— Polly está furiosa, até Bernard está. Meus pais surtaram.

— É?

*Se fizesse a piada na hora certa...*

— Por que você acha que estou *aqui*? Qualquer coisa é melhor do que isso.

*Resolvi tentar.*

— Uma festa pior que a morte.

— *O quê?*

— Uma festa... A gente pode ir a algum lugar?

— Falei que ia ficar de olho na barraca.

— É só um minutinho.

Fran suspirou, foi até a barraca e, depois de certa negociação, ficou livre para sair.

— Então me conte.

— O que mais eu podia fazer? Não podia simplesmente abandonar você. Achei que fosse ficar preocupada.

— E eu fiquei! Fiquei, mas estou tão encrencada, Charlie... Você está mesmo horrível.

— Não dormi. Nem comi.

— Que roupa é essa?

— Peguei emprestado. Minhas coisas estavam muito sujas de sangue.

— Sangue! O quê? Charlie, o que aconteceu?

— Vamos achar um lugar.

Nós nos sentamos nas estacas que prendiam a tenda das barracas de comida. Eu tinha passado a noite ensaiando um relato que fosse tanto verdadeiro quanto distorcido e ela ouviu em silêncio, as mãos no colo, os olhos fixos nos pés até eu me inclinar para a frente e mostrar os curativos. Ela soltou uma exclamação gratificante, mas a pena não bastou para descartar uma verdade desconfortável.

— Mas... você estava roubando o dinheiro?

— Estava.

— E agora vai ser processado?

— Talvez. Ainda não sei.

— Uau. Entendi. Entendi. — Ela pegou minha mão de novo. — Sinto muito. Isso é difícil.

— Foi um erro.

— Roubar? Ou ser pego?

— As duas coisas, obviamente — falei. Então, com o máximo de cuidado possível: — Puta que pariu, Fran. Não preciso ouvir isso de você também.

— Não, eu sei. Desculpe.

Ficamos sentados, olhando para a frente. Pelo tecido da tenda atrás de nós, ouvíamos um sorteio ser feito, além de gritos e aplausos:

— É um tíquete azul, número 443. 443, para esta linda casa de bonecas.

Em silêncio, ficamos sentados, ouvindo o sorteio da garrafa de champanhe, da cesta de café da manhã, da seleção de geleias, da perna de

cordeiro local e do voucher para corte e escova na Scissors, e senti uma tristeza absurda ao pensar em como havíamos chegado àquele ponto em um dia, incapazes de conversar ou nos olhar, o único contato sendo o consolo da sua cabeça, apoiada desconfortavelmente em meu ombro.

— É um tíquete verde, 225. Verde, 225.

Fran ergueu os quadris, enfiou a ponta dos dedos no bolso da calça jeans e desdobrou o papel verde.

— Ganhei.

— É melhor você ir lá buscar.

— Eu pego depois — disse ela, olhando por cima do ombro.

— Verde 225, para este *discman* — afirmou a voz.

— Não me importo — avisei.

— Já tenho um.

— Última chamada, verde 225.

— Pode ir — falei.

— Fique aqui — pediu ela, antes de levantar e passar por uma fresta na tenda, como se entrasse em um palco.

Eu a ouvi gritar:

— Aqui!

Houve aplausos, risadas e reconhecimento com a chegada da boa menina local. Eu me levantei e fui embora.

Ela me alcançou perto da barracas de bolos, o prêmio enfiado embaixo do braço.

— Não saia escondido assim. Não seja tão dramático...

— Eu tenho que ir.

— Você pode vir comigo se quiser. Para minha casa. Conhecer meus pais.

— Agora não. Outro dia.

— Está bem. Então como você vai...

— Vou andando.

— Posso pedir para eles darem uma carona para você?

— Não, tudo bem. Tenho tempo.

Ela olhou para trás, de volta para a barraca.

— Eu falei que ia ficar no lugar da minha amiga.

— Claro.

— Vejo você amanhã.

— É — respondi, apesar de já saber que não voltaria.

Mais uma vez, ela olhou para trás, depois andou depressa até mim e me beijou.

— Te amo? — murmurou ela.

— Eu também.

Então ela ergueu a caixa, o *discman*.

— Imagino que não queira isto, não é?

— Não, tudo bem. Mas você pode me emprestar uma libra? Tenho que pagar a entrada quando sair.

— Claro. — Ela me entregou o dinheiro. — É muita gentileza sua.

— Bom, é para a caridade, então...

Passsei pela barraca de bolos e gastei cinquenta centavos em dois pedaços de bolo de chocolate e flocos de milho. De costas, enfiei os dois na boca e entreguei os cinquenta centavos restantes para a senhora.



# Casa

•••

Andei todo o caminho de volta, como havia feito na manhã após a festa, a manhã jubilosa em que tomei todas aquelas decisões. Mas a mudança, ao que parecia, era um mito. Não havia novas vozes nem maneiras de existir pelo mundo a não ser aquela, derrotada, em direção à própria casa. Aonde mais eu iria?

Temia voltar, mais do que nunca, não pelo que eu e meu pai havíamos dito, mas por como ignoraríamos tudo aquilo e voltaríamos aos velhos hábitos, às conversas monossilábicas, às brigas e às tréguas temporárias, à estática cheia de tensão. Então enrolei e até parei para dormir na beira de um campo, o tipo de sono que só serve para passar o tempo, como adiantar os ponteiros de um relógio.

A tarde chegava ao fim quando entrei no largo Thackeray e notei que todas as cortinas continuavam fechadas apesar da luz do dia. Mesmo nos piores dias, isso não era algo que eu já tivesse visto, e senti uma onda de pânico tão forte que comecei a correr, deixei as chaves caírem, peguei-as e as enfiei na fechadura, gritando sem parar:

— Pai! Pai!

Entreí tropeçando em casa, observando a bagunça do primeiro andar, o cinzeiro, o som da TV alto demais, subi a escada e entreí correndo no quarto do meu pai. Ele estava de bruços, seminu na cama, a garrafa de uísque no chão.

— Ai, meu Deus — deixei escapar.

Eu me joguei na cama, pus a mão em seu ombro — quente, graças a Deus, mas febril e suado — e o virei. O ar de seus pulmões estava morno e fedia a álcool, mas ele respirava. Revirei a bagunça ao lado da cama, as garrafas, copos e pacotes de plástico, procurando pistas. Será que eu devia chamar uma ambulância?

— Pai? Pai, acorda!

Coloquei o cabelo dele para trás da orelha, como se esse fosse o motivo para ele não responder.

— Pai? Pai, fale comigo, por favor. Está me ouvindo, pai?

Mas não obtive resposta, apenas o barulho da sua respiração presa no catarro da garganta. Por um instante, me encolhi, sentado com as costas na parede, lágrimas quentes nos olhos. Aquilo não estava certo, não era justo ter que lidar com aquelas coisas.

Pelos filmes, eu sabia que o sono era um inimigo, então voltei para a cama e encontrei o copo d'água que ele usava para tomar os remédios. Fiz um acordo: se ele não se mexesse, iria chamar a ambulância. Joguei um pouco de água na bochecha e na orelha dele, depois mais, então esvaziei todo o copo. Ele grunhiu e vi o movimento da sua córnea sob a pálpebra, como se estivesse selada ali dentro. Incentivado, eu me preparei, passei o braço por baixo da axila úmida dele e tentei erguê-lo, mas consegui apenas arrastá-lo para o chão, com um barulho. No andar de baixo, a TV estava ligada, *Songs of Praise*, “Lord of the Dance”. O pânico surgiu de novo dentro de mim, mas de que adiantaria entrar em pânico? Água era a solução. Pulei o corpo dele e entrei no banheiro, abri as duas torneiras da banheira, joguei as escovas de dente na pia, enchi o suporte com mais água fria, voltei ao quarto e, mais uma vez, a deixei escorrer pela cabeça dele, bochecha, um pouco na boca, fazendo-o engasgar e, com um tranco, mudar de posição, sentando-se, meio apoiado na base da cama, fazendo-a andar pelo quarto com as rodinhas.

Estava na hora. Enquanto ele caía para trás, enfiei o braço em torno de suas costas e em sua axila, pus toda a força nos joelhos e nós dois nos sentamos no colchão; eu fazendo o melhor que podia para mantê-lo erguido, um ventríloquo esmagado pelo próprio boneco. Senti a gravidade puxá-lo de volta e, mais uma vez, pensei que ia chorar de frustração, mas em vez disso o rolei para a frente, balançando-o até que ficasse de pé, carregando-o em seguida — jogando-o, na verdade — na direção do banheiro, onde ele caiu para a frente outra vez e parou com a cabeça na caixa da descarga. Ali, graças a Deus, ele vomitou de forma violenta e deplorável por algum tempo, uma coisa aguada, marrom de uísque. Com uma das mãos, esfreguei suas costas; com a outra, senti a água da banheira e desliguei as torneiras, a água fria e desconfortável o

bastante para acordá-lo sem provocar um infarto. Cinco, dez minutos passaram enquanto ele cuspiu e murmurava:

— Ah, não, ah, não, não, não.

Eu o ajudei a levantar e, ainda de cueca, se sentar na beira da banheira e entrar na água como um mergulhador saindo do barco.

Na TV às alturas no primeiro andar, as músicas pararam e a caça por antiguidades começou. Naquela semana, eles estavam em Staffordshire, por isso torciam para encontrar alguns lindos exemplares da famosa porcelana local, mas eu fiquei espremido entre a banheira e a porta, vigiando. A cueca boxer do meu pai havia se enchido e flutuado para a superfície, um navio de guerra português com estampa xadrez. Lá estava uma barriga dura, alta e inchada, seu peito fino e pálido, e eu senti o velho desgosto, por isso observei seu rosto, vasculhando em busca de algum sentimento antigo. Vi as rugas e os vincos profundos o bastante para segurar um lápis, a boca grudada, meio aberta, a barba permeada de branco e tão grossa quanto as cerdas de uma vassoura, o cabelo ralo penteado para trás com o suor, a pele azulada e fina sob os olhos. Ele tinha trinta e oito anos.

Tentei encontrar vestígios do homem mais jovem que tocava no tapete nas tardes da minha infância. Não conseguia vê-lo, mas achei que devia tentar. De todas as decisões que tomei naquela manhã de verão, uma única promessa se manteve: encontrar uma maneira de morarmos juntos. Eu não me esconderia mais dele.

Depois de meia hora, me pareceu seguro sair do banheiro. Seria preciso alguma elasticidade para se afogar em uma banheira tão pequena, por isso o deixei de molho e arrumei seu quarto, troquei os lençóis, separei um pijama limpo, retirei as garrafas e copos e deixei os remédios longe do alcance, em uma gaveta. Desci para o primeiro andar, lavei a louça e abri todas as janelas e, durante aquele tempo, sem perceber, eu procurei um bilhete. Não o encontrar me tranquilizou. Ainda havia pílulas nos frascos, e com certeza, se ele quisesse... Deixe para lá. Eu me agarrei à ideia de que tinha sido uma festa solitária que saiu do controle, um erro de cálculo, nada que precisaríamos nomear nem discutir, sem relação com as coisas que eu tinha dito ou feito. Voltando ao banheiro, encontrei-o no mesmo lugar, a água já fria. Limpei e desinfetei a privada e o chão onde ele havia se deitado.

— Está bem, hora de sair — falei, segurando o roupão dele, ao mesmo tempo um mordomo e um cuidador.

Ele se levantou e pulou a borda da banheira com cuidado, pôs o roupão, tirou a cueca molhada e andou até o quarto. Peguei seu cotovelo.

— Não. Você tem que ficar acordado por mais um tempinho.

Nós descemos a escada devagar. No sofá, construí um ninho de almofadas para mantê-lo sentado e dei chá, torradas e fatias de laranja a ele.

— Igual a um jogador de futebol profissional — disse ele, chupando a casca, as primeiras palavras claras que falava desde que eu havia voltado.

Mergulhamos no sadismo confortável dos programas de investigação de domingo e, de vez em quando, eu olhava para ele, fazia perguntas sobre a trama quando via suas pálpebras pesarem. Você acha que foi o policial? Acha que foi a esposa? Por fim, quando achei que era seguro, o levei para o quarto, abri a janela e o coloquei na cama.

Troquei de roupa e joguei aquele maldito moletom no lixo. No espelho, me vi imundo e exausto. Se sentisse algum orgulho, então os curativos rasgados em minhas costas me lembrariam dos meus erros. Eu ia precisar de alguém para me ajudar a trocá-los, mas isso teria que esperar. Até lá, ficaria deitado ao lado do meu pai. Ficaria acordado, de olho nele. Mas o sono me venceu. Fechei os olhos e apaguei.

## Resultado

•••

Foi perturbador acordar com a cabeça do meu pai no mesmo travesseiro, mas, pelo menos, um pouco de cor havia voltado ao seu rosto durante a noite. Decidi que era o tipo certo de sono, por isso me sentei, me espreguicei e senti as feridas nas costas arderem e tudo voltar. A distância de Fran, o processo iminente, o abandono da peça, a divulgação do resultado do vestibular: uma série de desastres que eu me esforçaria para consertar.

O melhor que eu podia fazer, decidi, era me esconder. O resultado do vestibular já devia ter saído, as multidões de adolescentes reunidas, o grupo felizando socando o ar, outros com olhos vermelhos, confusos. Eu já conhecia a cena pelas reportagens na TV e senti que não precisava me juntar a eles. Concentraria toda minha atenção em fazer meu pai se recuperar, mas o dia trouxe um desfile de telefonemas e visitantes, um mais ansioso do que o outro.

•••

— Cadê você, Charlie? — Era Ivor ao telefone. — A gente precisa de você aqui agora!

— Desculpe, Ivor. Não posso ir.

— Não seja ridículo, Charlie. A estreia é na quinta.

— Eu sei, sinto muito.

— Está bem. Está bem. Olhe, eu falei com Fran, falei com Polly. Eu sei que houve... um problema...

— Não é isso...

— Vamos deixar isso para trás. Enquanto estiver aqui, você é um membro da companhia, um membro muito valorizado. Não vamos

julgá-lo.

— Mas não é isso. Não é só isso.

— O que é, então?

Aproximei os lábios do bocal do telefone.

— É um problema de família.

— Meu Deus, Charlie. Isso é complicado, é muito, muito complicado.

— Eu sei. Desculpe. — Fez-se silêncio na linha. — Eu me diverti aí.

— Então volte!

— Não posso. — Mais silêncio. — Olhe, o que vocês fariam se eu tivesse sido atropelado por um ônibus?

— A gente... cancelaria a peça?

— Não, mas se vocês *tivessem* que fazer a peça sem mim.

— Não sei, colocaríamos uma pessoa para fazer dois papéis.

— Não tenho cenas com Páris. George pode fazer.

Ivor pensou por um instante.

— Não é o ideal.

— Eu sei. — Vi uma sombra passar pela janela. Não queria que meu pai acordasse ainda. — Boa sorte, Ivor. E obrigado.

Desliguei e dei um pulo até a porta.

— Onde você estava?

Harper estava à porta com a timidez que vem de um grande sucesso.

— Acabei de acordar. Como você foi?

— Bem! Muito bem. Quero dizer, melhor do que imaginei porque, tipo, não estudei nada! — Mesmo no momento de triunfo, Harper estava determinado a não admitir que tinha aberto um livro. — Tirei oito na maioria das provas, alguns dez. O suficiente para entrar na faculdade.

— E eu?

— Você não vai lá ver?

— Não, pode me contar.

Ele puxou o ar pelos dentes, uma partida de futebol com resultado ruim.

— Não foi bom, cara.

Eu ri.

— Eu sei. É por isso que não vou.

— Você tirou dois oito.

— Jura?  
— Acho que sim. Você foi melhor do que Lloyd!  
— Bom, já é alguma coisa.  
— Mas isso não importa mesmo, não é? No fim das contas.  
— Não. Exatamente. Não importa.  
Tínhamos ficado na porta por tempo demais.  
— Eu convidaria você para entrar, mas...  
— Não, tudo bem. A gente vai tentar comprar bebida no Angler's, se você quiser...  
— Não, tudo bem.  
— Está bem. — Mas ele hesitou, e eu senti que havia mais alguma coisa. — Sua mãe me ligou ontem.  
— Ligou?  
— É. Ela me contou o que aconteceu. Com a polícia e tal.  
— Porra, minha mãe...  
— Acho que ela queria que eu viesse ver se você estava bem. Então...  
— Estou bem.  
— Suas costas estão bem? Os cortes e tal.  
— Tudo bem.  
— Ótimo. Ótimo.  
— Você não precisa checar se estou bem.  
— Está bem. Legal.  
Mas ele ainda não havia terminado.  
— Charlie, fico meio envergonhado com essa história toda de roubar dinheiro. Se houver um processo, se for considerado criminoso... Você não vai mencionar meu nome, vai? Prefiro não me envolver.  
E então, bem ali, qualquer apego que eu tivesse a Harper sumiu e eu também pude rir dele.

•••

— Que baboseira é essa, Charlie? Você vai abandonar?  
Era Alina desta vez.  
— Desculpe, Alina. Já expliquei isso para Ivor.  
— Não é nada profissional da sua parte.  
— Bom, não sou profissional, então...

— Hum. — Eu a ouvi bufar ao telefone. — George não é bom.  
— George é ótimo!  
— É verdade, ele é tecnicamente um ator muito melhor do que você, mas não é bom neste papel. É distinto demais. Você, Charlie, tem uma cara anônima e aguada que é perfeita.  
— Obrigado, Alina.  
— Não quero ofender, mas o personagem precisa de alguém neutro.  
— Bom, sinto muito.  
— O elenco não está feliz, Charlie.  
— Como eu disse...  
— Nenhum de nós está feliz. Não podemos permitir isso. Não depois de você ter se esforçado tanto. — Ouvi um ruído na linha, um cigarro secreto. — Charlie, muitos dos jovens com quem trabalho sabem que são bons, ouvem que são bons e vão continuar sendo bons. Bons, competentes e capazes. Bom, parabéns para eles, mas, sério, qual é o objetivo? É não ser bom e depois ficar muito melhor... É por esse motivo que fazemos isso. *Você* é o motivo para fazermos isso. Sem você, qual é o sentido?

Certo tempo passou.

— Tenho que ir — falei. — Alina... Sinto muito.

Desliguei o telefone.

•••

Meu pai tinha acordado, mas ainda não estava pronto para se sentar direito. Levei chá até o quarto e ele grunhiu quando abri as cortinas. Eu as fechei de volta.

— Por que o telefone fica tocando? E quem estava na porta?

— Só alguns amigos.

— Você é popular.

Eu ri.

— Sou!

Certo tempo passou.

— Desculpe, ainda não consigo levantar.

— Tudo bem.

— Minha cabeça.



— Não, pode dormir.

— Você já foi até a escola?

— Não. Não tem por quê.

Ele começou a falar, depois hesitou.

— Mas vale a pena dar uma olhada.

— Talvez.

E fez-se mais silêncio, um intervalo parecido com uma deixa perdida.

Procurei a fala e...

— Acho que você não devia beber se está tomando antidepressivos.

Ele franziu a testa.

— Não, eu sei.

— Não funcionam se você beber. Têm efeitos colaterais. E eu fico preocupado. Todos nós ficamos. Esse é um dos efeitos colaterais, deixar a gente preocupado. Não é justo.

— Eu sei.

— O que aconteceu, afinal?

— Eu... perdi o controle. Foi só isso.

— A gente precisa, você quer... conversar sobre isso?

— Não.

— Porque não posso colocar você no banho de novo, pai. É muito nojento.

Ele riu.

— Bom, você também. Não posso ficar buscando você na rua.

— Está bem — falei. — Vamos parar de fazer isso. De dar banho um no outro.

Ele riu.

— Tudo bem.

— Ótimo.

— Mas não precisa contar para sua mãe nem para sua irmã. Nem para ninguém, na verdade.

— Não vou contar.

— Vou voltar a dormir agora, depois me levanto.

— Está bem. Vou para a escola. Até mais.

Saí e fechei a porta. Já era alguma conversa, imaginei, e significava que eu podia sair de casa. Não ia demorar.



Pela velocidade, tirei a bicicleta turquesa enferrujada da minha mãe do quintal e saí, a cesta sacudindo o tempo todo. Fora do horário de aula, a escola tinha o ar triste e abandonado de uma fábrica fechada. Todo mundo que queria saber o resultado já tinha passado lá muito antes. Apenas o Sr. Hepburn, professor de geografia, ainda estava lá, parado perto da recepção, a barba por fazer, usando roupas comuns, o glamour curioso de um professor fora da sala de aula.

— Sr. Charlie Lewis! Voltou à cena do crime!

— Oi, Sr. Hepburn.

— Você é o último! Sabe aonde ir. Dê uma olhada.

Eu tinha uma piada preparada há meses. Eu olharia o resultado e diria: 1, 1, 1, 1, 0, 0, 0, 0... Parece que estou gaguejando!

Não era bem uma piada, nem um consolo, mas talvez aquilo me ajudasse. O resultado real não me permitia uma frase tão certinha. Em vez disso, havia uma bagunça de cinco, três, dois e, sim, um ou dois zeros. Os trabalhos que havia feito no início do ano, antes do surto, tinham me salvado da humilhação completa, mas ainda era um conjunto confuso e inexpressivo. Dei uma olhada rápida em algumas outras notas: uma série de dez para Lucy, o mesmo para Helen.

— 10, 10, 10, 10, parece um código binário — tinha sido a frase de Fran.

Comparando, eu tinha...

— Uma boa matriz. — O Sr. Hepburn estava parado ao meu lado. — Já vi piores.

E em um aspecto vital, Harper estivera errado. Os dois oitos que ele havia mencionado eram, na verdade, um oito e um dez, em computação e artes.

— Está vendo isto? — perguntou o Sr. Hepburn, batendo no dez com o indicador. — Isso lhe dá uma boa chance.

— Talvez tenham digitado errado.

— Pare com isso, Lewis. Estes outros... — Ele arranhou os cinco, três e dois com a unha do polegar. — Estes não importam ou podemos consertar. Eu garanto que dá para compensar.

— Não precisa, obrigado, Sr. Hepburn.

— Você vai me chamar de Adam algum dia?

— Não, nunca.

— Volte se quiser...

— Talvez.

— Está bem, Charlie. Pode ir. Boa sorte. Você sabe onde me encontrar.

— Sei. Obrigado, Sr. Hepburn — respondi, antes de sair da escola pela última vez, uma segunda vez.

• • •

Uma tristeza profunda me dominou naquele dia, como o primeiro estágio de uma doença. Não apenas tristeza pelo fracasso confirmado, mas a dor mais profunda da perda de Fran. Não tínhamos terminado, ainda não, mas com certeza isso era iminente. A pessoa que ela amava — tinha dito aquilo dias antes — sumira, as características misteriosas de que havia falado tinham se revelado como estupidez, desonestidade e mediocridade. O telefone tocava, a campainha tocava e, a cada vez, eu me perguntava: Será agora? “Charlie, temos que conversar...”

Em vez disso, minha mãe e Billie chegaram com um bolo de supermercado.

— Viva! — gritaram.

“Parabéns!”, insistia a frase no bolo, apesar de até a cobertura não parecer convicta disso. Meu pai já estava de pé, vestido, e nós quatro nos sentamos nos banquinhos da bancada e comemos fatias em um clima de civilidade forçada.

— Dez em arte! — exclamava minha mãe a cada intervalo de tempo, agarrando-se àquilo como a uma tábua em uma inundação. — Imagine. Um *dez*.

— É, pense em todos os empregos na seção de arte do jornal.

— Essa não é a questão, Charlie.

— “Procura-se um artista, início imediato...”

— Por que você não está no ensaio? — perguntou Billie, tentando mudar de assunto.

— Não vou mais fazer aquilo.

— Não!

— O que foi?  
— Ah, que pena...  
— Mas a gente vai ver! — disse Billie.  
— Vocês ainda podem ver. Só não vou estar na peça.  
— Você não pode desistir agora!  
— Mãe, era um papel chato. Eu não fazia muita coisa.  
— Mas a gente comprou os ingressos!  
— Eu também — afirmou meu pai.  
— Então vão ver!  
— Não seja ridículo — disse minha mãe. — Não vamos a uma peça se não tivermos que ir.  
— Tudo bem! Então deixem para lá! — Certo tempo passou. — Mas vocês deviam ir mesmo assim. Vai ser boa.  
Mais tempo passou.  
— Um dez e um oito. Além disso, com um cinco você passou, em teoria.  
— Mãe, pelo amor de Deus...  
Ela estendeu a mão por cima da bancada, pegou a minha e esfregou meu pulso com o polegar.  
— Charlie, só aceite o elogio, está bem? Aceite o elogio.  
Depois que elas foram embora, meu pai e eu fomos lavar a louça, os olhos fixos no quintal.  
— Acho que a gente não fez nosso trabalho, não é? — perguntou ele.  
— Sua mãe e eu.  
Dei de ombros.  
— Vocês tinham outros problemas para resolver.  
— Mas não foi em um bom momento.  
— É, talvez.  
— Ainda assim. Estou orgulhoso de você.  
— Por um oito e um dez?  
— Não por isso. Por outras coisas.  
Ele pôs a mão de leve em meu ombro por um instante, depois guardamos a louça.

E ainda assim eles vieram, na terça também, muitos convidados e visitantes.

O próximo foi Mike, meu ex-chefe. Meu pai abriu a porta e eu o vi vacilar, dividido entre a consideração pela parte afetada e a lealdade por mim. Uma reunião era necessária e, de forma um pouco incômoda, nós nos sentamos um ao lado do outro no sofá, murchos e informais demais para uma discussão tão solene.

— Bom, não vou abrir um processo. Seria uma abordagem exagerada e nunca foi nossa intenção. Como sabe, o Charlie aqui tinha sido contratado, como podemos dizer, de maneira informal, como estagiário.

— Ilegalmente — disse meu pai, se esforçando para atacar com a advocacia.

— Informalmente, Sr. Lewis, e não é do interesse de ninguém levar isso adiante. Poderíamos, se quiséssemos. Temos provas suficientes: vídeo dos cúmplices, discrepâncias na contabilidade, mas... Bom, é o princípio, na verdade. Estamos só decepcionados. — O sofá o sugava, e ele teve que apoiar os punhos com força e se erguer das profundezas. — Não esperamos que Charlie volte ao trabalho e não vamos dar referências para outros empregadores, boas ou ruins. Há a questão da compensação financeira...

— Ah. É mesmo? — perguntou meu pai, o velho medo voltando. — Quanto?

— Bom, sinceramente, Sr. Lewis, é difícil chegar a um valor. Parece que toda a equipe estava envolvida de uma maneira ou de outra, e claro que todos estão negando...

— Tenho cem libras — falei, de repente. — No meu quarto.

Fiz meu pai se encolher.

— Você não devia ter que...

— Não, tudo bem. Eu quero fazer isso.

— Cem libras deve dar.

Saí meio desajeitado e corri para o segundo andar para pegar meu fundo de fuga, o rolo de notas escondido na armação do beliche. Cento e cinco libras. Em um último floreio criminal, eu tinha mentido sobre o valor e, apesar de saber que a nota de cinco não duraria muito, a tirei do bolo e corri de volta.

Mesmo assim, eu esperava que Mike me dissesse para ficar com o dinheiro. Ele não disse. Em vez disso, se soltou com dificuldade das garras do sofá, enfiou o rolo no bolso — dinheiro para gastar no bar do campo de golfe — e estendeu a mão.

— Bom, Charlie, não guardo mágoa. Você é um bom menino.

— Ele é — disse meu pai.

Uma última carícia no bigode.

— Desejo o melhor para você. Para o senhor também, Sr. Lewis — afirmou ele.

Ficamos parados à porta observando-o ir embora.

— Eu teria oferecido um drinque a ele — falou meu pai —, mas todos os nossos copos foram roubados.

Eu ri.

— Não importa agora.

— Mas cem libras...

— Valeu a pena.

— Isso mesmo. Tudo resolvido.

— Vou começar a procurar emprego amanhã.

— Ok — disse meu pai. — Eu também.

E nós ficaríamos bem. Encontraríamos uma maneira de preencher os dias, e as noites nos cercariam e nos envolveriam. Havia a TV e os filmes da biblioteca para assistir e nós voltaríamos a nos acomodar em uma estranha domesticidade, meu pai e eu.

Mas antes tivemos mais uma visita, mais tarde naquela noite.

## Balanços e escorregadores



Ouvi a buzina do carro antes de vê-los. Meu pai tinha acabado de ir para a cama, então corri até a janela e vi o velho Volkswagen Golf de Miles entrar no largo, as portas se abrirem e pessoas demais saírem: Helen, depois George, Alex, Colin, Lucy, o próprio Miles e então Fran, rindo e esticando ombros contorcidos e pernas dormentes, uma, não, duas garrafas abertas com eles.

Eu me afastei da janela. Se fingisse ter saído, eles tocariam a campainha e continuariam tocando, mas, meu Deus, eu estava horrível, descalço, com uma camiseta manchada — um souvenir de Portugal de quatro anos atrás, a palavra “Algarve” no peito — o desodorante vencido. Vi a sombra deles à porta.

— É esta aqui?

— É, esta mesmo.

Podia pedir que fossem embora. Abrir a porta com a tranca fechada, como um velho eremita. Exigir que me deixassem em paz.

— Está bem, estão todos prontos? Um, dois, três...

— *Vós homens sábios e de bem, e vós que estais em dor...*

Abri a porta com força.

— Shhhhh!

— *Lembraí-vos todos, afinal nasceu...*

— Fiquem quietos! Meu pai está dormindo.

— Desculpe! — disse George. — Desculpe!

— A gente sabe o que você está pensando — afirmou Helen. — Está pensando: *Quem é esse bando de ciganos maltrapilhos?*

— Precisamos falar com você, Charlie — pediu Miles.

— É urgente — informou Lucy.

— Por que não estão ensaiando?

— A gente estava — disse Miles. — Acabamos de passar pelo ensaio técnico.

— Foi um desastre! — exclamou Alex, tomando um gole de uma garrafa de vinho.

— É por isso que precisamos falar com você — explicou Miles.

— Por que estão todos bêbados?

— Eu não estou — respondeu Miles. — Estou dirigindo.

— Mas é — cedeu George. — Estávamos afogando as mágoas, por assim dizer.

— E aí? Você vai deixar a gente entrar ou o quê? — perguntou Helen.

— Não.

— Que grosseria da sua parte — disse ela.

— Está bem, então você tem que sair — avisou Colin.

— Não posso.

— Por que não?

— Não tem por quê.

— Charlie — disse Alex —, a gente teve todo esse trabalho de organizar uma intervenção. É extremamente dramática e emotiva, e o mínimo que você pode fazer é ouvir a gente.

— Por favor? — pediu Fran. — Dez minutos.

Ela estava no fundo, apenas uma integrante do grupo, e me perguntei se ia conseguir fechar a porta na cara dela.

— *Em um berço de palha* — cantou Alex e os outros se juntaram a ele —, *dormia Jesus...*

— Está bem! Está bem. Tem um parque no fim da rua. Só esperem um pouco. Vou calçar os sapatos.

O sol estava se pondo, televisões balbuciavam por janelas abertas enquanto andávamos no meio da rua vazia, em direção ao parquinho.

— Este é o que chamam de Parque do Cocô de Cachorro? — perguntou Alex, a voz alta demais.

— É! — respondeu Helen. — Tem outro Parque do Cocô de Cachorro na zona leste...

— Na “zona leste”!

— Mas esse é o original.

— O original — disse George — e, ainda assim, o melhor, eu acho.



— O Parque do Cocô de Cachorro do Oeste.

— No parquinho, não é? — disse Helen.

À noite, a área asfaltada se tornava um tipo de sala de conferências compartilhada para a juventude local, e nós conferimos se não estava sendo usada, tiramos latas e garrafas vazias do caminho e nos sentamos na gangorra, no carrossel, no escorregador e nos balanços, onde fui parar com Alex e Helen.

— A questão é que... — começou Helen — Charlie, queremos você de volta.

— Não posso. Desculpe.

— Ninguém mais pode fazer o papel — lembrou Alex.

— Ah, pode, sim — falei.

— Mas não igual a você.

— Não é a mesma coisa.

— O coitado do George está exausto — disse Alex. — Não está, George?

George passou por nós no carrossel.

— Fazer dois papéis não funciona. Posso decorar as falas, mas Miles e eu temos zero química...

— É verdade, Charlie — concordou Miles, do alto do escorregador. — Ele é horrível.

— O problema — respondeu George — é que é tipo tentar atuar com um chimpanzé com talento.

— George não é versátil — disse Miles. — O público vai achar que é o mesmo personagem com um chapéu diferente.

— É verdade — afirmou George. — Assim como a do Miles, a minha performance é sempre a mesma.

Miles desceu pelo escorregador para tirar George do carrossel.

— E Ivor está desesperado por você — lembrou Helen.

— Ele não está irritado — disse Alex.

— Alina está.

— Ivor só está desesperado.

— Eu não poderia fazer, de um jeito ou de outro — expliquei. — Tem... coisa demais acontecendo.

— E a gente sabe de tudo — respondeu Alex.

— As notas... Quem se importa com elas?

— Só idiotas se importam com o vestibular.  
— Idiotas e empregadores — falei.  
— Tudo bem, então refaça a prova ou parta para outra — disse Helen. — A peça não vai impedir você.  
— E a história do roubo... — continuou Alex, em voz baixa.  
— Grande coisa.  
— Acho legal, na verdade.  
— Está enfrentando os poderosos.  
— Todos nós já fizemos coisas piores.  
— acredite, *bem* piores.  
— Tem outras coisas — falei.  
— É — disse Helen —, a gente sabe.  
— Mas a gente não sabe — afirmou Fran, do balanço. — Não tudo.  
— Está bem. Não. Talvez não, mas...  
— Tenho que cuidar do meu pai.  
— Está bem — disse Alex —, mas você pode sair de casa.  
— Ele com certeza ia querer que você saísse.  
— Só mais quatro dias.  
— Não posso — expliquei. — Ele não está bem o bastante para...  
— Mas e se você disser a ele?  
— Converse com ele.  
— Não posso — falei. — Tenho que estar lá.  
Todos ficaram em silêncio por um instante.  
— Tudo bem — disse Alex. — Tudo bem.  
— Mas pense no assunto — pediu Helen.  
— Não tem graça sem você, Charlie! — gritou George de baixo de Miles. — Não tem a mínima graça.

•••

Nós andamos até o carro, entrando e saindo dos pontos de luz dos postes, o resto do grupo tentando sumir até Fran e eu ficarmos lado a lado, como antes, só que andando em silêncio.

— Desculpe pela festa — disse ela, por fim.  
— Tudo bem.

— Não, eu não fui muito legal... Polly tinha gritado comigo, depois meus pais. Até Bernard tinha me olhado de cara feia. Se eu soubesse o que havia acontecido... Mas achei que você tivesse simplesmente fugido e me largado lá.

— Eu não faria isso.

— Eu sei! Devia ter ouvido...

— Tudo bem.

— Charlie, você tem que parar de dizer que está tudo bem quando não está. Isso não ajuda ninguém.

Continuamos andando. Depois de um tempo, ela segurou minha mão.

— Nada mudou. Pelo menos não para mim.

— Não, para mim também não.

— Então volte?

— Desculpe, não posso. Não sou boa companhia.

— Não é uma companhia, é uma cooperativa! — A certa distância depois: — Posso perguntar por que não?

Dei de ombros.

— Estou meio para baixo, acho.

— E ficar em casa é a solução?

— Não, mas voltar também não é.

— Talvez não. A não ser que seja.

— Está sendo um desastre mesmo? — perguntei.

— Problemas técnicos. Sua saída não ajudou. Pense no assunto, está bem? — Estávamos de volta ao carro de Miles e o grupo brigava pelos melhores assentos. — Sinto sua falta. Todos sentimos.

— Eu, não — disse Helen.

— Todo mundo sente a sua falta, menos Helen.

— O ensaio está marcado para as nove amanhã — lembrou George.

— É o ensaio da luta. Caso você mude de ideia.

— Sem pressão — informou Lucy.

— Um pouco de pressão — disse Alex.

— Eu vou na frente — avisou Helen. — Você vai me deixar em casa, não vai?

— Eu também — pediu Colin.

— E eu, Miles, por favor — completou Lucy.

— Isso aqui não é um taxi — respondeu Miles.

Por fim, restaram apenas Alex e Fran.

— Que intervenção ridícula foi essa? — disse ele, me abraçando e depois entrando no carro. — Vejo você amanhã, Sr. Algarve.

Miles girou a chave na ignição e “Three Little Birds”, de Bob Marley, começou a tocar. Enquanto eles brigavam, grunhiam e se espremiavam em todos os cantos, Fran me beijou.

— Amanhã. Por favor?

Então ela foi para o colo de todos.

Observei a manobra complicada, o carro pesado sobre os eixos, e esperei que fossem embora. Ao me virar para casa, vi meu pai à janela. Então entrei e fechei a porta.

## Canadá, Málaga, Rimini, Brindisi



A bicicleta que minha mãe usava para fazer compras não era feita para ladeiras como aquela, afinal tinha rodas comuns e três marchas, todas iguais, a cesta bamba e os para-lamas ameaçando cair a cada giro dos pedais. Na rua sombreada que levava à Mansão Fawley, ela parecia uma esteira de academia: apenas esforço, nenhum avanço perceptível. Como eu estava atrasado, larguei-a atrás de uma estrutura que nunca tinha visto — uma barraca de comida — e segui o barulho de gritos e berros, atravessando o pátio e saindo entre dois grandes andaimes, arquibancadas saídas direto de um filme passado no ensino médio. Parei na hora.

Nos três dias em que não havia estado ali, uma pequena cidade surgira, de um tom branco empoeirado por causa do sol italiano, retorcida e destruída. O grande gramado tinha desaparecido sob um tipo de superfície pálida e amassada, como um tecido pesado usado para criar um molde de gesso e, na rua, uma luta acontecia e espadas, espadas de verdade, brilhavam no ar enquanto os lutadores levantavam poeira, observados de cima pelo resto da companhia, todos em movimento, gritando e batendo os pés. Na passarela, Sam e Grace, nossos músicos, atacavam no tambor e no bandolim elétrico.

— *Que uma maldição caia sobre suas casas!* — gritou Alex, rindo com amargura para o sangue falso que pingava de suas mãos. — *Fizeram de mim comida de verme!*

Vi o espaço no palco onde eu deveria estar.

— Charlie! Ei, Charlie, aqui em cima!

Da última fileira da arquibancada, Helen sorriu, depois Chris e Chris, erguendo os polegares.

— Shhhh! — pediu Alina, virando-se e me vendo. — Ora, olá, estranho!

— Charlie! — gritou Ivor. — Charlie, meu garoto!

No palco, a ação foi interrompida e Alex começou a aplaudir com as mãos sangrentas, depois George, e então toda a companhia. Polly surgiu atrás de mim.

— Eu sabia, eu sabia que você ia voltar. Não falei?

Fran riu e Ivor saltitou até mim.

— O filho pródigo voltou. Charlie Lewis — disse ele, apertando minha mão com força. — Estamos todos *muito* felizes. Agora vá vestir seu figurino.

•••

Mergulhei de volta naquilo, no melodrama brega e vergonhoso da montagem da peça, em todos os chilikues e desastres insuperáveis. “Não posso fazer esse papel”, “O figurino não é bom” e “Nunca vamos ficar prontos a tempo”. Ensaíamos por muitas e muitas horas e cada hora trouxe consigo outra crise, outra explosão. Miles ousou dar dicas a Alex e Alex as devolveu cheias de veneno, Lucy se empolgou na luta e atingiu a orelha de Colin com a espada, Polly não parava de esquecer as falas e Keith fugia o tempo todo para ligar para a esposa e voltava aos prantos. Roldanas travavam e objetos sumiam e um vento de verão repentino soprou, inflando os lençóis como se fossem velas, balançando perigosamente os andaimes. George achou que estava ficando gripado até Alina proibir isso, e as performances eram às vezes silenciosas demais, barulhentas demais, lentas demais, grandes demais, pequenas demais, e, nos intervalos entre crises e explosões, nós ficávamos à toa, jogávamos cartas ou brincávamos de pega-pega, nos esforçávamos para ganhar um bronzeado italiano, fofocávamos e elogiávamos uns aos outros, às vezes com sinceridade, outras não. Quando podia, Fran vinha me procurar e de vez em quando achávamos um lugar reservado para nos beijar e conversar — conversar de verdade —, até estarmos quase como antes. Apesar do melodrama no ensaio, as coisas estavam mais calmas entre nós, provavelmente por causa do alívio que segue uma confissão, e nós nos sentimos mais velhos e sábios do que as crianças que havíamos sido cinco dias antes.

E, na quinta, às sete da noite, depois de cantar músicas repetitivas e encadear trocadilhos, vestidos de cinza-claro e azul-bebê como fantasmas estilosos, todos nos reunimos no gramado atrás do palco para o último grande discurso de Ivor, variações do tema sobre nos controlarmos, ouvirmos uns aos outros, a necessidade de nos entregarmos.

— Esta linguagem, estas palavras... — Tudo isso foi dito em sua voz de experiência religiosa. — Estas são as melhores palavras que vocês vão falar em voz alta, escritas pelo melhor poeta que o mundo já conheceu. Então apreciem. E, pelo amor de Deus — uma risadinha contida típica de apresentador de TV —, se divirtam!

Demos um abraço coletivo. Merda para todos! Não literalmente! Fomos esperar nossa deixa, os meninos e as meninas, nos preparando em tendas separadas até as sete e meia...

— Atores da primeira cena no palco, por favor! Chamada dos atores da primeira cena.

Pus os óculos que magicamente me transformavam em Benvólio. No caminho, encontrei Fran andando de um lado para outro, os olhos fechados com força, os braços nas laterais do corpo, balançando os dedos enquanto murmurava algo para si mesma.

— Oi — falei.

— Oi.

— Posso falar com você ou está concentrada?

— É, estou concentrada em não me cagar de medo.

— Não se cague.

— Viu? Agora todo mundo resolveu dar dicas. Francamente...

Do outro lado do palco, ouvíamos vozes sussurrando, tábuas balançando nos andaimos.

— Seus pais estão aqui?

— Aham. Minha mãe vai vir todas as noites.

— Ela está orgulhosa.

— É estranho.

— Não é. Você vai se sair superbem.

— Obrigada. Você também. O que achou da maquiagem? — Seu rosto tinha um brilho empoeirado, o marrom-acastanhado das meias-calças de senhorinhas. — Foi Polly que fez. Eu pareço um manequim da Debenhams.

— Mas sob as luzes...

— É, foi o que ela disse. Depois ela pôs estas duas marcas vermelhas no canto dos meus olhos. Disse que os deixa maiores, mas parece que estou com um terçol, dois terçóis. Conjuntivite!

— Fique calma.

— Olhe só! — Ela enxugou a testa úmida com as costas da mão. — Está tudo saindo em pedacinhos. Parecem bolinhas de molho de carne.

— Certo, atores da primeira cena, por favor! — gritou Chris. — Atores da primeira cena no palco agora!

— Posso beijar você? Vai estragar sua maquiagem?

— Claro. Sem língua, por favor, meu senhor.

Dei um beijo de leve nela. Ela segurou meu rosto e voltou a me beijar.

— Estou tão feliz que você voltou — disse, antes de me empurrar na direção da cortina para o palco, onde os outros esperavam.

As luzes foram reduzidas, a plateia ficou em silêncio e nós sentimos o zumbido da eletricidade passando pelos fios e um cheiro de queimado, como poeira em uma lâmpada. No palco, Lesley e John descansavam sob o sol italiano e começaram os trabalhos, entre polegares, peixes e virgindades.

— Começou — sussurrou Alex ao meu lado.

— *Separem-se, tolos. Guardem as espadas* — murmurei. — *Separem-se, tolos. Guardem as espadas.*

Senti a mão de alguém em minhas costas: Lucy, sorrindo.

— Vamos nessa! — disse ela.

Toquei minha espada — uma espada! Eu tinha uma espada! —, e ela me empurrou para a luz.



## Pequenas estrelas



Por muito tempo, tive uma fita VHS da peça. Todos tínhamos uma, uma lembrança que nos deram um dia depois da última apresentação, quando aparecemos tristes e de ressaca para desmontar o cenário. E, apesar de termos pegado nosso VHS, sabíamos que nunca o assistiríamos. Três horas de drama amador filmados de longe demais: seria uma tortura, tão chato e pouco envolvente quanto assistir a uma peça de Natal com uma criança que você não conhece. “Uma produção adequada”, afirmou o *Advertiser* local na semana seguinte, “com declamações irregulares de versos e atuações extremamente diferentes. Frances Fisher faz uma Julieta apetitosa e Alex Asante é um Mercúcio carismático, mas falta charme ao Romeu. Três estrelas de cinco”.

Mas fazer parte daquilo era emocionante, todas as tensões e rivalidades foram esquecidas enquanto tropeçávamos pela peça, assistindo às cenas dos outros, dando tapinhas nas costas quando os atores voltavam para as coxias como se fossem jogadores de futebol que acabaram de fazer um gol: muito bem, bom trabalho, foi incrível, muito engraçado! Quando acabava, eu me jogava nos abraços suados e elogios exagerados junto dos outros. Éramos todos *incríveis* e a plateia também nos enchia de elogios, aplaudindo e batendo os pés. Por isso fazíamos reverências demais, com as pessoas descendo os degraus e tirando a chave do carro do bolso antes mesmo de termos deixado o palco.

A sexta à noite, claro, foi puro anticlímax.

— *Preparem-se, fulos! Levantem as espadas!* — Foi a primeira fala de Benvólio, e as coisas degradingolaram a partir disso.

A matinê de sábado também foi decepcionante e me pareceu que estar em uma peça era como ouvir uma música favorita, depois ouvi-la de novo, e outra vez, até toda a mágica desaparecer por completo. Com a

ausência do romance do anoitecer, a matinê era sem graça e sem jeito, um ensaio diante de bancos quase vazios. Uma tocha acesa não criava clima nenhum em uma tarde quente de verão e, para compensar a falta de encanto, começamos a declamar uns para os outros, feito turistas gritando “Eco!” em um cânion.

— Isso é que é... — disse George, assistindo da coxia à primeira cena de Polly como a Ama — *exagerar* na atuação.

— Dá para ver a atuação dela do espaço — respondeu Alex.

Mas era impossível não sucumbir àquilo e, gritando todo meu último discurso, acabei encontrando o olhar da minha irmã na segunda fila. Ela ergueu ambos os polegares e eu vi minha mãe, os olhos fixos no chão, os dedos pressionando as têmporas como se tentasse fazer uma enxaqueca passar.

— Odeio matinês — disse Miles, o profissional experiente.

— É tipo transar com todas as luzes acesas — afirmou Alex, e até os virgens concordaram que era *exatamente* igual àquilo.

Quando a peça acabou com aplausos educados, fui até a tenda de comida e encontrei minha mãe e Billie. Suas testas franzidas se tornaram sorrisos quando me aproximei, e minha mãe aplaudiu, batendo dois dedos na palma da outra mão.

— Bom, foi impressionante — disse ela.

— Por que vocês vieram na matinê? É melhor à noite.

— *Melhor?* Com certeza, não. Foi ótimo, Charlie. E você foi muito bem, viu?

— Você sabe mesmo lutar de espada, irmãozinho — afirmou Billie.

— Acho que faz anos que não ouço você falar tanto.

— E a voz dele não soou bonita? — perguntou minha mãe. — Eu queria que você falasse com essa clareza o tempo todo.

— Sua namorada é boa — disse Billie.

— Ela é *muito* boa — concordou minha mãe — e linda. Isso que é muita areia para o seu caminhãozinho!

— Mãe... — repreendeu Billie.

— Qual o segredo? É a sua personalidade?

— Mãe!

— Estou brincando com ele, posso brincar com ele. Mas talvez seja melhor ela não pesar tanto na maquiagem. É minha única crítica. A gente

pode conhecer a Fran?

— Não, hoje não — falei. — Temos que ir ensaiar.

• • •

Tínhamos combinado de nos encontrarmos no longo intervalo entre as apresentações. Nós fugimos depois da matinê e atravessamos o bosque até a guarita, afinal, aonde mais poderíamos ir? Tudo foi melhor, menos cerimonioso, um reencontro. Depois, ficamos deitados, um de frente para o outro, na sala fria e escura.

— Nunca mais quero fazer nada além disso.

— Eu acho — disse ela — que vamos ficar meio doloridos depois de um tempo.

— Eu não ligaria. Daria um jeito.

— Eu sei que *voce* daria. — Nós nos beijamos. — Vamos ficar aqui, então — sugeriu ela. — Não precisamos nos apresentar hoje à noite.

— Acho que eles notariam. Pelo menos a sua falta.

— Você está triste?

— Com o quê?

— A última noite. Sempre fico meio triste. Tanto trabalho, e ele meio que... desaparece. Você vai ver. Na festa, todo mundo vai ficar  *muito* emocionado.

Nós nos aconchegamos juntos, em um nó apertado. Ainda assim, senti um arrepio de preocupação e quis ser reconfortado. Mas sabia que, assim como em um filme de terror, se expressasse um medo em voz alta, eu poderia lhe dar vida. Em vez disso, conversamos sobre a peça, sobre como ela havia se atrapalhado naquela tarde, na cena em que Julieta acha que quem morreu foi Romeu e não Teobaldo.

— Eu tenho que pensar que ele está  *morto* , o grande amor da minha vida. Quando chego nessa parte, tento imaginar o que faria se a pessoa que eu amo de verdade tivesse morrido, e acho que gritaria, bateria a cabeça na parede. Só que, em vez disso, na peça tenho que dizer: “Pode o céu ser tão invejoso?” É uma fala horrível. O que é que isso significa?

Mas uma ideia tinha se fixado em minha cabeça.

— Em quem você pensa?

— Como assim?

— Na cena, quando está fazendo a atuação.

— “Fazendo a atuação”?

— Quem você imagina que morreu?

Ela olhou para mim e depois desviou o olhar.

— Você.

— Não é o Miles?

— Não, não é o *Miles*! Você.

— Então... você está pensando em mim no palco?

— Só às vezes.

— Para ficar triste.

— Isso parece estranho quando você fala assim.

— Eu, só que morto?

— Não *só* morto. Também penso em coisas felizes sobre você.

Talvez eu tenha sorrido.

— Não fique se achando todo — disse ela — ou vou começar a pensar em outra pessoa.

— Em que outro momento?

— A gente pode mudar de assunto?

— Está bem. Mas em que outro momento você pensa em mim quando está dizendo as falas?

— Não vou falar para você! Vai ter que assistir para saber.

Nós nos beijamos e, para mudar de assunto, ela acrescentou:

— Na segunda você pode me levar para tomar aquele famoso café. Tenho um tempo até ir para a faculdade.

— Acho que a gente já passou da fase do café, não é?

— A gente ainda pode ir. Ainda temos que conversar sobre algumas coisas, não acha? Mais coisas, na verdade. Nada mudou, nada mudou de uma maneira ruim. Eu ainda te amo.

— Eu também.

— Bom, então estamos bem.

Nós nos beijamos e, em um gesto saído de um filme, ela pegou o relógio, o braço bem para trás do corpo, o pescoço esticado, os dedos Tateando o chão. Naquele momento, com aquele gesto, acho que não poderia sentir um amor maior por ela.

— Nossa, olhe a hora... Temos que ir. Você está pronto? A última vez de todas?

Mas, de volta ao camarim, as pessoas só conseguiam falar da festa. Ivor havia insistido para que tivesse apenas bebidas não alcoólicas, que era perfeitamente possível se divertir com bebidas não alcoólicas, por isso, antes do início da peça, nos reunimos no camarim dos meninos para conferir nosso estoque de embalagens e garrafas tiradas do fundo do armário de bebidas — limoncello, xerez para cozinhar, advocaat coalhado, espumante tinto — e escondê-lo em arbustos e cercas de todo o jardim, feito esquilos guardando nozes para o inverno. Às sete da noite, nós nos aquecemos, cantamos músicas, demos um abraço coletivo, Ivor fez outro de seus discursos empolgados — tínhamos que dar tudo! — e então começamos.

Havia muitos pais ali naquela noite, os famosos pais cujos erros e problemas tínhamos descrito em todas aquelas conversas intensas e, das coxias, durante o discurso do Frei Lourenço, os indicamos na plateia.

— Lá estão eles! Na primeira fila! — sussurrou Alex. — Falei para eles não ficarem na primeira fila.

— Estão orgulhosos! — disse Fran.

— Estão entediados — respondeu ele. — Olhe só para o meu pai, tentando ler o programa.

Ao lado dele estava meu pai, inclinado para a frente, o queixo nas mãos. Fiquei ali, observando-o o tempo todo, até os “corcéis dos pés de fogo”, sua cabeça balançando um pouquinho, suponho que ao som do jazz das palavras, e eu o observei enquanto esperávamos a fala favorita de todos.

— Lá vem ela — disse Helen.

No palco, Fran estava sob um holofote.

— *Me dê meu Romeu* — recitou ela — *e quando eu morrer, retalhe-o em pequenas estrelas, e ele dará ao céu um rosto tão belo que o mundo inteiro vai adorar a noite.*

Vi meu pai sorrir ao ouvir isso, os olhos se arregalando com cada detalhe da ideia — ser retalhado em pequenas estrelas, imagine — e senti que guardava um grande segredo.

• • •

Também fiz o que devia, avançando como um trabalhador e dizendo minha última fala:

— *Esta é a verdade, ou que Benvólio morra!*

Então deixei o palco, sem nada mais para fazer a não ser ocupar espaço na cena final. Enquanto esperávamos por ela, nos reunimos nas coxias e assistimos às cenas que podíamos.

— Eles não são *muito* bons? — sussurrou Alex, durante a cena da corte humilhante de Páris e Julieta.

Eu me perguntei quem mais via a dor no beijo de George na bochecha de Fran, a consciência horrível de que ele não é amado, mas continua amando da mesma maneira.

Então tudo pareceu se acelerar. Páris e Romeu estavam brigando, Paris estava morto — *Ah, estou morto!* — e Romeu bebendo o veneno — *Ah, grande boticário, suas drogas são rápidas!* —, uma fala que sempre nos fazia rir, mas não naquela noite porque, meu Deus, Julieta estava acordando e observando o corpo dele com um olhar horrível, vazio. O punhal em sua mão tinha uma lâmina retrátil. Todos nós havíamos brincado com ele, nosso brinquedo favorito, e com certeza a plateia percebia a armação, como era ridículo. *Ah, lâmina feliz!* Dava para ouvir a mola sacudir dentro da bainha. Mas, quando procurei meu pai na primeira fila, vi suas mãos no rosto, puxando as bochechas, os olhos brilhando com toda aquela amarga tragédia.

Estava na hora de entrarmos pela última vez e Chris nos entregou as tochas acesas para que ficássemos parados e confrontássemos, sóbrios, as repercussões da nossa briga. As longas cenas prosaicas depois da morte de Julieta sempre tinham me parecido incrivelmente chatas, mas era a última noite e, seguindo as instruções de Ivor para “darmos tudo”, a Ama de Polly estava quase hiperventilando de tristeza. Nós cantamos o madrigal em tom menor que havíamos aprendido, os Capuleto abraçando os Montéquio; e os Montéquio, os Capuleto. Os corpos mortos foram carregados em nossos ombros, a bela cabeça suada de Miles apoiada em meu ombro enquanto saíamos em procissão pelo meio da plateia. Olhem todos nos olhos, pedira Ivor, porque esta peça ainda era muito relevante para o público atual, mesmo que tivéssemos dificuldade para explicar exatamente por quê.

— ... *Pois história mais triste nunca aconteceu que a de Julieta e seu Romeu.*

Ficamos embaixo dos andaimes, olhando para os tornozelos da plateia, enquanto a música diminuía e a última luz desaparecia. Dali, os aplausos soavam imensos, pés batendo nas tábuas de madeira sobre nossas cabeças, e nós rimos, depois voltamos para agradecer com a corridinha saltitada usada por ginastas, nos virando para a frente para demonstrar como tudo aquilo havia sido emocionalmente exaustivo, estendendo as mãos para Miles e Fran, ressuscitados e de braços dados. Então toda a disciplina foi esquecida e começamos a empurrar Ivor e Alina para a frente do palco, buquês de flores de supermercado apareceram e a plateia talvez tenha começado a cansar um pouco de aplaudir e já quisesse ir para casa.

Apertando os olhos contra a luz, vi o pai de Alex aplaudir e olhar para o relógio ao mesmo tempo.

— Bis! Bis! — gritavam eles enquanto pensavam em segredo: *Por favor, não façam nada de novo.*

Mas meu pai estava de pé, tentando forçar uma ovação só com o vigor de seus aplausos. Quando ficou claro que ele não ia parar, o resto da plateia cedeu, mas meu pai aplaudiu mais alto que todos, os braços acima da cabeça, mais, mais, mais, e não pela primeira vez naquele verão quis tanto fugir quanto ficar ali para sempre.

## Última noite



Nos bastidores, meninos e meninas entraram nos camarins uns dos outros para espiar calcinhas e cuecas, e ninguém fez muito esforço para tirar a maquiagem. Saindo trôpegos em nossas roupas de festa, encontramos as ruas de Verona iluminadas de vermelho e verde, a plateia segurando copos plásticos de vinho branco quente. Famílias inteiras estavam ali, amigos de escola, professores beijando e abraçando. Todos, ao que parecia, eram os melhores da peça. Fiquei no canto por certo tempo, sorrindo como se observasse o casamento de um estranho na rua, feliz em ver os confetes, mas sem motivo para me juntar à festa.

Então vi meu pai se aproximar pela multidão, sorrindo, mas ainda com os olhos vermelhos quando me envolveu em um abraço.

— Parabéns, meu garoto — disse. — Estou *muito* orgulhoso de você.

Automaticamente, respondi:

— Também estou orgulhoso de você, pai.

— Por quê? — perguntou ele, rindo. — Isso não faz sentido.

Meu pai foi embora logo depois, pegou carona até a cidade com o Sr. e a Sra. Asante. Estava na hora de começar a festa. Chris e Chris tinham programado as luzes para transformar Verona em uma pista de dança, e nós nos empurramos para um lado e para outro até estarmos todos pingando de suor, parando de vez em quando para procurar garrafas nas cercas. Ouvimos discursos sentimentais que duraram tempo demais, e minha atenção se voltou para os morcegos no céu noturno, girando e dando rasantes acima de nós. Então Polly bebeu vinho branco demais e teve que se deitar na grama, Lucy e Miles começaram a se agarrar na gruta, e Keith, a dançar sozinho. Com medo de alguém se machucar, George — muito bêbado — arrumava todas as garrafas e copos. A música *house* se tornou *dark techno*.



— Eu trouxe uma bolsa. Não consigo achar minha bolsa — dizia Colin Smart sem parar. — Alguém viu minha bolsa? Não posso ir embora sem minha bolsa!

— Reunião de alto nível — observou Alex, reunindo nós quatro. — Esta festa acabou. Vamos dar o fora daqui.

— A gente não deveria se despedir? — perguntou Fran.

— Estou com isto aqui — informou Alex, balançando a chave do carro. — É o carro da minha mãe. Se alguém quiser uma aventura...

— Isso! — exclamou Helen.

— Só deixe eu me despedir do George — pediu Fran.

— Não, a gente tem que ir AGORA — disse Helen.

— Alex, você não está bêbado demais para dirigir? — perguntei.

— Juro que estou sóbrio como um lorde — respondeu Alex. — Vamos logo. Vamos ver o sol nascer.

E nós fugimos para a noite.

Dirigimos para o sul em silêncio, ruas assustadoras iluminadas pelos faróis feito o corredor de uma casa mal-assombrada. Para manter a coragem, acompanhamos aos berros músicas antigas de Madonna e Prince, Fran e eu no banco de trás, bebendo vodca com limonada em copos frágeis de plástico que molhavam nosso punho a cada curva.

— Aonde vamos exatamente?! — gritou Fran.

— Eu quero dançar — berrou Alex. — Vamos para Brighton!

Aquela pareceu uma ótima ideia, então aplaudimos e seguimos para a rodovia, com Helen escolhendo as músicas e aumentando o volume até os alto-falantes zumbirem. Nós nos sentíamos incansáveis, imortais, invencíveis. Ao entrar em Brighton, ficamos presos no trânsito — um engarrafamento às duas da manhã, que cidade! — e observamos, abismados, a multidão ainda na rua. Estacionamos em uma grande praça perto da praia, delirando com a imagem do mar de verdade, literal, e, no passeio público, exibimos nossas expressões mais sóbrias e nos juntamos à fila diante da boate que ficava embaixo dos arcos, tentando demonstrar uma tranquilidade cansada do mundo ao som do *tut-tut-tut* vibrante do baixo, frente à insanidade nos olhos vidrados de garotos magrelos, suados e sem camisa que saíam de lá para comprar Marlboro Lights e água. Parecíamos e nos sentíamos crianças comparados a eles, inclusive Alex, e logo tínhamos sido expulsos de todos os lugares que ele conhecia.

— Não importa — disse Alex. — Vamos dar uma festa particular.

Achamos um lugar na própria praia e pisoteamos a areia. Alex e Helen saíram em uma expedição para encontrar bebida e chiclete, salgadinhos, música e cigarros, e Fran e eu passamos o tempo nos beijando, desajeitados e bêbados como todos os outros amantes ali, formas escuras na praia, como uma colônia de focas. Então nos deitamos por um tempo, os rostos próximos o bastante para ficarem embaçados, as mãos na bochecha um do outro.

— Sério, seu rosto...

— E o seu.

— A gente vai ser sempre amigo? Mesmo se não...

— Shh. Espero que sim. Não vejo por que não.

Eram quatro da manhã e, quando Alex e Helen voltaram, nós reunimos energia suficiente para dançar de novo ao som da música *house* do pequeno *discman* de Alex, tirado do carro. Perto dali, outros foliões noturnos estavam sentados em torno de um sujeito com violão.

— Vocês poderiam baixar isso, por favor? — gritou um deles.

— Hippies — murmurou Alex.

Mas o céu estava clareando, a exaustão e a vergonha se instalavam e nós nos rendemos, baixamos a música e nos sentamos bem perto uns dos outros para nos aquecermos.

Bêbados e sentimentais, dissemos em voz alta o que adorávamos nos outros e fizemos declarações de amizade eterna que nos envergonhariam quando lembrássemos no dia seguinte, mas que torcíamos para que se tornassem verdade.

— Helen... Você está chorando? — perguntou Alex. — Meu Deus, eu achava que você não era capaz.

— O que houve, Hel? — quis saber Fran, pegando a mão dela e a sacudindo.

Helen riu.

— Não sei. De repente pensei: E se nada for melhor do que isto?

Ela enxugou o rosto com as costas da mão de Fran.

— Não limpe sua meleca em mim — pediu Fran, chorando também.

— É nojento.

— Olhem — disse Alex. À esquerda, perto do pontão, o sol nascia. — *As velas da noite se apagaram* e coisa e tal, tal e coisa.

— ... *o dia triunfante surge, na ponta dos pés, no cume enevoadado das montanhas*  
— completou Fran.

— Não me sinto muito triunfante — informou Helen. — Estou enjoada.

— Acho que a gente deveria pensar em ir para casa — disse Fran.

— Um pouco mais — pedi. — Talvez a gente deva tentar dormir antes.

Então nos aconchegamos e fechamos os olhos, mas estava acontecendo algo atrás de nós. A música das boates tinha parado de repente e toda a multidão se espalhava pela praia ao mesmo tempo, como se um treinamento de incêndio estivesse acontecendo. Fumaça saía do corpo deles enquanto caminhavam, abraçados uns aos outros, abalados, desgrenhados, tragando cigarros. Um grupo de jovens saídos de uma boate se reuniu em torno de um pescador para escutar o rádio dele. Um bando de meninas passou tropeçando, os saltos afundando na areia, algumas chorando, outras atordoadas, uma menina rindo e chorando ao mesmo tempo e se xingando.

— O que houve? — perguntou Alex.

Mas elas não pararam, marchando de maneira irregular para o mar, onde a menina que ria e chorava começou a entrar na água.

O mundo estava acabando, sem perspectiva de salvação. Mísseis de longo alcance estariam a minutos de distância, talvez um asteroide ou uma erupção solar, aquela que estávamos esperando. O grupo com o violão também deve ter ouvido a notícia, porque juntou suas coisas e seguiu pela areia.

— O que houve? — gritou Helen. — O que está acontecendo?

— Houve um acidente! — berrou uma menina de volta. Então algo sobre Diana, um túnel em Paris. — Ela morreu.

Claro que não acreditamos de verdade, pelo menos até voltarmos para o carro de Alex e ouvirmos a notícia no rádio, dirigindo com cuidado pelas estradas matutinas, o sol brilhando no último dia quente do verão, os quatro em silêncio até chegarmos em casa.

## Parte Quatro

# **INVERNO**

E o fim do verão vem demasiadamente rápido.

Shakespeare, Soneto 18

1998

•••

Nós terminamos em janeiro. Um amor que acreditávamos que suportaria todas as tempestades e esforços não sobreviveu às viagens diárias de Fran para Basingstoke.

Até aquela época, e até certo tempo depois, eu dizia a mim mesmo que ficaria feliz em dar minha vida por Fran Fisher. Bom, feliz, não, mas daria. “Me leve, não ela”, diria, mas me parecia uma parte importante do acordo que ela soubesse que o sacrifício estava sendo feito. Se eu fosse beber a poção, não queria que fosse à toa. Também acho que ela teria se sacrificado por mim, pelo menos no início, mas uma disposição para morrer me parece uma medida de devoção meio grosseira. Será que havia algum tipo de escala? Será que houve um dia em que ela pensou *bom, não sei se morreria, mas com certeza daria um braço*, depois só a mão, um rim, depois um dedo do pé, o mindinho? Um pouco de cabelo e, por fim: *Levem esse cara, não eu!* Se Julieta tivesse acordado e encontrado seu Romeu morto e, em vez de pegar a lâmina feliz, decidisse seguir em frente, aprender a viver com a tristeza e trabalhar pela reconciliação da comunidade, será que a consideraríamos alguém pior? E se ela conhecesse outra pessoa e vivesse feliz até a velhice? Não, a autodestruição era o padrão de ouro. Em nosso caso, a oportunidade não surgiu e, com uma banalidade que ninguém se daria ao trabalho de dramatizar, nos separamos.

Nós nos esforçamos muito para evitar isso. O resultado das provas de Fran — todas excelentes — significava que ela iria para uma faculdade especializada em artes performáticas e, quando ela começou com aquele deslocamento diário, fui procurar emprego. Nós dois sabíamos como as coisas podiam acabar — inveja e exclusão da minha parte, timidez e incômodo da dela quando o novo mundo se abrisse — e tínhamos criado

estratégias para evitar essas tensões. Ela ficaria livre para fazer o que quisesse, ir a festas, conversar sobre o curso se isso a empolgasse, e eu ficaria livre para acompanhá-la e conhecer seus amigos ou ficar afastado deles se preferisse. Não haveria atitudes de namorado ciumento e nos veríamos três ou pelo menos duas noites por semana.

Fui devidamente apresentado aos pais dela e passei a gostar deles, apesar de nenhum dos dois nunca ter tirado uma pergunta do olhar: ele é uma pessoa que temos *mesmo* que conhecer? Ele vale o esforço? Mas eu podia dormir na casa deles, na cama dela, e prendíamos a respiração e esperávamos eles dormirem antes de fazer amor com cuidado, em silêncio. Pegávamos o trem para Londres nos fins de semana, íamos a galerias ou víamos filmes artísticos — não filmes, “cinema” — que nunca teriam chegado nem perto da nossa cidade. Frequentávamos restaurantes — restaurantes! —, às vezes só nós dois, às vezes com os amigos dela, e eu me esforcei para me dar bem com eles, assim como havia feito com A Trinta Pés. Eu estava “dando um tempo”, essa foi a frase que nós dois escolhemos usar. Na verdade, eu era um deles, um estudante, só doze meses atrasado. Nós dois aprendemos a dirigir e, no meu aniversário de dezessete anos, minha mãe me deu um velho Citroën amassado, com janelas que abriam à manivela e musgo crescendo nas borrachas dos vidros. À medida que o outono se transformava em inverno, nós íamos para a costa e caminhávamos pelos penhascos e praias, depois voltávamos para o carro, encontrávamos um lugar escondido, baixávamos o banco traseiro e fazíamos amor parcialmente vestidos por trás das janelas embaçadas.

Havia um carinho naquela época, uma sensação de que estávamos cuidando um do outro e, por um tempo, pareceu plausível a ideia de que podíamos superar aquilo. Mas superaríamos aquilo para quê? Eu iria aos dias de visita à universidade com ela? O que ela diria quando descobrisse que eu não havia preenchido os formulários de inscrição? Eu havia conseguido um novo emprego, tinha uma casa com meu pai e amigos na cidade — e por que toda aquela obsessão com educação universitária, afinal? Eu entendia os filmes artísticos tão bem quanto ela, estava lendo mais, e nem todo mundo queria ou precisava de notas altas e um diploma. Esperar isso era arrogância. Eu ensaiei o argumento em minha cabeça, pronto para o dia em que tivesse de usá-lo em voz alta.

Então, no início de novembro, sofremos o acidente. Tínhamos transado no banco de trás do carro, rindo e batendo tornozelos e cotovelos, mas, desta vez, eu não havia colocado a camisinha direito e só depois que desabamos e nos separamos que descobrimos que ela havia desaparecido, como em um péssimo truque de mágica, apenas para reaparecer logo depois, grudenta e alarmante. Nós dois ficamos assustados, mas foi Fran quem insistiu para que fôssemos para Brighton na mesma hora para comprar uma pílula do dia seguinte.

— Quero fazer isso o mais rápido possível para ter paz de espírito — disse ela.

Então fiquei sentado no banco do motorista em uma manhã de segunda úmida e cinzenta, observando Fran tirar a pílula da embalagem e tomá-la com água, como se fosse um antídoto para alguma coisa.

E claro que foi, e ambos ficamos aliviados. Mas, se ela tivesse engravidado, quem teria mais a perder? Meu pai havia se tornado pai aos vinte e um anos, não muito mais velho do que eu, mas talvez meus pais não fossem o melhor exemplo. Ainda assim, um acidente que seria um desastre para Fran teria sido, para mim... não ideal, não o que desejava, mas algo que talvez eu tivesse aceitado bem. Eu só queria ficar com ela, mas ela queria muito mais. Aquilo chamara atenção para uma desigualdade, de conquistas e potencial, de ambição e desejo.

A separação aconteceu no início do ano seguinte — acho que ela quis “deixar o Natal passar” —, então teve todas as características de uma resolução: 1) beber mais água, 2) terminar o relacionamento. A cena foi convencional e previsível, carregada e exaustiva como uma cena improvisada em uma aula de teatro. Até a localização, a praia de Cuckmere Haven, sob a garoa de uma tarde triste de domingo, proporcionou o cenário perfeito para o término. Eu andava irritado, disse Fran, e negativo. Não agíamos mais de maneira natural nem tranquila um com o outro, e pude até fazer meu discurso sobre a arrogância dela.

— Charlie, quando... — disse ela. — Quando foi que eu falei uma coisa dessas?

E, apesar de não conseguir dar nenhum exemplo, acho que ela ficou chocada e triste pelo modo venenoso como eu havia atacado seus colegas de faculdade e os pais que claramente achavam que ela podia arranjar alguém melhor. Era uma briga da qual nenhum de nós poderia se

recuperar e, quando o sol se pôs e a garoa se tornou chuva, tivemos que enfrentar o problema prático de como sair daquela praia desolada e varrida pelo vento. Ela não queria entrar no carro comigo, eu não ia embora sem ela e, mesmo quando saímos em silêncio, tivemos que parar com frequência para gritar, berrar e chorar mais um pouco.

Nós nos encontramos algumas outras vezes depois disso, tarde da noite pelo telefone ou em bares no centro da cidade, ou então na rua. Aquele casal que às vezes vemos aos prantos na hora em que o local fecha, que não para de se abraçar nem de se empurrar para longe: éramos nós.

Mas, apesar de ter brigado por ela, eu sabia que aqueles eram os últimos combates de uma batalha que já havia sido perdida. Fran Fisher se afastou e pegou um táxi para casa. Eu não voltaria a vê-la por vinte anos, mas a veria de novo.



2x 4x 8x 16x

•••

Na era do videocassete do meu pai, um dos meus pequenos talentos era a capacidade de adiantar os filmes com muita precisão, observar a ação correr e apertar *stop* no momento exato para permitir que as engrenagens continuassem rodando e parassem na hora certa. Na era digital, as coisas são mais fáceis e, em vez de ver cada instante passar, transformados em uma comédia silenciosa, nós saltamos e pulamos direto para o que queremos ver. Isso é bem mais eficiente. Então:

Assim que pude dirigir, arranjei um emprego no aeroporto, limpando mesas e bandejas dos passageiros da primeira classe na sala VIP, que ficava aberta vinte e quatro horas. Era um trabalho que podia ter sido inventado com a função específica de me encher de ódio: ódio pelo modo como os clientes enchiam as taças com um champanhe gratuito que nunca tomavam, o rosbife caro jogado na lixeira; ódio pela pobreza dos funcionários, a equipe pálida fumando na entrada dos salões, os armários fedorentos e os pacotes selados de salmão defumado semelhantes a grandes blocos de carne alienígena rosada. A distância entre cliente e equipe era algo que parecia saído da época da propaganda soviética, e o único jeito de enfrentar os dias de trabalho era me dedicando a atos mesquinhos de despeito e sabotagem que, por sua vez, levavam a outras formas de ódio, mais venenosas. Um aluno de filosofia da Universidade de Sussex, que se rebaixava no verão e trabalhava conosco, me contou sobre o garçom de Sartre, que sempre sorria, aceitava as ordens e levava uma vida de má-fé, e me fez pensar duas coisas: *É, acho que é bem isso mesmo*. E também: *Estudantes de merda*.

Assim como os membros VIP do Clube Executivo, eu aproveitava ao máximo toda aquela fartura, mas, enquanto eles estavam apenas de passagem, eu trabalhava cinquenta e seis horas por semana e sobrevivia à

base de pretzels e queijo brie. Eu me tornei o rei da hora extra e trabalhava todo o tempo possível. Com o primeiro salário, comprei uma cama para substituir o beliche do meu quarto, depois paguei metodicamente todas as dívidas da casa. Em dezembro, a assistência social colocou meu pai para trabalhar na seleção de pacotes dos Correios, e algo no fato de ter que acordar cedo, na rotina e em alguma antiga característica inglesa do trabalho o afetou, de modo que ele se tornou carteiro em tempo integral.

— A gente para de trabalhar às duas e o dia é nosso! — dizia ele, como se não acreditasse.

Ele parou de fumar, passou a beber menos e seus altos e baixos se tornaram menos extremos, assim nós dois ficamos mais calmos, pacíficos e sedentários.

Nas noites em que eu não tinha que trabalhar, assistíamos aos mesmos filmes e programas na TV, comíamos as mesmas refeições, líamos os mesmos livros um depois do outro, lavávamos e secávamos a louça.

— Você e seu pai — afirmou minha mãe em uma de suas últimas visitas antes de se mudar — parecem um casal de idosos.

Era uma visão depressiva e estranha da vida doméstica que demonstrava exatamente por que ela havia ido embora. Minha mãe não disse aquilo de forma calorosa. Era um aviso.

• • •

Apesar de às vezes nos esbarrar na rua, eu não via muito meus antigos amigos que tinham ido para a faculdade. E logo chegou setembro e todos foram para Manchester, Birmingham, Hull e Leicester, para Glasgow, Exeter e Dublin. Fiquei sabendo que Fran Fisher estava na Oxford (“na”, não “em”), se formando (não “estudando”) em inglês e francês, e pensei: *Bom, isso parece bom. Faz sentido.*

Harper, que tinha estudado muito enquanto ninguém estava olhando, foi fazer engenharia civil em Newcastle, onde quase nunca era visto ao ar livre com um cone de trânsito na cabeça. Fox, que sempre ria de qualquer pessoa que fosse pega segurando uma caneta, foi estudar educação física e, no Natal, eles se encontravam comigo no bar e me contavam histórias sobre bebedeiras lendárias. Logo Harper arranhou uma

namorada, uma mulher incrivelmente glamorosa, que estudava turismo. Eles iam viajar juntos, talvez visitar Lloyd, que estava fazendo alguma coisa ilegal na Tailândia.

— A não ser que ele esteja preso — disse Fox.

E todos concordamos que uma prisão tailandesa provavelmente seria um ambiente em que Lloyd se daria bem.

Todos tínhamos suavizado um pouco, tanto no nosso comportamento quanto na região abdominal, e ríamos de maneira diferente. Eu sentia carinho por eles e até tentamos voltar a usar os velhos apelidos e provocações. Mas, se fôssemos uma banda, já tínhamos passado do auge e nos reunido por nostalgia. Ainda tocávamos, mas sem um dos membros e apenas sucessos antigos. Harper faltou um Natal, Fox outro, e depois disso não nos encontramos mais.

• • •

No primeiro verão depois da formatura, notei cartazes da nova produção d'A Trinta Pés começarem a aparecer. O cabelo estava penteado para trás e, sem os óculos, os olhos pareciam inchados e pequenos, mas reconheci George como um Rei Ricardo III corcunda, parecendo um besouro; uma propaganda de certa forma, de outras, não. No verão seguinte, eles montaram *Do jeito que você gosta*; depois, porque havia passado tempo suficiente, foi a vez de *Sonho de uma noite de verão*. Eu não compraria ingresso, assim como também não entraria de penetra na festa de despedida dos formandos da minha escola, mas mesmo assim sentia um ressentimento infantil por eles terem continuado sem mim. Shakespeare, teatro, livros, música, poesia, arte: haviam prometido que essas coisas mudavam a vida dos jovens, que davam uma noção de valor pessoal, de comunidade, alteravam nossa existência no mundo. Atentos como missionários, tinha sido isso que Ivor e Alina haviam se esforçado para conseguir — e tinha funcionado. Mas o processo era reversível e a saudade se tornava amargor sempre que eu me lembrava daquele verão. Em 2001 foi *Macbeth*, e esta, apropriadamente, foi a produção que acabou com a companhia. Imaginei Ivor e Alina vendendo a van, jogando os pufes e tapetes de ioga fora, e senti um alívio desagradável quando eles não voltaram.

Eu estava no fundo do poço e sabia disso, mas sentia certa alegria pela proteção que aquilo me oferecia. Nos filmes de guerra e ficção científica que eu adorava, sempre há o personagem forte, o soldado corajoso, ferido no estômago ou na coluna. Eu só vou atrapalhar vocês, diz ele, continuem sem mim. E, cercado de explosivos e com uma granada agarrada ao peito, ele senta e espera o inimigo e o momento mais destrutivo para puxar a granada. Sempre admirei esse tipo de personagem, sua nobreza masoquista. Não sei quem eu considerava inimigo, mas ficava feliz, ao meu modo, por estar sentado esperando enquanto os outros fugiam, apesar de saber que não os atrapalharia nem um pouco.

• • •

Minha mãe e Jonathan se mudaram para Exeter para ficar mais perto dos pais dele, e os dois conseguiram empregos como gerentes.

— Hotéis boutique, socorro... — disse minha mãe.

Eu sentia falta dela e acho que meu pai também, mas sua partida não pareceu mais um abandono de cargo e ela nunca havia gostado muito da nossa cidade. Billie se saiu muito bem no vestibular e foi estudar química em Aberdeen, porque “era bem longe de Exeter”.

Senti muita falta de Billie. Ela havia saído de casa no momento em que poderíamos ter nos tornado amigos, e eu nunca contei a ela sobre as piores épocas com meu pai. Por sua vez, tenho certeza de que ela teve dificuldades naquela casa de estranhos, mas, apesar de ter continuado sendo minha irmã, não nos sentíamos mais como uma família. Nossos caminhos se separaram cedo demais e toda escolha feita por ela a levou para ainda mais longe. Talvez em algum momento no futuro esses caminhos voltem a se encontrar.

• • •

Eu me tornei muito bom em sinuca. E em dardos e na máquina caça-níqueis. O Angler's se tornou meu *point*; os funcionários que antes se recusavam a me servir se tornaram meus amigos e eu passei a ter um espaço reservado na ponta do bar. Tive alguns casos com meninas que conheci lá, consumados em carros ou, aproveitando a primavera, no

cemitério anexo à igreja, próximo dali. Um caso de amor que começa encostado em um túmulo tem pouquíssimas chances de florescer, por isso, telefonemas logo deixavam de ser atendidos. Uma vez, jogaram um copo de bebida na minha cara, como em um filme, e eu me perguntei: meu Deus, é esta pessoa que você está se tornando? Alguém em quem as meninas jogam bebidas? O que Fran diria?

Na véspera do Natal de 2002, eu havia ocupado meu lugar cativo no bar, secretamente irritado com todos que lotavam o local naquela época. Como fiéis que apareciam uma vez por ano na missa do galo. Eu me perguntei: cadê o compromisso? A mulher à minha direita tinha apoiado os cotovelos no bar e começado a abri-los devagar, gritando para a bartender:

— Com licença! Moça?

Uma série de músicas pop de Natal tocava a todo volume, mas ainda assim reconheci a voz dela e, por motivos que não conseguiria explicar, virei o rosto para o outro lado. Um homem tinha se juntado a ela.

— *Preciso* da minha bebida!

— Puta que pariu, espere um pouco, está bem?

— Você acha que devo pedir uma vodca martíni?

— No Angler's? No copo comum ou na caneca?

Se me virasse para a esquerda, talvez pudesse descer do banco, pegar minha cerveja e me sentar em outro lugar...

Tarde demais.

— Ai. Meu. Deus.

— Oi, Helen.

— Charlie! Charlie Lewis, venha aqui!

— Oi, Alex! — murmurei em seu ombro quando eles me puxaram do banco.

Fomos para uma mesa. Apesar das juras solenes na praia de Brighton, tínhamos nos afastado durante os anos em que eles estavam na faculdade. Os dois haviam mudado como deviam: Helen tinha um corte em estilo militar e um pequeno piercing preto no nariz, Alex parecia magro, estável e lindo, um milionário sedutor em uma jaqueta preta chique.

— Da Thierry Mugler, se quer saber.

— De segunda mão.

— O seu casaco impermeável é de segunda mão. Isto aqui é *vintage*.

Se não os conhecesse, teria me sentido intimidado. Por conhecê-los, me senti intimidado, mas ainda assim relativamente feliz em vê-los. Como era de se prever, os dois estavam em Londres, Helen tinha se formado em sociologia, Alex estava no último ano de teatro, e os dois dividiam uma casa em Brixton com escritores, artistas e músicos. Tinham voltado para cumprir os deveres familiares no Natal.

— No dia vinte e seis, às sete da manhã, vamos pular *fora*.

Quando chegou minha vez, contei sobre meu trabalho, tentando permear tudo com uma pitada de humor ácido, mas as piadas soaram um pouco mais sombrias do que eu pretendia. Eles riram, mas pareceram preocupados. Talvez eu tivesse bebido demais. De fato, havia terminado meu copo bem antes deles. Escapei para o bar e percebi, enquanto esperava, que não era a nostalgia que os trazia ali, mas a ironia. O Angler's era uma piada para eles, e me perguntei se eu também era, por isso fiquei no bar durante “Last Christmas”, “Mistletoe and Wine” e “Merry Christmas Everybody”, sem pressa para ser servido, olhando para trás de vez em quando para observar os dois conversando muito próximos. Comprei uma cerveja e uma dose de destilado e, quando finalmente voltei, Alex se levantou para “dar um telefonema” e Helen e eu ficamos em silêncio.

— Você está bem? — perguntei.

— Aham, só estou admirando a vista.

Ela indicou com a cabeça o bar e três traseiros masculinos enfileirados, os cofrinhos visíveis sobre o cós da calça jeans, as cabeças baixas, sem conversar.

— Não acabe desse jeito, está bem?

Então eu disse:

— Sua esnobe!

— Ei, não sou esnobe! Ninguém é menos esnobe do que eu...

— Acontece que está parecendo meio esnobe, Hel.

— “Voltando aqui, com suas histórias de universitária...”

— É, bem isso.

— Só que eu *não* sou esnobe! Não dou a mínima para o que você faz. More onde quiser, faça o que quiser. Quer dizer, eu entendo, são seus anos de rebeldia e tudo bem.

— Helen...

— Mas o que é isto?

Ela bateu de leve no meu copo de bebida.

— É só um *shot*.

— Um *shot*?

— Qual é o problema disso?

— Você é muito novo para ter um lugar cativo no bar. Sinceramente, Charlie, que se foda. Você precisa se mudar, só por um tempo. Pode voltar, mas tem que fazer outra coisa. Pelo menos tente. Você tem muito tempo para odiar a vida. Faça isso quando estiver na meia-idade, como todo mundo.

— Eu não “odeio a vida”.

— Mas você não *adora*, não é?

— Por quê, você adora?

Ela riu.

— Adoro! Adoro, adoro, finalmente eu adoro para caralho! E você também poderia, se não tivesse tanto medo.

— Não tenho medo.

— Hum, que bom. É bom saber. Porque isso me leva à próxima questão...

Mariah Carey cantava “All I Want For Christmas Is You” quando Alex voltou, se sentou do meu outro lado e me segurou.

— Já contou a ele? — perguntou.

— Me contou o quê?

Helen respirou fundo.

— Temos um quarto vago.

— Na casa em Brixton.

— Na verdade, é um buraco. No porão. É úmido e escuro.

— Mas é de graça.

— Bom, nós dividimos as contas.

— Mas você pode arranjar um emprego em um bar, ou como estagiário ou alguma coisa assim.

— E, no início do ano letivo, ir para a faculdade.

— Não vou fazer isso.

— Não, *vai*, sim.

— Você sabe que vai, então por que resistir?

— Não posso. Meu pai...

— Você disse que ele estava melhor.  
— Está agora, mas...  
— Olhe, fica a uma hora e meia de distância, Charlie. Não é na Nova Zelândia.  
— Mas eu não posso sair assim.  
— Você não vai sair. Vamos buscar você.  
— Vamos levar você com a gente.  
— No dia vinte e seis. Vamos esperar até as sete.  
— Charlie — disse Alex. — O que a gente mais quer de presente é  *você*.

• • •

Em setembro de 2003, aos vinte e três anos, voltei para a escola. Em teoria, eu era um aluno maduro, mas demonstrava pouquíssima maturidade, apenas muitas largadas falsas, curvas erradas, ressacas e perdas de prazos. Primeiro, tive que preencher as lacunas deixadas pelas provas perdidas, depois completar o currículo necessário, e então achar uma universidade que tivesse a cabeça aberta o bastante para abstrair os espaços em branco do meu currículo, tudo isso trabalhando à noite e nos fins de semana em bares e restaurantes, onde o fim do turno marcava o início da festa. Esses anos foram um tipo de segunda adolescência, a obrigação de trabalhar duro indo contra minha vontade de não fazer nada, e minha educação começou a parecer um imenso quebra-cabeça incompleto que havia sido deixado na mesa por tempo demais. A tentação de abandonar o projeto e jogar tudo de volta dentro da caixa era muito forte. Eu não teria passado por tudo aquilo sem Helen e Alex, que me incentivaram, conferiram meus deveres de casa e garantiram que eu preenchesse os formulários a tempo. Hoje penso que a sorte que temos na escola e no trabalho não é nada quando comparada à sorte de termos amigos.

Duas notas — em computação e artes — me deram as bases instáveis para tudo isso. Em uma festa em agosto de 1997, um estranho havia me dito que o truque na vida era achar uma coisa em que éramos bons e nos dedicar a isso, mas computadores e arte eram como cebolas e chocolates: não havia como combinar os dois. Na universidade, aprendi que eu não era inteligente academicamente nem nunca seria. Eu não era um



programador talentoso e nunca tinha me sentido um artista, mas meu orientador sugeriu que eu fizesse um curso de efeitos visuais e animação e aprendi a usar softwares com nomes imponentes como Premiere, Fusion e Nuke. Gastei meu salário como bartender no computador mais potente que podia comprar e aprendi sozinho a editar e renderizar, a fazer modelagem em wireframe e matte painting. E, enquanto reunia todas essas técnicas, algo aconteceu com a cultura em torno de mim.

Os zumbis e vampiros, espaçonaves e alienígenas que eu adorava desenhar se popularizaram e os anos que passei vendo filmes e jogando *Doom* acabaram fazendo parte de um aprendizado involuntário. Eu já sabia desenhar um globo ocular pendendo de um crânio e então, com o software certo, eu sabia como fazê-lo brilhar e balançar de um jeito nojento, ou como transformar uma multidão de vinte pessoas em duzentas mil e ainda rejuvenescer o ator principal. Então é isso que faço: efeitos visuais. Computação e artes.

Em busca de trabalho, Alex Asante foi para Los Angeles. Ainda o vemos o tempo todo, mas basicamente na TV, interpretando papéis de policiais ou jovens advogados ambiciosos que fazem de tudo para vencer um caso, inclusive desrespeitar a lei. Ele é bem famoso, mas não tanto quanto gostaria.

Quando deixamos de ser estudantes, saímos da república. Eu conheci Niamh, troquei o trabalho em restaurantes pela pós-produção em tempo integral e então, há pouco tempo, montei uma empresa com alguns colegas. Às vezes éramos convidados para as estreias dos filmes em que eu trabalhei e nos acomodávamos em nossas cadeiras no fundo da sala de exibição e observávamos os atores, distantes e desconhecidos, fazerem reverências.

Helen conheceu Freya, se apaixonou e se mudou para Brighton “como um grande clichê”. Caminhando na praia de lá, ela me contou que as duas iam se casar e me chamou para ser padrinho dela.

— Está bem. Tenho mesmo que aceitar?

— Claro que tem! É uma grande honra, seu idiota homofóbico. Além disso, Alex está fazendo um filme, então...

— Tudo bem, mas tenho que fazer um discurso?

— Humm, *tem*.

— E tem que ser engraçado?

— Claro que tem que ser engraçado, porra, é o discurso do padrinho.

— É estresse demais. Não sou natural como ator.

— Ah, eu sei disso.

— Não sei ser engraçado.

— Sabe, sim, só tem que ser em voz alta. O principal é que venha do *coração*. Diga a todo mundo que eu falo palavrões demais e que você valoriza nossa amizade. Pronto: já escrevi o discurso. Agora você só tem que dizer que aceita.

E assim fui padrinho de Helen e, quando chegou a hora, eu a chamei para ser minha madrinha.

Então, um mês antes do casamento, um e-mail chegou, um *print* de uma página do Facebook que anunciava uma reunião em Londres da Cooperativa de Teatro A Trinta Pés, de 1996 a 2001.

*Temos que ir, você não acha? Vêjo você lá.*

## Escavando

•••

Vesti o paletó, enquanto Niamh observava da porta.

— Esse não é o terno do casamento, é?

— Não.

— Achei que não fosse esse tipo de festa.

— Tenho que fazer um esforço...

— Claro. É o que ela vai estar esperando.

— *Eles* vão estar esperando, todos vão estar lá.

Meu comportamento era tão estranho assim? É verdade que eu havia resistido à onda de nostalgia. Tinha faltado reuniões da escola, quase nunca ia para casa, guardava poucas fotos, não procurava namoradas antigas na internet. A vida era uma série de antes e depois, e a linha divisória mudava mais ou menos a cada sete anos: antes e depois de conhecer Fran, antes e depois de me mudar, antes e depois de Niamh, a divisão entre cada momento era tão distinta e precisa quanto a estratificação de camadas geológicas de rocha. Contanto que o “depois” fosse melhor, por que ficar pensando no “antes”?

O casamento marcaria a próxima grande divisão, e ali estava eu, três semanas antes da cerimônia, escavando uma, duas, três camadas. Era bem incomum para mim, e Niamh também havia percebido isso, portanto a tranquilidade que tinha demonstrado quando eu explicara a expedição pela primeira vez sumira à medida que a data se aproximava.

— Eu já falei que você é mais do que bem-vinda.

— Na reunião do grupo de teatro amador de outra pessoa? Que desespero. Não, obrigada, não sou *maluca*.

— Helen vai estar lá.

— Posso ver Helen a qualquer hora. E vocês dois vão querer conversar com os amigos antigos. Vão fazer aquecimentos vocais, jogar

pufes, fazer *exercícios para testar a confiança...*

Eu ri.

— Se for assim, também não vou ficar. Provavelmente nem vou conhecer ninguém.

— Ah, eu acho que você vai conhecer *uma pessoa*.

Suspirei e caí na cama.

— Eu não tenho que ir, se você não quiser que...

— Ah, não, não ponha a culpa em mim. Você é adulto, pode fazer o que quiser. Quer ir?

— Bom, é, meio que quero.

— Por quê?

— Não sei. Nostalgia.

— Curiosidade?

— Um pouco disso também.

— Então vá. Vou ter uma bela noite sozinha. Procurar antigos namorados no Google. Enfiar meu rosto nas fotos de casamento deles com Photoshop.

— Tchau.

— Não suje o colarinho de batom.

— Como na música.

— Que música? — perguntou ela.

— É daí que vem. *Lipstick on your collar/ Told a tale on you*. Você sabe que música é.

— Não, porque não sou uma das Irmãs Andrews. Não nasci *no período entre guerras*.

— Aliás, quem mancha o colarinho de batom? Como é que vai parar lá?

— O mais provável é que fique com batom no pau. É isso que vou procurar.

— Você é uma safada.

— Sou. Então volte correndo para casa.

Como já tínhamos rido, me senti capaz de ir embora, mas, no ônibus, percebi que estava estranhamente nervoso. Certa vez, eu tinha visto um documentário sobre gafanhotos ou cigarras que se escondem, feito adolescentes adormecidos, no solo quente do Arizona, do México ou do Saara, e então, depois de dezessete anos, acordam, todos ao mesmo

tempo, em uma grande nuvem destruidora. E se o primeiro amor fosse assim? Estivesse adormecido, juntando forças, e depois destruísse tudo que houvesse de bom e estável? Esse tipo de coisa acontece.

Mas me parecia improvável. Eu amava Niamh loucamente e, além disso, Fran e eu éramos pessoas muito diferentes na época, alienígenas bizarros de dezesseis anos. Além disso, primeiro amor não é amor de verdade, apenas um protótipo enlouquecido e febril. Essas coisas não acontecem quando não queremos e, quando tentava me lembrar de Fran Fisher, sentia uma vergonha carinhosa. Outra coisa também, mais difícil de nomear e dificilmente a base de uma grande paixão destrutiva, mas ainda suficiente para me fazer trocar de roupa, escovar os dentes e sair de casa em um domingo úmido de outono.

O salão ficava no segundo andar de um bar em Stoke Newington e a hora do encontro era inocentes seis da tarde. Era um encontro familiar, dizia o convite. Juntei-me a Helen em um bar do outro lado da rua para repassarmos as informações.

— Quem era aquele cara que fazia o Frei Lourenço? — perguntou ela. — Que vivia chorando.

— Keith alguma coisa.

— E os músicos?

— Sam e...

— Continue.

— Grace!

— Como é que você se lembra disso tudo, Charlie?

— Eu simplesmente lembro.

— Sabe quem não vai estar lá? — disse Helen. — Polly e Bernard.

— Eles...?

— É. Os dois.

— Quando?

— Bernard morreu há alguns anos e Polly no início deste ano.

— Como você sabe?

— Pelo Facebook.

— Nossa... Polly e Bernard.

— Ela tinha quase noventa anos, não foi uma surpresa.

— Eu sei. Ainda assim, as pessoas não mudam na nossa cabeça, não é? Acho que nunca conversei com Bernard, mas Polly... Ela sempre foi legal

comigo. Quase sempre. Perdi minha virgindade no chalé da Polly.

— É, eu sei.

— Ai, meu Deus. Pobre Polly. Péssima atriz, mas uma mulher maravilhosa.

— Podiam colocar isso na lápide dela. Junto da história da sua virgindade.

— Pobre Polly. — Nós brindamos. — Agora estou triste.

— A gente podia ficar aqui.

— Não, vamos... A gente já veio até aqui.

Então esvaziamos nossas bebidas e atravessamos a rua, trotamos pela escada estreita até o salão, fizemos nossa grande entrada e não reconhecemos ninguém. O elenco de *Macbeth* estava lá, a gangue de *Do jeito que você gosta* e (ambas) as equipes de *Sonho de uma noite de verão*, rindo e contando histórias, mas, de *Romeu e Julieta*, não havia nenhum rosto familiar.

— Tudo bem, vamos embora.

— Cinco minutos — pedi. — Depois podemos ir.

Para parecermos menos solitários, ficamos em frente a um painel com fotos antigas das produções em preto e branco.

— Talvez tenham esquecido a câmera no nosso ano.

— Este é o Miles — falei. — Então acho que isto é minha nuca — acrescentei.

— Um membro da companhia muito apreciado.

— Eu era mesmo! Carreguei a peça nas costas.

— E ainda assim quase não esteve presente — riu Helen.

E me perguntei se aquele era o grande perigo daquelas reuniões: descobrir que não éramos tão essenciais para as lembranças de outras pessoas quanto elas eram para as nossas.

Isso não podia ser dito sobre Polly, já que outro painel tinha sido dedicado a suas fotos antigas de atriz dos anos 1960, o cabelo curto, os olhos pintados, pura Carnaby Street, e as fotos de seus vários papéis e expressões similares, olhos e boca sempre abertos ao máximo. Depois de um tempo, uma pessoa que se parecia com o pai de Colin Smart se juntou a nós e acabou se revelando Colin Smart.

— Vejam só como eu cresci! — disse ele, apesar de não ter crescido.

Nós conversamos por um tempo, mencionamos alguns nomes e me esforcei para me concentrar e não analisar o salão por cima do ombro dele. Será que esperava uma coisa mais agitada, uma festa de encerramento? Havia crianças ali, comendo salgadinhos da mesa do bufê e, no bar, me vi ao lado de Lucy Tran, agora pediatra, animada, agradável e engraçada até a conversa se voltar para nossa antiga escola. Eu ainda via Lloyd, Harper e aquele pessoal?

— Não, faz muitos anos. Você sabe como é. Nós nos afastamos.

— Ótimo! Aqueles garotos fizeram da minha vida um inferno. Merdinhas.

— É, eles sabiam ser maldosos.

— Você também, Charlie. Você não era tão ruim, mas nunca enfrentava ninguém.

— Não, é verdade. Eu penso nisso às vezes. Me desculpe.

— É. Bom. Você melhorou.

— Melhorei? Nossa, espero que sim.

— Você recebeu minha mensagem?

— Que mensagem?

— Escrevi na camisa do seu uniforme. No último dia de aula.

— Recebi. “Você me fez chorar.”

— Bom, fez mesmo.

— Como eu disse, me desculpe. — Certo tempo passou. — Bom...

— Você já falou com ela?

— Ela quem?

— Bom, você não veio aqui para falar comigo.

— Não, só imaginei que ela não viesse.

— Ah, ela está aqui. Está sentada em algum lugar. Olhe... Ali.

E, por um espaço entre as pessoas, eu a vi em uma cadeira à janela, uma das mãos apoiada no alto da barriga de grávida, focada na conversa com uma das crianças, uma menina de dez anos que só podia ser filha dela. Enquanto observava, ela estendeu a mão e pôs o cabelo da menina atrás da orelha.

— Ai, a sua cara — disse Lucy, rindo. — Como era? *Ah, aquela que ensina as chamadas a brilharem...* — Ela deu uns tapinhas no meu ombro. — Boa sorte!

Fran Fisher riu de alguma coisa que a menina disse, depois a mandou embora e, ao fazer isso, me viu. Ela voltou a rir e arregalou os olhos, levando as mãos ao rosto. Pelos espaços entre as pessoas, fizemos uma série de gestos truncados: *Olhe só para você! Por que estamos aqui? Falo com você depois. Cinco minutos? Venha me procurar.* Então Colin Smart apareceu e a abraçou por cima da barriga. Fiquei parado por um tempo, sozinho, estranhamente sem fôlego e sem saber o que fazer.

— Oi! — Uma mão em meu cotovelo. — Você está bem?

— George! — exclamei.

Nós fizemos uma pequena dança, meio cumprimento, meio abraço.

— Viu um fantasma?

— Só fantasmas.

— É estranho, não é? — disse George. — A gente pensou em não vir.

— É estranho *mesmo* — concordei.

E pensei: *A gente?*

— Eu vi Helen. Ela não é incrível?

— É, sim.

— Você falou com...?

— Não.

— Eu sei que ela vai querer falar com você.

E pensei: *Como você sabe?*

— Você está ótimo, Charlie.

— Você também, George.

Ele estava melhor, saudável e confiante, mas, mesmo sem os óculos, ainda mantinha um ar de surpresa, como se tivesse sido acordado por uma luz forte.

— Lentes de contato e nada de laticínios. — Com um gesto antigo, ele levou a mão ao rosto. — Minha pele deve clarear qualquer dia desses.

— Sua pele está ótima.

— É, as pessoas me dizem isso há vinte e cinco anos.

— Desculpe.

— Tudo bem. Tudo bem.

— E então? O que mais, George?

— O que você quer saber?

— Me conte tudo que aconteceu nos últimos vinte anos.

Ele não me contou tudo, mas o suficiente.



## A última história de amor



George Pearce foi para Cambridge, como planejado. Um legado tangível d'A Trinta Pés tinha sido um interesse real dele por Shakespeare, os elisabetanos e jacobinos e, depois de se formar com honras, fez mestrado e então doutorado. George se manteve longe do teatro — gente demais parecida com Miles naquela brincadeira — e também de Shakespeare porque, afinal, o que mais ele podia dizer? Em vez disso, se especializou em peças jacobinas, nas tragédias arrebatadoras e comédias confusas, e, quando uma companhia de Londres montou *O demônio branco*, de Webster, ele foi chamado para falar sobre a peça para o elenco. E ali, na última fileira, com um sorriso largo, no papel da senhora à espreita, estava Fran Fisher.

Ele mal conseguia formar frases inteiras, e depois os dois se abraçaram e saíram para tomar um café, para saber um do outro e conversar sobre o passado. Fran tinha se casado com outro ator, uma atitude louca e impulsiva durante uma longa turnê mundial, porque “eles tinham que ocupar os dias de alguma maneira”. Isso fora cinco anos antes e eles tinham uma filha, Grace, de dois anos. O café havia se transformado em vinho e Fran havia começado a dar detalhes sombrios sobre o casamento: o marido bebia, talvez traísse, era irresponsável, estupidamente lindo e lindamente estúpido. Mas ela o amava e adorava ser mãe e achava que os dois podiam ficar juntos, podiam sobreviver, se ele se acertasse. Mas ela ia desistir da profissão de atriz. Já estava com quase trinta e nunca ia fazer sucesso, não de um jeito que a deixasse feliz. Participar de todas aquelas peças quando jovem era uma coisa, mas agora a faziam se sentir boba e impotente e já bastava ter um ator na família.

— Você se lembra da nossa cena em *Romeu e Julieta*?

— Você era muito boa.

— Nós dois éramos bons, George. Sinceramente, tudo foi ladeira abaixo depois daquilo.

Os dois se despediram na ponte de Waterloo, trocaram telefones e prometeram manter contato. George Pearce então se afastou, furioso e encantado. Seu primeiro grande amor tinha sido seu grande amor platônico e também seu único amor, uma combinação que pode abalar toda uma vida, e era enlouquecedor — ou seja, aquilo podia deixá-lo louco — vê-la daquela maneira. Ele tinha o telefone dela, mas não ia ligar. Para quê? Não era Páris, que jogava sua dignidade, sua vida fora por alguém que não iria nem poderia amá-lo de volta.

Ele trocou de emprego e se mudou, por coincidência, para Londres. Conheceu uma garota, foi morar com ela, se separou, saiu de casa e cinco anos se passaram. Certa sexta-feira, foi convidado para um jantar. Uma mulher estaria lá, uma tradutora de francês, mãe solteira. Ele não queria ir, claro, pensou em ficar em casa lendo, mas o amigo insistiu e...

Meu Deus, não sei, eu ouvi aquilo, mas não absorvi de verdade. O que estava sentindo? Ciúme? Não exatamente. Claro que eu sabia que haveria outros, alguns erros e alguns que ela retalharia em pequenas estrelas. Eu precisaria de um coração mais amargo do que o meu para me ressentir da felicidade óbvia de George, da alegria, do cuidado com a enteada, que tinha se juntado a nós e estava pendurada em seu braço.

— Grace, este cara aqui — explicou ele à menina — conhecia sua mãe quando ela fez Julieta.

Grace pareceu indiferente e eu senti a indignação pomposa de um ex-namorado. *Ela não falou de mim? Você tem ideia de quem EU SOU?*

— Charlie e sua mãe eram muito próximos — disse George. — E, claro, isso me deixava *furioso*.

Eu fiquei furioso em troca? Nada. Aquilo fazia certo sentido; eles sempre haviam feito um ao outro rir. Fiquei contente por George ter abandonado aquele ar de perseguido, estar feliz, bem de vida e apaixonado. Alguém de quem eu gostava muito estava com uma pessoa que eu tinha amado. Boa notícia!

Ainda assim fiquei em silêncio por um tempo e talvez tenha sido inveja, não do fato de Fran estar com George, mas da história deles. Era uma história boa, melhor do que a minha. Fazia sentido e terminava da forma certa, ou seja, não terminava. Mesmo depois de todos aqueles anos

sem vê-los, eu sabia que os dois seriam felizes juntos e, quando Grace se afastou, pus a mão no ombro dele, apertei com força e tentei expressar isso.

— George, seu safado.

Ele riu, um pouco nervoso.

— É estranho, não é? Eu sei que é estranho.

— Não, é muito... *romântico*.

— E que palavra horrível essa. Bom, se for de algum consolo, não tem muito amor entre a gente. Não é verdade, Fran?

— É — respondeu ela, aparecendo ao lado dele. — É bem amargo.

— Oi, Fran.

Eu me inclinei por cima da sua barriga e encostei na bochecha dela com a minha.

— Venha comigo — pediu ela, pegando minha mão. — Vou contar tudo sobre o lado ruim.

## Prazer

•••

O bar tinha um telhado com vista para os terraços de Stoke Newington, e o ar estava embaçado com a névoa e a fumaça das lareiras acesas no domingo à noite. Caixas de garrafas vazias, uma churrasqueira enferrujada, palmeiras tropicais se tornando marrons.

— A gente podia subir aqui? — perguntou ela, procurando um lugar para se sentar.

— Pelo visto não. Quer voltar lá para baixo?

— Se a gente voltar, as pessoas vão vir falar com a gente.

Nós nos sentamos em um banco velho, úmido o bastante para molhar nossos casacos e, igual a quando nos conhecemos, nos revezamos para resumir grandes períodos de tempo. Eu estava mais disposto a responder perguntas do que aos dezesseis anos e percebi que ela sabia um pouco sobre o que eu havia feito, mas não perguntei como.

— Você está indo bem.

— Nada mal, por enquanto.

— Bom, estou feliz, mas não surpresa. Eu sabia que você ia achar um caminho — disse ela, pondo a mão na barriga enorme.

— Quanto tempo falta?

— Três semanas.

— Menino ou menina?

— Menino.

— E o nome?

— Vamos chamar o bebê... Bom, a verdade é que vamos chamá-lo de Charlie.

Na verdade, não, disse ela, rindo. Ainda não haviam decidido, apesar de Charlie ser um nome bonito. Perguntei como ela estava. No geral, tinha sido muito infeliz, explicou ela, o que a surpreendeu. Um

casamento acidental, uma carreira frustrada, muita preocupação com dinheiro.

— Meus vinte anos... foram *horríveis*. Achei que seriam meu auge. Eu tinha muitas esperanças e expectativas de como tudo ia ser, tipo uma festa para a qual estamos ansiosos, espalhamos todas as roupas, planejamos o que vamos vestir e como vamos nos portar. Aí, quando chega, as pessoas não são legais, a música é horrível, a gente não para de falar a coisa errada...

— Os meus foram a mesma coisa, mas eu estava bêbado durante a maior parte.

— Bom, teve um pouco disso também, com aquele lunático... Eu me casei, George contou? Alguns casais, sabe, quando ficam bêbados, fazem tatuagens. Bom, a gente se casou. Nossa, no que eu estava pensando? Se a gente tivesse feito tatuagens, pelo menos elas teriam durado. Uma vez discutimos, e foi aí que percebi que tinha cometido um erro, sobre a possibilidade de cavalos-marinhos serem parentes dos cavalos. Sabe, em termos *genéticos*. “Frances, eu me recuso a aceitar que seja coincidência!” E essa foi uma boa imitação, aliás.

— Perturbador.

— Todas as minhas melhores imitações são de pessoas que ninguém conhece. Eu não deveria ser maldosa ao falar dele. Era charmoso e bonito e ainda é o pai da Grace, mas basicamente era um idiota. Meus pais, nossa... Meus pais *odiavam* meu marido.

— Mais do que a mim?

— Eles nunca odiaram você! Minha mãe *adorava* você. Ela disse que flagrou você jogando pedrinhas na minha janela uma vez. Falou que foi a coisa mais romântica que já tinha visto.

— Eu me lembro disso. Na época, ela pareceu irritada.

— Bom, hoje ela acha que foi uma graça.

— E o que eles acham do George?

— Ah, George é um fofo. Não faz nada de errado.

— George Pearce, hein?

— *Professor* George Pearce. Ele, sim, sabe a diferença entre um cavalo e um cavalo-marinho.

— Então não tem lado ruim.

— A pior coisa que ele faz... Quando está em um restaurante e a gente já acabou de comer, ele começa a limpar a mesa. Raspa os restos, empilha os pratos. Ele colocaria a louça na máquina de lavar se pudesse. Isso me tira do sério.

— Bom, se isso é a pior...

— Exatamente. Estou muito mais feliz agora. Encontrei um trabalho que quero fazer, encontrei alguém com quem quero ficar. Ele estava preocupado com o fato de você vir, sabia?

— Estava?

— Não sabia como você ia reagir. Ele achou que você fosse ficar irritado.

— Vinte anos atrás, eu teria ficado.

— Ou alguma faísca antiga se acenderia de novo e nós dois fugiríamos.

— Bom, é por isso que estou aqui.

Ela riu.

— O que diz na caixa? “Não devolva os fogos de artifício depois de acesos.”

— Mas deve haver um limite de tempo, não deve?

— Acho que vinte anos é o suficiente.

— Depois de vinte anos, estamos seguros — falei. Mas uma ideia havia me ocorrido, paranoica, claro, mas ainda assim eu tinha que perguntar. — Ei, você não... gostava do George na época, gostava?

— Quando a gente fez a peça? Claro que não. — Ela pegou minha mão. — Eu estava apaixonada por *voce*, não estava?

— Bom, eu também.

— Quero dizer, você deve ter percebido isso.

— Percebi.

— Eu amava muito você, *muito* mesmo.

— Bom, o mesmo aqui.

— O que não acontece com frequência, acredite em mim.

— Não. Sinto muito que tenha terminado de um jeito ruim.

— Foi ruim? Foi doloroso, mas não *ruim*.

— Todos aqueles berros em shoppings.

— Acho que sim. Mas acho que, quando as coisas terminam de maneira amistosa, as pessoas deviam ter sido só amigas. Quando a gente

desiste sem lutar... Enfim, tínhamos dezessete anos. Éramos pessoas diferentes.

— Totalmente.

De alguma forma, estávamos de mãos dadas, sentados em silêncio. Percebi que queria que estivéssemos um de frente para o outro para que eu pudesse olhar direito para ela em vez de dar olhadelas rápidas, observar as antigas marcas de expressão um pouco mais fundas em torno dos seus olhos, as novas rugas marcando a boca, como marcas de unhas na argila, a pequena cicatriz no lábio inferior, o dente lascado feito uma dobra no canto de uma página. Ela pôs o cabelo para trás da orelha, se virou e sorriu.

— Seu dente! — falei, sem pensar.

— O quê?

— Eu lembro que você tinha o dente da frente um pouco lascado.

— Ah, isso! — Ela mordeu o polegar para exibir o dente. — Mandei preencher. Não por vaidade. Meu agente disse que isso ia me impedir de conseguir trabalhos. No fim das contas, não era esse o problema.

— É uma pena. Eu gostava disso.

— Tenho algumas obturações, se servir de consolo — disse ela, pendurando o dedo na boca.

— Tudo bem.

Um instante e então:

— Nessas festas, quando as pessoas dizem “Você não mudou nada”, mesmo quando é verdade, será que a gente tem que ficar feliz com isso?

— Acho que significa: “Você não piorou.”

— Mas você está bem melhor — afirmou ela.

— Na meia-idade.

— A gente é de meia-idade?

— Estamos chegando lá.

— Bom, combina com você, Charlie. Você está bonito.

— Por favor, não diga que eu “encorpei”.

— É, o que isso *significa*, aliás?

— Que a pessoa engordou.

— Não foi isso. Não, seu rosto... Você cresceu e se encaixou, é como se... tivesse crescido para combinar com ele.

— Bom, você está linda. Brilhando, não é isso que as pessoas dizem?

— Pressão alta e raiva. Quadris maiores também. É isso que os bebês fazem. Você não tem nenhum?

— Filho? Não. A gente quer. Sério, desesperadamente. Estamos tentando. Acho que essa é a expressão. Quero dizer, tentando de verdade.

— Bom... boa sorte!

E eu quis mudar de assunto, mas não tinha nada para falar.

— Então — eu disse.

— Então.

— A gente devia descer.

— Ah. Está bem.

— Foi bom ver você.

— Você também.

— Tão bonita.

— Bom, estou meio cansada.

— Não, acho que você está linda. Posso dizer isso, não posso?

— Não sei, George é um homem muito violento. Eu acho.

E então devíamos ter nos levantado e ido embora, mas ela ergueu minha mão e olhou para nossos dedos entrelaçados.

— Isso é estranho.

— É.

— Não é ruim.

— Não, mas...

— Eu pensei sobre essa história, sobre o que eu sentia, sobre isto, e não quero ser piegas nem nada — disse ela —, mas o primeiro amor... acho que é como uma música, uma música pop boba que a gente escuta e pensa: bom, acho que só vou ouvir *isso* para sempre, ela tem tudo, com certeza é a melhor música que já escreveram, não preciso de mais nada. Claro que não a colocaríamos para tocar *agora*. Ficamos sérios, experientes e sofisticados demais. Mas, quando toca no rádio, bom, ainda é uma boa música. É, sim. Pronto, isso não foi profundo?

— Muito.

— E você está feliz, não está?

— Estou.

— Bom, eu também! Eu também! Pronto. Tivemos um final feliz.

— Então não vamos fugir para nos casar?



— Bom, normalmente eu diria que sim, mas tenho uma cesárea marcada e você vai se casar, então...

— Melhor deixar para lá.

— É. Melhor.

Ela deu uma batidinha com a cabeça em meu ombro, apenas uma vez, e nós voltamos a apreciar a vista, a garoa no ar presa na luz amarela. Fran se remexeu no banco.

— A chuva está molhando a gente agora, então...

— Vamos descer — falei.

Com um grunhido e uma longa expiração, ela se levantou. No alto da escada, nós paramos.

— Espere — pedi.

Aquele seria o adeus, eu sabia, então, antes que pudesse pensar demais, disse as palavras que haviam ficado presas na minha garganta a noite toda.

— Então, eu vim para...

— Diga.

— É bem piegas. Não vomite.

— Não prometo nada.

— Bom, foi uma época muito estranha. Eu não estava muito feliz quando nos conhecemos, eu acho. E depois fiquei. Quero dizer, louco de alegria. Então eu acho que só... obrigado.

Ela estufou as bochechas comicamente, mas apenas por um instante. Então se apoiou no batente da porta, olhou para mim por um tempo, sorriu e assentiu.

— Foi um prazer — disse ela.

•••

De volta à festa, George e eu trocamos telefones, sem nenhuma expectativa de usá-los.

— Apareça para jantar! Com a sua esposa!

Fiquei parado próximo a um grupo e ouvi um homem de quarenta e tantos anos, cabelo comprido, gordinho e com uma camisa de babados: Ivor, nosso diretor. Queria ter visto Alina também. Imaginei que, depois de vinte anos, ela teria envelhecido e se tornado grandiosa, feroz e espetacular e preferi pensar que ela teria se lembrado de mim como um

de seus sucessos. Mas ela não estava ali e, em vez disso, Ivor olhou nos meus olhos por um instante, tentou me identificar — um rosto em uma foto de que não se lembrava —, depois continuou sua história. Um membro da companhia de *Do jeito que você gosta* tinha descoberto o velho piano do bar, tocado uma nota desafinada e todos começaram a cantar “It Was A Lover And His Lass”, cheia de harmonias e vibratos ricos. Antes que a primeira estrofe acabasse, Helen atravessou a sala correndo e agarrou meu cotovelo.

— Vamos dar o fora daqui, porra!

— Está bem, só deixe eu me despedir de...

— ... *with a hey and a ho and a hey nonino...*

— Não, agora, Charlie, AGORA!

Peguei meu casaco e procurei Fran e sua família, mas parecia que eles já tinham ido embora também.

## A cortina se fecha



Ano passado, meu pai morreu. O acontecimento que havia me preocupado por uma parte tão grande da minha infância e adolescência finalmente aconteceu, mas, ainda bem, em circunstâncias diferentes das que havia imaginado com tantos detalhes. Um infarto, quase instantâneo pelo que soube, mas não sei se mesmo uma morte rápida é rápida o bastante. Quem vai saber?

Ele ainda não havia completado sessenta anos e, mesmo que tivesse sido reconfortante contar a história de uma recuperação completa, a depressão foi e voltou durante seus últimos vinte anos. Mas gosto de pensar que os momentos felizes foram mais frequentes e que eu... nós aprendemos a antecipar e a lidar com as épocas de baixa. Isso aconteceu em grande parte por causa da esposa dele, a segunda esposa, Maureen, que ele havia conhecido no trabalho. A séria, sóbria e religiosa Maureen era meio que o oposto da minha mãe, e devo confessar que, durante meus vinte anos em Londres, eu achava o clima do bangalô deles — um bangalô! — quase insuportavelmente chato e soporífero, por isso quase nunca ia visitá-los e nunca ficava. O papel de enteado mal-humorado tinha sido criado para mim na época. Era um casamento que parecia uma aposentadoria e eu nunca aguentava mais de uma ou duas horas na sala de estar arrumada e quente demais dos dois. Maureen era muito dedicada ao meu pai e é chato ficar perto de tanta devoção, mas sei que eles também riam muito e faziam trilhas nas férias, percorrendo a South Downs Way, o Muro de Adriano e o South West Coast Path como se fossem rotas de entrega de cartas superextensas. Maureen até começou a se interessar por jazz, um gosto que eu mesmo nunca adquiri, apesar de ainda tentar de vez em quando. Mas, à medida que fui envelhecendo, comecei a apreciar a relativa alegria e estabilidade que ela trouxe ao fim da vida do meu pai.

Ele e eu não tínhamos muita coisa em comum, a não ser uma tendência à triste introspecção e uma crença sentimental e não declarada no amor como remédio, se não como cura completa. O problema disso para meu pai foi o medo de ficar sozinho, não ser amado, ou pior, não ser possível de amar. Mas, depois do segundo casamento, esse medo desapareceu, e gosto de pensar que, nos anos que precederam a parada cardíaca, de repente, no meio de sua rota matinal, ele foi mais feliz do que jamais havia sido. Gosto de pensar isso.

De uma maneira previsível, sua morte foi o catalisador de uma análise do passado, muitas vezes pesada e dolorosa, cujo resultado foi descrito acima. Mas, quando penso no meu pai, é sempre àquele verão que volto. Ele tinha a mesma idade que tenho agora e aqueles meses parecem conter o melhor e o pior de tudo que aconteceu entre nós.

Entretanto, falta uma cena: o encontro do meu pai e Fran Fisher.

Da lateral do palco, eu vi os dois conversarem sobre a última apresentação e Fran rir de uma coisa que meu pai disse, a mão no braço dele, depois baixar a cabeça, quase se esconder do que imagino que tenha sido um elogio. Eu os observei por algum tempo, feliz pelo fato de os dois estarem se dando tão bem. Sabia que ele ia adorar Fran e esperava que ela visse algo nele que ainda tinha que emergir no filho: talvez certa integridade, certa bondade.

Por isso, fiquei observando. Me juntar a eles poderia estragar tudo. Além disso, supus, com toda a esperança que eu tinha naquele momento, que haveria infinitas oportunidades de passar tempo com eles, as duas pessoas mais importantes da minha vida naquela época. Eles voltaram a se falar uma ou duas vezes pelo telefone, mas nunca pessoalmente, e fico surpreso ao me dar conta hoje de que nunca mais vou ver nenhum dos dois.

Mas tudo bem.

Tudo bem.

Esta é uma história de amor, apesar de perceber, agora que ela acabou, que são, na verdade, quatro ou cinco, talvez mais: amor familiar e paternal; o amor cálido e revigorante dos amigos; a breve e brilhante explosão do primeiro amor, para a qual só podemos olhar diretamente depois que se apaga. Uma única palavra pode ter tantos significados e talvez devesse haver palavras diferentes para algo tão variado e

importante. Por enquanto, essa única palavra terá que suportar todos os que descrevi acima, além do amor de casado também.

Minha esposa. Será que algum dia vou me acostumar a dizer isso? Quando voltei da festa, encontrei Niamh dormindo no sofá, o abajur tão perto da sua cabeça que a sala cheirava a cabelo queimado. Afastei a lâmpada e ela acordou com um susto.

— O quê? Oi.

— A sala está com cheiro de cabelo queimado.

— Hum? É, é meu perfume novo. Para o casamento. *Cheveux Brûlés*.

— Gostei.

Ela bocejou e pôs a mão na cabeça.

— Que horas são?

— Nove e quarenta e cinco.

— Que rebelde. Onde ela está, afinal?

— Está esperando no carro lá embaixo.

— É mesmo?

— Só subi para jogar algumas coisas em uma mala.

— O *nosso* carro.

— É, vamos levar o carro.

— Que dureza... Posso ficar com a TV?

— Não vai fazer você se lembrar de mim?

— Não muito. Quem vai ligar para o bufê?

— Deixe para amanhã. — Eu a beijei. — Posso me sentar?

Niamh mudou de posição e nós nos sentamos com a cabeça apoiada uma na outra.

— É bom a gente poder rir dessas coisas, não é? — perguntou ela.

— A questão, Niamh, é que você *pode* rir dessas coisas.

— Posso?

— Pode, sim.

— Ótimo.

— Vamos dormir.

Não nos mexemos.

— E como ela estava?

— Mais velha.

— Isso é surpreendente.

— Ela estava bem. Todo mundo estava. Ela estava feliz.

— Você também?

— E eu também.

— Bom, então pronto — disse ela. — É só isso que a gente pode querer, não é? É isso que você quer. E agora sabe.

Agora eu sei.

# Agradecimentos



Agradecimentos são devidos aos meus primeiros leitores: Damian Barr, Hannah MacDonald, Roanna Benn e Michael McCoy, pelo apoio, incentivo e bom discernimento. Sou eternamente grato a Jonny Geller, Kate Cooper, Catherine Cho e à equipe da Curtis Brown.

Na Hodder and Stoughton, Nick Sayers continua sendo o melhor editor possível. Também gostaria de agradecer a Amber Burlinson, Cicely Aspinall, Lucy Hale, Carolyn Mays, Jamie Hodder-Williams, Alasdair Oliver, Susan Spratt, Jacqui Lewis, Alice Morley e à veterana de quatro livros, especialista em neuroses de autores, Emma Knight.

Por fim, quero agradecer a Bruno Wang, por sua generosidade, a Emmanuel Kwesi Quayson, a Karen Fishwick — uma Julieta maravilhosa — pelos insights e a Ayse Tashkiran por nos colocar em contato. Também gostaria de lembrar a dívida que tenho, em termos de clima e tom, à música “David’s Last Summer” do Pulp.

Por fim, como sempre, devo amor e gratidão a Hannah Weaver, por seu bom humor, paciência e apoio.

## SOBRE O AUTOR

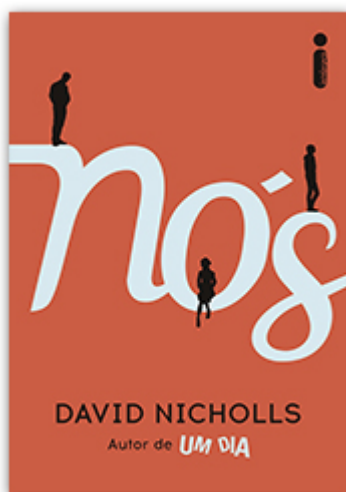


© Sophia Spring

DAVID NICHOLLS é o autor dos sucessos *Um dia*, *Nós*, *O substituto* e *Resposta certa*. Roteirista premiado por seus trabalhos na televisão e no cinema, Nicholls recentemente recebeu um BAFTA pelo roteiro da minissérie *Patrick Melrose*, adaptação dos romances de Edward St Aubyn, também indicada ao Emmy. Em 2014 foi eleito Autor do Ano no National Book Awards. *Um dia*, seu livro de maior sucesso, foi adaptado para o cinema, estrelando Anne Hathaway e Jim Sturgess. Seus romances venderam mais de 8 milhões de exemplares no mundo todo e foram publicados em 40 idiomas.



## Conheça os livros do autor



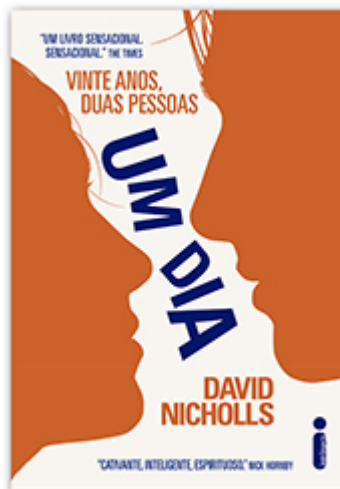
*Nós*



*O substituto*



*Resposta certa*



*Um dia*

## Leia também



*Me chame pelo seu nome*  
André Aciman



*Todas as coisas belas*  
Matthew Quick



*O livro de Líbero*  
Alfredo Nugent Setubal